



Universiteit
Leiden
The Netherlands

Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo

Rompay-Bartels, I.M.M. van

Citation

Rompay-Bartels, I. M. M. van. (2015, February 26). *Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo*. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/32077>

Version: Corrected Publisher's Version

License: [Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/32077>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

Cover Page



Universiteit Leiden



The handle <http://hdl.handle.net/1887/32077> holds various files of this Leiden University dissertation.

Author: Van Rompay-Bartels, Ingrid Monique Maria

Title: Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo: Famílias nipo-brasileiras e as experiências de vida entre o Brasil e o Japão

Issue Date: 2015-02-26

Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo:

**Famílias nipo-brasileiras e as experiências de vida
entre o Brasil e o Japão**

Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo:

**Famílias nipo-brasileiras e as experiências de vida
entre o Brasil e o Japão**

Proefschrift

ter verkrijging van
de graad van Doctor aan de Universiteit Leiden,
op gezag van Rector Magnificus prof.mr. C.J.J.M. Stolker,
volgens besluit van het College voor Promoties
te verdedigen op 26 februari 2015
klokke 16.15 uur

door

Ingrid Monique Maria Van Rompay-Bartels
geboren te Belém-Pará (Brazilië)
in 1972

Promotiecommissie

Promotor: Prof.dr. P. Silva

Copromotor: Dr. M.L. Wiesebron

Overige leden: Prof.dr. R.G. Oliven (UFRGS, Brazilië)
Prof.dr. R.Th.J. Buve
Prof.dr. W.F.H. Adelaar
Dr. P.A. Isla

Índice

Agradecimentos	VI
Introdução	1
Capítulo 1 Migração de retorno, identidade, e transnacionalismo:	
uma exploração teórica	23
1.1 Migração: as motivações para se migrar.....	24
1.2 Migração de “retorno” ou de retorno étnico	27
1.3 O transnacionalismo	36
1.4 Contextos e construções da Identidade.....	42
1.4.1 A identidade cultural ou identidade.....	46
Capítulo 2 A migração japonesa para e no Brasil	50
2.1 A migração japonesa	50
2.2 O Brasil e o discurso sobre as migrações	52
2.3 O início da migração japonesa	53
2.3.1 A fase experimental da imigração japonesa de 1908 a 1924	55
2.4 A imigração japonesa no período da segunda fase de 1926 a 1941	58
2.4.1 A formação das colônias japonesas no Brasil	59
2.4.2 O retardamento no processo de integração e aculturação	61
2.4.3 A repressão étnica dos japoneses no Brasil e o movimento anti-nipônico	63
2.4.4 A influência da política do governo de Getúlio Vargas no Brasil.....	65
2.5 O terceiro período: a interrupção da corrente migratória	71
2.5.1 Shindō Renmei	71
2.5.2 A mudança de atitude de uma migração provisória para permanente	74
2.6 A imigração japonesa a partir de 1952	75
2.6.1 A construção da identidade étnica dos nipo-brasileiros.....	77
2.7 O fenômeno do “retorno” e a questão da identidade dos consanguíneos	78

2.7.1 Os consanguíneos: de imigrante ilegal para legal	83
2.7.2 O quadro socioeconômico: “retorno” ou jornada temporária transnacional....	87
2.7.3 O quadro da segunda geração de imigrantes.....	88
Capítulo 3 A migração de “retorno” e o encontro étnico: estudos de casos	91
3.1 Definindo a motivação.....	91
3.1.1 O papel das redes: migração de “retorno” ou experiência transnacional.....	94
3.1.2 A formação escolar dos imigrantes nipo-brasileiros	100
3.2 Questionando a identidade na migração de “retorno”	104
3.2.1 A diferença entre os imigrantes com visto ou <i>koseki</i>	104
3.2.2 A relação do visto ou <i>koseki</i> e a nacionalidade	106
3.2.3 O encontro étnico e o choque cultural	107
3.2.4 O paradoxo da bagagem cultural.....	111
3.2.5 A depreciação da identidade cultural japonesa	112
3.2.6 O paradoxo da bagagem cultural através da religião japonesa	115
3.2.7 A construção da identidade na percepção dos japoneses.....	117
3.2.8 Questionando a afinidade.....	119
3.3 As estruturas de apoio na migração de “retorno” em Kandatsu.....	122
3.3.1 O papel das empreiteiras e o trabalho	123
3.3.2 A procura de trabalho e a migração interna	125
3.3.3 O idioma e o trabalho.....	127
3.3.4 Saúde e reuniões escolares	131
3.4 Questionando as experiências no trabalho.....	131
3.4.1 A competição.....	132
3.4.2 O cenário em torno do contrato fixo.....	135
3.4.3 As férias	136
3.5 A influência da crise econômica na migração de “retorno”	139

3.6 Reflexões finais	144
Capítulo 4 As questões familiares dentro da migração de “retorno”	146
4.1 A escolha do parceiro	146
4.2 Amizade	149
4.3 O quadro das famílias e a orientação perante o futuro dos filhos	151
4.3.1 A escolha do idioma em casa	151
4.3.2 A divisão das tarefas entre os gêneros	154
4.4 As opções de criação: a escolha da creche.....	156
4.5 A formação educacional dos filhos: as opções de ensino	157
4.5.1 Uma opção transnacional: A escola particular brasileira.....	158
4.5.2 A escola japonesa	163
4.5.2.1 A influência do ensino japonês no processo migratório.....	169
4.5.2.2 A construção da identidade dos filhos dos imigrantes no ensino japonês.....	171
4.5.2.3 A questão da identidade nipo-brasileira e o problema de <i>ijime</i>	173
4.5.2.4 O contato físico e o idioma português.....	181
4.5.2.5 As dificuldades na integração no sistema escolar japonês	183
4.5.3 Nem o ensino brasileiro, nem o ensino japonês	184
4.5.4 O ensino dos filhos no Brasil	189
4.6 Os elos familiares na migração de “retorno” e o transnacionalismo.....	194
4.6.1 O quadro instável de famílias transnacionais.....	195
4.6.2 Atividades transnacionais.....	196
4.6.2.1 A mídia.....	198
4.7 Reflexões finais	201
Conclusão	205
Bibliografia	215
Anexos	236
Anexo 1: Glossário Japonês – Português	236

Anexo 2: Enquete para os japoneses	240
Anexo 3: Enquete para os nipo-brasileiros.....	244
Anexo 4: Amostra da enquete do Banco do Brasil com relação à formação dos imigrantes nipo-brasileiros e quanto ao rendimento médio mensal.....	249
Samenvatting	250
Summary	258
Curriculum Vitae	265

Lista de figuras e tabelas

Figura 1: Mapa das maiores cidades do Japão.....	6
Figura 2: Mapa de Ibaraki e localização da cidade de Kandatsu.....	14
Tabela 1: Imigrantes que entraram no Brasil de 1880-1969.	54
Tabela 2: Número de imigrantes japoneses que entraram no Brasil de 1908-1920.....	56
Tabela 3: Imigrantes japoneses que entraram no Brasil (1921-1924).....	56
Tabela 4: A emigração japonesa, segundo os principais destinos (1885-1955).....	58
Tabela 5: Número de Imigrantes Do Pós Guerra, Segundo sua Categoria.	76
Tabela 6: O número de imigrantes registrados no Japão.....	85
Tabela 7: número de pedidos de imigrantes que aceitaram auxílio financeiro.....	142
Tabela 8: O número de imigrantes registrados no Japão.....	143
Tabela 9: O ensino japonês no Japão.	163

Agradecimentos

Este trabalho não poderia ter sido realizado sem a ajuda de amigos e instituições. Meus sinceros agradecimentos a todas e a todos que me apoiaram durante o processo de escritura desta dissertação.

Em especial, a todas as famílias que participaram desta pesquisa e que aceitaram compartilhar e expressar as suas experiências de imigrantes no Japão e a todos aqueles que me assistiram e possibilitaram realizar este trabalho de campo.

Aos meus orientadores, Prof.dr. Patricio Silva e Dra. Marianne Wiesebron, pela valiosa orientação, atenção e dedicação a esse trabalho. Aos Professores Doutores Ruben Oliven, Kurt Radtke e Raymond Buve pela orientação nesse processo. À Sra. Marilene Nagle por suas sugestões quanto ao uso do idioma português. Ao Prof.dr. Lucas Van Rompay por me facilitar o acesso a bibliografia inexistente na Holanda e ao Dr. Thomas Van Rompay por sua orientação com relação aos dados da pesquisa quantitativa. Ao Arjan Klijsma por suas sugestões com relação ao idioma japonês.

Ao NWO que contribuiu financeiramente para a realização da terceira etapa da pesquisa de campo no Japão.

À minha família, em especial ao meu companheiro e marido Jan Van Rompay, pelos conselhos e apoio durante essa etapa da minha vida.

Introdução

Na literatura acadêmica encontra-se um amplo e antigo interesse dos estudiosos da imigração pela dispersão de diferentes grupos étnicos no mundo, que sob diferentes formas de pressão, religiosa, política e/ou econômico-social, tiveram que abandonar os seus territórios de origem. Constata-se, no entanto, que ainda são relativamente poucos e recentes os estudos que se referem, especificamente, ao movimento inverso dessas migrações. Mesmo que se compreenda que, em 1885, Ravenstein já tenha descrito no seu artigo “Laws of Migration” (1885: 199) o princípio do que se interpreta hoje como a migração de retorno, ao afirmar que toda corrente migratória engendra uma contra corrente (Gmelch, 1980: 135), foi só a partir da década de 1980 que esse movimento migratório passa a chamar atenção dos acadêmicos (Cassarino, 2004: 254). Durante muito tempo, esse movimento inverso dos emigrantes para os seus países de origem foi ignorado, ou tratado como um mito dentro dos estudos acadêmicos (Markowitz e Stefansson, 2004: 5), principalmente nas pesquisas que desafiam o conceito convencional do termo retorno, por explorarem o movimento inverso das migrações posteriores desses grupos étnicos (Stefansson, 2004; Conway e Potter, 2009; Tsuda, 2003c, 2009; Conway, Potter e Phillips, 2005).

Ao todo, configura-se na literatura acadêmica dois eixos norteadores para descrever o fenômeno da migração de retorno. O primeiro se limita apenas ao retorno dos emigrantes da primeira geração que retornam para os seus países de origem. O segundo que inclui no “retorno” os descendentes da segunda e terceira geração de grupos étnicos, que realizam o movimento migratório inverso dos seus ancestrais. É esse segundo eixo que está no centro do debate desta pesquisa, pelo fato de desafiar o princípio do paradigma dicotômico de emigração e imigração (Stefansson, 2004: 6-7), e por se tratar da migração inversa, que envolve os descendentes da diáspora japonesa do além-mar, que “retornam”¹ para o país de que são etnicamente provenientes.

Dentro desse contexto de “retorno” dois outros conceitos merecem destaque: o da identidade e o do transnacionalismo. Isto porque o “retorno” possui uma conotação nova, que desafia a percepção antiga desse fenômeno e dos migrantes envolvidos. Neste sentido, como é que a identidade e o transnacionalismo tomam forma dentro da migração de “retorno”? Essas questões fazem parte dos debates acadêmicos e das políticas das instituições governamentais

¹ O termo “retorno” é escrito dentro da abordagem dessa pesquisa entre aspas ao se referir aos descendentes dos emigrantes que fazem parte do movimento inverso dos seus antepassados.

no mundo inteiro, por se tratar de um fenômeno migratório que tem como perspectiva o “retorno” de migrantes, que em muitos casos, nunca puseram antes os pés no país dos seus antepassados.

Pois é, aqui a gente sempre comenta...no Brasil a gente é japonês e aqui a gente é *gaijin* (estrangeiro). Só na hora né, a gente se toca e pensa, mas não é de ficar assim com problemas...eu sou brasileira...mas tem coisas, que a gente também tem assim de japonês. (Ema).²

Esse trecho da entrevista de Ema ilustra a natureza das indagações e do impacto do “retorno” nos migrantes de segunda ou terceira geração, que fazem parte do movimento migratório inverso aos dos seus antepassados. Nessa perspectiva a identidade passa a ser um conceito em questão, principalmente, por se tratar de gerações de descendentes de migrantes que fizeram parte de uma diáspora no passado, e que mesmo após várias gerações são caracterizadas por manterem em suas identidades elementos vinculados a essa herança (Bruneau, 2010: 37). São exatamente essas identidades, que refletem o impacto de não terem sido compostas por um contexto histórico e cultural único. É por isso que na literatura acadêmica encontra-se também o termo “retorno étnico” (Tsuda, 2003c). Étnico é utilizado nesse contexto por se ter como pressuposto básico que esse grupo de migrantes, apesar de terem nascido e crescido em um outro país, possuem afinidade com o idioma, a cultura e os nativos do país dos seus antepassados. Neste estudo, trata-se da migração de “retorno” dos descendentes de japoneses (*issei*)³ nascidos no exterior, denominados em japonês como *nikkeijin*.⁴ Essa migração entra oficialmente em vigor no dia 1º de junho de 1990 com a Reforma da Lei de Imigração, “Lei de Controle de Imigração e Reconhecimento de Refugiados” (Sellek, 2001: 9; Ninomiya, 2002: 250).⁵ A ênfase nesse tipo de movimento migratório visa exatamente os vínculos sanguíneos e culturais existentes nas identidades dos japoneses e dos seus descendentes que vivem no além-mar.

² Todos os nomes nesse trabalho são pseudônimos.

³ *Issei*, termo utilizado para denominar japoneses da primeira geração que emigraram para as Américas. *Nisei*, segunda geração, descendentes de japoneses nascidos no exterior. *Sansei*, terceira geração. No Brasil, em São Paulo, atualmente já se fala em denominações como *yonsei* (quarta geração) e *gosei* (quinta geração). A escrita dos termos japoneses nesse trabalho indicam a grafia na fonética do idioma japonês. Os termos em japonês exprimem ao mesmo tempo o grau singular e plural, por isso não são acrescidos de -s no final da palavra.

⁴ *Nikkeijin* significa descendente de japonês nascido no além-mar. Esse termo é utilizado dessa forma quando se aborda os descendentes de forma geral, que nasceram no exterior, onde foram criadas as comunidades japonesas com estilos único de vida (Hirabayashi, Kikumura-Yano e Hirabayashi, 2002: 19). Esse conceito inclui também os *dekasegi* (migrantes que são trabalhadores temporários). Ao se especificar esses descendentes nesse livro, utiliza-se o termo: nipo-peruano, ou nipo-brasileiro.

⁵ Compreende-se que esse fenômeno já existia desde a década de 1980 (Mori, 1992; Yoshioka, 1995).

A experiência da migração de “retorno” e a construção da identidade

Apesar da existência desses vínculos da herança étnica, observa-se, ironicamente na literatura, que esse resultado não se constata de forma geral na migração de “retorno” dos imigrantes nipo-brasileiros. Segundo os acadêmicos, as diferenças culturais associadas à cultura brasileira dos nipo-brasileiros, levaram à exclusão social e marginalização étnica desses imigrantes no Japão (Mori, 1992: 163; Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003a: 124-125; Tsuda, 2009b: 218-219), e a reação dos nipo-brasileiros de terem passado a enfatizar a identidade brasileira (Tsuda, 2009a: 234; Takenaka, 2009: 261; Roth, 2002; Linger, 2001). Ao contrário dos nipo-brasileiros no Japão, Takenaka (2009: 261) constata que a identidade dos nipo-peruanos é mais ambivalente. Isso porque a identidade nipo-peruana não é nem peruana e nem japonesa, por se enfatizar o aspecto de se ser *nikkei*, ou seja, descendente de japonês.

Se esse resultado científico for “verdadeiro” e geral, isso quer dizer, então, que a cultura brasileira é a única que compõe a identidade desses imigrantes, atuando assim como um uniforme para todos os conterrâneos desse grupo étnico? Ironicamente ou não, esse é o resultado que predomina na literatura sobre os migrantes nipo-brasileiros no Japão (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c, 2009). Sem dúvida, esse é um aspecto interessante nesses resultados, dado que se trata aqui de imigrantes descendentes da diáspora japonesa, que não possuem apenas *uma* base histórica e cultural única. Essa abordagem é amplamente explorada no quadro histórico (capítulo 2) deste estudo, onde se ilustra o paradoxo sobre a questão da identidade⁶ desses imigrantes.

Um outro aspecto que chama a atenção é que os nipo-brasileiros apresentam no Brasil e no Japão identidades diferentes (Tsuda, 2001, 2003c, 2009a: 242).⁷ No caso do Brasil a identidade “japonesa” é associada ao status econômico do poder aquisitivo dos descendentes de japoneses, sendo, portanto, visto de uma maneira positiva no país. Segundo Tsuda (2003: 67) os nipo-brasileiros expressam em determinadas situações orgulho, ao mencionarem as

⁶ Interpreto neste livro a identidade e identidade cultural como sendo a mesma, e não dois conceitos diferentes. Esse debate é apresentado na revisão do quadro teórico no capítulo 1.

⁷ Dentro desse debate Tsuda (2003c) interpreta a construção da identidade através do conceito de transnacionalismo. Segundo Tsuda (2003c), a identidade é transnacional, quando existe um sentimento positivo e forte de ligação entre duas nações, porém ele não constata esse aspecto no seu estudo com relação à identidade dos imigrantes nipo-brasileiros no Japão. Isso leva-o a concluir que a identidade transnacional é negativa para esse grupo, por serem marginalizados e excluídos no Japão como consanguíneos, levando-os a adotarem a identidade brasileira e a formar uma nova minoria étnica na sociedade japonesa (Tsuda, 2003c; Roth, 2002: 5; Weiner, 2009: xvii).

realizações sociais alcançadas por esse grupo étnico no Brasil, alegando que poucos são os que não possuem um status social de classe alta. Enquanto no Japão, os nipo-brasileiros são identificados pela cultura brasileira, diferente da japonesa, levando assim a uma conotação negativa. Isso implicaria dizer que a identidade desses nipo-brasileiros é ambivalente?

No âmbito das discussões acadêmicas, entende-se ainda que os nipo-brasileiros desenvolveram uma percepção positiva do Brasil e da identidade brasileira, e negativa do Japão e da identidade japonesa após terem feito parte da migração de “retorno” (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c), ao contrário de quando viviam no Brasil (*ibid.*).⁸ Essa percepção negativa é o resultado das expectativas dos imigrantes envolvidos no “retorno” não serem compatíveis com as experiências deles no Japão.⁹ As pesquisas mostram a rejeição dos nipo-brasileiros por serem culturalmente diferentes, e a marginalização socioeconômica por serem os trabalhadores de mão de obra não qualificada (Tsuda, 2003c; Roth, 2002: 16). Por essa razão, interpreta-se que a imagem que os nipo-brasileiros têm do Japão modifica drasticamente ao migrarem para o país dos seus antepassados (*ibid.*). Essa interpretação faz parte das indagações nesta pesquisa, na medida em que os migrantes não estão conscientes dos tipos de trabalho e de vida que iriam ter no Japão ao migrarem.

Por sua vez, Maeda (2007: 176) discorda de Tsuda (2003c), ao afirmar que os nipo-brasileiros que migram do Brasil, e permanecem no Japão, de forma geral, não possuem a formação universitária, assim como não se enquadram no quadro socioeconômico de uma classe média alta mencionada por Tsuda (2003c: 58; 2003: 67). Noutros termos, Maeda (2007: 176) explica que os nipo-brasileiros que fazem parte da classe média alta permanecem no Brasil, enquanto o outro grupo de nipo-brasileiros, que faz parte da classe baixa, tem mais oportunidade de trabalho no Japão. Desse modo, Maeda contradiz o resultado de Tsuda (2003c) que o status econômico e social desses imigrantes muda drasticamente no Japão, levando-os a terem uma percepção negativa do Japão. A seu ver a imagem que os nipo-brasileiros tinham do Japão, antes e após a migração ter ocorrido, é positiva. Assim, quem são os migrantes que fazem parte da migração de “retorno”?

Os resultados desses trabalhos levam à indagação sobre a diversidade das motivações e das características dos migrantes envolvidos nesse movimento migratório de “retorno”, uma

⁸ A percepção negativa do Brasil na época é vinculada à imagem do Brasil como país em desenvolvimento, e aos estereótipos negativos associados à identidade brasileira.

⁹ Segundo Tsuda (2003a: 151) essa é a reação ao processo de segregação pelo qual os nipo-brasileiros passam no Japão, dentro das fábricas, dormitórios, onde são separados e socialmente isolados dos japoneses, causando ou intensificando assim a marginalização étnica e a exclusão desses imigrantes.

vez que essa discussão apresenta pontos de divergência nos resultados, os quais são generalizados de acordo com a percepção desses acadêmicos no que diz respeito aos migrantes que fazem parte desse movimento migratório.

Entre as discussões acadêmicas com relação ao movimento migratório de “retorno”, uma outra dimensão que merece destaque é a do transnacionalismo. Isso porque o transnacionalismo é um fenômeno dominante dentro das pesquisas de migração internacional (Lacroix, 2009), e compreende interpretações diferentes, por inserir formas e práticas variadas.

De acordo com Glick Schiller, Basch e Szanton Blanc (1992), transnacionalismo são as atividades sociais realizadas por migrantes, as quais ultrapassam os limites das fronteiras políticas, geográficas e culturais do país de recepção. Por sua vez, Portes e De Wind (2008: 9) definem o transnacionalismo como fenômeno, que torna visível a prática do movimento pêndulo de ida e volta dos migrantes, que usufruem dos benefícios políticos e econômicos da alternativa de se poder viver das possibilidades engendradas por duas culturas e sociedades.

Para Roth (2002: 7) esse é um fenômeno que interage e atua através das suas práticas na construção do senso e identidade dos migrantes, ao constatar que na migração de “retorno”, os nipo-brasileiros não apenas passam a se identificar de uma maneira mais forte com o Brasil, mas também a enfatizar os vínculos e as práticas transnacionais associadas a esse país (Roth, 2002: 5; Linger, 2001; Tsuda, 1996, 2003c), mesmo que passem a se enraizar na terra dos seus ancestrais. Indo além, Roth acrescenta que não se pode subestimar a importância dos vínculos transnacionais imateriais, os quais se verificam nas relações sociais e nas identificações transnacionais dessa minoria étnica, que não se restringem apenas ao Brasil, mas também às comunidades locais constituídas sobretudo por essa minoria étnica no Japão (Roth, 2002: 5-8), como é o caso das áreas mais industrializadas no Japão, onde se concentram esses enclaves étnicos.¹⁰

¹⁰ Segundo os dados do Ministério da Justiça em 2002 utilizados para essa pesquisa que foi iniciada em 2003, a população nipo-brasileira nas províncias japonesas, era a seguinte: Aichi, 54,081, Shizuoka 41,039, Nagano, 17,537, Mie, 17,012, Gunma, 15,636, Gifu, 15,138, Kanagawa, 13,794, Saitama, 13,794, Ibaraki, 10,950. Segundo os registros as três maiores áreas de concentração de nipo-brasileiros são as províncias de Aichi, Kanagawa e Gunma.

Figura 1: Mapa das maiores cidades do Japão



Fonte: www. tokyo-top-guide.com

Chama-se a atenção, aqui, para o fato de as pesquisas de campo conduzidas de forma intensiva no Japão se restringirem, especificamente, a esses tipos de contextos (Yamashita, 2001; Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c).¹¹

Os resultados e as contribuições dessas pesquisas são especificamente das áreas “abrasileiradas” no Japão (Yamashita, 2001; Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c), por exemplo, as cidades de Ōizumi¹² e Hamamatsu, também conhecidas como “*Little Brazil*”. Isso implica dizer que, ainda que esses imigrantes se encontrem no Japão, eles conseguem manter facilmente os costumes culturais associados à identidade brasileira, mesmo que vivam fora do Brasil. Áreas como essas contribuem para criarem um contexto transnacional, no qual os nipo-brasileiros não se sentem como se estivessem vivendo em um país estrangeiro.

since much of their daily interaction takes place among compatriots often in familiar settings reminiscent of Brazil, which enables them to maintain their former lifestyle to a certain extent. In this manner, these immigrant communities have literally become a “home away from homeland. (Tsuda, 2003a: 153-154).

Como o foco do transnacionalismo situa-se no fato de incorporar as dimensões das fortes relações que os migrantes mantêm com o país de origem, mesmo que morem em um outro país (Rivera-Salgado, 2000: 136-137), torna-se imprescindível a necessidade da análise dessa dimensão nesta pesquisa. Parto da interpretação nesse trabalho que transnacionalismo são os vínculos materiais e imateriais que os migrantes possuem e mantêm, além das fronteiras do país de emissão. Esses aspectos são abordados nos capítulos 4 e 5 deste livro nas análises dos estudos de casos.

A indagação é se tais generalizações sobre os migrantes se aplicam fora dos enclaves étnicos. Apesar da extensiva literatura nesta área, nota-se aqui uma lacuna nos resultados

¹¹ Conforme as pesquisas que foram conduzidas de forma intensiva com fontes primárias no Japão: a do antropólogo Linger (2001) que pesquisou o fenômeno do “retorno” em Homi Danchi em Toyota na província de Aichi (Linger, 2001); a do antropólogo Roth (2002) que escolheu como área geográfica a cidade de Hamamatsu na província de Shizuoka; a do antropólogo Tsuda (2003c) que desenvolve o seu trabalho de pesquisa nas cidades de Ōizumi e Ōta em Gunma e Kawasaki em Kanagawa (2003: 14) e por último Maeda (2007) que desenvolve a sua pesquisa nas áreas de Aikawa e Atsugi em Kanagawa. Restringi a essas análises empíricas por serem os acadêmicos proeminentes na literatura da migração de “retorno”, com relação à identidade cultural e o transnacionalismo. Entende-se que muitas outras pesquisas foram realizadas no Japão, porém, esses acadêmicos descrevem e estudam a migração de “retorno” (Linger, 2001, Roth, 2002) étnico (Tsuda, 2003c, 2009) dos nipo-brasileiros para o Japão assim como o impacto da experiência migratória na percepção e construção da identidade e do transnacionalismo na terra dos seus antepassados, o que faz parte dos objetivos dos estudos de casos da minha pesquisa.

¹² Em Ōizumi na província de Gunma mais de 14% da população da cidade é nipo-brasileira (Maeda, 2007:20). Outros acadêmicos descrevem essa cidade como sendo um centro nacional e cultural para os imigrantes nipo-brasileiros no país. (Douglass e Roberts, 2003: 12).

dessas pesquisas. Qual é então a relação da migração de “retorno”, com a identidade e o transnacionalismo na vida cotidiana das famílias de primeira e segunda geração de imigrantes, que vivem fora dessas áreas étnicas no Japão? Como é que essas dimensões tomam forma dentro desse debate? Tem-se um resultado que está em convergência ou divergência com os resultados apresentados por Linger, (2001); Roth, (2002); Tsuda (2003 c, 2009) e Maeda (2007)? De qualquer forma, esses trabalhos acadêmicos citados são importantes indicadores no trabalho de investigação desta pesquisa.

A segunda geração de imigrantes

Sem dúvida, a natureza das indagações acima mencionadas inclui o quadro da segunda geração de imigrantes, visto que, assim como os seus pais, essa segunda geração também não possui uma base étnica e cultural única.

Constata-se na literatura que a natureza dessas questões torna-se sobretudo visível, quando se busca investigar as experiências da segunda geração através do ensino. Nesse contexto, entende-se que no Japão as opções de ensino para os imigrantes nipo-brasileiros parecem se restringir a três categorias: as escolas públicas japonesas, as escolas privadas brasileiras, ou, *nem uma e nem outra*. Essa última categoria reflete o problema da deserção da segunda geração de imigrantes, que abandonam o ensino japonês ou brasileiro (Yamanaka, 2006:101). Apesar do ensino no Japão ser obrigatório dos seis até os quinze anos de idade (Ninomiya, 2002: 251), esse não é o caso para os filhos dos imigrantes (Tsuneyoshi, 2010: 139, Yamanaka, 2006: 101-102).

De acordo com os dados, os filhos dos imigrantes, que entraram no ensino japonês desde o início apresentam uma assimilação rápida, tanto da cultura quanto da língua japonesa (Ninomiya, 2002: 253), levando-os a se distanciarem dos elementos culturais da identidade brasileira (Tsuda, 2009b: 222). Esses são muitas vezes os casos da segunda geração de imigrantes, que mostram problemas de relação e comunicação com os pais (Linger, 2001: 313; Tsuda, 2009b: 223; Tsuda, 2003c: 273). Em contraste, muitos imigrantes da segunda geração que não entraram desde o início no ensino japonês, não dominam nem propriamente o idioma, nem a cultura japonesa (Ninomiya, 2002: 253). Essa é a segunda geração que se depara num cenário pessimista, caracterizado pela falta de perspectiva de futuro (Linger, 2001: 67-68 e 134-135).

Contudo, as dificuldades no ensino japonês não se restringem apenas à segunda geração dos imigrantes. Mesmo os filhos de japoneses expatriados, conhecidos como “*returning children*”, apresentam problemas de alienação, quando retornam para o Japão, após a experiência no exterior (Yamanaka, 2006:103; Ninomiya, 2002: 253). Apesar dos esforços dos pais em tentar manter no exterior a educação japonesa, há evidências de que os filhos sentem bastante dificuldade no processo de readaptação e integração no Japão (Yamanaka, 2006:103). Essas evidências mostram a resistência da sociedade japonesa em lidar com expatriados, mesmo que sejam japoneses.

De qualquer forma, o considerável aumento do número de imigrantes no ensino japonês proporciona uma situação que desafia o parâmetro do sistema educacional japonês, caracterizado por ser um cenário homogêneo, ou aparentemente homogêneo (Maeda, 2007: 35). Isso porque os *Zainichi Kankokujin* (coreanos da segunda e terceira geração), que são um dos maiores grupos de imigrantes no Japão, omitem a sua identidade ou mesmo modificam os seus nomes, para que possam se proteger da discriminação no ensino, criando assim, simultaneamente, um cenário de aparência homogênea no país (Maeda, 2007: 35).

Esses resultados no sistema educacional japonês chamam obviamente a atenção por exporem um cenário complexo e pessimista (Linger, 2001). Sem dúvida, um cenário complicado, dado que envolve também as motivações e presunções da primeira geração de imigrantes perante o futuro dos seus descendentes, dentro de um contexto que inclui opções, que não se limitam nessa forma de migração de “retorno” a uma base étnica e cultural única. Tais resultados e indagações mostram que ainda existem lacunas nas informações, sobretudo sobre as motivações, experiências e obstáculos da segunda geração de imigrantes, dentro e fora do contexto familiar. Por esse propósito foram inseridas nesse trabalho as vozes das duas gerações de imigrantes para ilustrar como elas estão vinculadas entre si, e como ambas lidam com essas questões cotidianas dentro da estrutura familiar. O entendimento dessas motivações agregadas à migração e o processo no “retorno” dá-se através das narrativas das famílias, como essas famílias se constroem e vivem, culturalmente, em suas unidades no Japão, na busca do sonho de uma vida melhor, uma vez que a família é a unidade básica, social e emocional mais importante na vida do ser humano (Suarez-Orozco, 2002: 81).

Ao contrário das outras pesquisas (Linger, 2001; Yamashita, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c; 2009; Maeda, 2007), opta-se aqui pela cidade interiorana de Kandatsu e arredores na província de Ibaraki, a qual não se caracteriza pela sua brasilidade no Japão. Ora, o que é que

acontece quando se investiga a vida dos imigrantes numa área de tamanho pequeno ou médio no interior do Japão, onde prevalece um cenário oposto ao das pesquisas anteriores? Visto que nas áreas onde a concentração é alta, existe toda uma estrutura facilitando a vida cotidiana desses imigrantes e suas famílias, como são por exemplo as próprias escolas brasileiras. Naturalmente, esse aspecto não é importante para os imigrantes que não constituem famílias. Contudo, o que acontece com os descendentes de japoneses, que migram com as famílias ou que passam a constituir famílias dentro do Japão nas áreas onde não se tem o acesso fácil à escola brasileira? Sobretudo, daqueles que possuem a intenção de regressar para o Brasil? Como é que a migração de “retorno” afeta ou repercute no contexto familiar, na identidade e no transnacionalismo desses nipo-brasileiros?

Um outro aspecto divergente e particular entre esta e as outras pesquisas, que ocorreram de forma intensiva, num espaço de tempo de uns meses a um ano, é o fato de os resultados desse trabalho cobrirem aspectos das vidas dessas famílias de imigrantes, num espaço de tempo de sete anos.

Dentro dessa abordagem, a contribuição desse trabalho é em mostrar resultados que ilustrem os elementos culturais e históricos, que influenciam a construção da identidade e do transnacionalismo dos migrantes envolvidos no “retorno”, e que, sobretudo, façam jus às vidas dos imigrantes da primeira e segunda geração, que vivem fora de um enclave étnico.

Desse modo tem-se os seguintes objetivos. Antes de mais nada, procurar compreender melhor quem são os migrantes e quais são as suas motivações no “retorno”. Em seguida, buscar compreender quais são as forças centrípetas e centrífugas que prolongam ou não a migração dentro do contexto familiar. Cabe também analisar como o “retorno” afeta a construção da identidade, e de que forma o transnacionalismo ocorre ou não dentro da estrutura familiar de duas gerações de imigrantes.

Metodologia

Quanto ao método de trabalho de campo tem-se uma pesquisa etnográfica. Tal método é essencial, se o objetivo da pesquisa for estudar e analisar, em profundidade, a cultura de um determinado grupo social ou minoria étnica (Merriam, 2002: 7), e a maneira como ela se desenvolve no espaço geográfico onde se encontra. Os casos etnográficos refletem os acontecimentos num contexto holístico (Swanborn, 2008: 26) no qual se busca informações subjetivas, que esclareçam *como e por quê* determinadas escolhas são feitas na vida cotidiana

dos informantes (Yin, 2012: 5) assim como os costumes, valores e atitudes que reflitam a cultura e a maneira de como um “grupo” de pessoas interpreta a realidade (Swanborn, 1994: 347-348). Tem-se assim um estudo de *casos múltiplos*. A escolha de *casos múltiplos* tem em vista a validade desse tipo de pesquisa, dado que o estudo de caso é um típico exemplo de pesquisa qualitativa (Baarda, 2010: 40) e etnográfica (Merriam, 2002: 8). Como nesse tipo de estudo, as construções culturais são o objeto do estudo, ao invés das entidades culturais, o contexto histórico torna-se essencial para que se compreenda o significado atual, e como essas construções culturais tomaram forma (Olwig e Hastrup, 1997: 9). Em virtude desse aspecto, tem-se um estudo amplo do quadro histórico, de como o processo da migração e integração dos japoneses ocorreu no Brasil para se compreender o fenômeno atual da migração de “retorno”, da identidade assim como do transnacionalismo dos nipo-brasileiros, estudado no capítulo 2 de forma detalhada.

Os resultados da prática nesta pesquisa são provenientes das três fases empíricas conduzidas entre os anos de 2003 a 2005, e da última etapa em 2010. Os resultados são provenientes do quadro fixo com onze famílias, que corresponde a ($N=30$) informantes fixos no decorrer dos sete anos, embora sejam quarenta e nove o total dos membros. Ao todo, essa é uma pesquisa qualitativa, de profundidade, a longo prazo, onde se estuda *como e por quê*, determinadas escolhas são feitas, com relação à decisão de migrar, à família, à identidade, o trabalho, o ensino, e à permanência ou não no Japão. Os múltiplos estudos de casos foram possíveis em virtude do fato do quadro fixo ter-se mantido quase intacto,¹³ com exceção de uma família e alguns membros da terceira geração¹⁴ das outras famílias, que regressaram para o Brasil até 2008. Os resultados da última etapa com os informantes fixos foram através do

¹³ A migração interna entre os imigrantes nipo-brasileiros é um fato constante nas entrevistas e no trabalho de campo. Por essa razão pedi o auxílio de um *tantōsha* (representante, nesse caso de uma empreiteira) para saber mais ou menos quantas famílias poderia encontrar em Kandatsu, com características fixas. Segundo os dados das fontes (*tantōsha*) poder-se-ia encontrar no início de abril de 2003 aproximadamente umas 50 famílias de nipo-brasileiros que correspondiam ao critério estabelecido para participar do quadro da pesquisa. Esse cenário foi confirmado no início de abril nos dois estabelecimentos de produtos brasileiros da época. A dificuldade era em se poder afirmar se essas famílias continuariam realmente lá por alguns anos. Isso porque o número de imigrantes oscila frequentemente, mesmo dentro de um mês, dado que os nipo-brasileiros migram facilmente de uma área para outra no Japão, de acordo com a oferta de trabalho, sobretudo, pelo fato de alguns serviços em determinadas áreas pagarem mais por hora de trabalho do que outras. Por essa razão é comum os *tantōsha* receberem telefonemas de nipo-brasileiros de outras regiões perguntando se a vaga na fábrica ainda não foi preenchida. Assim, eles são geralmente as pessoas que possuem os dados mais atualizados dos imigrantes nas áreas em que são responsáveis. Apesar de terem inúmeros casos de imigrantes que se mudam, largando o serviço onde estão, sem mesmo avisar os empregadores, ou *tantōsha*. De qualquer forma, esse aspecto dentro da migração interna dificulta o trabalho a longo prazo.

¹⁴ Os avós não foram um fator constante na pesquisa e portanto não foram incluídos na maior parte dos estudos de casos, como se descreve nos capítulos 3 e 4.

contato por telefone, Skype e/ou correio eletrônico. Esses últimos resultados inseridos na pesquisa são provenientes das mudanças concretas ocorridas com esses informantes, desde a última pesquisa de campo.

Tem-se também como contraponto nessa pesquisa um experimento, no qual foram conduzidas duas enquetes: uma em português com a participação de ($N=140$) nipo-brasileiros e ($N=36$) entrevistas qualitativas avulsas. Outra enquete em japonês com a participação de ($N=56$) japoneses e com ($N=13$) entrevistas qualitativas estruturadas. Essas entrevistas qualitativas complementam as informações dos informantes fixos ($N=30$) que permaneceram em Kandatsu.¹⁵ Além disso, foram conduzidas também entrevistas qualitativas ($N=2$) no jornal *International Press*, ($N=2$) no Banco do Brasil e ($N=2$) com professores japoneses numa escola de japonês para estrangeiros.

São em total ($N=66$) informantes nipo-brasileiros, que participam do quadro das entrevistas qualitativas. Neste total estão incluídos os estudos de casos e todas as entrevistas avulsas conduzidas nas três pesquisas de campo. Há também ($N=13$) entrevistas qualitativas estruturadas conduzidas com japoneses. Utiliza-se na pesquisa qualitativa as técnicas de entrevistas semiestruturadas e face a face por combinarem perguntas abertas e fechadas, uma vez que essas técnicas favorecem a inclusão de perguntas, quando se necessita elucidar algum aspecto mencionado ou não pelo informante.¹⁶ De forma geral, ao se comparar o quadro de entrevistas qualitativas conduzidas nessa pesquisa com a dos outros estudiosos da literatura acadêmica utilizada (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c e Maeda, 2007) pode-se afirmar que se tem neste trabalho um quadro mais amplo de informantes.¹⁷

¹⁵ Como é por exemplo o caso das mães que optam pela creche brasileira em Kandatsu, dado que entre as famílias dos informantes fixos, nenhuma delas faz uso dessa opção, como é o caso das três famílias que enviaram os filhos para o Brasil. Cada novo entrevistado selecionado é importante para se poder formar um quadro heterogêneo da amostragem dos imigrantes para se ter a probabilidade de se descobrir novos fatos e acontecimentos.

¹⁶ No Anexo seguem os formatos das entrevistas e das explicações dos métodos aplicados no trabalho de campo.

¹⁷ Ao se comparar os dados das entrevistas conduzidas nessa pesquisa com a dos outros estudiosos da literatura utilizada (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c e Maeda, 2007) tem-se o seguinte quadro. Linger (2001: 7) conduziu uma pesquisa de observação participante e qualitativa com ($N=9$) informantes centrais no decorrer de um ano no Japão. Roth (2002) não apresenta um quadro específico do número de entrevistas qualitativas obtidas no Japão, quando trabalhou numa fábrica japonesa para fazer a pesquisa de observação participante. Tsuda (2003c: 14) também trabalhou numa fábrica japonesa para observar os nipo-brasileiros. No seu caso, a sua pesquisa tem um total de ($N=47$) entrevistas qualitativas conduzidas em Ōizumi/Ota, Kawazaki e em uma área industrial perto de Tóquio. Maeda (2007: 91) tem um quadro com ($N=8$) entrevistas qualitativas com nipo-brasileiros e ($N=10$) japoneses. A sua pesquisa quantitativa consta de um total de ($N=80$) enquetes conduzidas com nipo-brasileiros e ($N=75$) com japoneses.

Simultaneamente, um outro foco nesse estudo é a pesquisa de observação participante. De forma geral essa técnica de coleta de dados é empregada dentro do quadro do estudo exploratório (Schreuder Peters, 2002: 68). Essa combinação é de imprescindível valor, pelo fato de se poder compreender melhor determinadas informações sobre o informante, ao transmiti-la para o pesquisador. Considera-se aqui também como importante a expressão corporal, o silêncio, e as pausas que se tem numa entrevista. É também no decorrer da pesquisa de observação participante, que se constata algumas situações contraditórias, inconscientes ou não, nas falas dos informantes. Essas situações são ilustradas na parte do estudo de caso dos capítulos 3 e 4. Por último, ressalta-se que embora tenha grande liberdade de escrever sobre essas famílias no meu trabalho, a sua privacidade é de imprescindível importância. Desse modo, todos os informantes receberam pseudônimos.

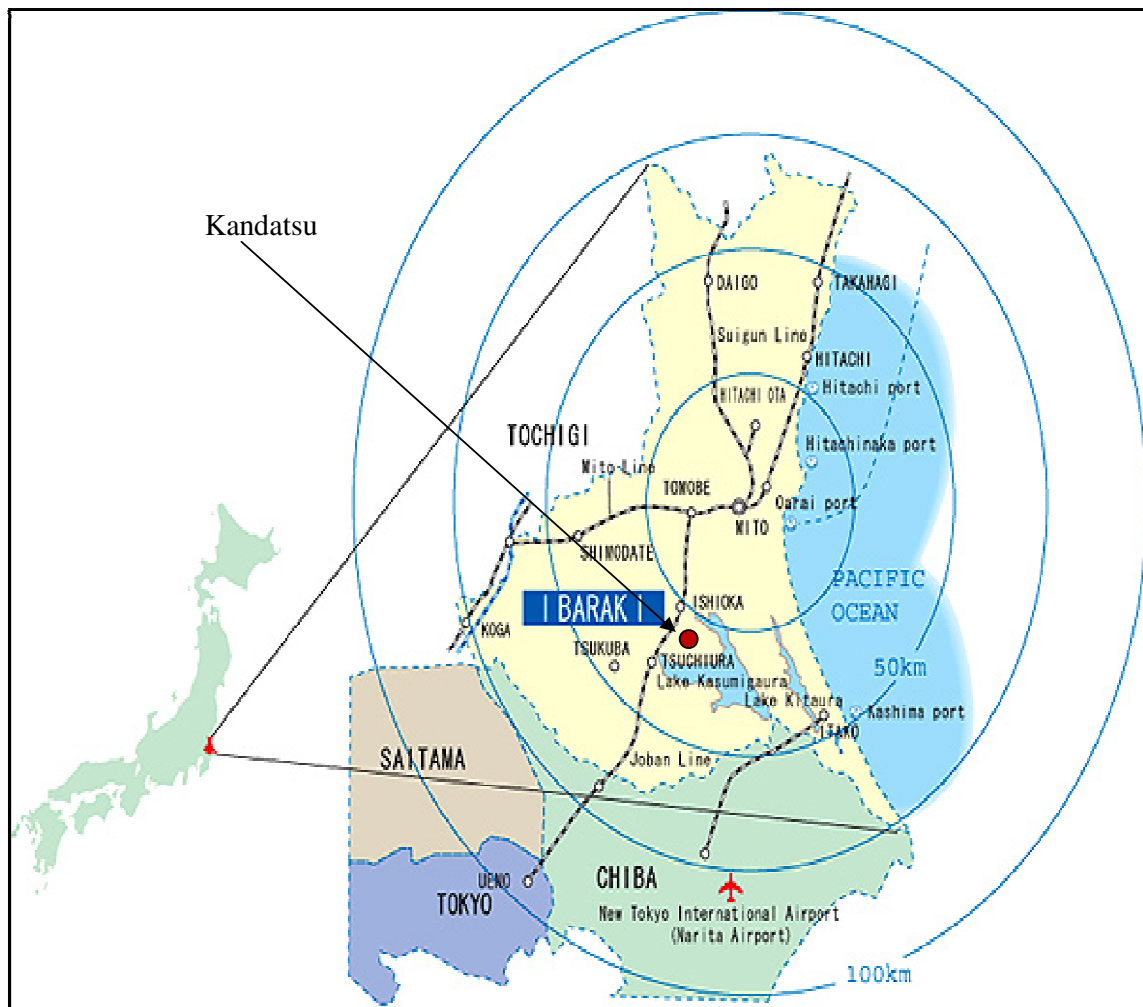
A fidedignidade, validade na pesquisa e limitações

Nessa pesquisa o acompanhamento desses informantes implica também na confiança que eles têm perante o trabalho da pesquisadora. O processo de se poder apresentar o que o informante quer passar como mensagem para a pesquisadora, sem que a mesma se deixe influenciar na transmissão da mensagem pelas suas próprias ideias é de imprescindível valor numa pesquisa (Bernard, 2002: 348), pois como se sabe a pesquisadora, direta ou indiretamente, influencia no processo de como algo é projetado, marcando assim a subjetividade nesse tipo de entrevista qualitativa. O esforço de se compreender através das entrevistas as experiências de vida dividida com a pesquisadora foi, portanto, registrado também na pesquisa de observação participante, na qual a reprodução do que se via, ouvia é transmitida neste livro com a maior precisão possível, acentuando o lado objetivo da pesquisa. A fidedignidade e a validade dos resultados obtidos dependem da imparcialidade e, sobretudo, da objetividade do pesquisador.

Compreende-se que nem todas as informações obtidas nessas três pesquisas empíricas são inteiramente reaplicáveis, uma vez que na troca de informações se estabelece uma determinada relação, mesmo que seja de informante e pesquisadora.

Por último, segue o mapa da área, onde a pesquisa foi conduzida no Japão.

Figura 2: Mapa de Ibaraki e localização da cidade de Kandatsu.



Fonte: <http://www.pref.ibaraki.jp/bukyoku/seikan/kokuko/en/introduction/profile.htm>

A terminologia em torno dos descendentes de japoneses no Brasil

Existe atualmente uma ampla terminologia para identificar os nipo-brasileiros. Por essa razão é fundamental analisar o quadro histórico da migração japonesa para o Brasil a fim de se compreender a discussão em torno da problemática de como se deve identificar os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.¹⁸

Em primeiro lugar, o termo nipo-brasileiro é utilizado para distinguir que a pessoa em discussão é descendente de japoneses, nascida no Brasil. Por outro lado, no Brasil, os descendentes de japoneses, são identificados como sendo “japoneses”. Na linguagem popular da língua portuguesa não existe diferença na designação referente ao habitante do Japão, nascido naquele território, e do descendente de japonês, nascido no território brasileiro, ou seja, em ambos os casos, as pessoas em discussão são denominadas como “japoneses” (Lesser, 2007: XIX). Essa situação, porém, não é exclusiva do Brasil. Para ser mais específica, cito um outro exemplo concreto, que é o caso da Holanda. Nesse país, os descendentes de marroquinos e turcos são denominados na linguagem popular, como, respectivamente, marroquinos e turcos, embora esses dois grupos insiram gerações nascidas e crescidas na Holanda com a nacionalidade holandesa.

A terminologia no Japão

No trabalho de Maeda (2007) constata-se a utilização do termo *gaikokujin* (estrangeiro) de forma generalizada, omitindo assim as nuances e gradações do que representa ser estrangeiro no Japão.¹⁹

¹⁸ Esse debate é apresentado no quadro histórico (capítulo 2) deste livro.

¹⁹ É o caso dos coreanos e chineses, que migraram forçados como mão de obra para o Japão até a metade do século XX (Yamawaki *et al.*, 2003: 38-39) e que são denominados pelo termo *Zainichi*, o que significa literalmente “residentes”. Um outro termo é *oldtimers* (Weiner, 2009: xix) ou *special permanent residents* (Liu-Farrer *et al.*, 2009: 135; Weiner e Chapman, 2009: 182). Atualmente, em se tratando principalmente do grupo étnico dos coreanos no Japão, é importante mencionar que a maior parte desses coreanos não nasceu na Coreia, e também não fala o idioma coreano. Esses coreanos são os descendentes dos imigrantes coreanos que migraram para o Japão, durante os 35 anos de ocupação japonesa da Coreia (1910-1945). Assim, através das diferentes denominações, distingue-se os coreanos e chineses que migraram para o Japão num período mais recente, ou seja, pós-guerra 1945. No caso dos coreanos, apesar dos descendentes desses imigrantes terem nascido no Japão, assimilado a cultura japonesa, vivendo assim há várias gerações nesse país, isso não implica a mudança de status de *permanência especial*. Eles continuam sendo estrangeiros. Porém, uma parte desse grupo está se naturalizando como japonês, o que implica na perda da nacionalidade coreana e na mudança de nome (Weiner e Chapman, 2009: 174). Por outro lado, é importante compreender que o discurso da identidade japonesa interpreta raça, etnicidade e cultura como sendo os elementos que compõem juntos a *unidade* do discurso da “homogeneidade” que forma a identidade japonesa (Hogan, 2009: 34-54; Lie, 2003: 82-83; Weiner, 2009: xv). A

No Japão, categoriza-se como *naichijin* as pessoas provenientes do território japonês e *gaichijin* as pessoas provenientes de outros territórios, como os coreanos, e taiwaneses (Yamawaki *et al.*, 2003: 39; Weiner, 2009: xviii). Outra forma utilizada para identificar as comunidades chinesas e coreanas é o termo *oldtimers* (Weiner, 2009: xvii). Além disso, utiliza-se também para os coreanos o termo *zainichi* para identificar os imigrantes coreanos que entraram no Japão sob o regime imperialista entre 1910 e 1945 (Weiner, Chapman *et al.*, 2009: 162). De acordo com os trabalhos acadêmicos dos japoneses, compreende-se que os imigrantes que chegaram a partir da segunda metade da década de 1980 também são denominados em japonês como *shinrai* ou *nyūkama*, ou seja, imigrantes recém-chegados (Shimizu e Shimizu, 2001, Shimizu, 2006; Tsuneyoshi, 2010). Esse termo também é utilizado para os imigrantes *nikkei* no Japão.

Pode-se afirmar, então, que essas diferenças nas interpretações do que é ser estrangeiro no Japão refletem o fato do termo *gaikokujin* (estrangeiro) não ser utilizado da mesma forma em que se utiliza o termo “estrangeiro” no ocidente. Esse contexto mostra também as diversas graduações de como as identidades são definidas e percebidas no Japão. De acordo com Lie, o termo *gaikokujin* (estrangeiro) ou *gaijin* (estrangeiro no sentido pejorativo) são utilizados no Japão após a Segunda Guerra Mundial para se referir aos estrangeiros ocidentais, de cor branca, provenientes da Europa e dos Estados Unidos (Lie *et al.*, 2003: 75).

Apesar disso, constata-se na prática, que o termo *gaijin* também é utilizado para designar os nipo-brasileiros. Um outro termo empregado para identificá-los é *nikkeijin*. *Nikkeijin* é o termo utilizado no Japão para todos os japoneses e seus descendentes que vivem fora do Japão. Segundo Roth (2002:23) neste termo não estão incluídos os estudantes que fazem intercâmbio, turistas, e pessoas que estão a negócios no exterior por um determinado período. Além disso, em japonês utiliza-se a combinação do termo *nikkei burajirujin* quando se trata especificamente dos nipo-brasileiros. Roth também descreve literalmente através da tradução e interpretação dos ideogramas ou *kanji*, o significado literário do termo *nikkeijin*, o qual é escrito com três ideogramas chineses, significando respectivamente “sol-linha / afiliação-pessoa”. Ao analisar esse termo lê-se o primeiro ideograma ou *kanji* como “sol”, o qual se refere neste caso ao Japão. *Nihon* ou *nippon* significa literalmente o país do sol nascente. Segundo a mitologia japonesa, a família imperial do Japão é descendente direta de

geração chinesa mais recente no Japão é denominada como “*new overseas Chinese*”, ou seja, pela sua identidade chinesa (Liu-Farrer, 2009: 134-135).

Amaterasu, a deusa do sol (*ibid.*). Portanto a tradução da palavra *nikkeijin* exprime na sua conjunção de termos a afiliação nacional que esses descendentes possuem com o povo japonês (*ibid.*). Sendo assim, *nikkei burajirujin* significa *nikkei* brasileiro do Brasil.

Aliás, há também o termo japonês *dekasegi* e *dekasegi-gata*²⁰ o qual tem sido muito associado ao nipo-brasileiro nesses últimos 30 anos, a saber, tanto no Japão quanto no Brasil. De acordo com a percepção do autor Kazuo Ōkōchi (1952) *dekasegi-gata* é utilizado para descrever no seu livro dois tipos de movimentos de trabalhadores no Japão. De um lado, Ōkōchi descreve um movimento composto somente por mulheres jovens, as quais antigamente saíam do interior para trabalhar em fábricas, a fim de que pudessem ajudar no sustento da família. Esse movimento migratório era temporário, e participavam somente mulheres jovens e solteiras. Além disso, Ōkōchi cita um outro tipo de movimento na época, o qual era composto somente por homens. Segundo o autor, a migração dos homens ocorria pela falta de perspectiva de trabalho no interior do Japão, onde havia excesso de mão de obra. Por essa razão os homens procuravam sair ou abandonar o interior, a fim de que pudessem encontrar trabalho nas cidades. Em ambos movimentos lê-se como característica importante o fato de serem movimentos temporários, nos quais trabalhadores se locomoviam de uma região para outra, por razões econômicas. Esse estudo realizado por Ōkōchi (1952) corresponde à história do movimento de trabalhadores no Japão na primeira metade do século XX, onde Ōkōchi descreve a sua percepção do termo *dekasegi* e *dekasegi-gata*, de como ele interpreta e utiliza esse termo no Japão.

Atualmente, evidencia-se a utilização do termo *dekasegi* de uma maneira mais ampla e popular. Esse termo japonês é empregado de uma maneira generalizada para descrever o movimento dos descendentes de japoneses, que partem para o Japão, com o objetivo de trabalhar e acumular dinheiro, por um período de tempo considerado temporário.

Em suma, vários termos são utilizados para identificar os nipo-brasileiros tanto no Japão quanto no Brasil, mostrando assim a complexidade e diversidade de como esses imigrantes são identificados. Durante o trabalho empírico também fui confrontada com algumas outras variações em terminologia, utilizadas pelos próprios nipo-brasileiros durante as entrevistas.

²⁰ Neste livro todos os termos japoneses serão escritos segundo as regras da escrita do idioma japonês. Desse modo, não escrevo o termo *dekassegui*, como seria escrito no Brasil em português, mas *dekasegi*. Os substantivos do idioma japonês não apresentam diferença de número e gênero. Por isso, não escrevo, por exemplo: *niseis*, porque isso seria incorreto em japonês. *Dekasegi* ou *Dekasegi-gata* é o termo japonês utilizado para a migração temporária da mão de obra, que se locomove de uma região para outra no Japão. O termo *gata* significa pessoas, por essa razão, lê-se, as pessoas que fazem parte dessa forma temporária de migração.

Essas identificações variam de brasileiro, japonês, mas também *haafu* (mestiço).²¹ Um outro aspecto importante é a identificação com o próprio termo brasileiro. Isso porque existem entre os entrevistados várias percepções sobre esse termo. Para alguns deles os outros brasileiros sem a descendência japonesa são diferentes, levando-os a identificar os outros brasileiros, como “realmente brasileiro”, “brasileiro mesmo” ou “brasileiro de verdade”. Essa divisão no significado do termo brasileiro também foi constatada no trabalho de Tsuda (2003c: 50), porém com outra variação. Para muitos a descoberta de que eles são “brasileiros” e não “japoneses”, como eram no Brasil, foi feita através da experiência no Japão, quando os japoneses os identificaram dessa maneira. Tal realidade é oposta à realidade que tinham no Brasil, onde eles são considerados “japoneses” perante aos outros “brasileiros”. Entretanto, alguns dos entrevistados contam através das suas experiências no Japão que em determinadas situações, eles também passam a ter várias identidades, e por essa razão, também mencionam serem vistos como “japoneses” no Japão. Tal fato contraria o cenário que nesse país a identidade cultural dos nipo-brasileiros ficou esclarecida como sendo a de “brasileiro”. Evidencia-se uma realidade complexa, ao lado de uma grande diversidade de termos utilizados para expressar que esses descendentes de japoneses, nascidos no Brasil, possuem uma afiliação nacional ligada ao Japão. Dentro desse amplo cenário origina-se, portanto, a legítima pergunta da questão da identidade desses descendentes de japoneses que migram legalmente desde 1990 para a terra dos seus antepassados por terem vínculos sanguíneos

Considerando esse contexto amplo de terminologias e discussões, esclareço que no meu livro para evitar a ambiguidade na terminologia, utilizo neste estudo o termo nipo-brasileiro para referir-me aos informantes nipo-brasileiros, e a todos aqueles que possuem a descendência japonesa, e nasceram no Brasil, independente da geração japonesa que possuem. Ao incluir no trabalho aspectos que compreendem também os nipo-peruanos, ou outros descendentes de japoneses nascidos no além-mar, utilizo o termo *nikkei*.

Uma vez que se está estabelecido como se lida com essas terminologias e debates, resta esclarecer a motivação do pesquisador neste estudo. De acordo com Merriam (2002: 11), “... a research study begins with you being curious about something and that “something” is usually related to your work, family, your community or yourself.” Contudo, noto que não é simples definir a motivação neste trabalho, uma vez que está vinculada à construção das

²¹ “*haafu*” (ハーフ) é a palavra japonesa originada da palavra inglesa *half*, a qual é utilizada para designar que a pessoa em discussão é descendente de japonês e de um outro grupos étnico, ou seja, mestiço.

diferentes afiliações da minha própria identidade. No meu caso a história da minha vida está interligada à motivação acadêmica, e intrínseca por ser uma imigrante de “retorno” na terra dos antepassados.

Assim, sou nascida no Brasil, onde cresci e morei até os meus 20 anos de idade. De acordo com a legislação do Brasil, sou brasileira. Por outro lado, assim como muitos brasileiros, sou descendente de segunda geração, no meu caso, de pai holandês e mãe belga. Como muitos outros filhos de imigrantes no Brasil na década de 1990, eu também migrei, ou “retornei” para a terra dos meus ancestrais em 1992, onde literalmente nunca *pus os meus pés antes*. Na Holanda a lei vigente é a do *jus sanguinis*, portanto, sou considerada no país como holandesa.

Foi através dessa experiência de “retorno”, e da reflexão de como a minha identidade passou a ser construída, que o meu interesse, sobretudo, acadêmico pelo fenômeno migratório do “retorno” e da identidade passou a me intrigar, por ter atravessado, como outras milhões de pessoas, o oceano no sentido inverso que os meus pais fizeram no passado.

Contudo, a escolha de querer estudar e pesquisar sobre a migração de “retorno” dos nipo-brasileiros se reflete nos meus vínculos de amizade, que tenho desde criança, com algumas famílias japonesas e nipo-brasileiras em Belém, no Brasil. Através dessas amizades passei inconscientemente a acompanhar continuamente inúmeras atividades da comunidade japonesa de Belém do Pará, apesar de não ser descendente de japoneses. Assim, por eventualidade ou não, passei a estudar desde os meus quatorze anos de idade o idioma japonês na escolinha japonesa de Coqueiro (*Nichigo gakkō*), formando-me anos após em Cultura e Língua Japonesa pela Universidade de Leiden na Holanda.

Sem dúvida, a minha motivação inclui e reflete esses vínculos de amizade com os descendentes de japoneses, que existem desde a minha infância. Também é algo intrínseco na minha identidade, por ser filha de imigrantes, sentindo assim uma afinidade com esse tema por compartilhar de uma experiência de vida que é “retornar”, por alguma razão, para a terra dos antepassados.

Como descendente de segunda geração, o “retorno” para a Holanda também definiu e construiu a minha identidade atual, a qual não é baseada num passado histórico-cultural fixo e único. Mesmo no meu caso, não posso definir a minha identidade apenas como sendo brasileira por ter nascido e crescido no Brasil. Também não posso defini-la só como holandesa, por morar na Holanda há 20 anos, e falar o idioma holandês e ter o pai holandês.

Considerando a minha experiência de imigrante de segunda geração, tomo esse aspecto como ponto de reflexão e inspiração, para estudar *como* a migração de “retorno” interfere e constrói a identidade das pessoas envolvidas nesse fenômeno. No meu caso, noto como a bagagem cultural tanto do Brasil como da Holanda constituem e constroem a minha identidade, única, identificando-me assim, pela pessoa que sou.

Por último, considero imprescindível para a condução deste trabalho empírico no Japão, o conhecimento do idioma japonês e português (Bernard, 2002: 348) e o conhecimento cultural de como a identidade japonesa dos nipo-brasileiros é atribuída e construída no Brasil. Em virtude desse aspecto, tem-se também um estudo literário do quadro histórico, de como o processo da migração e integração dos japoneses ocorreu no Brasil. Essa perspectiva histórica é imprescindível neste trabalho para que se possa compreender o fenômeno atual da migração de “retorno”, da identidade e do transnacionalismo dos nipo-brasileiros.

A estrutura do livro

Esse livro está dividido em quatro capítulos. Na exposição do primeiro capítulo apresenta-se o quadro teórico sobre o debate em torno do fenômeno do movimento migratório que se compreende como “retorno”. Dentro desse contexto analisa-se as teorias e publicações acadêmicas em torno das motivações (1.1) dos migrantes dentro desse fenômeno migratório, que se denomina como “retorno” (1.2), visto que desafia o princípio do paradigma dicotômico de emigração e imigração, por tratar como “retorno” os imigrantes da segunda e terceira geração, que na maioria dos casos, nunca puseram antes os pés no país para onde migraram. Ao lado também a teoria do transnacionalismo (1.3) visto que os imigrantes constroem suas vidas em um outro contexto, mas mantêm práticas que se estendem além das fronteiras geográficas do país para onde migraram. Por último, tem-se o debate em torno da construção da identidade (1.4) e identidade cultural (1.5) uma vez que o discurso nesta pesquisa envolve o “retorno” de imigrantes que possuem valores culturais que não se refletem numa única cultura.

No capítulo 2 tem-se a revisão do quadro histórico da emigração japonesa para o Brasil e do processo da integração e assimilação desses imigrantes e seus descendentes. O cenário em torno da motivação da emigração japonesa para o Brasil (2.1), como a fase inicial da migração no Brasil (2.2) ocorreu sendo seguida pela fase da transição das políticas de governos, que modificam e caracterizam um segundo período migratório no Brasil (2.3). Em seguida,

aborda-se a época em que a migração foi interrompida (2.4) e a repercussão da política de governo no Brasil na época para os japoneses e descendentes no Brasil. Com o reinício da migração japonesa para o Brasil (2.5) aborda-se também a construção da identidade dos nipo-brasileiros (2.6) nos últimos trinta anos e como esse processo se desenvolveu no Brasil. Esse último quadro ilustra o contrassenso de como a identidade japonesa foi construída no Brasil numa retrospectiva histórica. Esse cenário serve de base para o fenômeno da migração de “retorno” dos descendentes de japoneses da segunda e terceira geração para o Japão (2.7), e de como esse quadro se constrói nos dois países envolvidos no fenômeno migratório, o qual constitui a base para a investigação nesta pesquisa.

O capítulo 3 está dividido nos seguintes pontos. Primeiramente trata-se sobre a motivação (3.1) dos imigrantes envolvidos no “retorno”, como esse processo se desenvolve, fornecendo informações sobre o contexto que possibilita essa migração, assim como informações sobre a formação escolar dos imigrantes; em seguida, apresenta-se o quadro em torno do questionamento da identidade (3.2) de como os imigrantes constroem o contrassenso da identidade brasileira ou japonesa através da bagagem cultural em diferentes situações. Nas análises seguintes apresenta-se as estruturas de apoio (3.3) as experiências no trabalho (3.4) e o quadro sobre a influência da crise nesses imigrantes (3.5).

No capítulo 4 tem-se como foco as questões familiares em torno da segunda geração de imigrantes. Inicia-se essa parte através das análises sobre as experiências sobre as escolhas dos parceiros (4.1) e do aumento da família com o nascimento dos filhos. De acordo com a realidade com a qual as famílias de imigrantes se deparam, constata-se diferentes percepções em torno da orientação do futuro da segunda geração de imigrantes (4.2), as quais refletem as preferências e os papéis dos pais dentro de suas unidades. De acordo com as diferentes opções de criação, tem-se também as redefinições dos objetivos iniciais de quando migraram para o Japão. O impacto das opções torna-se visível nas famílias, principalmente, quando optam pelo ensino escolar público japonês (4.3). As experiências dos filhos revelam como o paradoxo em torno da identidade se constrói na segunda geração, em diferentes casos. Essas experiências mostram como os filhos, nos diferentes estudos de casos, interpretam a identidade no Japão. Ademais, evidencia-se das análises no trabalho de campo, uma quarta opção em torno da educação da segunda geração de imigrantes, fortalecendo um contexto transnacional na migração de “retorno”. E por último, reconstrói-se a migração de “retorno” através da análise

das práticas que configuram o transnacionalismo (4.4) e como esse fenômeno ocorre nessas famílias.

Nos capítulos 3 e 4 mostra-se a importância que essas famílias de imigrantes atribuem à vida que eles têm como imigrantes dentro do fenômeno migratório do “retorno” no Japão, e como o debate da identidade e do transnacionalismo se formam nas escolhas dos pais, as quais se refletem e interagem na redefinição dos projetos familiares e na extensão da estada temporária ou no enraizamento das famílias no Japão.

Na conclusão, tenta-se responder às indagações deste estudo tendo como base os resultados da pesquisa no Japão. Aborda-se, também, as limitações e implicações da pesquisa. Por último, seguem a bibliografia, o glossário e os anexos.

Capítulo 1

Migração de retorno, identidade, e transnacionalismo: uma exploração teórica

Com a Reforma da Lei de Imigração em 1990, a migração de “retorno” dos descendentes de japoneses, que nasceram e cresceram fora do Japão, foi facilitada pelo governo japonês. Ora, escrever sobre migração, significa analisar as motivações que engendram esse movimento, e, sobretudo, as forças centrípetas e centrífugas que estendem ou não, a permanência dos imigrantes nipo-brasileiros.

Em virtude da descendência japonesa entende-se que esse movimento migratório é interpretado por muitos acadêmicos como uma migração de “retorno”. Assim, esse é o primeiro conceito chave desta pesquisa. Aqui, o meu ponto de partida é a análise crítica do que representa a migração de “retorno”, principalmente, quando o “retorno” não se restringe apenas aos imigrantes da primeira geração. Nesse debate analiso o discurso em torno da migração de “retorno” baseada nos *co-étnicos*. Na minha interpretação esse último termo deve ser substituído por *consanguíneos*. Esse posicionamento é discutido, tanto na parte que insere o debate da migração de “retorno” étnico quanto no estudo de caso deste livro.

Por se estudar uma forma de migração, analiso também o fenômeno do transnacionalismo. Parto desse discurso, devido às escolhas e às atividades das famílias nipo-brasileiras ultrapassarem as fronteiras geográficas do Japão. Faço, portanto, uma análise crítica do que se interpreta como transnacionalismo, tomando o meu posicionamento nesse debate, que é o segundo conceito chave neste livro.

Finalmente nesse capítulo analiso o discurso sobre os aspectos que interagem na construção da identidade como *um todo*. O meu ponto de partida é tratar esse discurso através da corrente construtivista, por considerar a identidade como algo de característica mutável e negociável. Desta forma, analiso várias definições de como se constrói e emerge a identidade. Dentro dessa abordagem analiso o discurso da identidade cultural como sendo uma *bagagem cultural* ou *elementos* que compõem a diversidade da identidade do ser humano. Nesse caso, defino a “identidade” como uma entidade composta por diferentes elementos, a qual no cenário atual necessita de uma reavaliação, que incorpore as novas dimensões dinâmicas que não se restringem a um passado histórico-cultural de uma origem fixa e única. São

exatamente essas peculiaridades culturais que definem também a identidade do ser humano. Esse posicionamento forma a base do trabalho desta pesquisa e é o terceiro e último conceito chave. Portanto o que significa o “retorno” para a identidade desses imigrantes?

1.1 Migração: as motivações para se migrar

Os deslocamentos de pessoas, do habitat inicial para outras regiões existem desde o primórdio da existência do ser humano. Quais são as motivações por trás desses movimentos migratórios segundo as teorias? Situando o âmbito internacional, e as mudanças advindas a partir dos anos de 1980 com a era da globalização, quais são os agentes que impulsionam e interagem na dinâmica atual os movimentos migratórios?

Na tentativa de se determinar esse quadro, tem-se como eixo de avaliação algumas teorias.

Um clássico no debate dos estudos migratórios é o historiador econômico, Ernest Ravenstein (Arango, 2000: 284), que nas suas obras *Laws of Migration* de 1885 e 1889 desenvolveu dentro das teorias neoclássicas o modelo econômico, conhecido como *push – pull*, ou seja, as forças de atração e repulsão (Ravenstein, 1889: 286). Segundo Ravenstein *push* fatores refletem um contexto negativo, o qual ocorre na região de origem, de onde os indivíduos partem. Esse contexto pode ser a perda de riqueza, leis opressivas, temor de perseguição política, falta de perspectiva de trabalho, tributação excessiva, etc. Por outro lado, o *pull* fator é associado com algo positivo, no qual há uma perspectiva de progresso do bem – estar, dando melhores perspectivas de trabalho, educação, segurança, clima, etc. (*ibid.*). Segundo Peixoto (2004: 5) é a estrutura desse modelo desenvolvido por Ravenstein que forma a base de todos os modelos modernos de *push-pull* utilizados nos movimentos migratórios. Por sua vez, Everett Lee (1969: 283) acrescenta nesse modelo econômico outros fatores importantes interagindo no movimento de impulsão da migração. Lee adiciona, entre outros aspectos, o desenvolvimento tecnológico, como os dos meios de comunicação e locomoção, e assim como Ravenstein, baseia-se na motivação econômica de uma vida melhor.

Outros pesquisadores também apoiaram-se na linha de raciocínio de Ravenstein, tais como Larry Sjaastad (1962: 82), Todaro (1976: 69), analisando as motivações por trás dos movimentos migratórios, principalmente, como um processo emergente de uma reação econômica, no qual o deslocamento de trabalhadores visa a maximização da melhoria do bem-estar. Essa reação é proveniente segundo Todaro (1976: 69) das diferenças,

principalmente econômicas existentes entre regiões e países, estimulando assim a decisão de migrar. Segundo Sjaastad (1962: 83) a migração pode ser interpretada como uma forma de investimento no capital humano, por exemplo, em determinados custos, em vista de um retorno maior através do trabalho. Para Castles (2004: 39) a discrepância econômica existente entre o hemisfério Norte e Sul, engendra por si própria, um cenário propício para um movimento migratório permanente. Por essa razão, são inúmeros os casos de indivíduos, que migram dos países em desenvolvimento, em busca de melhores perspectivas de vida nos países desenvolvidos. A globalização da economia mundial favoreceu ainda mais as diferenças econômicas e sociais existentes entre os dois hemisférios (*ibid.*). Portes e DeWind (2004: 6) argumentam que indivíduos migram na expectativa de melhores oportunidades de vida, submetendo-se a trabalhos de mão de obra desqualificada e pesados. Na maioria das vezes, os imigrantes realizam os trabalhos que são evitados pelos próprios cidadãos da sociedade receptora (*ibid.*).

Segundo Castles (2009: 22; 2004: 35) o ponto central da teoria neoclássica, de que faz parte a teoria *push-pull*, é analisar a migração como sendo um processo baseado numa escolha individual, racional, no qual se busca a maximização da utilidade individual, através da ponderação dos custos e benefícios. Indivíduos cessam a sua estada no país receptor, retornando para o seu habitat inicial, ao ocorrer uma redução dos benefícios e um aumento nos custos no país receptor (2004: 35). Todavia, tal constatação é falsa, uma vez que existem exemplos de migrantes temporários, que migraram e se estabeleceram permanentemente na Alemanha e na França com o decorrer do tempo, apesar dos períodos de recessão econômica (*ibid.*). A teoria do modelo econômico *push-pull* não enquadra determinados aspectos sociais, que também interagem dentro do amplo cenário que compõe os movimentos migratórios e que atuam, mesmo na ausência da motivação econômica (Massey *et al.*, 1998:8-9, Portes e Rumbaut, 2006: 16-17). Outro aspecto é o fato do modelo *push-pull* não inserir e explicar a motivação de se preferir migrar para determinados países (Castles e Miller, 2009: 23).

Menciona-se também o Modelo de Informações e Contatos (redes), impulsionando os fluxos migratórios através do dinamismo do contexto social (Castles, 2004: 34). Ao longo do tempo existe uma trajetória de estudos em torno do valor e do papel exercido pelas fontes de contato e familiares dos fluxos migratórios, que atuam nas migrações voluntárias e involuntárias. Segundo Koser (1997) a rota da migração dos exilados e refugiados é fortemente influenciada pelas redes de informações e contatos, que esses migrantes possuem.

Assim, Joaquín Arango (2000: 291-292) ressalta o fato de os laços de família, vínculos de amizade, e de toda a estrutura social ao redor dos migrantes serem considerados como um fator decisivo dentro do processo de migração. Esse tipo de estrutura se constata de forma frequente entre os imigrantes provenientes da América Latina, como no caso dos emigrantes do México que migram para os Estados Unidos (Smith, 2005; Smith, 2006: 196-198; Massey, 2003: 50).

Para Bourdieu e Wacquant (1992: 119) as redes de contatos também podem ser interpretadas como uma forma de *capital social*, uma vez que desempenham um papel importante dentro da sociedade por fornecer informações necessárias para um determinado grupo de pessoas. Segundo Massey *et al.* (2003: 50), Portes e De Wind (2008: 6) essa forma de rede de informações favorece, mesmo após o motivo econômico inicial ter desaparecido, a permanência desses migrantes. Compreende-se, então, que essas redes de migrantes no país receptor são compartilhadas por vários tipos de pessoas, estendendo-se, assim, além dos laços familiares e de amizade, ou mesmo de comunidade.

Joaquín Arango (2000: 293) argumenta que o quadro econômico está altamente relacionado ao contexto político. O poder do Estado e da política exercida em torno do movimento migratório é primordial, uma vez que o Estado e a política intervêm, monitoram e moldam esse processo. Segundo Zolberg (1989) a influência que o Estado e a política exercem são de alta relevância e portanto precisam ser consideradas, analisadas e incorporadas nos modelos teóricos que abordam as migrações internacionais.

Por outro lado, Marsella e Ring (2003: 15-16) analisam outros aspectos importantes, influenciando as migrações internacionais: crescimento populacional, perseguição religiosa, perseguição política, exploração e abuso das mulheres, pobreza, assim como catástrofes causadas pela natureza ou pelo ser humano. Por último, citam também o crescente antagonismo, ressentimento, assim como violência perante os imigrantes provenientes dos países do Oriente Médio, que possuem armas que podem levar à destruição de massas (Marsella e Ring: 2003: 16). Esse quadro é muito mais abrangente, como se constata no momento na Europa, por causa da crise econômica iniciada em 2008. Evidencia-se de forma geral fortes ressentimentos e medidas contra os imigrantes por causa da saturação do mercado de trabalho, levando até mesmo à violência pública, como é o caso da Grécia (Blackstone, 2012; Sloom, 2012). Outros aspectos são os desastres da natureza (a), como secas, furacões, terremotos, enchentes, assim como os desastres causados pelo ser humano (b), tais como

terrorismo, acidentes nucleares, poluição, guerra, lixo atômico, os quais continuam impulsionando e influenciando os movimentos migratórios (Marsella e Ring, 2003: 16). A tendência é que essas catástrofes continuem ocorrendo no futuro com alarmante frequência (*ibid.*).

Conviria dizer que as teorias de migração enquadram apenas os motivos ou as causas que levam à migração, deixando assim uma lacuna, uma vez que não abordam ou explicam por que outras pessoas da mesma origem ou dos mesmos países não migram (Arango, 2000: 289-290). Arango (2000: 293-294) chama a atenção sobre a generalização dos resultados, assim como das teorias, uma vez que respostas generalizadas nem sempre fazem jus às condições específicas de vida dos migrantes, sendo assim reducionistas. O risco dessas generalizações leva à suposição de que dentro de um movimento migratório a realidade é semelhante para todos os membros envolvidos nesse fenômeno. Tal percepção omite a diversidade desse fenômeno, como por exemplo, as categorias: gênero, idade e grau de ensino, que podem influenciar as condições de vida dos imigrantes, levando à construção de cenários distintos das experiências de vida.

As generalizações de que as migrações internacionais refletem um cenário em que o foco são as contínuas correntes migratórias do continente Sul para o Norte (Castles *et al.*, 2008: 38-39) não são adequadas, por excluírem ou ignorarem os contextos históricos, por exemplo, das migrações europeias, do Oriente Médio (sírio e libanês) e mesmo japonesa que foram para a América do Sul no século passado, mostrando assim como essas generalizações são reducionistas. Esses fluxos migratórios são ilustrados na parte do quadro histórico deste livro.

Por outro lado, o dinamismo global e as suas transformações contínuas influenciam, direcionam ou redirecionam fluxos migratórios volumosos das mais diversas formas, proporcionando também, entre esses movimentos, a migração num sentido inverso, ou seja, a migração de “retorno”.

1.2 Migração de “retorno” ou de retorno étnico

É a partir dos últimos 30 anos que se constata nos estudos migratórios internacionais uma atenção direcionada para a migração de “retorno”. Porém, *quando, como* e *o que* determina uma migração internacional como sendo uma migração de “retorno”? E quando é que se considera o “retorno” como sendo étnico?

Segundo Cassarino (2004: 253) a abordagem em torno da migração de “retorno” dentro do fenômeno da migração internacional data de 1960, apesar de o fenômeno ter sido constatado no século anterior (Gmelch, 1980: 135). Além disso, Ravenstein (1885: 199) já havia abordado no seu artigo *Laws of Migration* o princípio do que se interpreta como migração de “retorno”, afirmando que toda corrente migratória gera uma contra corrente (Gmelch, 1980: 135). Contudo, o debate sobre a migração de “retorno” só passou a tomar forma a partir da década de 1980, com posicionamentos e definições diferentes (Cassarino, 2004: 254). Gmelch (1980) argumenta no seu artigo *Return Migration*, que de acordo com os dados abordados numa lista bibliográfica dos estudos migratórios no início dos anos 70, apenas 10 títulos dos 2,051 tratavam sobre a migração de “retorno”, embora 25% dos 16 milhões de migrantes provenientes da Europa, que migraram no início do século XX para os Estados Unidos, tenham retornado para os seus países de origem (Gmelch, 1980: 135). Para Gmelch a migração de “retorno” é o movimento inverso dos emigrantes para os seus países de origem (Gmelch, 1980: 136).

Toma-se como eixo de análise a influência do cenário da era da globalização na década dos anos 80 (Patarra, 2006: 7) proporcionando transformações de contextos culturais, políticos, sociais, econômicos e demográficos. Tal contexto constitui um desafio para estudiosos de múltiplas áreas acadêmicas tentar compreender, definir e revalidar paradigmas que insiram o dinamismo dos movimentos migratórios internacionais (Patarra, 2006: 7-9).

É a partir desses debates que se avalia que a migração de “retorno” como fenômeno migratório por muito tempo ignorado pelos acadêmicos, ou tratado como um mito. Para Stefansson (2004: 5):

We suggest that this analytical neglect has been caused by the fact that the conceptual and practical issues of homecoming always have fallen at the margins of grand narratives in migration research, those of assimilation, multiculturalism/diaspora, and transnationalism/ globalization. A second possible reason is tied to the commonsense view dominated by the logic of sedentary thinking throughout much of twentieth century (Gupta e Ferguson 1992, 1997; Malkki, 1992) that homecoming is an act of unproblematic and natural reinsertion in the local or national community once left behind.

O crescente interesse por esse fenômeno é bastante recente na área dos estudos migratórios. Cassarino (2004) publica o artigo “Theorizing Return Migration: The Conceptual Approach to Return Migrants Revisited”, analisando e revisando o tema migração de “retorno” dentro de algumas teorias migratórias internacionais como a teoria neoclássica, a teoria da Nova

Economia de Migração do Trabalho (NEMT), e as teorias do estruturalismo, transnacionalismo e das redes sociais.

Segundo Sjaastad (1962) e Todaro (1969) a teoria neoclássica assinala que a migração ocorre em diferentes áreas geográficas pelas diferenças de salário. O indivíduo é um ser racional que engendra o movimento migratório, visando maximizar as suas habilidades a partir de um cálculo de custos e benefícios. A migração de “retorno” dá a entender, que o migrante retorna para o seu país de origem, por não ter obtido os benefícios pelo qual iniciou o movimento migratório. Sintetizando, Cassarino (2004: 255) assinala que a migração de “retorno” é interpretada dentro da teoria neoclássica como sendo a experiência negativa do migrante, na qual o capital humano não corresponde à expectativa no país receptor.

A teoria da NEMT contradiz o pensamento neoclássico sobre a migração de “retorno”. Ao contrário de Todaro (1969), o estudioso Oded Stark (1991) aborda a migração de “retorno” como sendo o resultado de uma experiência migratória positiva. Defende a teoria de que existe uma estratégia eficiente e diversificada em torno dos riscos e benefícios. Enquanto na teoria neoclássica a migração é uma decisão individual, na teoria NEMT (Stark e Bloom, 1985; Stark e Taylor, 1989), tem-se como base a decisão dentro de um contexto maior de pessoas que se auxiliam por estarem de alguma forma vinculadas umas com as outras. Nesse caso, a estratégia de se poupar dinheiro num país estrangeiro, ocorre através da diversificação da alocação dos recursos, controlando assim os riscos de perda de padrão de vida em torno da família, ou das outras pessoas envolvidas, que permanecem no país emissor e que atuam na motivação do “retorno” do migrante. Uma outra diferença, entre a teoria NEMT e a neoclássica, é que se interpretava a migração como um movimento permanente, em que o “retorno” insere o pensamento de um fracasso dessa experiência. Segundo Dustmann e Weiss (2007: 238) muitas teorias econômicas interpretavam os movimentos migratórios como sendo permanentes. Eles argumentam no artigo “Return Migration: Theory and Empirical Evidence from UK” que a migração de “retorno”, e provavelmente a maior parte das teorias migratórias, é um fenômeno de caráter temporário. Para Dustmann e Weiss (2007: 237- 238):

a migrant is a temporary migrant if he/she stays in a particular country for a limited period of time. At the same time, the migration may be permanent from the perspective of the immigrant - he/she may leave the home country permanently, but remain temporarily in any one host country.

Distingue-se também a discussão da migração de “retorno” através do estruturalismo. Germani (1974: 143), citado em Dos Santos, Barbieri, De Carvalho e Machado (2010: 11)

argumenta que se deva levar em consideração a influência das condições sociais, culturais, e subjetivas, determinando o contexto, tanto no lugar de residência quanto no de destino, e que se estendem além dos fatores de *push* e *pull*. Segundo Cassarino (2004: 257) a teoria do estruturalismo parte da reflexão de que ao lado da experiência positiva ou negativa do “retorno” existe também uma relação social e institucional do migrante com o seu país de emissão. Assim, as expectativas do “retorno” não dependem apenas do capital e das habilidades adquiridas no país receptor, mas também do contexto político, econômico, e social em que se encontra o país de origem do retornado. O discurso antagônico do estruturalismo, com relação às teorias neoclássicas e ao NEMT, se apresenta no contexto da argumentação da influência que os migrantes retornados podem exercer ou não, dentro da situação do país de origem (Cassarino, 2004: 259). Dependendo da experiência do retornado no país de origem, tal contexto pode propiciar um novo processo de remigração (*ibid.*).

Outros autores como Dustmann e Weiss (2007: 38) elaboraram sua própria definição sobre essa forma de migração, “... return migration is the type of migration one usually has in mind when referring to a migration as being temporary. Return migration describes a situation where migrants return to their country of origin by their own choice, often after a significant period abroad.”

Além disso, compreende-se que a migração de “retorno” também pode ser involuntária (Bookman, 2002). Nesse caso trata-se principalmente dos casos dos ex-asilados, e ilegais, como é por exemplo o caso de aproximadamente 1,2 milhões de imigrantes nos Estados Unidos, na maioria latinos, que foram deportados durante a primeira gestão do Presidente Obama nos Estados Unidos, após o Congresso ter reprovado o plano do “*Dream Act*” (Czerwonka, 2012).

Sussman conceitua na sua obra *Return Migration and Identity: a global Phenomenon, A Hong Kong Case* (2011: 7) como migração de “retorno” os migrantes que retornam para os seus países de origem, após uma curta ou longa permanência nos países receptores, incluindo, também os descendentes dos emigrantes:

Hi-tech executives from California’s Silicon Valley, many of whom completed their graduate education in the United States, were at forefront of the wave of Indian returnees, but it now includes doctors, engineers, and artists. The Indian government is actively luring second generation Indians back to India creating the Overseas Citizens India (OIC) program. Between 2006 and 2008, the government issued more than 200,000 OIC cards providing holders visa-free entry to India for life. In Europe, immigrants are returning to Ireland, Turkey, and Czech Republic” (Sussman: 2011: 6-7).

Segundo Sussman a migração de “retorno” insere também os descendentes da primeira geração, enquanto Stefansson (2004: 3-5) interpreta a migração de “retorno”, dentro da era da globalização, como sendo o “retorno” para o lugar de origem natal ou ancestral, que envolve tanto exilados políticos e refugiados de guerra quanto a primeira e segunda geração de imigrantes. Por essa razão, vem à tona o questionamento sobre esse fenômeno, principalmente, por se incluir na migração de “retorno” os descendentes da primeira geração dos imigrantes, que em muitos casos não conhecem o país de origem dos seus antepassados:

In recent years studies of descendants of immigrants and exiles who embark upon what has been characterized variously as ancestral return, ethnic return migration, or post-colonial return have also become more frequent ...But the study of ancestral return of those who lived centuries beyond the border of their homelands raises especially intriguing questions of meaning of home and homecoming. ...they leave behind their places of birth and travel to countries in which they never set foot, thus critically blurring the heterofore sacrosanct emigration/immigration and home/host country dichotomies (Stefansson, 2004: 6-7).

A citação acima ilustra o foco da discussão deste estudo de caso sobre a migração de “retorno” dos imigrantes nipo-brasileiros para o Japão, especialmente quando se pergunta se a migração de descendentes étnicos pode ser considerada como uma migração de “retorno”.

Tsuda (2009, 2003c), Brubaker (1998), Kulu (1998), entre outros acadêmicos, se deparam com a mesma questão do “retorno”, a qual envolve as gerações provenientes dos migrantes da primeira geração. Dentro desse contexto, Tsuda busca com a sua obra *Diasporic Homecomings: Ethnic Return Migration in Comparative Perspectives* (2009) discutir a autenticidade dos retornos étnicos provenientes das diásporas. Assim, a adoção do conceito de diáspora debatido por Tsuda (2009: 9) deve ser interpretada para se compreender melhor o seu posicionamento:²²

The concept of diaspora has been increasingly invoked to capture the qualities of migratory dispersal and dislocation and the transborder nature of migrant communities and identities. The diasporic perspective is technically multipolar (i.e., involving several nation-states), because it includes the ethnic homeland and the scattered communities of diasporic descendants in various countries.

O posicionamento de Tsuda (2009) confirma o discurso de Markowitz e Stefansson (2004) que também refletem sobre a perspectiva de que o “retorno” não se limita apenas à primeira geração de migrantes e exilados, mas inclui também as gerações seguintes de migrantes.

²² O debate sobre os conceitos em torno do termo diáspora encontra-se seção sobre o transnacionalismo.

Para Tsuda (2009: 5) existem diferenças e semelhanças nos conceitos que constituem uma migração de “retorno” e uma migração de “retorno” étnico:

Ethnic return migration shares some similarities with the return migration of first generation emigrants to their country of birth, because both groups, are returning to their homeland (a place of origin to which an individual feels personally and emotionally attached) However, return migrants, are going back to their natal homeland (i.e., place of birth), whereas ethnic return migrants are later generation diasporic descendants returning to their ethnic (or ancestral) homeland, where their ethnic group originated.

No que diz respeito à migração de “retorno”, sigo o posicionamento de Tsuda (2009: 5) sobre a teoria do “retorno” étnico. No meu estudo de caso, esse é o conceito que melhor insere a política preferencial japonesa. Uma política formal, que legitima como “retorno” os imigrantes descendentes de japoneses nascidos no exterior, que em muitos casos nunca puseram os pés no país para onde “retornaram”. Esse aspecto será detalhadamente abordado na parte do estudo de caso que integra a motivação do movimento migratório dos informantes desta pesquisa. Todavia, tomo distância do termo *étnico* na combinação com o termo “retorno” empregado por Tsuda por causa da diversidade, flexibilidade e complexidade do seu conceito. Ademais, emprega-se o termo étnico para se descrever uma afinidade com relação à língua e à cultura de uma comunidade, grupo ou minoria a qual a maior parte dos estudos acadêmicos (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003; 2009) que lidam com esse tema mostra um resultado negativo no caso dos nipo-brasileiros. Contudo, se, “...Ethnicity is after all, about relationships, not substances” (Bourdieu 1985 apud em Tsuda, 2009: 152), isso implicaria dizer que o resultado também pode ser diferente em um outro contexto? Ou não? Desse modo, tomo distância desse termo ao me referir ao movimento da migração de “retorno”.

Neste estudo, parto exatamente do princípio da heterogeneidade do comportamento dos descendentes de japoneses e da importância desse aspecto ao ser estudar os migrantes que fazem parte do “retorno”. Por essa razão não interpreto esse fenômeno como sendo o “retorno” étnico, mas sim como o “retorno” dos descendentes da segunda e terceira geração de japoneses, que migram para o país dos seus antepassados através dos vínculos sanguíneos. Ou seja, eu parto do posicionamento do *retorno para a terra dos ancestrais*, uma vez que se estuda gerações posteriores às dos emigrantes. Nota-se que o aspecto dos vínculos sanguíneos determina quem são as pessoas que podem usufruir legalmente da migração de “retorno”.

Para Brubaker (1998) esse tipo de fenômeno reflete uma política de governo baseada na preferência dos imigrantes co-étnicos, os quais interpreto aqui como consanguíneos. Segundo Brubaker (1998) o fator étnico é uma forma legal e administrativa burocrática, que incentiva um determinado grupo de pessoas a fazerem parte de uma migração internacional de “retorno”, a qual é composta por migrantes, que em muitos casos nunca estiveram nesse país para onde “retornaram”. É o caso, por exemplo, dos *Aussiedler* que “retornaram” para a Alemanha (Von Koppenfels, 2009; Brubaker, 1998), dos argentinos descendentes de espanhóis que “retornaram” para a Espanha (Cook-Martín e Viladrich, 2009), dos finlandeses que “retornaram” para a Suécia (Hedberg, 2009), dos coreanos-chineses que “retornaram” para a Coreia do Sul (Song, 2009), entre outros.

Ao contrário, Sasaki (2002) argumenta dentro do contexto da migração étnica de “retorno” que é importante designar o contexto de *homeland* desses migrantes. Sasaki (2002) analisa e estuda a influência do mito e como o mesmo influencia a própria percepção de identidade dentro da migração de “retorno” étnico. Para Sasaki o fato de se mencionar que essa forma de migração é interpretada como uma migração de “retorno” dá a entender que o *homeland* seja o país dos migrantes da primeira geração. Defendendo a ideia de que “retorno” implicaria, portanto, que o indivíduo interpreta a sua ligação racial e os seus vínculos sanguíneos como sendo a sua origem, o seu *homeland*. Assim, para haver um “retorno” tem que haver uma “partida”. A migração étnica de “retorno” é uma migração de “partida” e não de “retorno”, na qual o *homeland* dos descendentes étnicos é o país onde nasceram (Sasaki, 2002: 113-114).

Outros autores, como Conway e Potter (2009) não fazem uma distinção entre a migração de retorno e de “retorno” étnico. O enfoque do discurso de Conway e Potter é o papel do transnacionalismo dentro do processo da migração de “retorno”. Nesse caso, esses autores se referem aos movimentos migratórios, que nem sempre foram em grandes números, e muito menos nos mesmos períodos, como no caso das diásporas. Apesar de que, analisem também o “retorno” das gerações seguintes desses migrantes para a terra dos seus ancestrais, o foco desse discurso está nos vários tipos de relações transnacionais e nos vínculos dessas segunda e terceira gerações com o país dos seus ancestrais, que favorecem a “estratégia” de “retorno” (Conway e Potter, 2009: 5).

Sem definir o conceito do transnacionalismo, Cassarino (2004: 261) destaca a influência das relações econômicas e sociais dos migrantes entre o país de origem e de recepção, que

influenciam no fenômeno da migração de “retorno”. A estruturação desse movimento contribui para a percepção de que a migração de “retorno”, nesse caso, não representa o final do ciclo migratório e sim uma parte do processo que o constitui. Por outro lado, Cassarino argumenta que a divergência da teoria do transnacionalismo, com relação ao estruturalismo e ao NEMT, se reflete no fato de o “retorno” implicar na necessidade de “adaptação” do migrante retornado. Apesar das dificuldades de adaptação, tem-se através do contato com o país de origem um migrante mais organizado e preparado para o regresso.

É importante considerar que a migração de “retorno” é um processo complexo, que pode levar ao desapontamento do migrante que retorna para o seu país de nascença (Stenfansson, 2004:7). A desilusão da migração de “retorno” é proporcionada pela experiência do contraste entre a nostalgia do que se sonhou e a realidade atual (Markowitz, 2004: 24). Para Chambers (1994: 4-5) a migração de retorno é um projeto impossível pelo fato do migrante idealizar uma imagem do seu país de emissão como se esse tivesse parado no tempo. Entre alguns estudiosos prevalece uma tendência pessimista em tratar o “retorno” só pelo lado negativo, enfocando apenas as experiências do desapontamento (Stenfansson, 2004:8-9). Segundo Stenfansson (2004:8) retornar para o país de emissão pode ser mais difícil emocionalmente para o migrante do que a própria experiência de se emigrar para um outro país, devido à incompatibilidade entre o que se imagina do retorno e o que se vive, de fato, ao regressarem.

Cassarino argumenta que a migração de retorno também pode ser interpretada através da teoria das redes sociais (Massey *et al.*, 1998). Assim como no transnacionalismo, o retornado é um indivíduo, que mantém fortes ligações com o país para onde migrou no passado (Cassarino, 2004: 265). Ao contrário da teoria do transnacionalismo, essas redes podem se estender além das diásporas (*ibid.*). Segundo Ley e Kobayashi (2009) no artigo *Back to Hong Kong: Return Migration or Transnational Sojourn?* o retorno não representa o final do ciclo migratório, mas geralmente um episódio dentro dessa migração temporária e transnacional, na qual os migrantes estão envolvidos. Neste estudo o retorno corresponde à escolha estratégica, interligada à fase do ciclo de vida do migrante. Nesse caso, os migrantes oscilam entre o poder econômico de Hong Kong e a qualidade de vida do Canadá, optando estrategicamente pelos dois, de acordo com a necessidade e o ciclo de vida em que se encontram. O desafio dessas escolhas se reflete nas definições que inserem os conceitos de identidade e cidadania de migrantes que constroem literalmente as suas vidas entre duas nações (Ley e Kobayashi, 2009: 123).

Segundo Massey *et al.*, (1993: 448) as redes sociais possuem um determinado efeito sobre a migração de “retorno” por auxiliarem na redução dos custos e riscos do movimento. A divergência entre as redes sociais e o transnacionalismo se reflete no fato de os membros das redes sociais poderem ter várias ramificações relacionais que podem se estender além das diásporas (Cassarino, 2004: 265). Além disso, diferentes redes sociais oferecem diferentes orientações e estratégias e, por isso, exercem uma determinada influência no comportamento dos retornados, independente da religião, etnicidade desses migrantes (Cassarino, 2004: 266-267).

Através da revisão da literatura sobre a migração de retorno abordada por Cassarino (2004) constata-se que o autor interpreta como retorno apenas o discurso da primeira geração de migrantes, assim como Dustmann e Weiss (2007: 238). Existem, porém, dois eixos em torno do discurso da migração de “retorno”, um que se limita apenas ao “retorno” dos migrantes da primeira geração, e o outro que inclui o discurso do “retorno” étnico dos descendentes dos migrantes da primeira geração. Nesse último caso é imprescindível assinalar o papel das políticas de estados, principalmente da Ásia e da Europa, favorecendo esse fenômeno internacional (Skrentny, Chan, Fox e Kim, 2007). Brubaker (1998: 1051) opina no seu artigo “Migrations of Ethnic Unmixing in the ‘New Europe’” que, no caso europeu, a etnicidade foi empregada como sendo uma forma de administração e categorização, em que se oficializou e justificou burocraticamente a nacionalidade “étnica” dos descendentes das primeiras gerações de migrantes. Um dos exemplos mais conhecidos foi o caso da migração étnica de “retorno” dos *Aussiedler* que migraram entre 1950 e 1987 da Europa Oriental (Romênia e Polônia) e a partir de 1988, com o início da queda da Cortina de Ferro, da antiga União Soviética (1988-1996) para a Alemanha Ocidental. A justificação desse “retorno” se dá ao fato desses *Aussiedler* terem sido considerados como “eticamente alemães” (Brubaker, 1998; Skrentny, Chan, Fox e Kim, 2009: 57; Koppenfels, 2009: 103). Brubaker (1998: 1051) argumenta o fato de o discurso da política de governo da migração étnica de “retorno” ignorar ou omitir as várias percepções do que representa etnicidade.

Ethnicity as a meaningful category organizing perception, experience and social relations in everyday life- seems to have played very little role. The continuing immigration and citizenship privileges for ethnic Germans in Eastern Europe and the Soviet Union have been justified by a narrative -what one might call a “legal myth”- of ethnically motivated migration.

Como se interpreta e constrói a teoria da migração étnica de “retorno” depende, exclusivamente, do interesse e da importância que esses migrantes proporcionam para as economias dos países, que favorecem o “retorno” étnico como forma de migração.

Skrentny, Chan, Fox e Kim (2007) abordam no seu artigo “Defining Nations in Asia and Europe: A Comparative Analysis of Ethnic Return Migration Policy” a migração de “retorno” étnico como sendo uma política de preferência tanto da Europa quanto da Ásia Ocidental, da qual os Estados Unidos não fazem parte (2007: 794). Enquanto na Europa a migração étnica de “retorno” representa uma política em que o Estado dá assistência e proteção aos co-étnicos no estrangeiro, um cenário inverso se constata na Ásia, onde os co-étnicos no estrangeiro são os que passam a dar assistência às demandas do Estado. É o caso das migrações dos nipo-brasileiros e nipo-peruanos provenientes da diáspora japonesa na América do Sul (Takenaka, 2009), e também da migração de retorno dos chineses-coreanos, que nasceram na China (Song, 2009). De maneira geral, constata-se através da comparação da política do “retorno” étnico três justificações para essa política adotada tanto na Europa quanto na Ásia (Skrentny, Chan, Fox e Kim, 2007: 795). Na Europa, essa preferência justifica-se pelo fato de os co-étnicos terem em comum um passado histórico-cultural, assimilarem mais facilmente e, quando precisam de proteção (*ibid.*). Na Ásia, apenas a justificação da rápida assimilação dos co-étnicos é similar ao da Europa, uma vez que o foco do retorno nesses países visa sobretudo o desenvolvimento econômico, como é o caso da Coreia e do Japão, que incentivam a migração dos co-étnicos para suprir a demanda de mão de obra não qualificada, enquanto Taiwan, China e Coreia adotam medidas para estimular especificamente a migração de retorno dos co-étnicos, que são altamente qualificados (*ibid.*).

Desse modo é imprescindível que se defina novamente o que é migração por ser um fenômeno complexo, dinâmico e mutável, que insere as demandas e mudanças contínuas nos âmbitos: político, econômico, social e cultural (Castles e Miller, 2009: 25) do mundo contemporâneo. A motivação dos migrantes que “retornam” deve ser estudada de forma mais abrangente e minuciosa, a fim de levar em consideração os vários fatores que proporcionam esse fenômeno, assim como as práticas nos países de emissão e recepção.

1.3 O transnacionalismo

Os vínculos que os imigrantes mantêm com o país de emissão são construídos na literatura através do discurso do transnacionalismo. Constata-se que é no início dos anos 90 do século

XX que esse fenômeno passa a chamar a atenção dos acadêmicos, devido às inúmeras práticas e atividades de os imigrantes contestarem os limites das fronteiras geográficas e políticas (Stenfansson, 2004: 7).

De acordo com Glick Schiller, Basch e Szanton Blanc (1992) transnacionalismo são as atividades sociais realizadas por migrantes, as quais ultrapassam os limites das fronteiras políticas, geográficas e culturais. Portes e DeWind (2008:9) argumentam, por outro lado, que o transnacionalismo torna visível a prática do movimento pendular de ida e volta dos migrantes, que usufruem dos benefícios políticos e econômicos da alternativa de se poder viver das possibilidades engendradas por duas culturas e sociedades. De acordo com Faist (2000a: 189) o transnacionalismo representa: "... sustained ties of persons, networks and organizations across the borders across multiple nation-states, ranging from little to highly institutionalized forms."

Para Lacroix (2009) o sistema do transnacionalismo se tornou um paradigma dominante dentro das pesquisas sobre migração. Por sua vez, Stenfansson concretiza como exemplos de transnacionalismo os vínculos e as relações sociais existentes entre os migrantes com o país de origem, as visitas periódicas, a participação em atividades culturais e políticas nos países de emissão, as remessas de dinheiro e a construção de casas (Stenfansson, 2004: 7). No estudo de caso evidencia-se algumas dessas práticas entre os informantes, mostrando como a prática do transnacionalismo é vivida de forma diferente entre as famílias, em que nem todos os membros participam dessas atividades.

No artigo *Transmigrants and Nation States; Something Old and Something New in the U.S. Immigrant Experience*, Glick Schiller (1999) discute a visão equivocada do "transnacionalismo" como sendo um fenômeno novo. Colocando o contexto das migrações em discussão, Glick Schiller (1999) cita como referência migrações anteriores, que ocorreram nos séculos XIX e XX, nas quais se constata a emergência de inúmeros exemplos do que se denomina como práticas transnacionais nos Estados Unidos (*ibid.*). O que se designa, portanto, atualmente como transnacionalismo não é um "fenômeno" novo da sociedade moderna. A aceção do termo refere-se a uma nova perspectiva de se analisar essas práticas (Glick Schiller, 1999; Portes e DeWind, 2008: 9-10). Smith (2000) parte do mesmo posicionamento no seu artigo "How Durable and New is Transnational Life?". Segundo Smith (2000) a diferença atual está no fato de a tecnologia moderna facilitar o uso das relações sociais existentes e mantê-lo por mais tempo do que antigamente. Além disso dentro

do debate do transnacionalismo, é essencial que se analise a dinâmica da globalização (Castles e Miller, 2009: 30-31). Um dos aspectos é a melhora das tecnologias de comunicação e transporte, as quais levam os migrantes a manterem os seus vínculos sociais com as pessoas nos países de origem, e o aumento da migração temporária ou circular de pessoas, que migram num movimento pendular de ida e volta, entre países, onde possuem vínculos culturais, econômicos e sociais (Castles e Miller, 2009: 30).

A globalização é nesta pesquisa o processo dinâmico e tecnológico que agiliza, facilita e intensifica as práticas transnacionais dos migrantes, que não se restringem às fronteiras geográficas do espaço físico dos países onde se encontram. Como práticas transnacionais ou transnacionalismo considera-se as remessas de dinheiro, o movimento pendular de ida e volta dos migrantes, assim como a comunicação por internet, a qual ficou mais acessível com a tecnologia atual, intensificando o contato entre as pessoas, em diferentes países.

De acordo com Faist (2000) o fenômeno do transnacionalismo pode ser dividido em três categorias: comunidades transnacionais, circuito transnacional e relações de grupos transnacionais. Com relação a essa divisão contesta-se aqui apenas a categoria das “comunidades transnacionais” por corresponder a um termo antigo, que se interpreta como diáspora (Castles e Miller, 2009: 31). Entretanto, Castles e Miller argumentam existir uma diferença de conotação, entre os usos desses termos, sobretudo, por se utilizar a categoria “comunidades transnacionais” com uma conotação mais neutra do que diáspora, que geralmente está associada a fortes vínculos emocionais (*ibid.*). Para Koser (2007: 27) as “comunidades transnacionais” inserem o fenômeno de se viver “entre duas nações”, transcendendo fronteiras geográficas e políticas por se manter vínculos políticos, sociais e econômicos com pessoas do país de origem (*ibid.*). De acordo com Koser (2007: 25) a interpretação clássica da diáspora, que na acepção grega da palavra significa dispersão, está associada a uma forma de migração maciça, cuja característica fundamental é o fato de ser involuntária resultando na inabilidade do “retorno”. No entanto, muitos autores têm utilizado esse conceito de uma forma mais simples e flexível, como se fossem “diásporas modernas” (*ibid.*). Nessa vertente moderna, diáspora é utilizada para qualquer minoria étnica proveniente de um movimento migratório, que resida e trabalhe em países receptores, mantendo ao mesmo tempo fortes ligações com os seus países de emissão (Koser, 2007: 25-26). Cohen (2008) faz no seu livro *Global Diasporas: An Introduction* uma abordagem ampla de como a diáspora pode ser interpretada. Cohen reconstrói historicamente várias diásporas, sendo os

judeus a diáspora clássica, os armênios e africanos a diáspora composta por vítimas, os britânicos a diáspora imperialista, os libaneses e chineses a diáspora comercial, os indianos a diáspora do trabalho, e os povos do Caribe a diáspora das culturas desterritorializadas (Cohen, 2008). Em muitos casos, a emergência do transnacionalismo é constatada através das ligações existentes entre as diásporas dos imigrantes com os seus países de origem (Portes e De Wind: 2008:9). Apesar da forma sintetizada, evidencia-se que as divergências e convergências entre as acepções de diáspora, comunidades transnacionais e transnacionalismo não são nítidas.

Abaixo ilustro o debate de Faist (2010: 9) em que explica através do seu artigo “Diaspora and transnationalism: What kind of dance partners?” as diferenças entre esses dois conceitos.

The research has focused on delineating the genesis and reproduction of transnational social formations, as well as the particular macro-societal contexts in which these cross-border social formations have operated, such as ‘globalization’ and ‘multiculturalism’. Although both terms refer to cross-border processes, diaspora has been often used to denote religious or national groups living outside an (imagined) homeland, whereas transnationalism is often used both more narrowly – to refer to migrants’ durable ties across countries – and, more widely, to capture not only communities, but all sorts of social formations, such as transnationally active networks, groups and organizations.

Nesse contexto sigo a abordagem do transnacionalismo e da diáspora feita por Faist (2010: 9). Tomo como posicionamento apenas o discurso do transnacionalismo por não considerar o caso da migração dos nipo-brasileiros para o Japão como uma diáspora. Isso porque essa migração é composta principalmente de descendentes consanguíneos, que migram voluntariamente para o país dos seus ancestrais. Também, não constato um grupo nacionalista ou religioso, mas parto do princípio de que não se deve generalizar as migrações de determinados grupos que fazem parte de uma política de preferência de governo, como é o caso quando se considera os nipo-brasileiros uma diáspora.

Nessa pesquisa constato e analiso diferentes formas de vínculos sociais, atividades ou práticas, as quais ultrapassam as fronteiras geográficas e políticas dos países onde esses imigrantes se encontram. Nesse caso sigo a interpretação de Faist (2010) sobre o fenômeno do transnacionalismo: “... to refer to migrants’ durable ties across countries.” Vínculos que podem, sem dúvida, tomar formas materiais e imateriais. Por essa razão investigo quais são os vínculos existentes entre os imigrantes da primeira e segunda geração com o país de emissão, através do foco da unidade das famílias nipo-brasileiras. Apesar de me concentrar nessa parte da teoria de Faist (2010) procuro também determinar quais são as atividades de grupos ou organizações que operam entre os dois países, considerados importantes na vida cotidiana das

famílias dos imigrantes na área da minha pesquisa. Desse modo, o foco do transnacionalismo situa-se no fato de incorporar as dimensões das fortes relações que os migrantes mantêm com o país de origem, mesmo que morem em um outro país (Rivera-Salgado, 2000: 136-137).

Segundo Lacroix (2009) a mobilidade, o espaço social fragmentado e a cultura híbrida são as principais características do que se interpreta como transnacionalismo. Para Portes e DeWind (2008: 9) o papel político do reconhecimento da dupla cidadania representa uma prática visível do fenômeno do transnacionalismo. Além disso, esse aspecto político desempenha um papel importante no movimento pendular de ida e volta de determinados grupos dentro do quadro das migrações internacionais, e portanto das comunidades transnacionais (Portes e DeWind, 2008: 7-10).

Levitt e Glick Schiller (2008: 182) argumentam que para se estudar os efeitos e as consequências do transnacionalismo, é imprescindível analisar tanto os que migram quanto os que permanecem nos seus países de origem, devido ao fato de eles estarem envolvidos e interligados dentro desse processo dinâmico, unindo-os em lugares diferentes e de maneiras diferentes. Além disso, abordam a necessidade de se revalidar as instituições sociais básicas do que atualmente inseridas no estado nação, a cidadania e a família, assim como a própria definição do “conceito de sociedade”, pelo fato de não se restringirem somente a um estado nação (Levitt e Glick Schiller, 2008: 182-183).

Um outro aspecto discutido (Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1992: 1; Glick Schiller, 1999) é a definição de imigrantes dentro do transnacionalismo como sendo transmigrantes.²³ De acordo com Glick Schiller (1999: 96), “... transmigrants differ significantly from people with diasporic tradition. Transmigrants are people who are claimed by two or more nation-states into which they are incorporated as social actors, one of which is widely acknowledged to be their state of origin.”

Contradizendo essa definição Guarnizo, Portes e Haller (2003) partem de um discurso diferente na obra *Determinants of Transnational Political Action among Contemporary Migrants* realizada com imigrantes provenientes da Colômbia, de El Salvador e da República Dominicana em quatro áreas metropolitanas nos Estados Unidos. Nessa pesquisa constata-se que apenas uma minoria, constituída principalmente por pessoas com um status social alto, está envolvida em atividades políticas em ambos países. Tais atividades e compromissos

²³ O termo transmigrante foi introduzido no artigo “Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration” de Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton, C. 1992, p. 1.

transnacionais são associados à idade, capital social e humano, e com relação ao gênero prevalece uma diferença expressiva e distinta. Assim, o ativismo transnacional não debilita a integração dos imigrantes em instituições políticas nos Estados Unidos (Guarnizo *et al.*, 2003: 1239). Guarnizo, Portes e Haller (2003) afirmam que se deve tomar distância de termos como “transmigrante” e “comunidades transnacionais” por generalizarem a realidade e não fazerem jus à realidade complexa e diversa que define a vida da maioria dos imigrantes.

Por sua vez, Smith (2006) aborda no seu livro *Mexican New York: Transnational Lives of New Immigrants* o termo “vida transnacional” em vez de transnacionalismo. Na sua análise Smith (2006) descreve como os mexicanos, da primeira e segunda geração desenvolveram um estilo de vida transnacional entre a pequena cidade de Ticuani no México e a cidade de Nova York nos Estados Unidos. Smith analisa o conflito da diferença dos gêneros e como esse discurso se constrói na vida transnacional desses imigrantes entre essas duas cidades. Nessa obra, evidencia-se as diferenças nas regras e nas práticas do que representa uma vida pública transnacional, em que um dos aspectos é a influência e o impacto político e econômico na arrecadação de fundos para financiamento de projetos no México. Outros autores como Conway e Cohen (1998), Levitt (2001) também enfatizam, entre outros aspectos, a influência e o impacto que as “comunidades transnacionais” têm tido nos seus países de origem, através das remessas de dinheiro. Vertovec (2008: 162-163) argumenta, que essas comunidades transnacionais passaram a ter substancialidade dentro do quadro político e econômico do transnacionalismo através das remessas feitas pelos imigrantes e da criação de atividades produtivas transnacionais. Insere-se aqui também as empresas transnacionais, assim como a emergência de trabalhadores, que passaram a ser empreendedores transnacionais (Guarnizo, 2003; Portes, 2004). Vertovec e Alejandro Portes (2001: 191) abordam a importância econômica que essas atividades transnacionais exercem nas políticas de governo dos países emissores.

Tsuda (2003c) discute o transnacionalismo na literatura através do discurso da identidade. Segundo Tsuda tem-se uma identidade transnacional, quando se mantem ou se desenvolve um sentimento positivo e forte de ligação entre duas nações. Nesse caso é necessário que se analise o status étnico e a identidade do grupo de imigrantes, tanto no país de origem quanto no país de recepção para se definir se a identidade é transnacional (Basch, Glick Schiller e Blanc 1994: 109; Tsuda, 2003c: 55). Sobre a construção da identidade dos

imigrantes, analisa-se outros posicionamentos a serem tratados mais adiante, como o processo da construção da identidade é definido dentro do fenômeno das migrações internacionais.

A avaliação do cenário em torno do transnacionalismo é discutida no corpo desta pesquisa, através das práticas transnacionais dos inúmeros casos de estudo que fazem parte do fenômeno da migração de “retorno”. Aqui tem-se como base a teoria de Faist (2010: 9) acima ilustrada. Assim como Guarnizo, Portes e Haller (2003) tomo distância de termos como “transmigrante” e “comunidades transnacionais” por generalizarem a realidade dos imigrantes e não condizerem com a realidade desta pesquisa. A realidade da vida dos membros das famílias que participam deste trabalho mostra que a prática do transnacionalismo é realizada de formas diferentes através dos membros de cada família, e que nem todos os membros participam dessas práticas de forma similar. Assim, não se deve generalizar o fenômeno do transnacionalismo com termos como “transmigrantes” e “comunidades transnacionais” por não fazerem jus à realidade de muitos imigrantes. A realidade é muito mais complexa e diversa. Por esse motivo concentro-me principalmente nas práticas transnacionais constatadas dentro da migração de “retorno” desses imigrantes nos estudos de casos desta pesquisa.

Um outro aspecto neste estudo sobre a migração de “retorno” é a análise do debate em torno da construção da identidade desses imigrantes.

1.4 Contextos e construções da Identidade

Ao longo da história disciplinar, o conceito de identidade tem sido muito discutido por estudiosos, devido às dificuldades conceituais em torno desse termo, apresentando assim um campo fértil de pesquisa. Atualmente, esse conceito é matéria de grande interesse, tanto no mundo acadêmico quanto nas conversas informais entre familiares, amigos ou colegas de trabalho. Por essa razão busca-se modelos que descrevam o discurso da construção da identidade. Deve-se, portanto, considerar em um amplo cenário as diferentes dimensões explicativas desse termo para que se possa reavaliar esse paradigma.

No debate em torno do termo identidade, a construção mais simples e também a mais abordada é a utilizada para se determinar “quem a pessoa é”. Segundo Verkuyten (1992: 20) a própria pergunta “quem a pessoa é” pode ser interpretada de diferentes maneiras. Pode se expressar através dessa pergunta que se almeja saber qual é a identidade desse indivíduo; como esse indivíduo interpreta a sua própria identidade; ou como esse indivíduo é visto pelos “outros” dentro da sociedade.

Distingue-se no debate da identidade duas correntes: a construtivista e a essencialista. Através da corrente construtivista a “identidade” é vista como algo que não é estático, ou seja, como um fenômeno que está sujeito a mudanças e que por isso faz parte de um processo em andamento. E esse conceito é oposto à corrente essencialista, na qual se interpreta identidade como algo que as pessoas “têm” e que “determina” a vida dessas pessoas (Ghorashi, 2003: 20). Ghorashi (*ibid.*) afirma que é a através da obra *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Cultural Difference*, de 1969, que se introduziu essa nova dimensão explicativa da identidade. Para Barth a identidade é mutável, negociável e se constrói de acordo com o contexto, num processo de ações e reações, o qual não cessa de evoluir. Se Barth interpreta o conceito de identidade como algo negociável, que depende do contexto, isso implica que identidade se determina através da relação social.

Ghorashi (2003) argumenta na sua obra *Iranian Women Exiles in the Netherlands and United States* a sua percepção de que a identidade está continuamente em construção. Segundo Ghorashi (2003: 8) a identidade pode ser construída ou determinada através do ambiente social, assim como pode ser também “imposta”. Nesse sentido, a identidade não é sempre algo voluntário. Existe assim uma diferença entre a identidade “imposta”, a qual é determinada pelo meio social, e a identidade interpretada ou construída pela própria pessoa. No caso da identidade imposta, esta passa a tomar forma quando se discrimina e estigmatiza. É através do uso de estereótipos que a identidade é apresentada como estática. Dessa forma, a mesma identidade não é semelhante à identidade que as pessoas interpretam como sendo a sua própria identidade.

Todavia, é imprescindível que se estabeleça através da consistência do discurso como esse contexto se constrói.

Goffman (1963: 10) trabalha com o termo “identidade social virtual”, ou seja, quando o conceito de identidade é baseado nas expectativas que as outras pessoas têm da pessoa em questão e das exigências que são impostas a essa pessoa.

No Brasil... eu me sentia brasileiro, mas o pessoal lá fala “ei japonês” pra gente... na verdade é o brasileiro que discrimina. Aqui no Japão eu vejo que eu tenho um pouco dos dois, eu nunca parei para pensar o que eu sou? Se eu sou um ou o outro. Isso nunca foi algo que me ocupou. Você tem que saber lidar com isso (Nori).

Quando a gente chegou aqui (Japão) no início...se a gente perguntava alguma coisa para o japonês... os caras ficavam assim olhando pra gente... desconfiado, porque eles estranhavam e pensavam que a gente estava tirando sarro da cara deles... porque a gente tem cara de japonês... daí às vezes é até melhor nem perguntar... agora...já é mais diferente porque o pessoal já está

mais acostumado e não estranha mais assim quando a gente pergunta ou diz que não entendeu (Kazuaki).

Pode se dizer que isso é uma “caracterização temporária” e que é feita antes mesmo de se ter um contato com a pessoa em questão. Segundo Goffman (1963) a identidade real é baseada nas características que uma pessoa realmente tem de fato, a qual pode ser vista de uma maneira objetiva. Baumann (1999: 137) defende a ideia de que se deve substituir o conceito de identidade pelo termo identificação. Dessa maneira, Baumann acredita que se conseguiria liberar o conceito estático da “identidade”. Hall citado em Vermeulen (2001: 18) também defende a ideia de que esse conceito seria melhor. Vermeulen (2001: 18-19) escreve que identidade não trata apenas de grupos homogêneos, que se diferenciam do “mundo de fora” através da categorização “nós/eles”. Trata também da construção do “outro” e o processo de inclusão e exclusão que assim tem origem. Ao mesmo tempo o “próprio grupo” com o qual se identifica não precisa ser homogêneo. A definição do que é “próprio” é baseado num resultado temporário, que é fundamentado nos processos pelo qual se passa, e que dão significado a esta definição. Esse processo está permanentemente sujeito a mudanças e sendo assim, posto em dúvida. Para Ghorashi (2003: 8) a natureza da formação do processo da identidade pode ser relacional, construtivista e múltipla. Seres humanos possuem várias identidades, tais como: religiosa, política, cultural e étnica. Ghorashi (2003) defende o fato de as diferentes identidades estarem interligadas umas às outras. Baumann (1999: 86-87) afirma que conforme as circunstâncias, pode ser que uma identidade seja mais enfatizada que a outra. Essa mesma interpretação também é abordada por Lévi-Strauss (1977: 339) na sua obra *La identidade*. Para Lévi-Strauss o indivíduo possui múltiplas identidades, e de acordo com o contexto e relação, pode-se variar a identidade da pessoa que identifica e da outra que é identificada. A identidade é construída através da referência. Por essa razão é importante procurar examinar como essa construção toma forma nas fronteiras dos contatos sociais (Levi-Strauss, 1977: 339).

Tomando uma posição em torno do conceito da identidade, Oliven (1992: 26), na sua obra “*A Parte e o Todo*”, apoia-se na teoria engendrada por Lévi-Strauss sobre esse conceito, exprimindo assim a sua percepção de identidade como ponto de orientação:

Identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção. Nesse sentido, Lévi-Strauss afirma que a identidade é algo abstrato, sem existência real, mas indispensável como ponto de referência.

O conceito “identidade” é estabelecido de acordo com a percepção de como uma pessoa é definida em relação ao seu meio social (Verkuyten 1992: 21). Esta relação com o meio social, com tudo o que é “diferente” e é “de fora”, é segundo Vermeulen (2001: 17-18) essencial para a construção de qualquer identidade. Desse modo, Vermeulen afirma que identidade é formada através das relações e do confronto daquilo que *não* se é (2001: 16).

Tsuda (2003c: 9) conceitua a identidade no seu trabalho da seguinte forma:

identity refers to a conscious awareness of who one is in the world based on association with certain sociocultural characteristics or membership in social groups. The individual's identity consists of two components: the self and the social identity. The self (or self-identity) is the aspect of identity that is experienced and developed internally through the individual's own subjective perceptions and experiences of the social environment. However, an identity is also externally defined by others in accordance with standardized cultural norms and social roles, which can be called the individual's social identity.

Analisando todos esses discursos resume-se que a identidade é um processo baseado na construção da interação social, influenciando a percepção tanto interna quanto externa do indivíduo em questão. A identidade é nesse caso um processo baseado na relação social e construído através das diferenças. Então, a identidade é algo mutável, individual, negociável e composto por diferentes elementos, uma vez que se possui uma bagagem cultural. Assim o foco dessa análise é através da corrente construtivista.

Buscando um paradigma novo, questiono o conceito desenvolvido por Radtke (2010: 54) por tomar distância de padrões antigos sobre a identidade.

‘Identity’ answers to the spiritual and social need to see a certain degree of consistency in one’s actions and thinking. Decisionmaking involves the expression of preferences among a number of alternatives. Once actions are taken individuals strive to construct some level of consistency with past actions, even if the original rationale underlying past decisionmaking is self-contradictory. The manner in which consistency is constructed is the core of individual and/or group identity. Discourse is therefore an important tool, but it does not shape identity by itself. ‘Nationalism’ as particular form of group identity can therefore only be understood as a complex process, rather than an interaction among static identities.

Esse conceito sobre identidade mostra a relação entre os vários elementos do discurso que envolvem tanto o contexto social quanto o discurso de como o próprio indivíduo busca construir através de suas ações e pensamentos a consistência da sua própria identidade, para si e para a sociedade. Essa definição é simples e ampla, e oferece na dinâmica atual uma dimensão explicativa sobre identidade. Ainda que siga como ponto de orientação esse conceito desenvolvido por Radtke (2010: 54) interpreto as alternativas como sendo os

diferentes elementos inseridos na identidade de uma pessoa, os quais são realçados ou vêm à tona de acordo com o contexto social. Na prática desta pesquisa defino esses elementos como sendo a “bagagem cultural”. Parto do princípio de que a construção da identidade é uma entidade estratégica. Ou seja, de acordo com o contexto a identidade pode variar, dependendo da preferência das alternativas, limitadas aos elementos do passado histórico e cultural, que compõem a própria identidade do indivíduo. É dentro desse contexto que se necessita no cenário atual uma reavaliação que incorpore também essas novas dimensões dinâmicas. Assim, defino aqui a identidade como sendo uma entidade, que pode ser constituída por elementos culturais diferentes, quando não se restringem a um passado histórico-cultural, a uma origem fixa e única. São justamente essas peculiaridades culturais, que definem também a identidade do ser humano.

1.4.1 A identidade cultural ou identidade

Há, porém, outras definições acadêmicas quando se trata das peculiaridades culturais da identidade. Em outros termos, examina-se nos debates acadêmicos se é clara a diferença do uso entre identidade cultural e identidade.

É nos anos 80 e 90 que o conceito da identidade cultural passou a receber mais atenção entre os acadêmicos (Sevänen, 2004: 35). A maior parte dos estudiosos passaram a abordar a “identidade” e a “identidade cultural”, sobretudo, através da corrente construtivista (Sevänen, 2004: 46). Ora, pode-se então perguntar qual é a diferença entre esses dois fenômenos? Todavia, é exatamente aí que está a dificuldade no desenvolvimento e esclarecimento desse debate. Sevänen (2004: 7), explica: “... the concepts of personal and cultural identity remain rather vague. Because personal and cultural identities are sociocultural phenomena, the difference between them is difficult to define.” Ora, nesse sentido a pergunta é se devemos tratar identidade e identidade cultural com dois conceitos diferentes? Assim:

even outside the factory, many of them remain culturally visible as foreigners because their distinctively different manner of speaking, dressing, gesturing and even walking. In addition, since a majority of the nikkeijin immigrants cannot speak Japanese effectively, language is obviously a significant cultural barrier to social interaction. At Toyama factory, many Japanese workers did not even attempt to speak with their nikkeijin co-workers because they were afraid of their inability to communicate. It was also quite apparent at times that the ethnic marginalization of Japanese-Brazilians on the basis of cultural difference was also motivated by ethnic prejudice (Tsuda, 2009: 212).

Essas diferenças culturais não seriam os elementos, que compõem o que se denomina como identidade? Aliás, mesmo que se trate de conterrâneos há, porém, que se enfatizar que a cultura que define a identidade de qualquer migrante também depende do contexto sociocultural que tiveram no país de emissão, ou das condições em que vieram quando migraram ou para onde migraram.²⁴

Por sua vez Hall (1990: 223) argumenta no seu artigo “Cultural Identity and Diaspora” que se sobressaem duas maneiras de se construir a identidade cultural. No primeiro discurso Hall baseia-se nos códigos culturais e no passado histórico e ancestral que um determinado grupo de pessoas compartilha entre si, onde se tem um quadro de referência comum, contínuo e fixo (Hall, 1990: 223). No segundo discurso Hall (1990: 225) explica uma outra percepção de como a identidade cultural se constrói ao interpretar que a história intervém *no que somos*. Para Hall a identidade cultural é tanto uma questão de “ser” quanto de “se tornar”, devido à construção de a identidade cultural ser originada de alguma parte, de alguma história, que está sempre em transformação contínua. Ilustra nesse segundo discurso a experiência traumática de uma cultura imposta aos africanos na época colonial com a escravatura. Assim, Hall defende que a identidade cultural não é algo imutável, de origem fixa. Pelo contrário, a identidade cultural representa um ponto de identificação, o qual é mutável, por que se constrói dentro do discurso da história e da cultura, que estão constantemente sujeitas as transformações, que intervêm no que somos e no que nos tornamos.

Por sua vez, Cohen (1993: 207) interpreta no seu artigo “Culture as Identity: An Anthropologist’s View” que não se pode tratar a cultura das pessoas como sendo “a cultura”, ou seja, como algo monolítico, determinando o comportamento do ser humano. Se esse aspecto ou propriedade da cultura for verdadeiro, a sua influência no comportamento do ser humano seria maior do que a identidade, nos equipando de um uniforme. Logo, se a cultura não é monolítica, e não é também um uniforme, isso implicaria em dizer que dentro de uma minoria étnica, existem também diferentes tipos de identidades culturais. Esse último aspecto da interpretação de Cohen é abordado amplamente no corpo deste livro ao se analisar os quadros das famílias de informantes da pesquisa empírica. Assim, ilustro as diferenças culturais, levando em consideração, também, que existem aspectos comuns que os unem culturalmente, independente do lugar em que vivem.

²⁴ Este quadro é detalhadamente ilustrado na parte do estudo de casos das diferentes famílias nos capítulos 3 e 4 deste livro.

Ronald Jackson (1999: 10) aborda no seu artigo “Exploring the Need to Be” a questão de se querer pertencer, ou fazer parte de uma comunidade cultural, reafirmando, assim, a identidade cultural que se tem como indivíduo.

Cultural Identity as the sense of belonging to a cultural community that reaffirms self or personhood for the individual and is created by: other people, their interactions, and the context in which they relate. Cultural identity is comprised of values, mores, meanings, customs and beliefs used to relate to the world, it continually define what it was, what it is, and what is becoming. (Jackson, 1999: 14).

Desse modo, nessa perspectiva analítica é interessante reter que existem costumes, valores, e crenças comuns nas identidades culturais, que unem diferentes indivíduos provenientes de um determinado país em um outro espaço geográfico e de tempo. Através dessa definição Ronald Jackson debate como cultura é importante na reafirmação da identidade. As práticas culturais convergem as diferentes identidades através da reafirmação dos elementos culturais comuns existentes entre os indivíduos. No entanto, Amartya Sen (2006: XIV) argumenta no seu livro *Identity and Violence: The Illusion of Destiny* que se deve compreender o discurso de que o ser humano tem uma pluralidade de identidades que possuem afiliações distintas, e que interagimos de maneiras diferentes uns com os outros. Para Sen (2006: xv) a violência no mundo reflete a ignorância que se tem desse aspecto. “... in fact, a major source of potential conflict in the contemporary world is the presumption that people can be uniquely categorized based on religion or culture” (Amartya Sen, 2006: xv).

Tentar definir identidade através da identidade cultural ou da identidade religiosa, significa omitir a existência dos outros componentes que formam e que interagem na construção da identidade do ser humano. Essa abordagem reflete exatamente o meu posicionamento nesta pesquisa. Acrescento que não se pode omitir que a identidade é composta por elementos diferentes, que não devem ser divididos em parcialidades. Para Sevänen (2004: 7) é justamente esse aspecto que mostra o obstáculo acadêmico em se diferenciar os conceitos de identidade e identidade cultural, dado que não se pode separar um conceito do outro. Isso porque a identidade cultural é um elemento na composição da identidade de um indivíduo. Essa mesma abordagem é ressaltada por Sen (2006) ao explicar que não se deve categorizar identidade baseando-se apenas na cultura, como se se pudesse separar uma da outra.

Exatamente por seguir a corrente construtivista, considero a identidade como uma entidade em contínua construção, composta por diferentes elementos. A identidade cultural

representa assim os elementos ou a *bagagem cultural*, que define e constrói a identidade do indivíduo em questão, e que não pode ser vista como algo diferente da identidade. Entende-se aqui, que a bagagem cultural não é estática e é sem dúvida um elemento na construção de qualquer identidade. Por essa razão tomo distância na minha abordagem do termo identidade cultural. Nesse sentido utiliza-se neste livro apenas o termo identidade.

Capítulo 2

A migração japonesa para e no Brasil

O presente capítulo insere uma análise histórica das diferentes fases da migração japonesa para o Brasil, e do seu processo de integração e assimilação. Fases históricas que são marcadas e caracterizadas pela influência e repercussão das mudanças nas políticas de governo desses dois países.

É dentro desses cenários heterogêneos, marcados por transições e transformações, que se investiga como os imigrantes japoneses e seus descendentes buscaram um espaço dentro da sociedade brasileira. Busca-se assim os contextos que interagiram na construção da identidade dos descendentes dos imigrantes japoneses no Brasil. Essa análise é imprescindível neste estudo dado que, apesar de os descendentes de japoneses terem assimilado a cultura brasileira e integrado no Brasil, compreende-se que ainda assim eles continuam mantendo a associação e os vínculos com a identidade japonesa. Vínculos com a identidade dos ancestrais que servem de base para o fenômeno migratório do “retorno”. É dentro dessa abordagem que se tem a avaliação das medidas, que causam a construção do paradoxo desse fenômeno migratório.

Os resultados deste capítulo mostram o delineamento desse processo político, econômico e sociocultural que forma o eixo de reflexão no paradoxo da construção da identidade dos nipo-brasileiros no Brasil e no Japão.

2.1 A migração japonesa

Parte do debate do estudo da migração de retorno se reflete na passagem histórica da migração japonesa para o além-mar, que é proporcionada a partir da reforma *Meiji* em 1868. Através dessa reforma o sistema hereditário de formas de poder e controle do Japão passam por mudanças drásticas (Totman, 1983: 57) determinando o fim do sistema feudal. A revogação do xogunato de Tokugawa (*bakufu*) leva ao desaparecimento do sistema baseado nos samurais e nas formas de controle exercidas pelos *daimyo* ou domínios (*han*), que regem no Japão de norte a sul (Jansen, 2000: 49), surgindo assim uma nova forma unificada de política de governo (Totman, 1983: 57; Hashimoto 1995: 48-66), a qual não ocorre simultaneamente em todas as partes no Japão (Hane, 1983: 29). Entretanto, é a Reforma *Meiji*

(1868) que propicia a emigração internacional do Japão através da legalização do processo migratório (Roth, 2002: 20).

Essa migração passa a ser incentivada no Japão como uma das soluções aos problemas de natureza socioeconômicas que regiam no Japão, principalmente nas zonas rurais nessa época (Tajiri e Yamashiro, 1992: 28-31). As motivações em torno do movimento emigratório são associadas à falta de oportunidade de trabalho no país, tendo como resultado o excedente número de desempregados. Segundo Tsukamoto (1973: 18) o maior contingente de migrantes era formado pelos trabalhadores excedentes das zonas rurais, que possuíam pouca perspectiva de trabalho e de bem-estar nos seus locais de origem.

Nakane (1967) analisa na sua obra *Kinship and Economic Organization in Japan* o movimento migratório tanto nacional quanto internacional e constata que a maior parte dos migrantes que deixaram as zonas rurais eram os segundos ou terceiros filhos das famílias japonesas, uma vez que apenas o filho primogênito herda as terras dos pais. Segundo Saito (1961: 66) outras possibilidades de se ter uma perspectiva melhor de vida fora da zona rural eram através do magistério, da carreira militar, do funcionalismo e da emigração além-mar. Contudo, essas interpretações não consideram motivos pessoais, estendendo assim uma explicação generalizada sobre a motivação em torno da emigração.

A partir da reforma *Meiji* muitos japoneses passam a migrar para a ilha de Guam, Havaí, e Califórnia nos Estados Unidos em busca de trabalho (Roth, 2002: 20). Logo após, para o Canadá, Peru e posteriormente para o Brasil, enquanto, muitos outros japoneses passaram a migrar na época para as colônias japonesas na Ásia, ou seja, Coreia (1910), Taiwan e por último Manchúria (1934). A diferença é que os migrantes que foram recrutados para as colônias da Ásia migraram com o intuito de defesa e controle dos territórios conquistados pelo Império Japonês, enquanto os das Américas foram como trabalhadores contratados para suprir a demanda da mão de obra no mercado em desenvolvimento, cujo o objetivo era o enriquecimento (Tsukamoto, 1973: 18; Staniford, 1973: 38-39). Um outro ponto com relação à diferença desses movimentos migratórios se constata com o final da segunda Guerra Mundial, quando a maior parte dos imigrantes das colônias na Ásia do Império Japonês foram repatriados, o que não ocorre nas Américas, nos países receptores dos imigrantes japoneses (Roth, 2002: 21).

Na época constata-se que algumas autoridades japonesas passaram a estimular a emigração dos japoneses rurais, principalmente dos empobrecidos e desempregados, que

possuíam conhecimento de técnicas de horticulturas para irem trabalhar sob contrato no alémmar para juntar dinheiro e retornar ao Japão (Staniford, 1973: 42). Ademais, foram incluídos os migrantes que não eram os sucessores das famílias, e que buscavam melhores perspectivas de vida através da migração internacional (Staniford, 1973: 42). Segundo Ono (1973: 130) esse estímulo em torno desses emigrantes levou à conotação negativa e interpretação limitada em torno do movimento emigratório.

A motivação dos migrantes que partiram para as Américas era o de uma migração temporária, cuja base era o sonho do retorno e do sucesso (Tsukamoto, 1973: 18-19), como em muitos casos de migração temporária.

Com o decorrer do tempo a migração japonesa para os Estados Unidos, o Havaí a partir de 1900, passou a ser em larga escala. Além disso, os japoneses passaram a ser competidores no mercado americano, desencadeando a reação negativa dos americanos brancos perante a presença dos “quistos” de asiáticos (Staniford, 1973: 41). Esse quadro foi agravado com o crescimento e sucesso do Japão na Ásia, com as colônias do Império Japonês, passando a ser visto como o “perigo amarelo” (Tajiri e Yamashiro, 1992: 35). Esse contexto resulta no contrato *Gentlemen’s Agreement* em 1907, no qual se proibia a entrada de novos imigrantes japoneses nos Estados Unidos (Nogueira, 1973: 33) e Havaí, apesar de se compreender que essa migração se estende até 1924 através da chamada *pictures brides* (Cardoso, 1995: 154). Ao todo, é com o Ato da Imigração de Quotas em 1924, que as portas dos Estados Unidos, e Havaí, são definitivamente fechadas para a migração japonesa. Ao mesmo tempo torna-se evidente a busca de outras alternativas para a emigração japonesa.

2.2 O Brasil e o discurso sobre as migrações

No discurso do quadro das migrações entre o século XIX e XX no Brasil rege a ideologia do embranquecimento da elite na política brasileira, dando preferência à migração europeia (Skidmore, 2010: 82-83). Parte significativa dessa meta se reflete na discussão em torno da introdução da imigração chinesa como possibilidade para se substituir o trabalho escravo após a abolição da escravatura (Nogueira, 1992: 43). Dois argumentos centrais emergiram indo contra essa migração: o primeiro refere-se ao medo da concorrência econômica, e o segundo, ao medo de uma mistura étnica (Lesser, 1999: 25).

Na época ser “branco” favorecia a questão de inclusão da “raça” brasileira (Skidmore, 2010: 83). Entretanto, a configuração ou a definição do que representa ser “branco” não era

algo nítido e fixo, e tal complexidade é constatada durante as mudanças que ocorreram desde a metade do século XIX e XX. De acordo com Lesser (1999: 33):

Taunay's anti-Chinese discourse contained two components that would soon become official Brazilian social policy. The first was a ban on all Chinese entry, codified in 1890 as a prohibition on the entry of all Asians and Africans without congressional approval. The second posited that immigrants need not speak Portuguese or follow Brazilian religious norms to be useful to development. Of course Taunay had Germans, not Chinese in mind, but such policies would create spaces, however unintended, for other non-European groups (like Arabs and Japanese).

Essas medidas dão a entender que as restrições feitas para a migração chinesa e africana proporcionaram indiretamente o início da história da migração dos japoneses e dos sírio-libaneses para o Brasil.

2.3 O início da migração japonesa

No início do século XX a economia do Brasil emergia novamente, após ter enfrentado o problema da crise do café, resolvida através da política de “valorização” de 1906 do governo brasileiro. Após essa resolução, as lavouras cafeeiras, que eram a base da economia brasileira na época, voltaram a ser expandidas no oeste paulista, gerando uma grande demanda de trabalhadores (Suzuki, 1969: 13). Outro aspecto importante nessa época é que a migração europeia para o Brasil baixava drasticamente (Skidmore, 2010: 83). Além disso, a mobilidade dos imigrantes europeus e a instabilidade da mão de obra tornaram-se um problema para os fazendeiros das lavouras cafeeiras no Brasil (Nogueira, 1973: 59). Por essa razão os fazendeiros produtores de café colocaram o governo brasileiro na época sob pressão, levando-o a buscar outras soluções (*ibid.*). Após um período de restrição o governo brasileiro resolve formalizar e legalizar a migração japonesa para o Brasil, promovida pelo governo japonês como sendo os “brancos” da Ásia (Lesser, 2003: 5; Skidmore, 2010: 83).

Estabelece-se que os japoneses poderiam migrar para o Brasil como imigrantes de caráter temporário. Além disso, seriam subsidiados pelo governo do Estado de São Paulo com as seguintes condições de imigração: a) deveriam ser agricultores, b) formar uma família composta por um mínimo de 3 pessoas e c) em condições de trabalho (Saito, 1961:63-68). A segunda condição mencionada acima é o que distingue a migração japonesa que foi para o Brasil das outras que foram para o Haváí, Canadá, Estados Unidos e Peru, nas quais prevalecia a migração de homens adultos, sós (Cardoso, 1995: 152).

Em 18 de junho de 1908 a imigração japonesa no Brasil torna-se um fato com a chegada do navio japonês *Kasato Maru*,²⁵ que atraca no porto de Santos com a primeira leva de 781 imigrantes japoneses sob contrato (Maeyama, 1996: 177; Roth, 2002: 21).

Convém notar que a migração japonesa não era a única na época. Ilustra-se na tabela a seguir os outros principais grupos de imigrantes, desde o final do século XIX.

Tabela 1: Imigrantes que entraram no Brasil de 1880-1969.²⁶

Nacionalidade Período	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses	Migrantes do Oriente Médio	Outros
1880-1889	104,690	277,124	30,066	18,901	-	-	17,841
1890-1899	219,353	690,365	164,293	17,084	-	4,215	103,017
1900-1909	195,586	221,394	113,232	13,848	861	26,846	50,640
1910-1919	318,481	138,168	181,651	25,902	27,432	38,407	85,412
1920-1929	301,915	106,835	81,931	75,801	58,284	40,695	181,186
1930-1939	102,743	22,170	12,746	27,497	99,222	5,549	62,841
1940-1949	45,604	15,819	4,702	6,807	2,828	3,351	34,974
1950-1959	241,579	91,931	94,693	16,643	33,593	16,996	87,633
1960-1969	74,129	12,414	28,397	5,659	25,092	4,405	47,491
Total	1,604,080	1,576,220	711,711	208,142	247,312	140,464	671,035
	31%	30%	14%	4%	5%	3%	13%

Fonte: Brazil (sic) Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Tesouro Nacional, Ministério da Fazenda, Quadros estatísticos, resumo anual de estatísticas econômicas, 1932-1939 (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941), pp. 80-82; Brazil, "Discriminação por nacionalidade dos imigrantes entrando no Brasil no período de 1884-1939," *Revista de Imigração e Colonização* 1, no. 3 (July 1940): 617-642; Armin K. Ludwig, *Brazil: A Handbook of Historical Statistics* (Boston: G.K. Hall, 1985), pp.104-106; Maria Stella Ferreira Levy, "O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972)," *Revista Saúde Pública* sup. 8 (1974): 71-73 (apud, Lesser, 1999: 8).

²⁵ Handa (1980: 4) esclarece na sua biografia, que o total de imigrantes no navio *Kasato Maru* era de 800 pessoas, distinguindo e citando que o total de 781 imigrantes correspondia ao número oficial de pessoas que entraram no Brasil *sob contrato*, excluindo assim os outros 19 passageiros.

²⁶ Nota: Segundo essa nota de Lesser, a categoria dos migrantes do Oriente Médio compreende diversas nacionalidades. Até 1903 os migrantes oficiais, segundo os dados, eram os turcos e os sírios. Em 1908 são adicionados os egípcios e marroquinos. Em seguida, os algerianos, armênios, iraquianos, palestinos e persas. Em 1926 a categoria libanesa foi acrescentada, e logo após, ocorre um declínio do número de pessoas que entravam como turcos. Em 1954 acrescenta-se as categorias dos iranianos, israelitas, jordanianos e turco-árabes (Lesser, 1999: 8).

2.3.1 A fase experimental da imigração japonesa de 1908 a 1924

Os colonos japoneses que migraram para o Brasil formavam as chamadas famílias “compostas”, as quais restringiam ao mínimo a porcentagem de velhos, mulheres e crianças (Saito, 1961: 65).

Essa formação artificial era característica dos primeiros contingentes de imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil como colonos nas fazendas de café com as passagens pagas pelo governo brasileiro, caracterizando essa fase de 1908 a 1924 como experimental (Saito, 1961: 39-40).

Nessa época os japoneses contratados como colonos foram confrontados com diversos tipos de problemas. Resumindo, pode-se nomear os confrontos com as outras nacionalidades, como alemães e italianos, com os quais foram inseridos nas fazendas de café, gerando problemas com relação às diferenças de idiomas e costumes de que não tinham conhecimento (Ono, 1973: 133-134). Outros problemas eram o mal tratamento dentro das fazendas, o qual era característico de uma economia com resquícios de uma base escravocrata, assim como a má qualidade de vida que eles tinham como migrantes nas fazendas de café (Tsukamoto, 1973: 18-19). Acrescenta-se nesse quadro os problemas dos salários baixos, principalmente ao se comparar com os salários dos migrantes que foram para o Canadá e para os Estados Unidos, mostrando que o objetivo de enriquecimento rápido no Brasil era inviável para esses japoneses (Tsukamoto, 1973: 19).

Com o passar do tempo, muitos dos imigrantes das primeiras levas conseguiram ascender de status, por meio de parceria com fazendeiros, e mais tarde como empreiteiros, tornando-se finalmente, após anos de experiência, proprietários de cafezais, independentes. Dentro dessa diversidade de imigrantes japoneses, uma outra parte se dirigiu para outras lavouras de culturas anuais, em terras arrendadas, ou mesmo, adquiriram pequenos lotes de terras nas vizinhanças de São Paulo a fim de trabalharem com a horticultura (Saito e Maeyama, 1973: 134-135).

Tabela 2: Número de imigrantes japoneses que entraram no Brasil de 1908-1920.²⁷

Ano	Famílias	Total de Imigrantes Japoneses
1908	168	779
1909	-	-
1910	247	909
1911	-	-
1912	724	2,852
1913	1,775	6,946
1914	820	3,497
1915	-	-
1916	-	-
1917	1,069	4,048
1918	1,547	5,903
1919	614	3,675
1920	183	971

Fonte: Dados baseados em Hiroshi Saito, *O Japonês no Brasil* (1961: 30-32).

Costata-se nas fontes diferenças existentes com relação aos registros mantidos pelas empresas japonesas de emigração, e pelo departamento de Imigração do Brasil. As diferenças são com relação aos migrantes japoneses que entraram no Brasil entre os anos de 1921 e 1924. Conforme se verifica na tabela 3:

Tabela 3: Imigrantes japoneses que entraram no Brasil (1921-1924).

Ano	Total Imigrantes segundo as empresas de emigração *	Segundo o Departamento de Imigração. Ministério do trabalho, Comércio e Indústria do Brasil **
1921	923	840
1922	528	1,225
1923	516	895
1924	4,985	2,673

Fonte: Dados baseados em *Uma Epopéia Moderna* (1992: 138).²⁸

²⁷ Os dados de Saito com o total de famílias compostas e de imigrantes se restringem aos anos de 1908 a 1920.

²⁸ Na tabela 3 lê-se na coluna esquerda e direita diferenças nos totais, com relação à entrada de imigrantes no Brasil. Segundo a primeira fonte proveniente das companhias de emigração japonesas (*), o número de imigrantes refere-se apenas aos imigrantes que entraram pelo porto de Santos, enquanto a segunda fonte do Departamento de Imigração (***) inclui os imigrantes que entraram pelo porto de Santos, Rio de Janeiro e outros.

Durante essa fase da migração japonesa, o governo brasileiro suspende o subsídio do governo do Estado de São Paulo por preferir a migração europeia. Como resultado dessa política, a imigração japonesa, que em 1913 chegou a 7.000 imigrantes, baixou nos anos de 1915 e 1916 para quase nada (Suzuki, 1969: 17). Todavia, em 1917 devido à diminuição de colonos europeus em consequência da I Guerra Mundial e pelo fato de a política migratória dos países europeus dificultar a emigração, constata-se que o governo do Estado de São Paulo visa novamente à migração japonesa. Essa nova concessão tinha um prazo determinado de 4 anos. Em virtude dessa concessão foi fundada pelo governo japonês a companhia *Kaigai Kōgyō Kabushiki Kaisha* (sigla K.K.K.K.) em 1918 (Lesser, 2000: 94). Em português a K.K.K.K foi traduzida com o nome de *Companhia Ultramarina de Empreendimentos S/A* (Aoki e Lima, 2011: 130). Na época a K.K.K.K. passou a cadastrar, regularizar e auxiliar os imigrantes que migravam para o Brasil (Aoki e Lima, 2011: 130). Segundo Saito (1961: 32) esse foi o primeiro passo de valor nacional do governo japonês para monopolizar os serviços em torno da emigração para o Brasil.

Entretanto, com o fim da I Guerra Mundial, começaram a chegar novamente imigrantes europeus interessados em trabalhar como colonos nas fazendas de café, suprindo assim a demanda da mão de obra. Novamente, o governo de São Paulo prefere a migração europeia em vez da japonesa, perdendo assim, o interesse em renovar e estender o contrato com o Japão em 1920. Segundo as entidades do governo de São Paulo, essa decisão foi baseada na interpretação de que os japoneses no Brasil não eram propícios como colonos por terem muitas dificuldades para se adaptar ao país (Saito, 1961: 32). Assim, constata-se duas situações distintas, porém paralelas. Se, por um lado, esta era a justificação dada pelo governo, por outro lado compreendia-se que a imigração japonesa no Brasil passava a se tornar visível, acarretando consigo a campanha anti-nipônica. A exposição dessa repercussão negativa passa a ser refletida pelos jornais da época (Lesser, 1999: 100-101).

Ao mesmo tempo, no Japão o governo japonês incentivava a migração para o Brasil, através de notícias nos jornais, propagandas e auxílio financeiro para os japoneses, que decidissem migrar para esse país (Lesser, 2000: 96-98).

Em 1925, após a definitiva suspensão da concessão de subsídios por parte do governo do Estado de São Paulo, o governo japonês é que passa a adotar medidas compensadoras a fim de proporcionar a emigração para o Brasil (Saito, 1961: 33). Exatamente essa mudança de

política de patrocínio é que caracteriza o que se interpreta como sendo o início da segunda fase da migração japonesa para o Brasil.

2.4 A imigração japonesa no período da segunda fase de 1926 a 1941

A história da migração japonesa no Brasil foi dividida em fases. O ponto de referência entre as duas primeiras fases foi feito através da mudança de patrocínio, que primeiramente foi realizado com o financiamento do governo do Estado de São Paulo e que em 1925 passa a ser totalmente financiado com o capital japonês. Logo, em 1925 inicia-se a segunda fase da migração japonesa no Brasil.

Esse segundo período se estende por 15 anos (1926-1941) e corresponde à fase em que a maior cifra de imigrantes japoneses entrou no Brasil durante toda a história da migração japonesa.

Tabela 4: A emigração japonesa, segundo os principais destinos (1885-1955).

Destinos Períodos	Países Latino-americanos (exceto o Brasil)	Havai E.E.U.U. Canadá	Ilhas do Pacífico	Brasil
1885-90	16,815			
1891-95	20,429			
1896-1900	60,268	1,314	791	
1901-05	34,292	7,658	3,495	
1906-10	52,965	3,515	14,738	1,714
1911-15	16,624	8,484	5,161	13,371
1916-20	19,911	12,713	8,656	13,576
1921-25	14,072	5,936	3,691	11,350
1926-30	5,311	20,400	10,429	59,564
1931-35	1,022	12,860	4,424	72,661
1936-40		14,776	3,491	15,473
1941-45		520	294	1,277
1946-50			-	-
1951-55			987	7,751
Total	241,709	88,176	56,157	196,737

Fonte: Dados Estatísticos do Ministério de Relações Exteriores do Japão (Saito, 1961: 23).

Segundo os dados do Ministério de Relações Exteriores do Japão migraram para o Brasil 148.975 imigrantes japoneses a partir de 1925, sendo que esse número corresponde a mais de 75% do total de japoneses imigrados durante o primeiro período (Saito 1961: 34).

A imigração japonesa a partir de 1924 mostra um crescimento constante, uma vez que o governo japonês não media esforços no seu programa de política interna e externa para promover, moldar e organizar o movimento migratório.

A partir de 1926 a imigração japonesa no Brasil segue uma linha de ascensão vertiginosa, atingindo o seu ápice nos anos de 1933 e 34 (Suzuki, 1964: 224). Ironicamente, é exatamente no ano de 1934 que o governo de Getúlio Vargas estabelece a execução do regime de quotas, no qual fica subentendido que essa medida visava principalmente a restrição da imigração japonesa (Tigner, 1981: 471). Entende-se, porém, que é em 1941 que as portas para a migração japonesa no Brasil são fechadas. Um fato que coincide com o início da II Guerra Mundial.

2.4.1 A formação das colônias japonesas no Brasil

Em contraste com a migração japonesa para o Havaí, Estados Unidos e Peru, países que permitiam a entrada individual de imigrantes, o Brasil por sua vez exigia como condição de imigração um total mínimo de três pessoas, constituindo uma “família”, cujos membros estivessem aptos a trabalhar (Maeyama, 1979: 591, Cardoso, 1995: 152). Para poderem migrar para o Brasil foram formadas “famílias compostas”, de natureza artificial, através da adoção de membros de outras famílias ou parentes (Nogueira, 1973:66). No contrato com o Peru, estabeleceu-se a migração de homens entre 20 e 45 anos aptos a trabalhar pesado nas lavouras de cana-de-açúcar, restringindo assim ao mínimo a migração de mulheres japonesas (Cardoso, 1995: 154). Tal cenário se constata também na migração japonesa para o Havaí, Canadá e Estados Unidos.

Essa imposição do governo brasileiro perante os imigrantes japoneses era proveniente das experiências da política de imigração no Brasil, a qual via na migração individual um problema. Isso porque os imigrantes, geralmente, não permaneciam por muito tempo como colonos nas fazendas de café. Por essa razão, o governo de São Paulo impõe a condição das “famílias compostas” para a migração japonesa. Uma vez no Brasil, num outro ambiente cultural, os imigrantes japoneses inseridos nas fazendas de café são confrontados com as diferenças de se viver e trabalhar em um outro país, com outras nacionalidades (Handa, 1987).

Tal contexto reforça a percepção étnica da identidade japonesa (Maeyama, 1979: 592). Segundo a análise de Maeyama (1979: 593-594), apesar da formação das “famílias compostas” ser de natureza fictícia, elas eram geralmente solidárias, criando assim uma base na estrutura étnica, a qual se refletiu também na formação de colônias. Isso porque o fator étnico passou a ser empregado para se aceitar ou recusar novas pessoas dentro da colônia, as quais eram classificadas em duas categorias: *nipponjin* (Japoneses) e *gaijin* (todos os outros/estrangeiros).

É imprescindível compreender que a formação de colônias formadas por grupos étnicos no Brasil em determinadas áreas geográficas não é um fenômeno constatado apenas entre os japoneses. Pelo contrário, existem também os núcleos étnicos de alemães, italianos e poloneses no sul do Brasil desde o século XIX (Kreutz, 2000: 159-161).

a localização de imigrantes de uma mesma origem nacional em áreas circunscritas facilitou uma organização comunitária étnica e a manutenção do uso cotidiano da língua materna. Por outro lado, a relativa ausência do Estado no âmbito assistencial especialmente no período sob administração colonial, levou os colonos à formação de associações de auxílio - mútuo e a criação de escolas elementares - que depois teriam papel importante na especificação de peculiaridades étnicas. (Seyferth, 2000:148).

Esses núcleos étnicos de alemães, italianos e poloneses são o resultado da política econômica de povoamento do Estado adotada no Brasil de 1824 a 1930, a qual foi utilizada para suprir o mercado laboral (Seyferth, 2000: 147). Aliás, é a ausência do Estado em auxiliá-los, quando foram direcionados para as áreas de terras públicas, que os levou a se unirem em busca de soluções para os problemas comuns, dando assim respaldo à formação das identidades étnicas desses grupos no Brasil (*ibid.*).

No caso dos japoneses a formação de colônias é um fenômeno mais recente, uma vez que a migração japonesa ocorre a partir do século XX. Logo, o entendimento do processo de formação das colônias ou do “enquistamento étnico” dos japoneses (Geraldo, 2009: 178) é importante para se compreender a história da imigração japonesa no Brasil. Trata-se da formação espontânea de colônias, através da qual os imigrantes de uma nação se unem numa mesma área e adquirem terras, formando um núcleo ou uma colônia. Um segundo tipo é proveniente de projetos com metas de desenvolvimento. Esse foi o caso da formação de colônias provenientes da venda de lotes de grandes extensões de terra, no interior de São Paulo e norte do estado de Paraná. Um outro tipo de formação foi através do capital privado japonês, realizado com o apoio do governo japonês (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 85-88).

Dentro desse contexto sobressai-se a criação da *Burajiru Takushoku Kumiai*, traduzida em português como Companhia Colonizadora do Brasil, ou seja, BRATAC no Brasil (Adachi, 2001: 163).

Among the Japanese villages in Brazil, the Japanese government and various emigrant associations organized the ‘Brazil –Takushoku-Kumiai (Brazil Colonial Association)’ or BRATAC for short. BRATAC set up almost everything the immigrants needed in the new social, political, and economic environments. For instance, BRATAC established banks, rice-cleaning, mills, coffee-selection mills, hospitals, a pharmacy, and a school for the villagers.

Além disso criou-se através da BRATAC um sistema, através do qual a companhia adquiriu quantidades enormes de terras em São Paulo e Paraná, loteando-as entre os emigrantes japoneses, que antes de migrarem para o Brasil já faziam o pagamento inicial da passagem e de uma porção de terra no país, chegando ao Brasil como proprietários nas colônias (Saito, 1961: 35; Lesser, 1999: 101).

É a política expansionista do Japão na Ásia que intensifica a preocupação da elite brasileira com a presença e formação desses núcleos étnicos, denominados pejorativamente como sendo “quistos amarelos” (Lesser, 2000: 100-101). De fato, essa preocupação não se restringe apenas aos japoneses, uma vez que os alemães também eram considerados um dos grupos mais “enquistados” na época no Brasil (Seyferth, 2000: 172). Uma diferença entre esses dois grupos de imigrantes é que até o início da Segunda Guerra a campanha anti-nipônica era baseada no teor racial, não atingindo assim os outros imigrantes alemães e italianos (Geraldo, 2009: 185).

Apesar de as concentrações de japoneses em determinadas áreas geográficas terem levado a elite a perceber que os japoneses não pretendiam assimilar a cultura brasileira (Lesser, 2000: 100-101), compreende-se que uma das razões para essas formações no Brasil foi a própria política econômica de colonização vigente no país, nos períodos anteriores ao governo de Vargas (Geraldo, 2009: 174-175). Uma política que no decorrer dos anos direcionou e influenciou o quadro dos imigrantes japoneses que se estabeleceram no Brasil.

2.4.2 O retardamento no processo de integração e aculturação

Ao longo da história da migração japonesa, diferentes aspectos retardaram o processo de aculturação e integração desses imigrantes no Brasil. Um dos fatores é o desenvolvimento das cooperativas que já existiam no Japão desde 1900 e que até a segunda metade da década de 20 eram desconhecidas pelos brasileiros no Brasil (Uchiyama, Tajiri e Yamashiro *et al.*, 1992:

220-221). Outro ponto central nesta análise são os jornais editados em idioma japonês no Brasil como meio de comunicação e propagação de trabalho dentro das colônias japonesas, mencionando-se também a posição e a influência do Consulado Geral do Japão como órgão representativo do governo japonês, daí o papel da BRATAC e da K.K.K.K.²⁹ Logo, esses pontos têm que ser analisados como um processo que interage no processo da migração e fixação dos japoneses no Brasil.

Nessa fase a influência dos órgãos vinculados ao Japão era muito grande nas comunidades japonesas do Brasil, assim como nas comunidades japonesas do Peru (Reichl, 1995: 36). Essa influência não se reflete nos imigrantes japoneses nos Estados Unidos e Canadá onde, apesar da migração japonesa também ter sido discriminada, o isolamento da comunidade nunca foi completo (Cardoso, 1995: 155-156). Além disso, evidencia-se nos Estados Unidos entre os imigrantes japoneses uma outra postura para resolver e amenizar os conflitos, originados pela presença dos órgãos representativos, que tinham como meta a política de acomodação desses imigrantes (Cardoso, 1995: 155-156). Apesar de haver discriminação nos Estados Unidos mediante os imigrantes japoneses, o processo de aculturação e assimilação ocorreu mais rapidamente nessa sociedade (Reichl, 1995: 35). Entende-se, porém, que a migração para os Estados Unidos, Haváí e Canadá havia sido limitada desde 1907, encerrando em 1924 (Tajiri e Yamashiro, 1992: 35).

Se, por um lado, o papel do Brasil nas Américas tornava-se mais interessante para o governo japonês, por absorver uma parte da população que não tinha grandes perspectivas de trabalho no Japão (Saito 1961: 35), por outro lado, esse país passava a ser um novo mercado de investimentos, através da introdução de imigrantes favorecidos e amparados pelo capital industrial japonês, que se tornavam proprietários de colonização agrícola (Saito, 1969: 34-37). De qualquer forma, é notável nesse processo a influência do Consulado Geral do Japão em São Paulo, auxiliando e orientando na formação das cooperativas japonesas (Uchiyama, Tajiri e Yamashiro *et al.*, 1992: 220-221). Com a formação de cooperativas para a compra, venda e distribuição de produtos locais ainda era muito desconhecida no Brasil, pode-se explicar assim o contexto que proporcionou também a concentração de japoneses em determinadas regiões no estado de São Paulo. Simultaneamente, a formação desses grupos étnicos de japoneses, que eram caracterizados por dificilmente se integrarem à cultura brasileira, influenciou na reação de medo dos brasileiros (De Prins e Stols, 2001: 244).

²⁹ Ver Lesser (2000) capítulo IV para maiores detalhes.

Em suma, o segundo período (1925-1941) da migração japonesa para o Brasil é caracterizado pelo encaminhamento de migrantes, através do investimento do capital japonês, que era tanto de caráter oficial quanto privado. Ao lado disso, situa-se também o fator étnico, ressaltado através dos laços que mantinham com o Japão. Nesse período constata-se a convergência de estruturas de natureza global agindo através dos órgãos japoneses existentes no Brasil, com fins de proteção, penetração e representação do poder do governo japonês, influenciando assim na vida dos imigrantes, dentro e fora das colônias japonesas. Esse contexto presente nos anos 20 e 30 foi crucial para a manutenção da identidade japonesa no Brasil (Maeyama 1979: 595-596). Uma identidade que evidentemente caracteriza esses imigrantes no decorrer desses anos.

2.4.3 A repressão étnica dos japoneses no Brasil e o movimento anti-nipônico

Muitos japoneses que vieram como imigrantes temporários nas décadas de 1920 e 30 foram confrontados com o fato de que o intuito inicial de uma migração temporária começava a desaparecer. Diante dessa realidade, o imigrante japonês passou a ter que buscar o seu modo de viver no Brasil, tomando conhecimento, gradativamente, das correntes opostas e de caráter hostil existentes no país. Isso porque a tolerância étnica da sociedade brasileira perante os japoneses passou a tomar uma outra direção. Cita-se a repercussão nos jornais brasileiros por causa da visibilidade da presença japonesa no Brasil e no exterior (Lesser, 1999: 100-101). O imperialismo japonês passa a ser notícia de jornal, enfatizando o perigo japonês no Brasil através de manchetes como: “O Perigo Amarelo no Brasil” e “A imigração japonesa e o alarmante exemplo da invasão da Manchúria”, causando reações xenofóbicas na elite brasileira e nos debates políticos (Tsuda, 2001: 418-419). A preocupação da sociedade brasileira com relação aos imigrantes japoneses atingia proporções maiores, pelo fato de o contexto internacional apontar o crescimento do Japão como uma poderosa e agressiva potência militar, através do exemplo da invasão da Manchúria. A sociedade brasileira passa a especular uma invasão japonesa através da migração que se iniciava na Amazônia, classificando essa corrente migratória como um projeto dessa política expansionista (Lesser, 1999:101-102). Ao lado disso, no contexto nacional a tendência da concentração de grupos constituídos só por japoneses, como por exemplo as associações de japoneses, as cooperativas, assim como as colônias, refletiam o problema da falta de assimilação dos imigrantes japoneses, tornando-os visíveis para a sociedade brasileira (Maeyama e Saito,

1973:25). Um dos exemplos é a associação japonesa *nihonjin-kai*. Essa associação procura através do trabalho conjunto dos membros superar problemas da vida cotidiana comuns de uma comunidade japonesa (Maeyama 1979: 595-596; Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 99). Nestas associações a meta principal era a de educar os filhos em padrões japoneses, através do ensino da língua e das normas e valores da cultura japonesa (Saito e Maeyama 1973: 27-28; Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992:99). Além disso, as escolas japonesas são fundadas com o objetivo principal de educar os descendentes de japoneses como sendo japoneses, embora nascidos no Brasil (Saito e Maeyama, 1973: 27-28).

Reproduzindo o ensino primário nas colônias, onde se tem como base o Edito Imperial da Educação,³⁰ evidencia-se a influência do Consulado Geral do Japão em São Paulo como órgão representante do governo japonês, através da fundação da Sociedade de Difusão de Ensino de Japoneses do Brasil (Kiyotani, Yamashiro *et al* 1992: 125). Essa forma de ensino chama por sua vez, a atenção pública no Brasil (Kiyotani e Yamashiro, 1992: 126). Sem dúvida, um outro aspecto que contribuiu para agravar o sentimento anti-nipônico foi o sucesso econômico das cooperativas e colônias japonesas no Brasil. Foi a própria persistência dos japoneses no Brasil em não assimilar a cultura brasileira, em trabalhar e viver segregados em áreas étnicas, que repercutiu na reação negativa dos brasileiros e dos outros imigrantes europeus. Essa imagem dos japoneses, que vigorava na época, antes da II Guerra Mundial, contribuiu para a repercussão negativa, tornando-se assim um tema de discussão pública, variando entre os jornais da época, até na própria Academia Nacional de Medicina (Tsuda, 2001: 418-419). Na Califórnia, nos Estados Unidos, o movimento anti-nipônico foi também uma reação ao sucesso econômico dos japoneses na agricultura desse país (Cardoso, 1995: 159).

Ademais, prevalecia entre os japoneses no Brasil, a mentalidade de segregação (Maeyama, 1979:596).³¹ A porcentagem de casamento interétnico de japoneses natos registrada na época correspondia a menos de 2% (Lesser, 2000: 104). Essa mentalidade

³⁰ Apresento a interpretação e nota escrita por Masuji Kiyotani e José Yamashiro sobre o que o Edito Imperial representa com relação à Educação e inserido no Brasil. Assim, sigo essa definição como ponto de referência para o sistema educacional na época por ter sido utilizada dessa forma dentro da colônia japonesa no Brasil. Segundo os autores: "... Baixado em 1890 pelo Imperador Meiji, estava estribado no pensamento fundamental de nação-família e pregava o princípio da lealdade ao imperador, a dedicação filial aos pais, harmonia entre cônjuges, compreensão entre amigos, em muitos pontos virtudes pregadas por Confúcio". Segundo consta, o Edito foi distribuído e lido publicamente nas instituições de ensino, assim como em ocasiões sociais públicas no Brasil. Em 1948, após o final da II Guerra Mundial, o Edito foi abolido pela Dieta (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 133).

³¹ "...*ta-jinshu to no kekkon wa waga nippojîn no minzokuteki jisatsu de aru*" (Maeyama 1979: 596). O casamento entre pessoas de raças diferentes é para nós, japoneses, suicídio racial. (Tradução minha).

endogâmica também se constata nas comunidades japonesas dos Estados Unidos, Canadá, Havaí e Peru. A diferença é que nesses países a migração feminina ocorreu após a masculina, através da prática do arranjo matrimonial japonês mantido entre esses imigrantes preservando a homogeneidade do grupo (Cardoso, 1995: 154-155). Nas colônias alemãs e italianas no sul do Brasil do final do século XIX e início do século XX constata-se uma mentalidade similar de comunalidade nacional baseada na endogamia (Seyferth, 2000: 166).³²

No caso dos japoneses, o movimento anti-nipônico da sociedade brasileira reflete a preocupação dos brasileiros por serem imigrantes “amarelos”, constituindo núcleos étnicos constituídos só por japoneses, onde persistiam em não assimilar a cultura brasileira. Existia a preocupação perante o sucesso econômico das cooperativas japonesas no Brasil mas, sobretudo, a preocupação perante a política imperialista japonesa adotada internacionalmente.

2.4.4 A influência da política do governo de Getúlio Vargas no Brasil

Compreende-se que na década de 1930 o cenário da política brasileira passa por grandes mudanças durante a presidência de Getúlio Vargas. É importante que se considere que a característica significativa dessa política de governo foi o forte sentimento do nacionalismo brasileiro (Skidmore, 2010: 118-121).

Como eixo de reflexão, situa-se no âmbito internacional uma política expansionista e militarista adotada tanto pelo governo japonês no continente asiático, quanto pelos regimes nazi-fascista na Europa. Regia em diferentes partes do mundo uma mentalidade nacionalista de se governar. No Brasil, Vargas também procura governar o país com uma política nacionalista, que tenta fortalecer a identidade nacional brasileira (Skidmore, 2010: 118-121). Essa política adotada por Vargas pode ser interpretada como um reflexo da conjuntura internacional da época. Esse contexto da questão identitária nacional dos anos 30 é o resultado da política que foi implantada como projeto nacional, gerando mudanças de grande repercussão para a vida cotidiana dos imigrantes no Brasil.

Destaca-se nessa época a ocorrência do decreto estadual sobre a educação, em abril de 1933, através do qual se proíbe o ensino de língua estrangeira para crianças menores de dez anos de idade (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 128). A partir de 1937 o governo do Estado também promove o abasileiramento forçado das regiões coloniais, o qual tem também um

³² Nas décadas de 1950, 1960 e 1970 há um aumento considerável de mais de 40% de casamentos exogâmicos entre luso-brasileiros e italianos, assim como entre luso-brasileiros e alemães (Snyder, 1981: 327). Porém, essa mentalidade não se constata entre os japoneses. Nesse mesmo período os japoneses continuavam mantendo uma mentalidade endogâmica, onde 75% dos casamentos registrados eram entre japoneses.

grande impacto para as comunidades alemãs no Sul do país, onde se concentrava um número alto de escolas teuto-brasileiras (Vogt *et al.*, 2009: 62).

Em 1938 a restrição do ensino de língua estrangeira estende-se até os estudantes de 14 anos de idade (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 128). Além disso, o governo de Vargas proibiu também os livros didáticos dos imigrantes no Brasil, porque poderiam ser prejudiciais à formação do que Vargas interpretava como sendo o espírito nacional brasileiro, que se almejava alcançar com a política nacional (*ibid.*). A implementação dessa restrição era tanto para o ensino particular quanto para o ensino público (Handa, 1987: 596-597). Em suma, várias medidas foram adotadas a fim de se restringir tanto os profissionais quanto o material que se utilizava dentro das escolas estrangeiras no Brasil (Vogt *et al.*, 2009: 62).

Essas medidas foram reforçadas no ano de 1938, tendo como consequência o fechamento de inúmeras escolas alemãs, italianas e japonesas, por não conseguirem corresponder à nova legislação do ensino de línguas estrangeiras no Brasil.

De acordo com os dados não se tem um número exato das escolas estrangeiras fechadas em 1938. Tal fato é visível nas diferenças dos dados divulgados na *Paurisita Encho-sen Kyoiku-shi* (História da educação da Alta Paulista), em que se cita o fechamento de 294 escolas japonesas no Estado de São Paulo, enquanto o jornal *Notícias do Brasil* divulgava a existência e o fechamento de um total de 476 escolas japonesas (Kiyotani, Yamashiro, *et al.*, 1992: 128). Sobre essa diferença, supõe-se que apenas as 294 escolas japonesas fossem realmente registradas e autorizadas (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 129).

Kreutz (2000: 160) faz uma estimativa do total de escolas estrangeiras existentes no Brasil em 1937, com um quadro nacional de 1,579 escolas alemãs, 349 escolas polonesas, e 167 escolas italianas nessa década.

Quanto à migração japonesa, os dados indicam que no Brasil existiam 178 escolas japonesas registradas em 1932, 260 escolas na véspera da Segunda Guerra Mundial e 486 em 1939 (Kreutz, 2000: 160). Essa diferença existente sobre o número exato e total de escolas japonesas também se constata nos dados referentes às escolas alemãs no Brasil (*ibid.*). De forma geral, o número de escolas teuto-brasileiras foi significativamente maior do que dos outros grupos étnicos no Brasil (Seyferth, 2000: 163-164). Segundo Vogt (2009:53) a existência das escolas comunitárias alemãs surge devido à impossibilidade ou falta de interesse do Estado de implantarem escolas públicas nas regiões de colonização no sul do Brasil. Tal situação é semelhante entre os colonos italianos. Kreutz (2000:167) afirma que

uma grande parte dos imigrantes italianos não tinha como meta o ensino através das escolas italianas, pelo contrário, esses imigrantes pediam a assistência do governo brasileiro para que estabelecessem escolas públicas, onde os filhos pudessem aprender o português para que assimilassem mais rapidamente a sociedade brasileira. O fato é que a partir de 1915 o número de escolas italianas diminuiu significativamente no Brasil (Kreutz, 2000: 168).

Quando se compara as escolas comunitárias dos imigrantes alemães, italianos, poloneses com as dos japoneses, nota-se uma diferença estrutural importante, ou seja, a estreita ligação entre a Igreja e as escolas comunitárias desses três primeiros grupos étnicos, a qual não se refletia nas estruturas das escolas comunitárias japonesas (Kreutz, 2000: 159-169). Como os japoneses eram budistas e xintoístas, religiões totalmente diferentes da que predominava no Brasil, a lei na época proibiu a entrada dos imigrantes sacerdotes dessas religiões no país (Kreutz, 2000: 169), fato que não ocorreu nas comunidades cristãs dos outros imigrantes. No caso da comunidade japonesa a coordenação das escolas comunitárias ocorria sob a coordenação da Associação de Pais, que estava vinculada à Companhia Colonizadora ou à Associação de Japoneses (*ibid.*).

Sem dúvida, a campanha de Vargas tinha como meta combater a unidade baseada na língua desses grupos étnicos (Geraldo, 2009: 185). Para os imigrantes, a nacionalização do ensino iniciada durante o governo do Estado Novo (1937-1945) representou um golpe extremamente forte no sistema educacional que eles tinham no Brasil (Vogt *et al.*, 2009: 59).

No caso dos japoneses a adoção dessa política nacionalista levou à aspiração dos pais de enviar os filhos para o Japão, a fim de que tivessem a educação japonesa que não poderia ser mais proporcionada no Brasil (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 180).

Nessa época prevalecia a intenção do retorno entre os japoneses, levando-os a interpretarem a migração para o Brasil como sendo temporária (Reichl, 1995: 39-40). Esse aspecto é absolutamente visível entre os imigrantes japoneses no Brasil que almejavam a educação japonesa para os filhos.³³ A preocupação dos pais era que os filhos teriam problemas de comunicação no Japão por não conhecerem propriamente o idioma japonês falado e escrito (Kiyotani e Yamashiro *et al.*, 1992: 123). Como a política do governo de Vargas estava voltada à “brasilidade”, visando assim resguardar e fazer sobressair a identidade nacional brasileira, constatava-se, então, a restrição máxima das influências externas, provenientes das culturas dos imigrantes dessa fase (Lesser, 1999: 130). Analisa-se

³³ Esse quadro também é confirmado na pesquisa empírica realizada no Japão entre alguns imigrantes nipo-brasileiros, que optam pela educação brasileira no Japão para os seus filhos.

naturalmente uma frustração vigente entre os imigrantes japoneses, que eram obrigados a proporcionar aos seus filhos o ensino brasileiro no lugar do estrangeiro. Essa mesma medida incluía todas as escolas estrangeiras dos imigrantes da época, sobressaltando-se, nesse caso, também as escolas alemãs e as italianas (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 128-129).

Simultaneamente, como foi mencionado na seção anterior, esse período da migração japonesa foi de grande intensidade e visibilidade. Internacionalmente, tem-se essa visibilidade por causa da invasão da Manchúria, a qual reflete a política expansionista e militarista do Japão da época (Lesser, 1999: 118-120), ao passo que, nacionalmente, constata-se o desenvolvimento econômico dos japoneses no Brasil, o qual desencadeou reações xenofóbicas da elite brasileira, que adota um posicionamento negativo perante a presença desses imigrantes, considerados como o “perigo amarelo” (Lesser, 1999: 116).

É dentro desse cenário internacional e nacional que a Assembleia Constituinte apresenta em 1933 um projeto que contextualiza a entrada de migrantes no Brasil. Após a sua aprovação em 1934, esse projeto visa a implementação de um regime de quotas,³⁴ o que atingiu principalmente a migração japonesa para o Brasil (Saito, 1961: 37; Lesser, 1999: 120; Nogueira, 2000: 50). Com esse regime de quotas, não se poderia ultrapassar a quota de 2% da entrada de migrantes de qualquer nacionalidade, tendo em vista a média da entrada dos grupos de imigrantes nos últimos 50 anos (Saito, 1961: 37, Lesser, 1999: 120). Essa quota de 2% correspondia para a migração japonesa a permissão de entrada de apenas 2.771 pessoas por ano (Saito, 1961: 37).³⁵ Apesar da implementação dessa quota não fazer, aparentemente, uma restrição à migração japonesa, essa medida visava exatamente a entrada desse grupo de migrantes no Brasil. No Japão, essa restrição dentro da constituição brasileira foi considerada como um golpe do governo brasileiro, uma vez que o Japão investia na compra de terras no Brasil para a introdução, em grandes quantidades, de colonos japoneses (Saito, 1961: 37; Lesser, 1999: 120).

Segundo Handa (1987) esse contexto nacional e internacional, antes e durante a II Guerra Mundial, foi de grande influência e repercussão na vida dos *nisei*, que viviam uma dicotomia

³⁴ “A 24 de maio de 1934, por esmagadora maioria a Assembléia Nacional Constituinte aprovou a emenda definitiva, e que sob nº 1.619, foi apresentada com a assinatura de 130 deputados. Era o dispositivo que foi incorporado à Constituição e que fixou a quota de 2% do número de nacionais de cada país entrados no Brasil nos últimos cinqüenta anos, como limite máximo dos que poderiam ser admitidos em cada ano.” ... “Era o art.121, parágrafo sexto da Constituição de 16 de julho de 1934. A mesma restrição foi mantida no art.151, na Constituição de 10 de novembro de 1937 do Estado Novo.” (Kiyotani, Yamashiro *et al* 1992: 167).

³⁵ Com relação ao número exato estabelecido por essa quota, constata-se no trabalho de Lesser uma pequena diferença (Lesser, 1999: 121).

no Brasil: o de viverem o nacionalismo japonês das comunidades japonesas, e o nacionalismo brasileiro vigente da ditadura do governo de Vargas. Segundo Handa (1987) o contexto na época era delicado, uma vez que a maioria dos *nisei* mantinha a sua lealdade perante a comunidade dos imigrantes japoneses residentes no Brasil. Para a grande maioria da comunidade japonesa, as diferenças culturais eram tantas que em vez de conseguirem se adaptar à sociedade brasileira, essa política brasileira incentivou o isolamento e a alienação desses imigrantes japoneses com os seus conterrâneos (Handa, 1987: 593-601).

Segundo a análise de Endrica Geraldo (2009: 177-180) consta no relatório do Conselho de Imigração de Vargas um estudo sobre os “quistos étnicos” existentes na época, ou seja um estudo sobre as colônias alemãs e japonesas durante a campanha de nacionalização do Estado Novo. Esse estudo mostra evidência de assimilação dos alemães no Brasil, a qual não se constata entre as colônias japonesas.

uma série de elementos é apresentada no relatório para descrever as condições de franco desenvolvimento econômico, social e cultural das áreas de colonização alemã. Diferentemente das descrições das áreas de colonização nipônica, aqui aparecem mais indícios de assimilação como, por exemplo, a existência de imprensa em alemão, mas também em português. (Geraldo, 2009: 180)

Um outro aspecto importante quando se compara a situação dos japoneses com a dos imigrantes alemães no Brasil é o fato de o isolamento étnico dos imigrantes alemães nos estados do sul do Brasil ter sido o resultado da própria política colonizadora brasileira vigente desde 1824, a qual levou à formação das comunidades alemãs isoladas, quer dizer, que esse “enquistamento étnico” não foi a escolha desses imigrantes (Seyferth, 1994).

Enfim, nota-se que os descendentes de alemães custaram a assimilar a cultura nacional, devido ao isolamento nas colônias do sul no Brasil e à falta de comunicação adequada, levando-os a serem também visados pela Campanha de Nacionalização de Vargas (Costa, 2008: 109). Já no caso das colônias étnicas italianas, pode se dizer que embora existam diferenças culturais, esses imigrantes ainda estavam mais próximos dos brasileiros devido à latinidade desse grupo (Seyferth, 2000: 171). Através da biografia de José Yamashiro compreende-se que um grupo de *nisei*, que viveu esse período em São Paulo, capital, passou a estudar em escolas brasileiras, e embora fossem em menor número, esses descendentes de japoneses passaram a se integrar dentro da sociedade brasileira, e também a se identificar como sendo brasileiros (Yamashiro, 1996: 101-137, Lesser, 1999: 124-131).

É com a inserção do sistema de quotas em 1934 que o influxo de imigrantes japoneses para o Brasil para totalmente no início da II Guerra Mundial (Suzuki, 1969: 13). Segundo Suzuki (1969: 17) esse fato está estritamente relacionado ao fato de a política japonesa ter dirigido a sua atenção para a colonização da Manchúria. O governo japonês procurou enviar o máximo possível de emigrantes para lá e, ao mesmo tempo, passou a dificultar ou impedir a emigração para o Brasil, uma vez que a prioridade era de desenvolver a agricultura desse novo “Estado” (Suzuki, 1969: 17; Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 191).

Em 29 de janeiro de 1942 a situação dos japoneses no Brasil se agrava ainda mais com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial ao lado dos Aliados, indo contra o Japão, que fazia parte dos países que compunham a aliança do Eixo. Com a declaração de guerra contra o Japão, fechava-se o consulado japonês no Brasil, privando assim, a comunidade japonesa de manter o único laço que ainda a unia ao Japão (De Prins , Stols *et al.*, 2001: 245). Tais restrições também foram impostas contra os outros inimigos de guerra, ou seja, os alemães e italianos, que viviam no Brasil (*ibid.*).

De acordo com Endrica Geraldo (2009: 185-186) com o fim da neutralidade do Brasil na Segunda Guerra, os japoneses, alemães e italianos passam a representar uma ameaça militar similar no Brasil, embora a preocupação maior tenha sido com os alemães e japoneses, por causa da situação militar e política desses países no mundo, e sincronicamente no Brasil, devido ao alto grau de desenvolvimento e organização, em particular de suas associações, instituições e núcleos coloniais.

Desde 1939 proibiu-se entre os diversos grupos de imigrantes no Brasil, o uso do idioma estrangeiro em público, a imprensa étnica, associações, assim como outras formas de sociedades esportivas, culturais, porém, é principalmente a partir de 1942 que essas ações passam a ser intensificadas em torno dos descendentes e imigrantes italianos, japoneses e alemães (Seyferth, 1997: 97).

Segundo Nogueira (2000: 50-51) os imigrantes japoneses foram proibidos de falar o idioma japonês em público, embora muitos tivessem apenas o mínimo ou nenhum conhecimento do idioma português, e de se reunir com outras pessoas da sua pátria, de possuir rádios ou máquinas impressoras. Ou seja, esse cenário expõe uma fração da ideia do isolamento a que esses japoneses e descendentes ficaram sujeitos no Brasil (Nogueira, 2000: 51). Além disso, muitos japoneses no Brasil que viviam esse isolamento se apoiavam na

convicção de que o Japão emergiria vitorioso da II Guerra, mantendo assim a esperança e o sonho de retorno (Nogueira, 2000: 51; De Prins, Stols *et al.*, 2001: 245).

Em 1942, o Brasil e o Japão, rompem as suas relações diplomáticas. Nessa data encerra-se também a emigração japonesa como “política de Estado”, e a chamada segunda fase da emigração japonesa para o Brasil (Suzuki, 1969: 13). Cabe então analisar como esse quadro influencia e define, no decorrer dos anos seguintes, as atitudes dos imigrantes japoneses no Brasil.

2.5 O terceiro período: a interrupção da corrente migratória

A década de 1942 a 1952 marca um espaço em branco no que diz respeito à entrada de imigrantes japoneses no Brasil. Esta fase corresponde a um período tumultuoso e confuso para esses imigrantes, marcando para muitos uma fase obscura na história da migração japonesa no Brasil.

Com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial ao lado dos Aliados, o governo de Vargas decreta a retirada dos imigrantes japoneses de todas as áreas estratégicas (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 240). Essa mesma resolução também foi aplicada para os imigrantes alemães e italianos (Lesser, 1999: 135). Assim, de acordo com Lesser (1999: 135-136):

the social and ethnic tension created by anti-Japanese attitudes led members of the Japanese and nikkei community to strike back against the public order by becoming increasingly “Japanese”. Emperor worship, always strong among those educated in the first quarter of the century, soon began to replace ancestor worship as a form of identity preservation. Those who did not actively show their loyalty to Japan were defined as “enemies”, and the underground Japanese language press was filled with denunciations of those judged to have lost their “right” to be “Japanese”.

É dentro desse contexto tumultuoso que ocorre o antagonismo e a emergência de sociedades secretas, que impunham o fato de o Japão fazer parte dos países que “venceram” a guerra, não se aceitando que o contrário fosse dito (Maeyama, 1979: 600). Uma fase que projeta o impacto da opressão causada por uma minoria de imigrantes japoneses com um forte desejo de vitória.

2.5.1 Shindō Renmei

Explora-se aqui a questão que levou à formação das sociedades secretas. A mais conhecida dentro desse âmbito é a *Shindō Renmei* (臣道連盟) ou seja, Liga do Caminho dos Súditos

(Maeyama, 1979: 598). Também existiam outras sociedades, que de forma geral tinham um caráter fanático e nacionalista (*ibid.*).

Segundo Lesser (2000:9) a sociedade *Shindō Renmei* tinha inicialmente como objetivo: “... maintain a permanent Japanized space in Brazil through the preservation of language, culture and religion among nikkei and the re-establishment of Japanese schools.”

A *Shindō Renmei* propagava a notícia de que o Japão não havia sido derrotado na II Guerra pelos Estados Unidos (Handa, 1987: 666). Além disso, alterava as notícias e as fotos obtidas da derrota do Japão e as propagava através dos seus meios de comunicação clandestinos (Handa, 1987: 677). Essa situação criou uma visão equivocada, que foi proporcionada pelo isolamento e vácuo que se formou em torno dos japoneses no Brasil com o desaparecimento dos órgãos oficiais de controle e orientação (Miyao e Yamashiro *et al.*, 1992: 262).

De acordo com Lesser (2000:9): “...of course one did not have to “believe” that Japan had won the war to support the societies in their demand for a space for Japanese-Brazilian ethnicity.”

A postura ideológica e emocional desse movimento étnico opressivo foi reforçada pela posição imperialista do Japão na época (Reichl, 1995: 35) e pelo desaparecimento dos meios oficiais de comunicação. As tensões aumentaram, quando a *Shindō Renmei* passou a reagir de maneira violenta contra todos que afirmassem o contrário do que era propagado por eles. Formaram-se assim duas correntes, de um lado, uma corrente que acreditava na derrota do Japão, *makegumi*, ou seja, *os derrotados*, mais tarde conhecidos como *os esclarecidos*. Por outro lado, formou-se a corrente que acreditava na vitória do Japão, *kachigumi*, ou seja, *os vitoriosos* (Lesser, 2000: 10). Essa sociedade passou a constituir um problema maior, e de atenção pública, quando a corrente dos *kachigumi* tornou-se extremamente fanática, surgindo assim a *tokkotai*, os grupos de ataque. Esses grupos de ataque aterrorizavam, puniam e assassinavam membros do *makegumi* que propagassem o contrário (Tsuda, 2001: 424). Segundo os *kachigumi*, essas pessoas que formavam a corrente do *makegumi* eram vistas como traidoras (*ibid.*). Enquanto isso, constata-se que o governo brasileiro vivia em 1945 um período de transição, não conseguindo resolver esse “problema japonês” na sociedade brasileira (Lesser, 2000: 10).

Tsuda (2001: 423) afirma que esse acontecimento só ganhou substancialidade devido às medidas repressivas tomadas pela política do governo de Vargas durante a II Guerra Mundial,

e por causa da intensificação da xenofobia anti-nipônica no Brasil. Nesse caso, os japoneses se defendem, ou contra atacam essa opressão étnica, através da intensificação do nacionalismo japonês, tornando-se perante a opinião pública, realmente, “japonês” (Lesser, 1999: 136). Para o autor Reichl (1995: 35) o movimento dos *kachigumi* e *makegumi* ilustra a ligação emocional e ideológica vigente entre os japoneses no Brasil perante a nação japonesa, que proporcionou esse comportamento étnico dos japoneses no Brasil.

Muitos desses imigrantes, assim como muitos dos seus descendentes, que eram *nisei*, nasceram e cresceram isolados dentro dessas comunidades constituídas somente por japoneses, possuindo assim o mínimo de conhecimento da língua e da cultura do Brasil (Tsuda, 2001: 423; Kumasaka e Saito, 1973: 451). Esse contexto propicia o nacionalismo e o patriotismo japonês dentro das colônias japonesas do Brasil (Tsuda, 2001: 423-424).

Esse período tumultuoso, e grosso modo de terrorismo, é explicado por uma conjuntura de acontecimentos, tanto de caráter nacional quanto internacional.

Lesser (2000) aborda dentro da história da *Shindō Renmei* no Brasil o quadro atípico que ocorreu em 1950 com a visita dos japoneses campeões olímpicos de natação, o qual proporcionou o fim da influência da *Shindō Renmei* entre os japoneses e seus descendentes. Ao serem entrevistados no Brasil, esses nadadores foram confrontados numa entrevista com a ideia de que o Japão havia vencido a Segunda Guerra Mundial. A reação de choque desses campeões japoneses foi exposta pela *Shindō Renmei*, através de uma campanha de posters, onde se pregava a ideia de que esses nadadores eram impostores coreanos disfarçados de japoneses (Lesser, 2000: 10-11). Essa sugestão ridícula proveniente da *Shindō Renmei* fez com que as sociedades secretas deixassem de ter o apoio público dos nikkei, que passavam a conquistar um espaço dentro da sociedade brasileira nessa época (*ibid.*)

Apesar de ter sido em pouca proporção, é nesta fase que um pequeno grupo de *issei* e, em maior número, *nisei* teve acesso ao ensino brasileiro. Esse grupo desempenha um papel importante na sociedade brasileira, uma vez que reflete uma nova tendência dentro desse grupo étnico, a qual era voltada à integração na sociedade brasileira (Lesser, 1999: 123-124). Constata-se um problema de polos complexos, porém paralelos, uma vez que se encontravam entre o sentimento anti-nipônico dos brasileiros, e o sentimento nacionalista japonês das colônias.

2.5.2 A mudança de atitude de uma migração provisória para permanente

Fazendo um estudo da trajetória histórica desses acontecimentos, Lesser (1999) defende o posicionamento de que foi exatamente a ausência dos meios de comunicação legais dentro das colônias japonesas, ao lado da propaganda anti-nipônica da elite e do governo de Vargas, que engendrou a alienação de uma grande parte dos imigrantes no Brasil e que proporcionou o cenário ideal para as sociedades secretas, que pregavam a vitória e supremacia do Japão no Brasil. Por essa razão é que a notícia da derrota do Japão na II Guerra Mundial não alcançou diretamente muitos japoneses no Brasil (Lesser, 1999: 137). Conseqüentemente, foi esse o cenário que proporcionou o choque daqueles que possuíam acesso aos meios de comunicação em 1945 (Nogueira, 2000: 51). Esse impacto foi reforçado com a declaração pública do Imperador Hirohito que ele não era de origem divina (*ibid.*). Segundo Nogueira, os japoneses não perderam apenas a II Guerra, mas também a figura do imperador, que era idolatrada por uma grande parte dos imigrantes japoneses no Brasil (*ibid.*). Após esses acontecimentos, e tendo aceitado a derrota, muitos japoneses deixam de acreditar no sonho do retorno para o Japão (Reichl, 1995: 44).

Simultaneamente, constata-se no Brasil o desenvolvimento da geração dos *nisei*, que passam a substituir gradativamente a geração dos imigrantes, *issei*. Saito e Maeyama (1973: 28-29) chamam a atenção para este fator, como sendo crucial na tendência de fixação de muitos japoneses no Brasil, após a derrota do Japão na II Guerra Mundial. Com a reformulação dos planos de muitos imigrantes japoneses, e com o desenvolvimento da geração dos *nisei*, constata-se entre os japoneses e seus descendentes uma tendência de assimilação no Brasil. Esse contexto internacional e nacional proporciona a base sólida para o movimento de fixação e permanência de muitos japoneses e descendentes no Brasil (*ibid.*). Apesar de serem em pequenos números, esses *issei* e *nisei* passam a buscar um espaço étnico para uma identidade baseada em duas culturas, mostrando e apelando assim para a identidade nipo-brasileira no Brasil (Tsuda, 2001: 425, Lesser, 1999: 123-124).

Em todo caso, a estabilidade econômica ao passar dos anos reforçou também essa tendência dos imigrantes em querer permanecer no país. Saito e Maeyama (1973: 28-29) argumentam que a estabilidade econômica se deu de forma paralela à assimilação gradativa da cultura brasileira. A decisão de permanecer no Brasil é o resultado de uma experiência baseada nos anos passados no país, a qual se mostrava claramente que uma vida próspera só poderia ser alcançada caso investissem a longo prazo. Essa mentalidade é característica dos

japoneses que procuraram assimilar a cultura brasileira, integrando-se ao modo de vida do país.

2.6 A imigração japonesa a partir de 1952

Em 1952, dentro dessa fase tumultuosa do pós-guerra, em que ainda regia o sentimento anti-nipônico da sociedade brasileira, dá-se o reinício da imigração japonesa ao Brasil. Esse movimento passa a tomar forma primeiramente pela chamada dos parentes (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 383). Tendo em vista os problemas da presença japonesa no estado de São Paulo, toma-se a decisão de levar parte dos novos imigrantes japoneses para outras áreas no Brasil, fora daquele estado (Nogueira, 2000: 52; Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 381-382). No entanto, muitos dos novos imigrantes foram introduzidos no estado de São Paulo para o trabalho da sericultura e agricultura (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 383-385).

Após a II Guerra Mundial, aproximadamente 54.000 imigrantes entraram no Brasil entre 1952 e 1988. Segundo Lesser (1999: 169) ocorreu um choque cultural entre os imigrantes antigos, e os novos que vieram a partir de 1952.

Older Japanese immigrants were shocked by the new attitudes toward everything from the emperor to sexual relations. The newcomers were equally aghast: they had trouble understanding old dialects filled with Japanized Portuguese words, and wondered if earlier immigrants had become “Brasil-bokē” (made nuts by Brazil). Along ... Okinawans came tens of thousands of Chinese and Korean immigrants who were stunned to find that in Brazil they had become “Japanese”.

Após a II Guerra Mundial o *nisei* passa a considerar o Brasil gradativamente como sendo a sua nação, em vez do Japão (Tsuda, 2001: 425). Assim, ocorre uma mudança na atitude entre os nipo-brasileiros no Brasil. Essa segunda geração de imigrantes japoneses deixa de enfatizar a sua identidade étnica japonesa como sendo uma forma de reação ao movimento anti-nipônico e passa a assimilar a cultura brasileira e a concretizar a ideia de fixação no Brasil (Tsuda, 2001: 426).

Ao mesmo tempo, entende-se que a migração japonesa para o Brasil passa a diminuir fortemente, após o seu primeiro decênio de reabertura, como se lê na tabela seguinte.

Tabela 5: Número de Imigrantes Do Pós Guerra, Segundo sua Categoria.

Categoria Ano	Lavoura	Técnicos	Comércio e outros	Vindos por chamadas nominais	Total
1952-59	16.191	251	44	14.124	30.610
1960-69	8.191	1.365	539	8.406	18.619
1970-79	1.564	3.377	41	628	3.610
1980	67	58	7	56	188
1981	80	32	4	45	161
1982	13	16	0	32	61
1983	58	5	0	21	84
1984	44	0	1	15	60
1985	19	0	4	22	45
1986	31	0	0	20	51
1987	23	0	0	17	40
1988	25	1	0	0	26
Total	26.424	3.105	640	23.386	53.555

Fonte: Estatística da emigração ultramarina. JICA (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 424).

Através dessa tabela constata-se a queda de interesse gradativo de emigrar do Japão para o Brasil. Esse movimento baixa drasticamente nos anos 70 e, especificamente, como consequência da recessão internacional engendrada pela crise econômica de 1973. É nesse mesmo decênio que o Japão entra numa fase de desenvolvimento e crescimento econômico. O *Nippon Maru* foi o último navio em março de 1973 que entrou no Porto de Santos com imigrantes japoneses (Nogueira 2000: 52; Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 434).

Segundo Nakasumi e Yamashiro (1992) não se constata em outros países, que receberam a migração japonesa um contexto semelhante ao do Brasil. Isso porque, tanto os Estados Unidos, quanto o Peru, só receberam a migração japonesa antes da II Guerra Mundial. Por outro lado, o Paraguai e a Bolívia, que na fase anterior à II Guerra Mundial não tinham recebido a migração japonesa, passaram a desenvolver um quadro diferente após a II Guerra Mundial. A Argentina, embora tenha comemorado o centenário da migração japonesa em 1986, possui um número restrito de imigrantes e descendentes japoneses. O Brasil é o país, com a maior comunidade *nikkei* no mundo fora do Japão (Nakasumi, Yamashiro, *et al.*, 1992: 429).

Outro aspecto importante é o deslocamento maciço desses imigrantes das zonas rurais para as zonas urbanas (Nogueira 2000: 52). Ele mostra como os japoneses e nipo-brasileiros passaram por um processo de fixação e mobilidade social ao longo dos anos dentro da sociedade brasileira (Nogueira, 2000:53). É também relevante o aumento da presença do mestiço, através do casamento interétnico na fase pós-guerra (Kiyotani, Yamashiro *et al.*, 1992: 443).

2.6.1 A construção da identidade étnica dos nipo-brasileiros

Segundo os dados da década de 1990, após meio século, a população nipo-brasileira atingiu a cifra de aproximadamente 1,2 milhão de habitantes no Brasil. As mudanças, provocadas pelo processo histórico de adaptação e integração dos nipo-brasileiros à sociedade brasileira, se refletiram na inserção dos mesmos na classe média urbana do Brasil (Tsuda, 2001: 426).

No entanto, segundo Roth (2002: 23): “In Brazil, Nikkeijin have developed a sense of themselves as Brazilians, but this has not come at the expense of their sense of continuity with their Japanese heritage.”

Adachi também interpreta a identidade dos nipo-brasileiros com sendo algo que coexiste: “... this dual identity, then is not a hybrid product of two ethnic cultures - instead, their identity is very dynamic and contingent – that is, dependent on venue, social context, and personal motivation – as reflected by how they see themselves.” (Nobuko Adachi, 2006: 110).

Essa identificação é reforçada nos anos 80, na época da crise econômica no Brasil, quando a geração dos nipo-brasileiros passa novamente a se identificar mais com a identidade étnica japonesa, do que com a nação brasileira. Tal mudança de atitude se deve ao fato de o desenvolvimento e imagem do Japão terem alterado nos anos 80, quando o país passa a ressurgir como potência econômica (Reichl, 1995: 46). Essa imagem é utilizada como um atributo positivo para a identidade étnica dos descendentes de japoneses no Brasil (*ibid.*). Essa imagem é diferente das atitudes e esforços de assimilação feitos logo após o período pós-guerra pelos japoneses e nipo-brasileiros, que renegaram a sua etnicidade japonesa para poder escapar da discriminação no Brasil (Tsuda, 2001: 426).

Não são apenas os descendentes de japoneses que utilizam a imagem positiva do país dos seus antepassados para a construção da identidade no Brasil.

De acordo com Lesser (2007: 1): “... Millions of Paulistanos constantly reshaped their identities to take advantage of ethnicities created by immigrant ancestors and Brazilian nationhood.”

Para Reichl (1995) pode se interpretar a etnicidade como sendo uma forma de negociação ou expressão, mas não como um atributo individual, como é o caso dos nipo-brasileiros que, ao solicitarem numa empresa japonesa, procuram mostrar o conhecimento da língua japonesa, ou outros aspectos que os identifiquem com esse grupo étnico (Reich, 1995: 54). Ao contrário, entende-se que ao solicitarem numa empresa brasileira, eles procuram enfatizar a habilidade do idioma português, apresentando-se como cidadãos brasileiros (*ibid.*).

De qualquer forma, a identidade japonesa é agregada aos nipo-brasileiros por uma grande parte dos próprios brasileiros sem descendência japonesa (Maeyama, 1984: 448), fortificando assim ainda mais a imagem da identidade étnica japonesa, diferente de outros grupos étnicos no Brasil, como os alemães e italianos. No entanto, não se interpreta essa imagem em torno da identidade japonesa como sendo discriminação racial (Saito, 1976: 15-20). Ironicamente Adachi (2001: 174) chama a atenção ao mencionar: “... Regardless of their economic success, Japanese-Brazilians are not able to join the new upper classes as full fledged members, as other immigrants (like Italians and Germans).” Mesmo que seja notável a imagem positiva dos japoneses no Brasil, a qual se reflete na mídia, nos produtos comerciais, assim como no desenvolvimento econômico e social desse grupo dentro da sociedade (Lesser, 2007: 14). Uma imagem que é proveniente da criação e herança étnica da cultura japonesa presentes nos nipo-brasileiros (Maeyama, 1996: 398).

Existem assim vários fatores atuando na construção que se tem da identidade “japonesa” dos nipo-brasileiros no Brasil. Um desses é sem dúvida a descendência, interpretada no Japão como sendo essencial para a identidade étnica japonesa (Kajita, 1994: 170), e levada em consideração para a legalização do fenômeno da migração de “retorno”.

2.7 O fenômeno do “retorno” e a questão da identidade dos consanguíneos

Uma migração de “retorno” demanda uma avaliação do cenário que causa esse fenômeno, quer dizer, do contexto e das medidas adotadas nessa forma de migração, construindo o paradoxo que se interpreta como “retorno”.

No quadro da história da migração japonesa para o Brasil, apesar de os descendentes de japoneses terem assimilado a cultura brasileira e integrado no Brasil, o que é notável nos

últimos trinta anos do século XX, são a associação e os vínculos desses descendentes com a identidade japonesa (Lesser, 2007).

O reflexo da transformação desse cenário vem à tona, quando o Brasil passa por uma forte recessão econômica na década de 1980, a qual se estende até o início da década de 1990, sendo caracterizada por um período de hiperinflação (Sachs, Wilhelm e Pinheiro, 2009: xii). Essa época deixa muitos brasileiros decepcionados com a situação instável da política e da economia, e com a falta de perspectiva de futuro no país em que a solução dos problemas seria a curto prazo (Skidmore, 2010: 187-188). Nesse período a deterioração simultânea da infraestrutura e dos serviços públicos, o aumento do desemprego e a hiperinflação atingem todas as camadas sociais brasileiras, porém, cabe destacar que é principalmente na classe média e baixa, que o impacto é maior (Skidmore, 2010: 188-189).

Em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, Margolis ilustra o cenário no Brasil: os fluxos emigratórios na época, com a saída para o Japão de 2,000 nipo-brasileiros por mês em 1989, assim como a emigração de brasileiros, filhos ou netos de espanhóis e italianos, que tiram os passaportes dessas nacionalidades (Margolis, 1994: 3-4). Partem do Brasil em torno de 1,4 milhões de brasileiros entre os anos de 1986 e 1990 (*ibid.*).

Observa-se assim um movimento migratório de “retorno” dos descendentes dos emigrantes provenientes da Europa e da Ásia. Nessa mesma época, uma grande proporção de brasileiros também emigrou para os Estados Unidos (Skidmore, 2010: 188), porém, trata-se aqui de um fenômeno diferente (Margolis, 1994).

Existe um fator importante diferenciando a migração de “retorno” dos descendentes europeus e japoneses. No caso da migração para o Japão não se concede a nacionalidade japonesa aos descendentes de japoneses, mas o visto,³⁶ enquanto os descendentes europeus, como por exemplo, os alemães, espanhóis, italianos recebem a cidadania do país dos seus antepassados. O Brasil inverte no final da década de 1980 o seu papel de um país de imigração para o de emigração (Margolis, 1994: 3-4).

Em contraste com o Brasil, o Japão usufruía entre o período de 1986 até 1991 de um enorme crescimento econômico denominado como *baburu keizai*, a economia da bolha artificial (Sellek, 2001: 7). Esse crescimento da economia japonesa possibilitou através da exportação de produtos japoneses, sobretudo da indústria automobilística e de equipamentos

³⁶ A nacionalidade japonesa é apenas concedida para os descendentes *nisei* que possuem o registro de família, ou seja, *koseki tōhon* (戸籍謄本) no Japão.

eletrônicos, que o Japão se tornasse na época a segunda maior potência econômica mundial (Yoshioka, 1995: 82-83). Todavia, todo esse crescimento econômico resultou também numa determinada carência dentro da economia japonesa, levando à escassez da mão de obra (Sellek, 2001: 7). Se, por um lado, os japoneses e os nipo-brasileiros no Brasil eram confrontados com a recessão brasileira, com a desvalorização da moeda, hiperinflação, por outro lado, a escassez da mão de obra no Japão, e seus altos salários, eram um determinante atrativo para os “japoneses” no Brasil.

É durante esse período, em 1985, que a primeira propaganda de oferta de trabalho no Japão foi publicada num jornal japonês da comunidade nipo-brasileira no Brasil (Mori, 1992: 149). Esse aspecto ilustra o interesse das empresas japonesas direcionado em chamar os japoneses e seus descendentes no além-mar para suprir a demanda do mercado.

O crescimento econômico do Japão na década de 1980 e a enorme demanda de trabalhadores para serviços de mão de obra não qualificada proporcionou o problema do aumento da imigração ilegal no país (Sellek, 2001:9). Paralelamente, o aumento da presença dos ilegais passa a ser tratada como uma preocupação de ordem social e não econômica no Japão (Sellek, 2001: 11), embora a porcentagem de ilegais no final da década de 1980 e início dos anos de 1990 fosse equivalente a aproximadamente 1% da população japonesa (Lie, 2001: 19). A política migratória no Japão passa a atuar contra a ilegalidade dos outros imigrantes asiáticos como paquistaneses, filipinos, iranianos, bangladeshianos, coreanos e chineses, dando assim a entender uma preferência aos descendentes de japoneses nascidos no exterior (Roth, 2002: 9). Essa preferência é explícita com as medidas adotadas pelo governo japonês em 1989, que passa a multar e condenar à prisão os empregadores que admitissem ilegais para trabalhar *(ibid.)*.

Essa situação leva o governo japonês a modificar a lei de imigração, legalizando assim a migração de “retorno” dos descendentes de japoneses, *nikkeijin*, como forma de solução mais conveniente para suprir a demanda de trabalho do mercado e o influxo de ilegais (Kajita, 1994: 172). Assim, no dia 1º de junho de 1990 tem-se a reforma da Lei de Imigração, “Controle de Imigração e Reconhecimento de Refugiados”, através da qual se legaliza a migração dos *nisei* e *sansei* (Sellek, 2001: 9), mudando e facilitando a entrada e permanência dos descendentes de japoneses no Japão (Shindo, 1999: 205).

No Japão, essa política adotada é difundida pelo governo japonês como sendo uma oportunidade concedida ao *nikkeijin* (descendentes de japoneses) para conhecer o país dos

seus antepassados explorando assim a sua herança étnica através dessa experiência de vida (Kajita, 1994: 170).

Nesse sentido, esse fenômeno é favorecido pela mudança de atitude do governo japonês, que visa na época as pressões econômicas e políticas do país, assim como a conscientização das características em comum do fator étnico transnacional dos descendentes de japoneses dispersos no além-mar (Tsuda, 1999: 11). Essa migração de “retorno” representa, então, a solução viável para o problema “social” das migrações ilegais de outros grupos de imigrantes, sem a descendência japonesa (Sellek, 2001; Roth, 2002), por não representarem uma ameaça heterogênea para o mito da “homogeneidade racial” mantida no país (Tsuda, 1999: 11). Sobre esse mito mantido pelas entidades governamentais do Japão, Douglass e Roberts argumentam:

One of the most persistent beliefs held by government, citizens and even scholars alike in Japan is that the nation has no history of immigration. This belief is fundamental to current policies and debates about immigration. Because it perpetuates the idea that Japan consists of a single race of people, who have a single cultural origin and continuity without direct contribution of foreigners, it is used to justify the position that immigration is an assault on the racial purity of Japan. (Denoon *et al.*, 1996; Douglass e Roberts, 2003: 10-11).

Essa postura ideológica e antagônica mantida pelas entidades japonesas de se ter no país a “homogeneidade” racial leva à marginalização política, social, econômica e cultural das minorias étnicas, tais como coreanos, chineses, ainu, *burakumin*, etc. (Weiner: 2009: xvi-xvii; Lie: 2001: 3-4). Um exemplo de como essa ideologia e história de “homogeneidade” é empregada se reflete no discurso das gerações dos 528,450 coreanos no Japão, que são considerados pela lei japonesa como *residentes permanentes* (Sellek, 2001: 9) apesar de se tratar das gerações provenientes da migração maciça que ocorreu de 1910-1945, quando a Coreia estava sob o domínio do Império japonês. Em virtude da anexão da Coreia em 1910, os coreanos deixam de ser vistos como estrangeiros (Yamawaki *et al.*, 2003: 39). Contudo, essa situação muda em 1945. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Japão perde a guerra e conseqüentemente as suas colônias do período imperialista (Yamawaki *et al.*, 2003: 39). Apesar de uma parte da população dos colonos ter optado em retornar para a Coreia, outras centenas de milhares de coreanos optaram em permanecer no Japão após o período colonial (Douglass e Roberts, 2003: 6). Ao contrário da época do período colonial, os coreanos e descendentes que permaneceram no Japão deixam de ter o direito à nacionalidade japonesa e passam a ser vistos por meio da identidade coreana (Yamawaki *et al.*, 2003: 39). Apesar disso se ignora na literatura japonesa a existência das minorias étnicas no país provenientes do

passado, como são também os casos dos chineses *ainu*, *burakumin* e *okinawanos* (Weiner, 2009: xiv)

Em comparação com o Ocidente constata-se no Japão um posicionamento diferente de raça e etnicidade. Como se observa por exemplo nos casos dos *burakumin* e *okinawanos*. Apesar de se reconhecer a existência das diferenças nesses casos, compreende-se que não se concede o *status* de minoria étnica a esses grupos, dado que etnia é uma questão racial no Japão (Lie *et al.*, 2003: 82). Desse modo predomina o paradigma de um país homogêneo, monoétnico e puro, que nega a existência de minorias étnicas que mostrem a heterogeneidade do país (Weiner, 2009: xv-xvi; Lie *et al.*, 2003: 82-84).

Por outro lado, essa postura ideológica mantida no Japão de “homogeneidade” etnoracial é combatida pelos estudiosos ocidentais, acadêmicos, que interpretam esse paradigma como um mito. Um mito dominante que delinea a construção da interpretação que se tem da identidade japonesa. Segundo Lie (2001: 4-5): “...the contemporary discourse of *Japaneseness*, or Japanese identity, which insist on the class, cultural, and ethnic homogeneity of Japan.”

Desse modo quando *nisei* e *sansei* comprovam a descendência japonesa, eles passam a ter o direito de receber um visto de permanência para viver e trabalhar no Japão por três anos e um ano consecutivamente, assim como os cônjuges, não havendo problemas para a renovação após a expiração desse prazo (Yoshioka, 1995:86-87; Shindo, 1999: 205).

Nessa época, os nipo-brasileiros interessados em migrar do Brasil para trabalhar no Japão são facilitados por empréstimos feitos com os recrutadores, subsidiando os custos, e facilitando o vínculo com os intermediários no Japão (Mori, 1992: 149-150). Segundo Tsuda (1999: 2) ao lado dessa pressão econômica no Brasil, o fator étnico e sociocultural constitui a base para esse fenômeno migratório, que ocorre entre países com uma enorme distância geográfica. A sincronia desses acontecimentos acima mencionados nas políticas de ambos países forma o quadro que desencadeia o retorno dos emigrantes japoneses, *issei* (primeira geração) e a legalização da migração de “retorno” dos descendentes *nisei*³⁷ (segunda geração) e *sansei* (terceira geração) para o Japão.³⁸

³⁷ O imigrante *nisei* que é registrado no Japão no registro de família, ou seja, *koseki tōhon* (戸籍謄本) entra no país como japonês.

³⁸ Em Belém, dois conhecidos fizeram parte da migração de retorno para o Japão em silêncio. Um era *issei* e o outro *nisei* (com registro japonês, portanto considerado japonês no Japão). Em ambos os casos, a migração para o Japão não foi comentada ou anunciada. Pelo contrário, pouco se sabia ou se falava dos dois casos, os quais vieram à tona após um período de ausência. Desses dois, apenas um retornou após um ano, e foi visível com a

2.7.1 Os consanguíneos: de imigrante ilegal para legal

O movimento de “retorno” dos descendentes de japoneses, que não possuíam o registro japonês e que trabalhavam com o visto de turista na década de 1980, era ilegal (Yoshioka, 1985: 84). Os imigrantes eram trabalhadores temporários, *dekasegi*, os quais realizam trabalhos conhecidos pelos três K’s, ou seja, *kitsui*, *kiken* e *kitanai*, traduzidos como, pesado, perigoso e sujo (Sasaki, 2002: 119). Numa economia em prosperidade, esses são os trabalhos, que os japoneses não querem realizar (Ninomiya, 2002: 249). Não apenas no Japão, de forma geral, essa é uma característica dos países desenvolvidos.

Como os descendentes de japoneses nascidos no exterior são consanguíneos, eles não simbolizam uma ameaça heterogênea para a homogeneidade do Japão. Por essa razão, os emissários das empresas japonesas passaram a recrutar os emigrantes pós-guerra para atender à demanda do mercado de trabalho de mão de obra não qualificada (Yoshioka, 1995: 84).

Aqui, torna-se claro o papel das redes, proporcionando, desenvolvendo e direcionando o fenômeno da migração do “retorno”. Nesse contexto, o governo japonês não se limita apenas ao recrutamento do *issei*, uma vez que esse grupo não supre a demanda do mercado de trabalho. Assim recruta-se também os *nisei*, apesar de a migração não ser legalizada nos anos 80 (*ibid.*). Nessa época o *nisei* entra no Japão com visto de turista de 90 dias (Ninomiya, 2002: 249) podendo renová-lo por mais 90 dias (Yoshioka, 1995: 84) para após ser substituído por um visto de visita a parentes, concedendo a permissão de permanecer e trabalhar no território japonês num total de um ano (Ninomiya, 2002: 249). Yoshioka (1995: 85) afirma que nessa época a fiscalização do Ministério do Trabalho no Japão parecia ignorar as irregularidades constatadas nos vistos dos trabalhadores, possivelmente, por se haver um determinado consenso entre as empresas e o governo, o qual visava a necessidade de mão de obra para manter a produção no Japão.

De forma geral, no Brasil, esse fenômeno é promovido através das propagandas de ofertas de trabalhos nos jornais japoneses, que atendem a comunidade nipo-brasileira, assim como pelas empreiteiras ou *brokers*, e mesmo, pelas histórias das pessoas que retornaram após terem migrado na década de 1980 (Yoshioka, 1995; Roth, 2002). Predomina, então, uma rede em torno desse “retorno” recrutando os interessados nipo-brasileiros para o movimento *dekasegi* e os direcionando para as áreas industriais no Japão com ofertas de trabalho

sua volta que estava em condições financeiras de ajudar a sua família e de montar o seu próprio negócio. O fato de se tornar visível a aquisição de bens, influenciou na época outros nipo-brasileiros conhecidos a passarem a considerar a migração para o Japão.

(Yoshioka, 1995: 89-95). É dentro dessa estrutura que essa migração passa a constar de famílias inteiras, incluindo membros sem ascendência japonesa, e descendentes sem o mínimo ou nenhum conhecimento do idioma japonês (Sasaki, 2002: 121-122). Um cenário inesperado no Japão, quando a lei de imigração foi revista para os descendentes de japoneses (Kajita, 1994: 168), sobretudo, numa época em que a migração passa a tomar uma forma permanente no Japão (Sellek, 2001:11).

Assim, a falta de conhecimento da cultura e língua japonesa não é interpretada por inúmeros nipo-brasileiros e brasileiros como uma barreira para a migração ou permanência no Japão uma vez que:

Many small manufacturers and other businesses used brokers because they did not have the means to recruit Nikkeijin on their own. In addition brokers provided a variety of services necessary to maintain these workers. Brokers arranged to rent apartments from landlords, to help fill out documents necessary to renew visas, and to look after multitude of issues that migrants faced in adjusting to work and life in Japan (Roth, 2002: 66).

Dentro desse contexto desenvolve-se a migração de “retorno” dos nipo-brasileiros, a qual se intensifica de forma notável após a reforma da lei (Edson Mori, 2002: 242). Em virtude da rede em torno do movimento *dekasegi*, a migração de “retorno” dos descendentes de japoneses é viável para qualquer descendente, tanto para emigrar do Brasil para o Japão, quanto para permanecer nesse país.

Apesar de a ênfase dada na maior parte dos estudos ser a econômica, constata-se inúmeros aspectos proporcionando o volume desse fluxo migratório, que atinge em 2007 o ápice de 316,967 imigrantes brasileiros registrados no Japão.³⁹ Sob essa política o Brasil sobressai-se por ser o país com o maior número de descendentes japoneses fora do Japão (ver tabela 1).⁴⁰ Logo em seguida vem o Peru, mas com um número proporcionalmente menor de descendentes.

Na tabela seguinte analisa-se o número de estrangeiros em transição registrados no Japão segundo o lugar de nascimento.

³⁹ Apresento uma estimativa do número de estrangeiros no Japão, segundo os dados obtidos pelo site do governo japonês. Nessa tabela não se leva em consideração os ilegais, e nem os nipo-brasileiros que possuem a dupla nacionalidade, uma vez que o governo japonês não reconhece a dupla cidadania no Japão.

⁴⁰ O Brasil é o país na América do Sul com a maior concentração de japoneses e descendentes (Edson Mori, 2002: 238).

Tabela 6: O número de imigrantes registrados no Japão.⁴¹

nacionalidade	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Total	1.354.011	1.362.371	1.415.136	1.482.707	1.512.116	1.556.113	1.686.444	1.778.462	1.851.758	1.915.030	1.973.747	2.011.555	2.084.919	2.152.973	2.217.426	2.186.121	2.134.151	2.078.508
Coreia	676.793	666.376	657.159	645.373	638.828	636.548	635.269	632.405	625.422	613.791	607.419	598.687	598.219	606.889	655.377	680.518	687.156	674.879
percentagem	50%	49%	46%	44%	42%	41%	38%	36%	34%	32%	31%	30%	29%	28,19%	29,56%	31,13%	32,20%	32,47%
China	218.585	222.991	234.264	252.164	272.230	294.201	335.575	381.225	424.282	462.396	487.570	519.561	560.741	593.489	589.239	578.495	565.989	545.401
percentagem	16%	16%	17%	17%	18%	19%	20%	21%	23%	24%	25%	26%	27%	27,57%	26,57%	26,46%	26,52%	26,24%
Brasil	159.619	176.440	201.795	233.254	222.217	224.299	254.394	265.962	268.332	274.700	286.557	302.080	312.979	316.967	312.582	267.456	230.552	210.032
percentagem	12%	13%	14%	16%	15%	14%	15%	15%	14%	14%	15%	15%	15%	14,72%	14,10%	12,23%	10,80%	10,10%
Filipinas	85.968	74.297	84.509	93.265	105.308	115.685	144.871	156.667	169.359	185.237	199.394	187.261	193.488	202.592	210.617	211.716	210.181	209.376
percentagem	6%	5%	6%	6%	7%	7%	9%	9%	9%	10%	10%	9%	9%	9,41%	9,50%	9,68%	9,85%	10,07%
Peru	35.382	36.269	37.099	40.394	41.317	42.773	46.171	50.052	51.772	53.649	55.750	57.728	58.721	59.696	59.723	57.464	54.636	52.843
percentagem	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	2,77%	2,69%	2,63%	2,56%	2,54%
Estados Unidos	43.320	43.198	44.168	43.690	42.774	42.802	44.856	46.244	47.970	47.836	48.844	49.390	51.321	51.851	52.683	52.149	50.667	49.815
percentagem	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	2%	2%	2%	2%	2,41%	2,38%	2,39%	2,37%	2,40%
Outros	134.344	142.800	156.142	174.567	189.442	199.805	225.308	245.907	264.621	277.421	288.213	296.848	309.450	321.489	337.205	338.323	334.970	336.162
percentagem	10%	10%	11%	12%	13%	13%	13%	14%	14%	14%	15%	15%	15%	14,93%	15,21%	15,48%	15,70%	16,17%

Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 2012 [国籍 (出身地) 別外国人登録者数の推移] (*Kokuseki (shushinchi) betsu gaikokujin tōrokushyasu no sui*).

⁴¹ Opta-se pela fonte do ministério da Justiça do Japão neste livro. Uma outra opção são os dados através do site (*Statistical Research and Training Institute*) <http://www.stat.go.jp/english/data/handbook/index.htm>. Porém, esse site mostra dados num espaço de tempo de cinco em cinco anos.

Esse número não inclui os descendentes de japoneses que possuem *koseki tōhon* (戸籍謄本), isto é, o registro civil de família.⁴²

De acordo com os dados da fonte em 2006 o maior grupo de imigrantes vivendo no Japão são os coreanos, ultrapassados pelos chineses no ano de 2007, quando estes passam a ser o maior grupo. Em terceiro lugar seguem os nipo-brasileiros e brasileiros registrados no país.⁴³ Após 2007 observa-se que o número de imigrantes provenientes do Brasil passa a decrescer no Japão.⁴⁴

É importante compreender também que há no Japão muitos nipo-brasileiros, que não estão registrados nessa tabela por terem um registro japonês, feito pelos pais ao nascerem no Brasil. Esses nipo-brasileiros registrados no consulado ou na embaixada japonesa no Brasil são considerados no Japão japoneses, por isso não se obtém dados estatísticos concretos dessa porcentagem.⁴⁵ Nessa tabela inclui-se apenas os dados dos imigrantes provenientes do Brasil com visto. A generalização na tabela utilizada para “outros” insere os imigrantes provenientes dos países asiáticos como: Vietnã, Tailândia, Índia e Nepal.

Com relação à migração dos *nikkei*, pode-se afirmar que ela foi proporcionada pela mudança de atitude do governo japonês, por ser uma solução viável para as pressões econômicas e políticas desse período (Tsuda, 1999: 11). De acordo com os dados, entende-se que é após a reforma na lei, no início da década de 1990, que ocorre uma enorme intensificação do movimento da migração de “retorno” para o Japão (Edson Mori, 2002: 242). Esse “retorno” para o Japão é promovido no Brasil através das propagandas nos jornais japoneses que atendem a comunidade nipo-brasileira no Brasil, assim como pelas empreiteiras ou *brokers* ou mesmo pelas histórias das pessoas que retornaram após terem migrado na década de 1980 (Yoshioka, 1995; Roth, 2002). Órgãos como o CIATE⁴⁶ são fundados para

⁴² A nacionalidade japonesa é concedida aos descendentes de japoneses nascidos no exterior através do registro civil. A dupla nacionalidade dos filhos de japoneses é reconhecida no Brasil, mas não no Japão, onde os portadores do registro civil (*koseki tōhon*) são considerados apenas japoneses.

⁴³ Ao contrário dos descendentes de japoneses, que são denominados como nipo-brasileiros neste trabalho, utiliza-se o termo brasileiro para indicar os outros imigrantes nascidos no Brasil, mas sem a descendência japonesa.

⁴⁴ Lê-se no capítulo 4 deste livro mais detalhadamente sobre o regresso para o Brasil, entre outros, dos nipo-brasileiros que aceitaram a assistência financeira do governo japonês.

⁴⁵ Tsuda (2003c) considera de acordo com os dados na sua pesquisa que se tem uma porcentagem de aproximadamente 10% de nipo-brasileiros no Japão que não estão registrados como brasileiros por terem *koseki tōhon*.

⁴⁶ CIATE (Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior) foi criado pelo Ministério do Trabalho Japonês em 1992. Esse órgão tem como função informar e organizar o fluxo migratório dos trabalhadores nipo-

dar assistência aos nipo-brasileiros interessados em migrar para o Japão (Yoshioka, 1995: 90). Predomina, portanto, uma rede em torno desse “retorno” através das propagandas de oferta de trabalho e das agências intermediárias (*brokers*), recrutando os interessados nipo-brasileiros para o movimento *dekasegi* e os direcionando para as áreas industriais no Japão com ofertas de trabalho (Yoshioka, 1995: 89-95). Essas redes sociais representam dentro do processo migratório uma reação dinâmica cultural desse grupo étnico. Dá-se assim a origem do que se denomina como a “indústria migratória” (Sellek, 2001: 8). Essa indústria inclui, entre outras, as pessoas que se envolveram e se desenvolveram nesse processo, tais como: os consultores, agentes de viagens, contrabandistas, empreiteiras, advogados (Sellek, 2001: 8-9).

Entende-se também que é nos anos 90 que a migração de “retorno” dos nipo-brasileiros passa a constar de famílias inteiras, incluindo membros sem ascendência japonesa, e descendentes sem o mínimo ou nenhum conhecimento do idioma japonês (Sasaki, 2002: 121-122). Esse cenário foi inesperado no Japão, quando a lei de imigração foi revista para os descendentes de japoneses (Kajita, 1994: 168). Sobretudo numa época, em que a migração passa a tomar uma forma permanente no Japão (Sellek, 2001: 11).

2.7.2 O quadro socioeconômico: “retorno” ou jornada temporária transnacional

Nessa fase, a falta de conhecimento da cultura e língua japonesa não é interpretada por inúmeros nipo-brasileiros e brasileiros como uma barreira para a migração ou permanência no Japão uma vez que:

Many small manufacturers and other businesses used brokers because they did not have the means to recruit Nikkeijin on their own. In addition brokers provided a variety of services necessary to maintain these workers. Brokers arranged to rent apartments from landlords, to help fill out documents necessary to renew visas, and to look after multitude of issues that migrants faces in adjusting to work and life in Japan (Roth, 2002: 66).

Assim, mediante essa rede em torno do movimento *dekasegi*, a migração de “retorno” dos descendentes de japoneses é viável para qualquer descendente, tanto para emigrar do Brasil para o Japão, quanto para permanecer nesse país.

Ainda que o Japão tenha entrado em recessão no final de 1991 (Sellek, 2001: 10) o movimento migratório não diminuiu, e os nipo-brasileiros continuaram tendo trabalho.

brasileiros ao Japão. Restringe-se ao esclarecimento das pessoas que pretendem ir ao Japão aconselhando-as como devam proceder no mercado de trabalho japonês, e que precauções devam tomar perante as empreiteiras ou *brokers* (Yoshioka, 1995: 90-91).

Tanno (2001: 225-258) analisa como os nipo-brasileiros são empregados dentro do mercado de trabalho japonês, desde o início do movimento. De acordo com Tanno, durante a economia da bolha (*baburu keizai*) os nipo-brasileiros são empregados para reduzir o enorme problema da escassez da mão de obra no Japão, enquanto, após o início da recessão que causou a estagnação da economia, os *dekasegi* passam a ser os empregados mais flexíveis nos locais de trabalho, os quais por terem essa posição são os primeiros a serem dispensados, caso a demanda de trabalho diminua (*ibid.*). Dentro desse contexto, observa-se o aspecto temporário do tipo de trabalho oferecido aos imigrantes, nesse caso consanguíneos.

2.7.3 O quadro da segunda geração de imigrantes

Um debate importante dentro do fluxo migratório do “retorno” para o Japão é a inserção dos filhos dentro desse fenômeno (Aoi Tsuda, 2005: 496). É durante a extensão desse fenômeno que se constata também um aumento considerável do número de crianças nascidas no Japão (*ibid.*). Crianças que, provavelmente na sua maioria irão estudar nesse país. Um país, onde o ensino é dividido em privado e público e é obrigatório dos seis até os quinze anos de idade (Ninomiya, 2002: 251).

No seu discurso Yamanaka (2006:101) apresenta três opções de ensino oferecidas para as famílias nipo-brasileiras no Japão: as escolas públicas japonesas, as escolas privadas brasileiras, ou *nem uma e nem outra*. Essa última opção reflete o problema dos filhos que abandonam o ensino japonês ou brasileiro, ora pela questão da língua e cultura, ora por motivos financeiros dos pais.

É importante considerar que o sistema educacional japonês é diferente do sistema de ensino brasileiro. No Japão não existe no ensino obrigatório da escola pública o sistema de repetição, ou seja, só se precisa perguntar a série da criança para se saber a sua idade (Ninomiya, 2002: 252). Os estudantes no ensino médio público têm como exigência escolar a obrigação de terem assistido a um determinado número mínimo de horas das aulas ministradas para poderem encerrar essa fase escolar (*ibid.*).

Apesar das famílias optarem pelo ensino público japonês, nota-se a preocupação dos pais em manterem o idioma português em casa com os filhos. Porém, por causa das longas jornadas de trabalho, e o contato limitado com os filhos em casa, percebe-se a impossibilidade de se conseguir manter o idioma português com os filhos, causando assim problemas de

comunicação na relação de pais e filhos (Linger, 2001: 313; Tsuda, 2009 b: 223, Tsuda, 2003c: 273).

Um outro cenário constata-se com as crianças que ingressam nas escolas japonesas a partir dos 10 anos de idade (Yamanaka, 2006: 101-102). Essas crianças também possuem acesso ao ensino público japonês. Contudo, existe uma diferença nítida de tratamento, que se nota na atitude de indiferença das instâncias controladoras. Por exemplo, os imigrantes não são punidos por lei, como os japoneses, caso os filhos não frequentem o ensino obrigatório (Ninomiya, 2002: 251). Além disso, os pais que decidem enviar os filhos para o ensino público japonês conseguem matricular o filho, independente de se ter ou não lugar na turma em que o estudante é inserido (*ibid.*).

Como a instrução nas escolas públicas japonesas é em japonês, constata-se inúmeras dificuldades entre os filhos dos nipo-brasileiros que ingressam nessas escolas na idade acima dos 10 anos de idade (Yamanaka, 2006: 101-102). Evidencia-se a barreira da falta de conhecimento do idioma e da cultura, levando-os a terem inúmeros problemas no acompanhamento educacional nas escolas (Ninomiya, 2002: 253; Yamanaka, 2006: 106). Apesar do fenótipo japonês dos nipo-brasileiros, as crianças que não conseguem se comunicar na língua japonesa são marginalizadas, e muitas vezes também vítimas de *ijime* (bullying) na escola (Ninomiya, 2002: 253).

Além disso, por serem consideradas pela sua nacionalidade brasileira no Japão, as instituições municipais, não se preocupam em recrutá-las para o ensino no Japão (Yamanaka, 2006: 106). Ilustrando essa falta de dados do governo japonês sobre a questão do ensino dos estrangeiros,⁴⁷ de forma geral, a pesquisadora japonesa Maeda (2007: 33) aborda o seguinte quadro:

I explore the compulsory education system where the majority of immigrant students are enrolled. As mentioned, recent phenomenon demonstrates the drastic increase of immigrants coming to Japan, but Ministry of Education in Japan has done very little research and provided limited data regarding the number of immigrant students in public schools, the number of the mother languages they speak, and the number of supporting programs in prefectures (Ministry of Education, Culture, Sports, Science and Technology, 2004). the Ministry of Education does not further investigation and does not provide data such as high school and university entrance rate, dropout rate, school achievement, or other related data.

⁴⁷ A falta de dados não é apenas com relação às crianças nipo-brasileiras, apesar de Maeda não mencionar os outros grupos étnicos de imigrantes estrangeiros inseridos no ensino japonês público, interpreto que a pesquisadora se refere aos maiores grupos de imigrantes registrados no Japão. Assim, de acordo com o Ministério da Justiça de 2012 [国籍 (出身地) 別外国人登録者数の推移] (*Kokuseki (shushinchū) betsu gaikokujin tōrokushyasū no suiri*), os maiores números de imigrantes no Japão são provenientes da China, Coreia, Brasil, Filipina, Peru. Ver tabela 1.

As crianças nipo-brasileiras que não dominam nem o idioma e nem o sistema de valores culturais do país se deparam com um cenário pessimista, caracterizado pela falta de perspectiva de futuro (Linger, 2001: 67-68, 134-135).

De qualquer forma, o considerável aumento do número de imigrantes no ensino japonês gera uma situação que desafia o parâmetro do sistema educacional japonês, caracterizado por um cenário homogêneo, ou aparentemente homogêneo (Maeda, 2007: 35). Isso porque um dos maiores grupos de imigrantes no Japão, os *Zainichi Kankokujin*, ou seja, Coreanos da segunda ou terceira geração, omitem a sua identidade ou modificam os seus nomes, a fim de poder se proteger da discriminação no ensino, criando assim um cenário de aparência homogênea (Maeda, 2007: 35). O mesmo cenário é constatado também entre os filhos dos nipo-brasileiros, que ocultam a sua identidade a fim de evitar problemas de ostracismo ou *ijime* (Tsuda, 2009b: 223).

Ademais, apesar das várias reformas no ensino japonês e da implementação de programas especiais para auxiliar os filhos de estrangeiros na aquisição da língua e da cultura, ainda é extremamente difícil a concorrência com os japoneses nas provas de admissão para o ensino médio e universitário (Maeda, 2007: 36; Tsuda, 2009b: 223).

No Japão, os nipo-brasileiros e brasileiros também possuem a alternativa de poderem estudar em escolas particulares brasileiras. O estabelecimento dessas escolas, transnacionais, reflete o cenário de uma migração temporária (Tsuneyoshi, 2010: 145) na qual os imigrantes nipo-brasileiros pretendem manter o conhecimento do idioma português dos filhos, seguindo ao mesmo tempo o currículo escolar brasileiro (Ninomiya, 2002: 256) por ser reconhecido no Brasil (Tsuneyoshi, 2010: 139).

A possibilidade de se estudar numa escola particular brasileira existe em várias cidades no Japão, onde há uma grande concentração de nipo-brasileiros, mas a mensalidade escolar é considerada alta dentro do parâmetro econômico dos nipo-brasileiros. Há assim crianças e adolescentes sem acesso ao ensino educacional no Japão, as quais não estão nem inscritas nas escolas privadas brasileira e nem nas escolas públicas japonesas. Assim há a formação de grupos de adolescentes que vagam pelas ruas, criando uma percepção negativa no Japão dos adolescentes brasileiros (Yamanaka, 2006: 101-102). A indagação é então como a segunda geração de imigrantes lida com o ensino, a identidade e com os planos indefinidos dos pais no Japão dentro dos contextos de suas famílias?

Capítulo 3

A migração de “retorno” e o encontro étnico: estudos de casos

Neste capítulo aborda-se a temática da migração de “retorno”, identidade e transnacionalismo através das vozes da primeira geração de imigrantes, a fim de se entender e conhecer de forma mais aprofundada as motivações e os imigrantes nesse debate. Através das análises e tópicos, que fazem parte do encontro étnico na vida cotidiana das famílias de imigrantes, descreve-se o questionamento em torno da construção da identidade na migração de “retorno”. É também através do contraponto da percepção japonesa sobre a identidade dos migrantes no “retorno”.

Analisa-se ao mesmo tempo a estrutura em torno desses imigrantes, através dos relatos das suas experiências. Quais são as necessidades, as possibilidades e os dilemas dos imigrantes, influenciando-os, muitas vezes, a repensarem sobre o transcorrer dessa migração. Por último insere-se aspectos da crise econômica mundial em 2008, que influenciou o quadro geral em torno da migração de “retorno”.

3.1 Definindo a motivação

Quais são as motivações intrínsecas das pessoas envolvidas no dinamismo desses fluxos migratórios? Qual é a explicação plausível para esse movimento de “retorno”? Nota-se que mesmo os conterrâneos que estão no Japão a serviço da comunidade “brasileira” possuem uma definição da motivação por trás do “retorno”. Assim:

Betão:

O nipo-brasileiro sai do seu habitat natural para um lugar que ele não conhece. O filho bom que retorna para casa. Se houvesse possibilidade eles ficariam lá, mas não têm, daí eles vêm para o Japão para ser estrangeiros. Eles vêm com a esperança de uma vida melhor, nesse caso eles são privilegiados, pois eles podem tentar aqui. O *dekasegi* vem pra cá à procura do que ele não tem na sua terra natal: emprego, salário, dinheiro extra...

Na opinião de Betão, mesmo que esse fenômeno tenha como peculiaridade os vínculos com a identidade japonesa, esse fato não se nota na prática, quando eles “retornam” para o Japão. Apenas “privilegia” esses descendentes de japoneses que podem trabalhar no Japão e tentar a vida nesse país, onde eles vêm para preencher especificamente os trabalhos pesados, perigosos e sujos, conhecidos pelos 3 *k*'s em japonês, que os próprios japoneses evitam de fazer.

Sob a ótica desses migrantes observa-se que eles baseiam-se na ponderação dos custos/benefícios (Massey, 1990: 3-26) da renda suposta que equivale realizar esses tipos serviços no Japão. Tal decisão dá a impressão de que os nipo-brasileiros ressaltam os vínculos com a descendência japonesa, apenas, exclusivamente, por terem objetivos de ordem econômico-financeira. Se, por um lado, esse tipo de motivação é evidente e clara, então por que é que essa migração causa, por outro lado, problemas psicológicos de crise de identidade entre tantos descendentes de japoneses? É o que se nota na literatura em torno desses imigrantes (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c, 2009).

Quando os imigrantes descrevem a situação em torno da decisão de migrar ou não, nota-se a interação de outros fatores, simultâneos, interagindo na formação desse movimento. Ao se comparar as histórias dos migrantes nos fragmentos abaixo, torna-se visível que as motivações por trás desse movimento são variadas, apesar de terem um objetivo econômico-financeiro. Um exemplo é o caso seguinte.

Sra. Ema:⁴⁸

Eu vim para o Japão faz 12 anos, eu cheguei aqui em 1991... Eu vim com o meu pai, após a separação... no Brasil estava difícil, naquela época de crise, que o dinheiro mal dava para pagar as contas já mesmo do início do mês...a calculadora ali, sempre na mão pra ver se dava pra pagar mesmo a conta no supermercado, porque tudo subia, sem falar nas outras coisas, estava difícil, daí quando eles se separaram e o meu pai disse que vinha, eu decidi vir com ele... eu não estava bem na época nos estudos, porque eu não tinha vontade mais de estudar... eu não tinha muitas amizades, e daí eu decidi vir com ele só por um tempo... Na época eu fui primeiro para uma granja trabalhar e lá eu sentia tanta saudade do Brasil, porque eu ficava só entre japoneses, o meu único contato lá era o meu pai... Nessa época eu estava em Ōyama... Lá eu fiquei só entre japoneses, e todo mundo era bem mais velho do que eu... isso era *inaka* (interior) mesmo...mas foi lá que eu aprendi a falar e me virar em japonês... acho que eu fiquei mais ou menos três anos... De lá eu fui dois meses para o Brasil... Mas, eu não gostei... eu não sei... eu nunca tive muita amizade assim no Brasil, o pessoal que eu conhecia estava estudando... e eu tinha parado os estudos já fazia uns três anos, e para continuar de novo, não... eu também não gosto muito de estudar, daí o que eu ia fazer lá, e aí eu acabei voltando para o Japão... Eu lembro que na época que eu vim era novidade ver um brasileiro andando nas ruas, principalmente onde eu estava... as contas do telefone, nossa, eram enormes e assim toda hora eu escrevia carta.

Quando Ema migrou para o Japão, ela foi morar em Ōyama, que como Kandatsu é uma pequena cidade do interior no Japão. Na época a presença dos imigrantes que vinham através da migração de “retorno” era ainda novidade. Ao refletir sobre a sua motivação de migrar para o Japão, Ema conta que essa foi uma decisão repentina, tomada após a separação dos

⁴⁸ Ema é *sansei* e na época da entrevista em 2003 tinha uma idade entre os 25 e 30 anos. Migrou para o Japão com 15 anos sem ter terminado o ensino médio no Brasil. Ela é casada com um *nisei* de São Paulo e tem duas filhas.

pais, por ter-se sentido isolada, sem amigos, e sem nenhuma motivação para continuar os estudos. Ema explica que tomou a decisão de migrar junto com o seu pai, aos 15 anos de idade, para ficar por alguns meses no Japão para depois voltar ao Brasil e terminar o ensino médio. Contudo, essa segunda parte do seu plano não ocorreu. Ao regressar para o Brasil Ema afirma não ter sentido nenhuma motivação em continuar os estudos, que já havia parado há três anos. Após três meses no Brasil Ema decide voltar para o Japão, indo morar em uma outra área, onde havia mais oportunidades de trabalho.

No caso de Ema constata-se um outro tipo de motivação, onde o fator econômico não foi o motivo principal para ter migrado junto com o pai para o Japão. O seu isolamento no Brasil, a separação dos pais e as dificuldades no ensino ao lado dos problemas de ordem econômico-financeira constituem o contexto negativo que a levou a migrar para o Japão junto do seu pai por um período provisório.

Nota-se que nem sempre a motivação econômica é a causa principal para essa migração. Um outro exemplo é o caso de Kimi.

Sra. Kimi:⁴⁹

Eu acho que a primeira vez que eu vim... foi em janeiro de 96 para a igreja em Nara. Eu tinha acabado de me formar e daí eu decidi vir para aprender mais sobre a minha religião (Tenrikyō), por exemplo... o que os meus pais foram fazer lá no Brasil como missionários... por que foram para o Brasil... a gente prática (a religião) todo dia, mas não é que a gente entenda tudo né...e eu mesma nem conseguia explicar para os brasileiros que vinham lá em casa por que a gente vivia assim... Os meus pais são missionários, e eu cresci lá dentro da Igreja⁵⁰, então é difícil explicar para os outros né... mas eu sabia que um dia eu ia ter que ir estudar a minha religião no Japão, mas não sabia quando...na verdade eu não queria, mas quando eu estava no último ano da Universidade, ...eu não estava bem porque eu tinha problemas com o meu namorado, e depois de ter terminado eu decidi vir para o Japão...porque eu tinha que vir um dia, mas não sabia quando... a minha intenção foi só de ficar três meses....mas isso eu não falei pra ninguém... Na época o Nori veio atrás de mim aqui no Japão e a gente voltou a ficar juntos... daí eu fiquei mais um tempo... Então, pois é, nesta época eu fiquei primeiro três meses em Nara e depois eu fui para Tóquio, porque lá está a outra sede da igreja. Daí voltei para o Brasil por um mês, mas foi só para casar e depois voltei de novo para o Japão para trabalhar... Eu acho que eu voltei no dia 12 ou 13 de maio de 1997. Eu vim pra cá para juntar um dinheiro pra depois de uns três anos voltar para o Brasil... Eu casei né, a gente queria também poder montar a nossa vida, ter o nosso próprio espaço e daí veio para o Japão... e nessa parte aqui do Japão tinha trabalho pagando bem, porque também tem muito japonês que migra para cá para trabalhar temporariamente.

⁴⁹ Kimi é nisei, mas por ser registrada no Japão é considerada japonesa pela lei, ou seja, issei. Em 2003 durante a primeira entrevista Kimi tinha 31 anos. Ela possui o curso universitário na área de ciências biológicas, porém não exerceu a sua profissão no Brasil e nem no Japão.

⁵⁰ Kimi migra inicialmente para o Japão através de uma oportunidade oferecida pela sua religião em estudar os princípios e a filosofia de vida divulgada pelo *Tenrikyō* (天理教), a fim de compreender melhor a sua criação no Brasil. Esse contexto é único dentro do quadro desses entrevistados.

Aqui nesse caso também a motivação inicial não é o fator econômico. São os vínculos imateriais transnacionais dessa imigrante com a religião *Tenrikyō* no Japão ao lado de problemas afetivos que a levaram a decidir ir estudar a sua religião no Japão por alguns meses. Como no caso de Ema, nota-se que uma mudança na motivação inicial é substituída com o decorrer do tempo pelo fator econômico.

O “retorno” para o Japão representa em ambos casos uma forma de independência econômica, motivando-as a trabalhar como *dekasegi* por alguns anos, mesmo que tenham que se submeter a trabalhos de mão de obra não qualificada. Apesar de se enfatizar na literatura a motivação econômica como sendo o principal fator impulsionando a migração de “retorno”, nota-se que outros aspectos também interagem, proporcionando e impulsionando simultaneamente esse movimento para o Japão. Um desses aspectos observados são as redes de contato desses imigrantes.

3.1.1 O papel das redes: migração de “retorno” ou experiência transnacional

A partir do final da década 1980 compreende-se que os emissários das empresas japonesas passaram a recrutar os emigrantes pós-guerra nos seus países de procedência (Yoshioka, 1995: 84) tornando-se evidente o papel das redes de contato no fenômeno da migração do “retorno”. Além do mais, as diferenças salariais e as histórias dos migrantes, que regressaram do Japão passaram a ser comentadas nos ciclos de amizade, entre os descendentes de japoneses, estimulando a emigração de outros nipo-brasileiros e brasileiros.

A importância desses aspectos pode ser atribuída à decisão de migrar, que vai além do aspecto econômico-financeiro. Se, por um lado, há a falta de perspectiva no Brasil em consequência da crise econômica no país, por outro lado, há o recrutamento das empresas japonesas, que passam a receber uma atenção maior dos nipo-brasileiros, após ouvirem sobre as experiências de outros *dekasegi* que retornaram com recursos financeiros.⁵¹ De qualquer forma, são esses tipos de histórias que passam a influenciar outros nipo-brasileiros a migrarem para o Japão. Em particular, os que tinham problemas econômico-financeiros e falta

⁵¹ Segundo as informações dos entrevistados, muitos ficaram a par da reforma na Lei Japonesa através das histórias de conhecidos que optaram em migrar para o Japão fugindo da crise econômica que predominava no Brasil desde os anos 80. O movimento de “retorno” ou *dekasegi* foi difundido também pelos jornais, em português, voltados para os descendentes de japoneses e japoneses no Brasil. De forma geral houve no início dos anos 90 um grande movimento emigratório do Brasil para os Estados Unidos, Europa e Japão (Margolis, 1994; Skidmore, 2010).

de perspectiva de futuro, e cuja situação melhoraria em curto prazo, como é o caso de Sachiko.

Sra. Sachiko:⁵²

Eu vim em 1990... uhm...já faz 13 anos que eu estou aqui, mas... eu já voltei nesse meio tempo várias vezes para o Brasil. Às vezes fico lá por dois ou três meses. Até um ano eu já cheguei a voltar...oh, isso que eu vim pensando em ficar aqui só por um ano e meio... tinha tanta gente saindo na época lá de onde a gente mora para trabalhar aqui... muito conhecido veio para cá trabalhar porque no Brasil não estava dando para sobreviver...Eu vim porque acabou o dinheiro, não tem serviço e daí eu vim para cá... E eu vim pra cá com uma das minhas filhas... quando eu cheguei uhm... eu não falava japonês,⁵³ e aqui eu aprendi um pouquinho né... Eu sou filha de japonês, o meu pai é de Tóquio e a minha mãe é de Okinawa... e assim eu podia vir.

Apesar de nunca terem posto os pés no país dos antepassados e de não dominarem ou falarem o idioma japonês, essa falta de conhecimento da cultura e língua japonesa não é interpretada como uma barreira para a migração ou permanência no Japão. Isso porque eles recebem o auxílio das empreiteiras para arranjar trabalho, apartamento, preencher documentos, facilitando assim a permanência no país, mesmo que não falem o idioma japonês (Roth, 2002: 66). Independentemente de Kandatsu ser uma cidade interiorana pequena, há também empreiteiras estabelecidas em cidades vizinhas, as quais servem de contato entre as empresas e os imigrantes que moram nessas áreas. Em Kandatsu também existem representantes (*tantōsha*) dessas empreiteiras, que atuam em arranjar trabalhos e no auxílio a esses imigrantes.

Em formal geral, as empreiteiras possuem um papel imprescindível dentro da migração de “retorno” dos descendentes de japoneses, tornando esse fenômeno possível para qualquer *nikkei*, independente de se ter ou não conhecimento do idioma japonês. Esse é o caso de Sachiko, que fala o idioma japonês, mas não consegue ler ou escrever, precisando dessa forma do auxílio de outras pessoas. Ao comparar a sua vida no Brasil e Japão, Sachiko comenta:

⁵² Sachiko é *nisei* e tinha na época da primeira entrevista em 2003 a idade entre os 50 e 60 anos. Mencionou ter feito o ensino fundamental, que não completou. No Brasil, em São Paulo, sempre exerceu a profissão de cabeleireira, mantendo assim junto com o marido a família. No Japão trabalhou em fábricas, e teve serviços considerados como mais leves devido à idade. Depois disso, passou a trabalhar num restaurante de comida brasileira junto com a filha e o genro. Nesse restaurante há uma pequena divisão com prateleiras repleta de produtos alimentícios, e uma outra com fitas de vídeos com programas brasileiros para se alugar. Esse restaurante é também um ponto de encontro para muitos outros nipo-brasileiros, que vêm ao restaurante para conversar sobre os problemas da vida cotidiana no Japão.

⁵³ Apesar de Sachiko compreender o japonês e falar o suficiente para as atividades básicas, ela não domina o japonês da mesma forma que o português.

Pra vir pra cá todo mundo dá um jeito...(risos)...o que se faz muito é vir e fazer tudo pela recrutadora...se não tem dinheiro... hoje eu vejo que o Japão é muito bom, ...aqui tem muita tranquilidade, segurança, e o pessoal respeita a gente que está velho.... mas o que a gente estranha mesmo aqui quando a gente chega é a comida. É difícil de se acostumar com a comida daqui... eu sou filha de japonês, mas em casa a gente sempre comeu o feijãozinho, com arroz, que nem brasileiro, e o tempero, uhm...é diferente né, disso eu senti muita falta por que eu estranhei a comida aqui no início, ... o nosso problema no Brasil ...Ah, no Brasil é difícil... é difícil de sobreviver. Quando a gente fica velha, e não tem quase pensão, e o que tem não dá, então...vem pra cá... tentar economizar mais, juntar um dinheirinho... mesmo que nem eu (ao se referir ao fato de ser mais velha)...tem até muita gente aqui do bairro, de onde eu vim, que chegou a encontrar a gente aqui... porque o pessoal vem pra cá e pra lá procurando trabalho que pague melhor, e que dá pra gente fazer, daí vai de um lado pro outro no Japão... e o pessoal escuta que a gente está aqui, e daí procura né... olha, eu gosto daqui mas, eu ainda tenho uma filha e um filho lá no Brasil, e os meus netos... e aí é difícil né... mas eu falo com eles toda semana.

Compreende-se que no Brasil, os recrutadores auxiliam os nipo-brasileiros interessados em migrar para trabalhar no Japão, e que não possuem recursos financeiros próprios, através de empréstimos, subsidiando assim os custos e facilitando o vínculo com os intermediários no Japão (Mori, 1992: 149-150), não restringindo a migração de “retorno” apenas para os imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos que possuíam o capital necessário para pagar a viagem para o Japão. Nesse sentido, os recrutadores nos países de origem tornaram o movimento possível para qualquer imigrante que tivesse interesse de migrar para trabalhar no Japão, independente da situação financeira, classe social, ou mesmo idade. É o caso de Sachiko, que migra na faixa etária de 50 anos para trabalhar como *dekasegi* por não conseguir se manter mais no Brasil com a sua aposentadoria e com o seu trabalho de cabeleireira.

De acordo com os relatos, após alguns anos de trabalho no Japão, Sachiko passa a viver num movimento pêndulo de ida e volta entre os dois países por mais de uma década, devido à separação da família, que ficou dividida em uma parte no Brasil e outra no Japão.

A importância dada à assistência dos recrutadores também é mencionada pelos cônjuges sem descendência japonesa, como é o exemplo de Shirlayna, que migra para o Japão para trabalhar ao lado do seu marido, sem nenhum conhecimento da língua ou cultura japonesa.

Sra. Shirlayna:⁵⁴

Ah! Era bom lá no Brasil... mas eu casei novinha e de repente a gente tinha essa chance... então a gente veio pra cá, quer dizer o meu marido veio primeiro... e eu vim depois... que era pra gente poder ter uma coisa melhor lá. A gente não tinha nada lá...e o meu marido decidiu vir porque ele é sansei, mas... bom, eu sou brasileira.... Sou morena, cabelo crespo, olhos claros,

⁵⁴ Shirlayna tinha em 2003 entre 25 e 30 anos. Ela terminou o ensino médio no Brasil. É casada com sansei e tem um casal de filhos no Japão. Pelo fato de ser casada com um descendente de japonês possui o direito de morar e trabalhar no Japão.

mas eu sou casada e o meu marido é sansei, então eu podia vir...e agora a gente já está aqui há 12 anos e tem esse casal de filhos... mas, logo quando o meu marido veio não deu para mim vir, porque a minha filha ainda era muito pequenininha, e daí ele disse para mim esperar lá no Brasil, e mesmo... o meu pai também não queria que eu viesse pra cá, mas eu vim. ... Eu consegui vir através de uma agência que dava assistência pra quem queria vir lá em Osasco... eu me inscrevi, apresentei os documentos de casada, e como o meu marido já estava na época na região de Kyōto, eu fui pra lá... pensando em ficar só por um ano... e agora você vê a gente já está aqui há 12 anos... mas a gente sempre pensa em voltar.

Mesmo que estivesse indo com um bebê de colo para um país desconhecido, sem conhecimento nenhum da língua e da cultura, essa situação não é interpretada como um obstáculo ao decidir migrar para o Japão como *dekasegi*. Ao contrário, Shirlayna interpreta essa decisão como uma oportunidade de trabalho. Uma oportunidade temporária, da qual pretendiam usufruir para terem uma vida melhor no Brasil.

Compreende-se que as agências de recrutamento no Brasil auxiliam e facilitam os cônjuges, independente de terem ou não a descendência japonesa. Dentro desse contexto constata-se como as redes influenciam e proporcionam o volume que essa migração atingiu no Japão.⁵⁵ Mesmo para os imigrantes sem elementos da bagagem cultural japonesa.

Um outro fator que determina esse movimento são também os laços de família, que se estendem além das fronteiras geográficas, como é o caso de Tetsuji e Dalila, que migram para trabalhar como *dekasegi*, visto que não tinham oportunidades de trabalho no Brasil na época da crise para se manter economicamente. A privação econômico financeira levou-os a irem morar perto dos familiares no Japão.

Sr. Tetsuji:⁵⁶

Eu vim para cá juntar dinheiro porque no Brasil a situação estava pegando feio... a gente tinha um negócio de família, mas com a crise a gente começou a perder tudo, e o meu irmão já estava pra cá há uns anos e não dava pra ele ficar sustentando daqui o resto da família lá, até para os meus pais foi difícil porque a pensão no Brasil não vale nada e sem os negócios não dava pra sobreviver... daí eles também vieram pra cá porque tivemos que fechar tudo... começamos vendendo os carros e outras coisas pra pagar as dívidas e vir pra cá... como o meu irmão e a minha irmã já estavam aqui no Japão e eles estavam conseguindo guardar e se virar aqui... daí eu pensei, é melhor ir tentar também, mas só que a intenção da gente era de voltar logo depois...porque no meu caso a minha esposa é brasileira, e para ela é meio difícil de se virar aqui e de ficar longe da família lá do Brasil... mas ela dá o jeito dela, porque a gente tem dois

⁵⁵ Ver Yoshioka (1995: 89-94) para maiores detalhes sobre as formas e estruturas de recrutamento de trabalhadores no Brasil para as empresas japonesas no Japão.

⁵⁶ Tetsuji é *nisei* e tinha 30-35 anos na entrevista de 2003. Ele não chegou a concluir o ensino universitário antes de migrar para o Japão. No Brasil trabalhou no ponto comercial da família, o qual foi fechado em decorrência da crise. Tetsuji é casado com Dalila, que é brasileira sem descendência japonesa, e juntos eles têm um casal de filhos.

filhos para tomar conta, então tem que fazer... e como eu conheço o pessoal que veio e que voltou ...então a gente sabe que dá e como não tinha mais como ficar lá na época a gente veio.

Imigrantes como Tetsuji, que migraram em meados da década de 1990 para trabalhar como *dekasegi*, eram conscientes do tipo de vida e de trabalho que teriam no Japão.

Em decorrência da crise econômico-financeira na década de 1980 e 1990, Tetsuji perde o ponto comercial da família, assim como também o status, a segurança econômica e social. Ademais, o fato de seus pais e irmãos já estarem no Japão trabalhando como *dekasegi* influencia a sua decisão. Para esses migrantes, a migração de “retorno” representa uma estratégia econômica temporária a fim de poder recuperar o status de classe média, que tinham no Brasil. Como nos outros relatos constata-se que a intenção inicial associada ao “retorno” pelos imigrantes nipo-brasileiros é a migração temporária.

Como Tetsuji explica, a decisão de migrar é influenciada também pelos relatos dos outros que partiram antes, independentemente de possuírem ou não contato. As histórias dos imigrantes que partiram e que regressaram apresentando uma situação econômica melhor influenciaram muito no comportamento de outros nipo-brasileiros que tomaram a mesma decisão.

Ao contrário do que o governo japonês propagou no Japão (Kajita, 1994: 172), nenhum desses imigrantes entrevistados mencionou ter vindo com o objetivo de combinar o trabalho de mão de obra não qualificada com visitas aos familiares, e nem mesmo como sendo uma oportunidade de conhecer o país dos antepassados.

Diferente dos *dekasegi*, constata-se no trabalho de campo que são os estudantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos⁵⁷ vindos como bolsistas através de intercâmbio os que são motivados em aprender a língua, visitar os parentes e conhecer o país. Observa-se também que a probabilidade é maior para os estudantes de intercâmbio de frequentarem as aulas de japonês para estrangeiros⁵⁸ e aprenderem mais sobre o país dos seus antepassados. Os imigrantes que vieram para realizar trabalhos de mão de obra não qualificada são exceções

⁵⁷ Entrevistas avulsas conduzidas na escola de japonês para estrangeiros em Tóquio. Os estudantes eram bolsistas do Brasil e do Peru e receberam bolsas de estudos através de convênios existentes entre o Brasil e o Japão e entre o Peru e o Japão. Foram feitas nessa escola três entrevistas avulsas, curtas, com esses estudantes, apesar de se ter os dados dos quinze estudantes de intercâmbio nipo-brasileiros, os quais não foram utilizados no corpo deste livro. Contudo, uma das três entrevistas foi com o *dekasegi*, que estuda o idioma japonês. A sua motivação ilustra as intenções desse imigrante em permanecer no país e de melhorar de serviço, através do aprendizado do idioma.

⁵⁸ De acordo com a professora de japonês e a administradora da escola, a maior parte dos estudantes provenientes da América Latina e que frequenta as aulas de japonês para estrangeiros é bolsista.

nessas aulas. Apesar desses estudantes de intercâmbio serem conterrâneos, eles não se comparam com os nipo-brasileiros que vieram para o Japão trabalhar como *dekasegi*. Nota-se que esses estudantes atribuem uma determinada diferença na percepção do status que eles têm no Japão como estudantes, visto que os objetivos desses nipo-brasileiros, conterrâneos, são diferentes.

De qualquer forma, para os *dekasegi* a migração de “retorno” representa uma oportunidade de trabalho, de mão de obra não qualificada, temporária, com fins econômico-financeiros para que possam tentar ter uma vida melhor no Brasil. Quer dizer, ao contrário do que se constata em Linger (2001), Roth (2002) e Tsuda (2003c), afirmo que esses migrantes, ao decidirem migrarem estão conscientes do tipo de trabalho e de vida em torno do migrante *dekasegi* no Japão.

De acordo com os resultados empíricos, essa conscientização dentro do processo migratório pode se atribuída, sobretudo, às redes de contato. Mesmo que se trate de uma motivação econômico-financeira, observa-se que a interação dinâmica das redes de contato influenciam os mais diversos tipos de casos de migrantes. É também o caso de Nori, que migra sem ter diretamente problemas de ordem econômico-financeira. No seu caso, a migração passa a representar uma oportunidade de independência, para que possa sair dos negócios da família e montar algo próprio.

Sr. Nori:⁵⁹

No Brasil eu tocava os negócios, e eu não dependia de ninguém... porque eu sempre soube dar o meu jeito e resolver as coisas... Eu tocava a CEASA,⁶⁰ tinha clientela fixa, e mais aqueles que a gente conseguia assim, porque sabe falar com o pessoal né. Eu cuidava de tudo, porque eu sou o filho homem mais velho em casa... eu vim para cá porque a minha namorada estava aqui no Japão...primeiro eu pensei em conhecer um pouco para depois voltar...mas depois de um tempinho eu pensei em ficar um pouco... e foi assim... Então, a primeira vez que eu cheguei aqui foi em 1996... e eu não vim para trabalhar, mas eu encontrei uns conhecidos aqui...e foi aí que eu decidi ficar aqui um tempo trabalhando. Na época quando eu vim, coincidiu de eu vir com um amigo de Belém, que estava vindo trabalhar... eu decidi casar e tentar montar o meu próprio negócio, casa...e eu vi que dava para fazer isso se eu trabalhasse aqui por um tempo.

⁵⁹ Nori é *nisei* e tinha 32 anos em 2003. No Brasil não terminou a universidade. Nori é casado com uma *nisei*, e tem três filhos. Na sua primeira entrevista mencionou ter trabalhado desde a sua adolescência por ser o filho homem mais velho, assistindo aos negócios da família na CEASA no Brasil. Além disso, consta que ao terminar o curso de agronomia, trabalhou ainda por alguns anos, mantendo os negócios na CEASA, como comerciante. Ao migrar para o Japão passou a trabalhar em várias fábricas, fazendo trabalho de fundição, controle de peças e, por último, trabalho de representante, ou seja, *tantōsha* (担当者).

⁶⁰ A CEASA é uma central de abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros, e a qual é formada por uma sociedade anônima de economia mista, constituída por força da transferência do controle acionário do Governo Federal para os Governos dos Estados brasileiros, sendo a mesma vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura, da Pecuária da Pesca.

Para Bourdieu e Wacquant (1992: 119) as redes de contatos são uma forma de *capital social*, uma vez que desempenham um papel importante dentro da sociedade por fornecer informações necessárias para um determinado grupo de pessoas. Segundo Massey *et al.* (2003: 50) e Portes e De Wind (2008: 6) essa forma de rede de informações favorece, mesmo após o motivo econômico inicial ter desaparecido, a permanência desses migrantes. Nesse caso, fica evidente de que a motivação econômica surge após o contato com as redes, influenciando o imigrante na mudança dos seus planos iniciais, através das histórias e conversas com conhecidos sobre os altos salários no Japão em comparação com o Brasil.

As redes existentes entre os imigrantes no país receptor são compartilhadas por vários tipos de pessoas, estendendo-se além dos laços familiares e de amizade, ou mesmo de comunidade (Massey *et al.*, 2003: 50; Portes e De Wind, 2008: 6). Nesse caso, a motivação inicial mudou após a chegada no Japão, através do contato com conhecidos e conhecidos dessas pessoas, que já estavam trabalhando no Japão. Para Nori foram essas formas de contato que o influenciaram na sua decisão de permanecer no Japão para trabalhar como *dekasegi*. Nori esclarece que não tinha problemas financeiros quando estava no Brasil e liderava os negócios da família na CEASA, porém, sempre teve o sonho de ter o seu próprio negócio, independente dos pais. Ele combinou a vontade de querer vir ao Japão com o problema particular com a sua namorada. A sua intenção era retornar ao Brasil, mas encontrou conhecidos no Japão e assim acabou por prorrogar a sua permanência.

Observa-se entre vários imigrantes que o valor dos laços de família, vínculos de amizade, e mesmo de toda a estrutura social ao redor dos migrantes, interage tanto na motivação do processo emigratório, quanto na decisão de permanência no Japão. Esse tipo de estrutura é constatado de forma frequente entre os emigrantes mexicanos que foram para os Estados Unidos (Smith, 2006: 196-198; Massey *et al.*, 2003: 50; Smith, 2005).

3.1.2 A formação escolar dos imigrantes nipo-brasileiros

De acordo com o debate na literatura existem diferenças nos resultados com relação aos imigrantes nipo-brasileiros que fazem parte da migração de “retorno” para o Japão. Essas diferenças são em relação à formação escolar dos nipo-brasileiros, à mudança de status ao migrarem e à percepção positiva ou negativa que se tem do Japão. Apesar desses três tópicos estarem associados um ao outro, o foco nesse discurso é a motivação, a formação escolar e o status desses imigrantes que fazem parte da migração de “retorno”. Como foi mencionado

antes, Tsuda (2003c: 58) e Maeda (2007: 176) introduzem interpretações diferentes, em torno da formação dos imigrantes no Japão.

Com base nesses dados, compara-se aqui essas análises com o resultado obtido através do quadro dos informantes nos estudos de caso ($N=30$) e nas enquetes entre os nipo-brasileiros ($N=140$), de que se tem os dados da formação escolar.

Os três exemplos abaixo mostram a diversificação dos imigrantes nipo-brasileiros envolvidos no “retorno”:

Sra. Sachiko:

Eu morava em São Paulo na Vila Carrau- zona leste antes de vir pra cá... uhm... meu nível de estudo no Brasil... ensino básico... eu vim em 1990. Já faz um bom tempinho que eu estou aqui, mas eu já voltei nesse tempo várias vezes para o Brasil. Às vezes fico lá por dois ou três meses, até um ano eu já cheguei a voltar. Eu vim pensando em ficar um ano e meio... eu vim pra cá porque o dinheiro acabou, não tem serviço e daí eu vim para cá. Eu vim pra cá com uma filha... Eu não falava japonês, mas quando eu cheguei no Japão e aprendi um pouquinho né. Eu sou filha de japonês, meu pai é de Tóquio e a minha mãe é de Okinawa... Eu gosto daqui... você tem aqui tranquilidade, segurança, mas o que a gente estranha é a comida.

Sra. Ema:

Eu queria voltar para o Brasil, assim como quando eu vim para cá, por vontade própria. Mas, o que eu ia fazer lá no Brasil, com estudo pela metade? Já aqui no Japão, a gente arranja um trabalho mesmo tendo o estudo pela metade. O meu problema é que quando eu comecei o segundo ano eu parei e vim pra cá... eu não tinha mais vontade de estudar nessa época... o meu pai decidiu vir e daí eu vim com ele.

Sr. E. Ryuichi Shimizu:⁶¹

Ah...por onde eu vou começar, eu sou nisei de São Paulo, formado...eu vim pra cá, faz dez anos (1995)... na época eu era em São Paulo analista de sistema, e trabalhava como funcionário no ITA. ...e mesmo assim... tava difícil a vida lá no Brasil, eu tirava um salário por mês que mal dava pra fazer alguma coisa... e aí eu pensei em vir pra cá... e fiz... Olha com o passar do tempo as coisas vão mudando e eu conheci o pessoal aqui, tanto japonês quanto brasileiro. Eu não tenho isso... eu me dou bem com todo mundo... a minha esposa é japonesa...

Bom... depois de um tempo aqui, eu pensei em abrir o meu próprio negócio e fiz... e hoje... eu entrego encomendas aqui nessa região, mas é isso... No tempo que eu tenho, também sou voluntário no corpo de bombeiros da minha cidade. E faço o que posso. Bom o fato de saber ler e escrever japonês ajuda muito aqui... se você quer tentar a vida aqui né... Agora eu também sou pai, tenho uma filha e com ela, hoje, eu falo as duas línguas. A minha mulher é japonesa, e só fala japonês em casa com ela, então eu incentivo o português.

Esses três exemplos acima ilustram o quadro diversificado que compreende a formação escolar e a motivação dos imigrantes nipo-brasileiros dentro da migração de “retorno”. Observa-se, aqui, imigrantes que fazem parte da migração de “retorno” com apenas o ensino

⁶¹ Eduardo Ryuichi é sansei. Durante a entrevista em 2005 tinha entre 30 e 35 anos. Ryuichi é do interior de São Paulo no Brasil. Além de ser formado na área de exatas, é fluente em português e em japonês tanto na escrita quanto na fala. No Japão montou a sua própria firma, com dois funcionários japoneses trabalhando para ele.

fundamental, assim como outros com o ensino médio incompleto e com ensino universitário. Esse último grupo representa na pesquisa um total de 15% dos imigrantes entrevistados ($N=170$), outros 7% são os informantes que trancaram a universidade para ir ao Japão e têm o ensino superior incompleto.

Conforme os dados, a maior incidência de imigrantes é a dos que possuem apenas o ensino médio completo nessa pesquisa, sendo um total de 52% ($N=170$) dos informantes. De acordo com os outros dados, 13% possui apenas o ensino fundamental completo; 9% o ensino médio incompleto e 4% a especialização ou pós-graduação. Como o total de respondentes ($N=30$) nos estudos de casos e ($N=140$) nas enquetes, ou seja, de ($N=170$) informantes é insignificante dentro dos parâmetros de uma pesquisa para que se possa fazer alguma generalização, acrescenta-se o material de uma amostra da “Comunidade Brasileira” de 825 respondentes do Banco do Brasil⁶² na área de Tóquio e redondezas. Esse material mostra um quadro similar aos dados desta pesquisa com relação à formação escolar dos nipo-brasileiros da comunidade brasileira no Japão, e é utilizado apenas para comparação e afirmação dos meus dados.

Quanto à formação escolar dos nipo-brasileiros, as amostras de ambas as pesquisas caracterizam-se pela variação seguinte: ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo, pós-graduação/especialização.

De acordo com os resultados dos ($N=825$) respondentes adquiridos, 49% possuem o ensino médio completo, 28% possuem o ensino médio incompleto, 9% o ensino superior incompleto, e apenas 7% possuem o ensino superior completo. Ou seja, grosso modo, a maior parte dos imigrantes possui apenas o nível do ensino médio completo.

Ao comparar os resultados, nota-se que o quadro é similar nas duas pesquisas, com relação à formação escolar da maior proporção de imigrantes. Em ambos os cenários o maior grupo possui apenas o ensino médio completo. A diferença está no segundo maior grupo nas duas pesquisas. Nos dados do Banco do Brasil, o segundo grupo é dos imigrantes com ensino médio incompleto, enquanto na minha amostra são os que têm o ensino superior completo.

⁶² Anexo D. Caracterização da amostra quanto à formação escolar dos imigrantes nipo-brasileiros que foi realizada pelo Banco do Brasil em 2002. Ressalto que a amostra de ($N=825$) respondentes do Banco do Brasil é apenas utilizada para mostrar que o resultado desta pesquisa, que foi conduzida em 2005, também se reflete na pesquisa quantitativa conduzida pelo Banco do Brasil nessa década no que diz respeito à formação escolar dos imigrantes nessa área. Essa é apenas amostra de comparação de dados neste trabalho.

De acordo com a amostra, os imigrantes com ensino superior completo que fazem parte da migração de “retorno” migram por causa da falta de perspectivas de futuro no Brasil, como é o caso de Ryuichi, que apesar de ser formado, mal conseguia sobreviver sozinho a crise com o salário que tinha. Outros 7% explicam ter trancado a universidade, por pretenderem trabalhar no Japão por uns anos para juntar dinheiro para depois regressar ao Brasil e terminar os estudos, dado que também tinham sérios problemas financeiros na época no país. Esse resultado reflete a forte recessão econômica no Brasil desde a década de 1980 que se estendeu também na década de 1990.

A migração de “retorno” para o Japão é a solução para a perda do poder aquisitivo da classe média e média baixa dos nipo-brasileiros e cônjuges, que se encontravam numa situação com pouca perspectiva de trabalho e futuro no Brasil. Os descendentes de imigrantes, que fazem parte da classe alta e média alta não são os imigrantes que vieram para trabalhar como *dekasegi* no Japão. Como Maeda, o meu posicionamento é que os nipo-brasileiros que sofreram menos com o impacto da crise permaneceram no Brasil e não migraram para trabalhar no Japão para realizar trabalhos de mão de obra não qualificada. Ao contrário de Maeda, afirmo que é evidente a presença de uma pequena proporção de imigrantes nipo-brasileiros com a formação escolar universitária. Nipo-brasileiros com formação universitária, que se encontram numa situação econômico-financeira difícil ou ruim, com poucas perspectivas de melhora, responderam muito provavelmente da mesma forma aos problemas que emergiram da crise econômica, migrando assim por razões econômico-financeiras e pela falta de perspectiva de futuro no campo de trabalho na época no Brasil.

Maeda omite na sua pesquisa essa diversidade entre os imigrantes nipo-brasileiros, que também fazem parte desse fenômeno, apesar de se compreender que o maior grupo de imigrantes representado nessa área é o dos imigrantes nipo-brasileiros, que possuem a formação escolar até o ensino médio. Esses são aspectos que mostram que essa migração não é homogênea.

Para a maioria, essa migração representa uma estratégia temporária adotada para se poder manter a continuidade do status de classe média que se tinha, antes da crise. Um padrão de vida que muitas famílias perderam no Brasil durante a crise econômica. Uma época marcada pela falta de perspectiva de que a situação no país iria melhorar, sobretudo, quando dois presidentes consecutivos, José Sarney (1985-1990) e Fernando Collor (1990-1992) fracassam em suas diferentes tentativas em tentar controlar a hiperinflação no país, em períodos repletos

de escândalos de corrupção, violência, falta de perspectivas de trabalho e de futuro. Assim, independentemente do nível de formação escolar, muitos descendentes de imigrantes decidiram emigrar, só ou com suas famílias, com ou sem estudo completo. Como se vê nos resultados nas análises das entrevistas, mesmo profissionais em início de carreira sentiam a privação de permanecerem dependentes dos pais e de um futuro melhor, caso permanecessem no Brasil.

3.2 Questionando a identidade na migração de “retorno”

Um fator essencial dentro do fenômeno da migração de “retorno” é o privilégio político, de se poder obter o visto para se trabalhar legalmente no Japão. Na prática constata-se, entretanto, diferenças nos direitos dos migrantes, que caracterizam esse “retorno”. Particularmente, diferenças que levam os migrantes a terem experiências distintas de como os vínculos com a identidade japonesa são interpretados no Japão. A impressão de que na prática existem gradações na construção da identidade e no sentido de se ter um visto ou um *koseki*.

3.2.1 A diferença entre os imigrantes com visto ou *koseki*

Politicamente, o fato de os descendentes de japoneses da segunda e terceira geração terem optado pela migração de “retorno” como *dekasegi* reafirma os vínculos sanguíneos da identidade japonesa. Na prática esse “privilégio” dá-se através do visto, que é concedido aos descendentes da segunda e terceira geração de japoneses que migraram para o além-mar.⁶³ Na prática, entretanto, nota-se que existem também diferenças na construção da identidade dos migrantes que possuem direitos, que se estendem além da experiência de se poder obter um visto. É o caso do *nisei* Takamichi, que mostra nesse trecho da sua entrevista uma diferença básica entre o seu caso e o dos seus irmãos, como eles todos são identificados no Japão de acordo com a lei japonesa.

Sr. Takamichi:

Outra coisa quando você vem aqui... e você tem nome em português, o japonês logo te identifica como estrangeiro, então, como no meu caso, eu tenho um nome em japonês, e em português, mas o nome em português eu não uso...só que eu não fui registrado no Japão, então eu tenho que tirar o visto para ficar aqui... porque aqui eu sou brasileiro, *nisei*, mas eu sou brasileiro. Já o caso dos meus irmãos é diferente porque eles foram registrados no consulado do Japão quando nasceram, por isso eles são japoneses no Japão.

⁶³ O visto para os descendentes da quarta geração, ou seja *yonsei*, também é possível.

Observa-se duas situações nesse trecho. Primeiramente a questão de se ter um nome japonês e um nome estrangeiro, e o fato de se ter um visto ou *koseki*. Tanto o nome quanto o visto, ou *koseki*, são elementos que interagem na construção da identidade do nipo-brasileiro no Japão. Esses elementos mostram as opções fixas nas variações em que se constrói a identidade, as quais variam de acordo com o contexto das relações sociais da pessoa em discussão.

É comum entre os descendentes de japoneses de se ter um nome japonês e um nome estrangeiro, que seja comum no país de sua procedência. Todavia, nem todos os imigrantes *nikkei*⁶⁴ possuem dois nomes. Há também nipo-brasileiros que possuem apenas o nome japonês como é o caso de alguns informantes nesta pesquisa, mas entre as pessoas com dois nomes prevalece a preferência pelo uso do nome japonês no Japão. Publicamente existe a preferência pelo nome japonês, a fim de não serem identificados como estrangeiros, apesar de ser compreendido que as pessoas ao redor deles, seja no trabalho ou na escola dos filhos, saibam que eles são imigrantes *nikkei*.

Um segundo aspecto abordado no trecho da entrevista de Takamichi, que interage no discurso da construção da identidade no Japão, é o visto. Takamichi afirma que por precisar do visto para viver no Japão, ele é identificado como *nikkei* e estrangeiro. Essa situação é diferente dos seus irmãos que possuem *koseki*, ou seja, a nacionalidade japonesa.

No Japão a nacionalidade japonesa é concedida através do registro civil de família, denominado em japonês como *koseki tōhon* (戸籍謄本). Nesse documento registra-se o nascimento dos filhos, morte, casamento e divórcio. Ademais, apenas os cidadãos japoneses possuem um *koseki*. Assim, quando um estrangeiro casa com um cidadão ou cidadã japonesa, o nome do cônjuge é inserido no *koseki* da esposa ou marido (CRN Japan, 2009), porém esse cônjuge continua sendo visto como estrangeiro pela lei japonesa. Apesar de não se ter dados específicos sobre o número de descendentes portadores da nacionalidade japonesa,⁶⁵ constata-se no Japão, em diversas situações, casos de imigrantes *nikkei*, que possuem a nacionalidade japonesa por terem sido registrados no registro de família no Japão. Nesse caso, esses imigrantes não podem mencionar ou usufruir publicamente dos direitos concedidos a outra nacionalidade, uma vez que a lei japonesa não reconhece a dupla nacionalidade. Ou seja,

⁶⁴ Descendentes de japoneses nascidos no exterior.

⁶⁵ Tsuda (2003c) estima que 10% dos nipo-brasileiros no Japão possuem o *koseki tōhon*, não estando assim registrados como brasileiros. Apesar de não haver evidências estatísticas sobre esse aspecto, constata-se entre os ($N=140$) respondentes da enquete e entre os ($N=30$) respondentes do quadro fixo que cerca de 5% desse total tem o *koseki tōhon*.

esses *nikkei* são considerados apenas como japoneses no Japão, não constando no cadastro de estrangeiros do governo japonês.

3.2.2 A relação do visto ou *koseki* e a nacionalidade

A construção da identidade entre os imigrantes *nikkei* que possuem a nacionalidade japonesa engendra situações confusas no Japão, tanto para os imigrantes quanto para as outras instituições. É o caso de Kimi quando foi tentar fazer o registro de nascimento do seu filho no Brasil, através do Consulado do Brasil em Tóquio.

Sra. Kimi:

Aconteceu comigo aqui no Japão na época que o Yoshikazu nasceu ...de eu ter um prazo pra fazer o registro dele no Brasil, daí eu tinha que ir lá pra Shinagawa sabe... onde fica o Consulado do Brasil em Tóquio pra registrar o nascimento dele... pois é, aí quando chegou a minha vez, o funcionário me disse que eu não podia fazer o registro dele porque no Japão eu sou japonesa... e nesse caso, já que o meu marido é nisei...e brasileiro, é ele que tem que ir pra lá pra poder fazer o registro aqui.

Ainda que os nipo-brasileiros que têm um *koseki* mantenham ambas nacionalidades, mostra-se nesse contexto que o discurso da nacionalidade é inexistente para a lei japonesa, que não reconhece a dupla cidadania no Japão. Por esse motivo, apenas o marido de Kimi pode registrar os filhos através do Consulado do Brasil.⁶⁶ Nessa família, os três filhos possuem um nome em português, o qual não consta no *koseki* da mãe no Japão, apenas no registro civil de nascimento do Brasil.

Quando o nascimento dos filhos dos nipo-brasileiros ocorre no Japão, os filhos recebem a nacionalidade dos pais, ou seja, na maioria dos casos a nacionalidade brasileira.

Sr. Tetsuji:

Aqui no Japão é assim... se os pais têm o *koseki tōhon*... os filhos são japoneses, mas quando não têm, eles são brasileiros, que nem a minha filha que nasceu aqui... mas é brasileira.

Assim como Tetsuji, a maior parte dos informantes e nipo-brasileiros possuem o registro de estrangeiro (*gaikokujin tōroku shōmeisho*) no Japão. As famílias desses imigrantes, independentemente dos filhos terem nascido ou não no Japão, estão registrados como brasileiros. Esse é também o caso dos descendentes dos coreanos que nasceram no Japão, assimilaram a cultura japonesa e vivem nesse país por várias gerações. Apesar de terem nascido no Japão, isso não modifica a nacionalidade e o status desse grupo étnico. Esses

⁶⁶ Esses dados são do ano de 2005.

descendentes de coreanos possuem de acordo com a lei japonesa o status de *permanência especial*, ou seja, eles continuam sendo considerados estrangeiros mesmo após várias gerações. Ressalta-se que uma porcentagem desse grupo passou a se naturalizar japonês, o que significa a perda da nacionalidade coreana e a mudança do nome de família (Weiner e Chapman, 2009: 174). Compreende-se que alguns informantes nipo-brasileiros estão considerando seriamente a possibilidade de se naturalizarem japoneses, especialmente, os que decidiram se enraizar no Japão.

3.2.3 O encontro étnico e o choque cultural

Apesar de o governo japonês abrir as “portas” para a migração de “retorno” dos descendentes de japoneses nascidos no além-mar, esse processo tem como resultado uma reação mútua e inesperada de choque cultural. Por um lado, os japoneses são confrontados com o comportamento cultural diferente dos nipo-brasileiros, por outro lado, esse encontro étnico também tem como resultado uma reação inicial de crise identitária entre os nipo-brasileiros ao serem confrontados com o fato de a própria identidade japonesa agregada no Brasil não ser coerente.

Para se compreender como esse encontro étnico se repercute para esses dois grupos em Kandatsu, observa-se em vários pontos comerciais a reação e interação dos japoneses com os nipo-brasileiros.

Como essa pesquisa é conduzida na década de 2000, compreende-se que para muitos imigrantes o choque cultural inicial constitui algo que pertence à memória do passado, embora ainda notem problemas atuais por não saberem como lidar em determinadas situações. Para outros, que fazem parte de um fluxo migratório mais recente, as situações embaraçosas em consequência das diferenças culturais continuam fazendo parte da vida cotidiana.

Assim como os nipo-brasileiros, os habitantes japoneses também são confrontados com a presença de um novo grupo de imigrantes, *nikkei*, com os quais ainda não sabem como lidar.

Ao se abordar esse tema, Yamamoto⁶⁷ que mora no Japão desde 1990 reflete sobre as situações de incompreensão ocorridas no início, quando chegou no país.

⁶⁷ Yamamoto é nisei, separado e mora sozinho em Kandatsu. Voltou para o Japão após ter perdido tudo no Brasil, quando tentou ter o seu próprio negócio em São Paulo. Em 2005 tinha 47 anos de idade. Ele participou apenas de uma entrevista avulsa.

Sr. Yamamoto:

Uhm aqui no início...era complicado...os japoneses não entendiam não... porque a gente não compreende o que eles queriam dizer quando eles davam uma informação... a reação deles era de ficar assim... olhando pra cara da gente... como se a gente tivesse tirando graça da cara deles...é...aí é até melhor você ter cara de estrangeiro ...porque pra gente eles olham desconfiados... quando isso acontece é até melhor falar bem errado porque aí eles entendem que a gente não entende ...é complicado...mas, hoje em dia eu vejo que a situação já é diferente, o pessoal aqui já 'tá mais acostumado com a gente...já é não mais como antigamente, mas...isso também depende muito também da cabeça da pessoa com quem você fala.

Muitos imigrantes mencionam terem preferido ficar calados no passado, quando não sabiam algo por sentirem vergonha de terem que pedir uma informação. Medo ou vergonha por não se sentirem compreendidos, por não poderem corresponder à expectativa de que deveriam saber tal informação, principalmente, quando se encontram fora do lugar de trabalho. Cito o seguinte informante:

Sr. Tetsuji:

Ah... é diferente quando você tem cara de estrangeiro, que nem você [pesquisadora], eles [os japoneses] compreendem que você não sabe, porque você é *gaijin*... mas a gente não... a gente tem cara de japonês, daí eles pensam que a gente é *baka* (idiota) mesmo... e ...realmente dá vergonha de perguntar...eu prefiro ficar calado.

Apesar do fluxo migratório dos nipo-brasileiros para o Japão não ser um fato recente, observa-se ainda uma determinada falta de conhecimento ou compreensão de como saber lidar com os descendentes de japoneses nascidos no além-mar. Essa observação é predominante nas entrevistas.

Nos resultados constata-se diferenças nos posicionamentos dos informantes japoneses. Por um lado, há um determinado sentimento de indiferença com relação aos imigrantes, mesmo entre os japoneses, independente de terem contato direto ou não com nipo-brasileiros. Essa indiferença indica primeiramente o fato de serem trabalhadores *dekasegi*, que preenchem trabalhos que os próprios japoneses evitam de fazer. Ou seja, a afinidade étnica se traduziu numa política que substituiu empregados ilegais, ou de outras etnias, por consanguíneos. Em países como os Estados Unidos, são os mexicanos, trabalhadores estrangeiros, que realizam trabalhos temporários de mão de obra não qualificada (Massey, 1987: 1372-1403; Massey, Durand e Malone: 2003; 150-151). A diferença é que no Japão são os consanguíneos ou co-étnicos, recrutados para atender essa demanda econômica no país.

Nas entrevistas observa-se também uma dicotomia com relação ao tema dos imigrantes nipo-brasileiros. Ou há uma aversão, quando os nipo-brasileiros chamam uma determinada

atenção negativa por não respeitarem ou compreenderem as normas e valores da sociedade dominante. Ou existe um determinado sentimento de afinidade por serem consanguíneos. É importante reter aqui que de uma certa forma presume-se que os imigrantes conheçam ou respeitem as normas e valores da cultura japonesa, por serem descendentes de japoneses. Contudo, muitos imigrantes não compreendem ou não sabem como lidar com determinadas diferenças culturais consideradas importantes para os japoneses. É exemplo a questão da separação do lixo, emergindo assim uma situação negativa em torno desses imigrantes.

Apesar de nenhum informante japonês mencionar esse aspecto durante as entrevistas, isso não significa que não haja problemas em torno da separação do lixo em Kandatsu. No trabalho empírico, lê-se nos prédios da prefeitura, onde os informantes vivem, informações sobre a coleta e separação do lixo escrito especificamente em português. Chama a atenção que os textos encontrados nesses prédios estão apenas escritos em português. Essas informações estão pregadas nas paredes dos andares com residentes estrangeiros, nesse caso, nipo-brasileiros e brasileiros, para que todos possam ler. Apesar da maioria dos residentes nesses prédios da prefeitura serem japoneses, essas informações são direcionadas especificamente ao grupo de imigrantes que falam o idioma português.

De acordo com as informações, eis a separação e classificação do lixo: lixo incinerável (*moeru gomi*), lixo não incinerável (*moenai gomi*), lixo reciclável (*shigen gomi*), lixo nocivo (*yūgai gomi*), lixo de grande porte (*sodai gomi*). Ao lado dessa informação estão também os dias da semana, ou do mês, que esses tipos de lixos são apanhados.

O fato de se ler esses panfletos sobre a separação do lixo em português em todos os prédios visitados significa que há ou houve a ocorrência de problemas por falta de informação também nessa área. Esse tipo de ocorrência mostra que no Japão as necessidades e os problemas dos grupos de imigrantes, como por exemplo dos coreanos (imigrantes antigos) e dos *nikkei*⁶⁸ (imigrantes novos) são diferentes (Tsuneyoshi, 2011a: 22; Shimizu e Shimizu, 2001). No caso dos imigrantes *nikkei* os problemas refletem a necessidade desses imigrantes em aprender a lidar com questões cotidianas consideradas importantes dentro da sociedade japonesa, como é o exemplo da questão da separação do lixo. Outros aspectos são abordados adiante, como as férias.

Os problemas que emergem entre os japoneses e *nikkei* podem ser atribuídos ao fato de os imigrantes não entenderem ou estarem conscientes das diferenças de determinadas normas

⁶⁸ O termo *Nikkei* é utilizado, quando incluir os nipo-brasileiros e nipo-peruanos, que são os dois maiores grupos de imigrantes da América do Sul.

e valores, consideradas como óbvias pelos japoneses. Essa falta de percepção de ambos lados do valor que se agrega a essas normas e valores é um dos problemas contínuos entre os informantes imigrantes no Japão, ainda mais quando sentem vergonha de pedir informação, devido à expectativa de que os japoneses reagirão de forma negativa por serem consanguíneos. Ao mesmo tempo, observa-se que os japoneses não estão conscientes de que a reação de indagação ou desconfiança leva os imigrantes a terem uma atitude relutante em querer pedir informação, principalmente dos imigrantes nipo-brasileiros, que dominam o idioma japonês falado.

Como Tsuda (2003c: 104) constata-se nessa pesquisa resultados que sugerem que uma parte da sociedade também possui um determinado sentimento de compreensão ou afinidade com relação aos imigrantes nipo-brasileiros no Japão. É o caso de Fumiko, professora de japonês para estrangeiros:

Sra. Fumiko:⁶⁹

日系ブラジル人が日本に来て働く時、職場の人間関係や、労働に従事する時の心構え、日常生活での習慣の違いに戸惑うことが多いと思う。そのことによる種々の問題を、周りの人のアドバイスによって克服する必要があると思う。

Nikkei burajirujin ga nihon ni kite hataraku toki, shokuba no ningen kankei ya, rōdō ni jūji suru toki no kokorogamae, nichijō seikatsu de no shūkan no chigai ni tomadou koto ga ōi to omou. Sono koto ni yoru shuju no mondai wo, mawari no hito no adobaisu ni yotte kokufuku suru hitsuyō ga aru to omou.

Quando os nipo-brasileiros vêm para o Japão para trabalhar, eu acho que eles têm muitas vezes dificuldades de se relacionar com as outras pessoas no local de trabalho, devido às diferenças nas normas e valores com relação ao trabalho, eu também acho que, eles ficam perplexos com muitas diferenças de costumes da vida diária. Eu acho que é necessário, através da ajuda do conselho das pessoas em torno deles, que se dê assistência para que eles consigam superar esses tipos de problemas.

Esse tipo de percepção reflete um determinado senso de afinidade, e também de compreensão perante as diferenças culturais dos imigrantes nipo-brasileiros. A compreensão de que precisam de assistência no Japão para poderem lidar com as diferenças culturais em diferentes tipos de situações. Principalmente, por não compreenderem normas e valores consideradas como evidentes ou óbvias dentro da cultura japonesa.

⁶⁹ Professora de japonês para estrangeiros. Fumiko é japonesa e ensina o idioma japonês há quase 25 anos para estrangeiros.

3.2.4 O paradoxo da bagagem cultural

Nesse sentido, compreende-se que a experiência da migração do “retorno” tem como resultado a formação de uma nova minoria étnica no país dos antepassados, ou seja, a dos *imigrantes nikkei* (Weiner: 2009: xvi-xvii).⁷⁰ Esse status é muitas vezes agregado à bagagem cultural de se ter um outro passado histórico, sociocultural e econômico que os japoneses nascidos e crescidos no Japão. Embora os acadêmicos tenham constatado no caso da migração de “retorno” dos nipo-brasileiros que esse encontro étnico levou-os a enfatizar a identidade brasileira no Japão (Yamashita, 2001; Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c, 2009), nota-se resultados distintos nas contradições das falas dos informantes. Esse aspecto ilustra o paradoxo da identidade não possuir *uma* origem histórica fixa e única, sobretudo, pelo fato de a identidade não ser uma essência, mas, um posicionamento, que pode variar com o contexto por ser uma entidade mutável e ambivalente. São essas peculiaridades culturais da identidade, que definem a identidade do ser humano, e que vêm à tona nas contradições e incoerências dos comentários feitos pelos entrevistados nesses estudos de caso.

É o caso de Sachiko, que enfatiza na sua entrevista a questão de os seus hábitos alimentares refletirem a influência da cultura brasileira “...em casa a gente sempre comeu o feijãozinho, com arroz, que nem brasileiro, e o tempero, uhm...é diferente né...”. No entanto, é visível, a influência da cultura japonesa na sua maneira de andar e vestir,⁷¹ mostrando características diferentes dos brasileiros da sua geração, sem descendência japonesa. Em outro momento, a sua filha comenta que Sachiko sempre insistiu no Brasil que os filhos casassem com japoneses,⁷² quer dizer, com descendentes de japoneses. São exatamente essas contradições culturais de Sachiko que mostram a construção da sua identidade cultural de ser nipo e brasileira. No seu caso observa-se a influência da cultura e da educação japonesa transmitida por seus pais no Brasil através do seu conhecimento de japonês e sua maneira de agir e pensar. A própria associação positiva que ela mantém da identidade japonesa da sua família se reflete no fato de enfatizar a escolha do parceiro japonês para os filhos. Sachiko não

⁷⁰ Weiner (2009) utiliza o termo *nikkei* por incluir as migrações de retorno dos descendentes de japoneses, sendo nesse caso os dois maiores grupos, os nipo-brasileiros e nipo-peruanos.

⁷¹ Sachiko já morava há 13 anos no Japão quando essa pesquisa iniciou. Nota-se que as suas roupas são as japonesas, vendidas nas lojas das redondezas.

⁷² No Brasil, os descendentes de japoneses, são identificados como sendo “japoneses”, por não haver uma diferença na linguagem popular na designação referente ao habitante do Japão, nascido nesse território, e ao descendente de japonês, nascido no território brasileiro (Lesser, 2007: xix).

é uma exceção⁷³ no Brasil no que diz respeito à escolha do parceiro japonês para os filhos. Essa preferência se reflete na associação positiva que se tem no Brasil da imagem e dos valores associados à identidade japonesa (Lesser, 2007). Existem afiliações distintas, que interagem de maneiras diferentes uns com os outros (Amartya Sen, 2006: xiv). O caso de Sachiko que mostra a preferência pela escolha do parceiro japonês para os filhos, enquanto ela mesma enfatiza os seus hábitos alimentares, que são elementos da cultura brasileira na identidade do imigrante.

Num processo migratório, costumes alimentícios possuem influência na construção e no senso identitário dos imigrantes, uma vez que eles mantêm vínculos com o país de emissão, e com essa identidade, através dessas práticas e costumes gastronômicos (Brightwell, 2010: 22; Linger, 2001). Essas práticas são exemplos concretos de como as identidades são compostas por elementos de culturas diferentes e que não precisam estar vinculadas, em especial, a um lugar. São essas contradições nas falas, que mostram que a construção da identidade dos nipo-brasileiros é uma entidade ambivalente, mutável e sem dúvida fragmentada por elementos de ambas culturas.

Ademais, nem sempre os elementos da bagagem cultural se manifestam num resultado positivo dentro da migração do “retorno”. Apesar de a maior parte dos estudos de casos mostrarem uma imagem e reação positiva da experiência no Japão, associada também aos vínculos com a cultura e a identidade japonesa, constata-se dois casos de parceiros nipo-brasileiros com uma imagem negativa. Esses dois exemplos ilustram uma percepção similar ao do resultado abordado por Tsuda (2003c, 2009). Apesar de ser uma minoria nesse trabalho, esses casos representam os imigrantes que dentro do fenômeno da migração de “retorno” se sentem marginalizados e que ao estarem em contato com os japoneses passam a enfatizar os elementos culturais associados à identidade brasileira.

3.2.5 A depreciação da identidade cultural japonesa

Fabiana Yokohama afirma ter vindo ao Japão apenas por motivos de ordem econômico-financeira. O fato de ser *sansei* é visto por ela como algo secundário. Fabiana Yokohama

⁷³ Durante a minha adolescência no Brasil no final dos anos 80 e início dos anos 90 inúmeros problemas mencionados no meu ciclo de amigos e conhecidos *nisei* era o fato de os pais não aceitarem o namoro dos filhos com um brasileiro sem descendência japonesa. Esse assunto era de vez em quando mencionado nos sábados, quando nos reuníamos após as aulas de japonês no *Nichigo gakkō*. De vez em quando se comentava sobre um amigo ou colega que tinha problemas em casa, porque os pais não permitiam o namoro com *burajirujin*. Um argumento dado pelas famílias era que os brasileiros sem descendência japonesa pensam de uma maneira diferente. Além disso associava-se valores positivos à identidade japonesa com relação ao trabalho e ao estudo.

migra para o Japão com o sonho de trabalhar por um ou dois anos a fim de economizar dinheiro para ter uma vida melhor no Brasil. Os seus planos, porém, tomaram um outro rumo ao conhecer o seu marido que é *nisei* e que já vivia há mais tempo no Japão. Dessa forma, Fabiana Yokohama prolonga a sua permanência no Japão por mais tempo, apesar das dificuldades que tem por não conseguir se adaptar ao Japão.

Mesmo após alguns anos no Japão, Fabiana Yokohama continua afirmando não sentir nenhuma afinidade com a cultura japonesa dos seus antepassados. Em um dos seus comentários ela menciona:

Sra. Fabiana Yokohama:⁷⁴

É... aqui no Japão eu me sinto totalmente brasileira e foi só aqui no Japão que eu vim aprender um pouco da cultura japonesa... mas eu jamais me senti 5% japonesa nem aqui e nem no Brasil. O problema é que no Brasil eles pensam porque a gente é descendente de japonês que a gente tem que ser igual a um japonês, como por exemplo na escola...é horrível... se você tira uma nota vermelha, os professores te perguntam... como é possível isso japonesa...uhm... porque no Brasil é assim, se a gente tirar nota vermelha na escola é porque tem alguma coisa de errada com a gente... porque a gente tem cara de japonês, e japonês é inteligente... mas eu sou brasileira, e agora aqui na fábrica, ah,...eu não sou que nem esse pessoal aí não.

No discurso de Fabiana Yokohama ela resente a sua identidade japonesa tanto no Brasil quanto no Japão. De forma geral, compreende-se que no Brasil a identidade japonesa é agregada aos nipo-brasileiros por uma grande parte dos outros brasileiros sem ascendência japonesa. Essa percepção é reforçada através da mídia, dos produtos comerciais e do desenvolvimento econômico e social desse grupo dentro da sociedade brasileira, onde é superior (Lesser, 2007: 14). De qualquer forma, o impacto desse contexto pode ter consequências positivas e/ou negativas para os nipo-brasileiros no Brasil. Neste caso, Fabiana resente a sua descendência japonesa. O fato de ter sido caçoada, dentro e fora da sala de aula, por ter dificuldades no ensino, fez com que se sentisse incompreendida durante a sua adolescência. Segundo o seu depoimento, esse tipo de acontecimento teve como resultado o fato de querer valorizar e enfatizar, mesmo no Brasil, a sua identidade cultural brasileira. Após encerrar o ensino médio, Fabiana migra com um propósito temporário para a terra dos seus antepassados a fim de trabalhar e juntar recursos financeiros para ter uma vida melhor no Brasil, sem muitas expectativas sobre o que a experiência migratória representaria para a sua identidade. Uma vez no Japão, Fabiana resente o impacto de a sua identidade ser interpretada

⁷⁴ Fabiana Yokohama é *sansei* e tinha na época da entrevista de 2003, 26 anos. Ela possui o ensino médio completo. Fabiana não mencionou nenhum momento se trabalhou no Brasil antes de vir para o Japão.

novamente de forma negativa. Contudo, dessa vez é a sua identidade cultural brasileira que é o problema:

Sra. Fabiana:

Quando eu vim... nem sei mais se foi em 96 ou em 97... nem sei mais direito...eu vim pra cá pra trabalhar e juntar um pouco... quando eu cheguei aqui, os japoneses não estavam acostumados com os estrangeiros,...daí eu percebia que eles ficavam andando atrás de mim...aqui no supermercado...Oh, por exemplo...no supermercado, os japoneses sempre leem os preços dos produtos quando eles digitam, mas quando a gente faz compras, e eles pensam que a gente não entende, então eles não falam e nem perguntam se a gente tem o cartão do supermercado, e nem leem os preços dos produtos como eles fazem para os japoneses....Ou às vezes quando você se senta no trem e eles não querem sentar do seu lado...os japoneses levantam... outra coisa... você não vê ninguém aqui andando de mãos dadas ou dando beijo, e se a gente faz isso... (risos) como eles não estão acostumados, eles ficam olhando pra gente de maneira estranha...como se isso não fosse normal...imagina só, andar de mãos dadas ou abraçados na rua aqui é estranho, e por causa disso eu já tive muita discussão com o meu marido, que mora aqui há mais tempo que eu, na verdade a gente se encontrou e casou aqui, e ele bem que quis me tratar assim, que nem as ex-namoradas dele que chegaram até a ser japonesas, mas eu não deixei, que isso.

O resultado da sua experiência dentro da migração de “retorno” é a depreciação da identidade cultural japonesa. O fato de falar, agir e se vestir diferente dos japoneses chamou a atenção negativa, estigmatizando-a publicamente como estrangeira. Apesar dos seus vínculos sanguíneos, esse desencontro étnico na sociedade japonesa levou-a se distanciar no Japão ainda mais da construção dos elementos da sua identidade japonesa.

De forma similar cita-se a migração de “retorno” dos descendentes de coreanos nascidos na China, conhecidos como coreanos-chineses, que na nas décadas de 1980 e 1990 migraram para a Coreia do Sul, a fim de atender a demanda do mercado de mão de obra não qualificada. Esse fluxo migratório de imigrantes coreanos-chineses também passou a enfatizar a identidade chinesa como reação à marginalização e à depreciação da identidade coreana-chinesa na sociedade da Coreia do Sul, que possui como o Japão, a noção de homogeneidade étnica (Song, 2009: 283).

Observa-se que no Japão os vínculos sanguíneos não são suficientes para se ser aceito na sociedade, apesar de serem suficientes para se obter o visto, trabalhar e viver como *dekasegi* no país, atendendo a demanda do mercado econômico japonês. Isso implica dizer, que enquanto essa demanda do mercado japonês durar, o governo japonês continuará aceitando esses tipos de trabalhadores no país. De forma geral, compreende-se que os *Nikkei* são quase exclusivamente aceitos para atender a demanda dos trabalhos de mão de obra não qualificada no Japão (Masters, 2009).

Fabiana explica a sua motivação no Japão como sendo estritamente econômico-financeira, não possuindo nenhuma intenção de permanecer no país, ou mesmo de aprender a cultura e a língua japonesa. Além disso, a reação negativa dos japoneses, por ser culturalmente diferente, faz com que reafirme ainda mais publicamente a identidade brasileira. Um resultado semelhante é constatado com o *sansei* Júlio. Em ambos os casos, a falta de conhecimento da língua e cultura, assim como da habilidade de se poder adaptar a esse contexto, tem como resultado a marginalização de ambos. A reação desses imigrantes torna-se visível ao passarem a valorizar publicamente os símbolos, normas e valores associados à identidade cultural brasileira. O contrassenso, porém, neste discurso é que esses imigrantes também enfatizam os vínculos com a identidade japonesa, de acordo com a situação, a fim de obterem os mesmos direitos dos consanguíneos quanto ao visto e à renovação do mesmo. Fabiana e Júlio são exemplos de imigrantes que fazem parte da migração de “retorno” para o Japão por um período de nove e seis anos. Apesar dos problemas e das percepções negativas de Fabiana e Júlio, nota-se que essa percepção não é a mesma para os seus parceiros.⁷⁵ Ambos cônjuges são *nisei*, e ao contrário dos seus companheiros, eles possuem um bom conhecimento do idioma japonês assim como da cultura.

3.2.6 O paradoxo da bagagem cultural através da religião japonesa

Entre os valores de uma bagagem cultural tem-se também a religião. Os depoimentos dos estudos de casos deixam claro que com exceção de Kimi e seus três filhos, todos os outros informantes são cristãos.⁷⁶ Esclareço que de forma geral os cônjuges brasileiros são católicos e duas famílias nipo-brasileiras são evangélicas. O interessante é que nenhum informante mencionou a prática da visita aos templos budistas ou santuários xintoístas nos feriados ou dias livres, ou mesmo de ter um pequeno altar em casa, comum no budismo. Esse aspecto mostra que a religião japonesa não exerce um papel importante na bagagem cultural da maior parte desses nipo-brasileiros.

A informante Kimi, que menciona ter vínculos com a identidade japonesa através da prática da religião japonesa conhecida como *Tenrikyō*, esclarece que a sua formação religiosa teve uma grande influência na construção da sua identidade por manter costumes e práticas

⁷⁵ Nas entrevistas, que são separadas, ambos companheiros tomam uma atitude reservada.

⁷⁶ Ressalto aqui, que com exceção dos cônjuges brasileiros, que são católicos, os outros nipo-brasileiros são cristãos, dado que não são batizados na igreja católica, nem fizeram a primeira comunhão ou são casados nessa igreja.

diferentes das religiões cristãs dominantes no Brasil. Essa bagagem cultural dá-se também pelo fato de o ensinamento da sua religião ser na maior parte feito através do idioma japonês falado e lido nas “missas” do *Tenrikyō*, independentemente de serem celebradas no Brasil. São exatamente esses tipos de práticas, que diferenciam os praticantes do *Tenrikyō* da maioria dos outros brasileiros, e que os levam a fortalecerem os vínculos com a construção da identidade japonesa.

Ao refletir sobre a sua decisão de “retorno” para o Japão, ela não expressa esse passo como sendo uma surpresa na sua vida.

Sra. Kimi:

Eu acho que a primeira vez que eu vim...foi em janeiro de 96 para a igreja em Nara. Eu tinha acabado de me formar e daí eu decidi vir para aprender mais sobre a minha religião (*Tenrikyō*), por exemplo... o que os meus pais foram fazer lá no Brasil como missionários... porque foram para o Brasil...a gente pratica (a religião) todo dia, mas não é que a gente entenda tudo né...e eu mesma nem conseguia explicar para os brasileiros que vinham lá em casa, porque a gente vivia assim... Os meus pais são missionários, e eu cresci lá dentro da Igreja, então é difícil explicar para os outros porque a gente mora do lado da igreja e como é que tem três famílias juntas morando numa casa grande eh... é difícil explicar a nossa mentalidade e por que a gente vive assim ... no Brasil né.⁷⁷

Por um lado, essa bagagem religiosa através da prática da religião *Tenrikyō* faz parte da construção da identidade japonesa de Kimi, exatamente por ser diferente das outras religiões no Brasil, onde a religião católica é predominante. Por outro lado, não é comum no Japão interpretar os vínculos com a religião e a sua prática como sendo um aspecto na construção da identidade japonesa, uma vez que os japoneses não afirmam a sua identidade japonesa através do Budismo ou Xintoísmo, ou mesmo através do *Tenrikyō*. No discurso da identidade japonesa interpreta-se raça, etnicidade e cultura como sendo os elementos que formam juntos a unidade do discurso da “homogeneidade” da identidade japonesa (Hogan, 2009: 34-54; Lie, 2003: 82-83; Weiner, 2009: xv). No entanto, para Kimi foi a estreita ligação com a sua religião japonesa no Brasil e a sua etnicidade que engendraram um espaço religioso e étnico cultural diferente dos brasileiros, que crescem, de forma geral, num ambiente totalmente diferente desse citado por Kimi. No seu caso a religião reforçou a construção da sua identidade japonesa no Brasil por manter normas, valores, rituais, costumes e tradições

⁷⁷ Kimi é *nisei*, mas por ser registrada no Japão é considerada pela lei como japonesa, ou seja, *issei*. No início da pesquisa tinha 31 anos. Ademais, ela possui o curso universitário na área de ciências biológicas, embora nunca tenha exercido a sua profissão no Brasil e no Japão.

associados à religião *Tenrikyō*⁷⁸ no Japão. Tal influência dá-se ao fato de os seus pais serem missionários japoneses e praticantes assíduos da religião *Tenrikyō*. Em virtude desse contexto Kimi praticou desde cedo o idioma japonês tanto na igreja quanto em casa, reforçando assim os seus vínculos com a cultura japonesa e com a terra dos seus antepassados, mesmo quando esses costumes refletem apenas práticas que correspondem a um determinado grupo de pessoas que seguem essa religião. Ao explicar o ambiente da casa em que viveu no Brasil, ela menciona só ter falado o idioma português com os irmãos e os outros membros mais novos das famílias, que também coabitavam essa casa, a qual era compartilhada por três famílias japonesas do *Tenrikyō*. Esse contexto cultural e religioso diferenciou Kimi dos outros nipo-brasileiros participantes desta pesquisa, ao se analisar a motivação para o “retorno”, uma vez que se compreende, que ela sempre soube que ela teria que ir ao Japão para estudar a sua religião em Tenri por alguns meses para compreender melhor a filosofia do ensinamento do *Tenrikyō*. O inesperado para ela foi o fato de ter decidido estender a sua permanência no Japão para trabalhar como *dekasegi* após a sua estada de um ano em Tenri. Essa decisão foi tomada em conjunto com o seu noivo, que havia passado a trabalhar como *dekasegi* numa outra região nesse mesmo período. Assim, após a festa do casamento e uma curta estada de um mês na casa dos pais do marido no Brasil, ambos regressam para o Japão com os planos iniciais de permanecer por um prazo de três anos para poder guardar o dinheiro necessário para construir a casa própria e montar o próprio negócio no Brasil. O “retorno” passa a ter nesse caso uma motivação de ordem econômico-financeira, e o fato de serem *nikkei* facilita e direciona esse movimento migratório.

3.2.7 A construção da identidade na percepção dos japoneses

De qualquer forma é exatamente o fato de os nipo-brasileiros terem esses vínculos consanguíneos com os japoneses que possibilita essa oportunidade de vida e de trabalho na terra dos ancestrais. Ao perguntar aos japoneses sobre a percepção que eles têm com relação à identidade dos nipo-brasileiros no Japão, tem-se os seguintes comentários:

日系ブラジル人の友人がいるが、生粋のブラジル人よりも親しみがもてる。

Nikkei burajirujin no yūjin ga iru ga, kissui no burajirujin yori mo shitashimi ga moteru.

⁷⁸ A igreja *Tenrikyō* no Brasil segue os costumes, tradições e diretrizes provenientes da Igreja matriz sediada na cidade de Tenri perto de Nara no Japão.

Eu tenho amigos nipo-brasileiros, e eu tenho o sentimento de que me familiarizo mais com eles, do que com os brasileiros sem descendência japonesa.

日系ブラジル人といえはすぐに移民の方々と頭に浮かびます。苦勞されて成功をおさめた人達です。

9の質問に関してですが、私に関して言えば、同邦という意識が何となくあります(顔つきは日本人であるせいか)

Kyū no shitsumon ni kanshite desu ga, watashi ni kanshite ieba, dōhō to iu ishiki ga nan to naku arimasu. (kaotsuki wa nihonjin de aru sei ka)

Nikkei burajirujin to ieba sugu ni imin no katagata to atama ni ukabimasu. Kurō sarete seikō wo osameta hitotachi desu.

Quando eu penso sobre os nipo-brasileiros, vêm na minha cabeça, quase imediatamente, os imigrantes. São pessoas que sofreram mas que venceram

No que diz respeito à pergunta número nove (da enquete), eu tenho a consciência de que eles são também conterrâneos. (talvez por causa da fisionomia japonesa).

No resultado ($N=56$) constatam-se dois focos em torno da percepção da construção da identidade dos imigrantes nipo-brasileiros. Por um lado, tem-se um total de $N=32$ japoneses que mencionam interpretar a identidade dos nipo-brasileiros como sendo ambígua, por outro lado, $N=23$ japoneses respondem interpretar a identidade desses imigrantes como sendo apenas brasileira, sendo que somente $N=1$ informante menciona vê-los como japoneses. Esse resultado dá uma indicação da probabilidade de como os japoneses interpretam a identidade dos imigrantes nipo-brasileiros no Japão, ou seja, como sendo nipo e brasileira, ou apenas brasileira.

Apesar de ser um resultado insignificante dentro dos parâmetros de uma pesquisa, observa-se na interpretação dos informantes japoneses a predominância desses dois resultados. Isso indica também o paradoxo em torno da identidade desses imigrantes, como sendo algo ambíguo, mesmo para os japoneses. Numa entrevista esse aspecto ambíguo da identidade dos nipo-brasileiros é explicado da seguinte maneira:

同じ日本人と言う印象なので、外国人という認識はありません。日系アメリカ人も同義です。

Onaji nihonjin to iu inshō na node, gaikokujin to iu ninshiki wa arimasen. Nikkei amerikajin mo dōgi desu.

Eu tenho a impressão de que eles [nipo-brasileiros] também são japoneses. Eu não tenho a impressão de que eles são estrangeiros. Isso também é a mesma situação para os nipo-americanos.

Constata-se neste trecho que o paradoxo da identidade dos nipo-brasileiros é refletido nesse trecho inconscientemente, ao se afirmar que: “Eu tenho a impressão de que eles [nipo-brasileiros] também são japoneses.”

De acordo com os informantes japoneses compreende-se que uma parte da sociedade sente uma determinada afinidade com os nipo-brasileiros pelo fato de compartilharem da mesma origem. Antes de mais nada, pode-se dizer que o fato de serem *nikkei*, independentemente do lugar onde tenham nascido, é considerado um aspecto importante para a sociedade japonesa, como se nota na interpretação do fragmento da entrevista acima ilustrada, quando o informante compara os nipo-brasileiros com os nipo-americanos, com os quais compartilham um sentimento de afinidade por causa da origem.

Nessa estrutura conceitual configura-se que as opções dos elementos que formam a identidade do nipo-brasileiro envolvem essas duas culturas, mostrando a ambiguidade dessa entidade dinâmica de se ter elementos que refletem tanto a identidade japonesa quanto a brasileira. Apesar de se compreender a existência desse aspecto dinâmico da identidade dos nipo-brasileiros, Takenaka (2009: 261) afirma haver diferenças entre a construção da identidade dos nipo-brasileiros e nipo-peruanos no Japão. Segundo Takenaka os nipo-brasileiros expressam a identidade brasileira no Japão através dos símbolos que os identificam com a identidade nacional brasileira, enquanto os nipo-peruanos são mais ambivalentes, ou seja, a identidade nipo-peruana não é nem peruana e nem japonesa, dado que eles enfatizam o aspecto de se ser *nikkei*. Ao contrário da constatação de Takenaka observa-se nesta pesquisa que os nipo-brasileiros ($N=66$) também enfatizam o aspecto ambivalente da identidade de serem *nikkei*. Apesar da experiência de vida no Japão ter como resultado o fato de terem se conscientizado dos elementos que eles possuem da identidade brasileira, isso não quer dizer que os nipo-brasileiros tenham passado de forma generalizada a enfatizar a identidade brasileira no Japão.

3.2.8 Questionando a afinidade

Em outras entrevistas, nota-se que os respondentes japoneses desviaram o tema da pergunta, com relação à identidade do imigrante nipo-brasileiro. No entanto, alguns informantes optaram por comentar o aspecto de se ter uma imagem positiva da identidade nipo-brasileira, a qual está relacionada com o fato de serem filhos de emigrantes japoneses, que integraram nas outras sociedades no além-mar.

日系一世は非常に努力し、ブラジル社会に溶け込んだと認識している。直接、日系ブラジル人の方知らない為、質問にこたえられないところがありましたが、悪いイメージ等はなく、どちらかと言えば良い印象です。

Nikkei issei wa hijō ni doryoku shi, burajiru shakai ni tokekonda to ninshiki shite iru. Chokusetsu, nikkei burajirujin no kata shiranai tame, shitsumon ni kotaerarenai tokoro ga arimashita ga, warui imēji nado wa naku, dochira ka to ieba yoi inshō desu.

Eu tenho a impressão de que a primeira geração de japoneses se empenhou extraordinariamente, e que eles integraram na sociedade brasileira.

Como eu não conheço nenhum nipo-brasileiro, tem perguntas em que eu não estou em condições de responder, mas se eu posso dizer algo, então, eu não tenho assim uma imagem ruim, e sim uma percepção positiva dos nipo-brasileiros.

Por um lado, esse cenário confirma mais uma vez afinidade que existe por compartilharem de uma origem comum. Por outro lado, constata-se na pesquisa que para os japoneses o tema da migração de “retorno” não é um assunto considerado importante entre eles, sobretudo, entre os que não lidam diretamente com nipo-brasileiros. É comum notar nas entrevistas ou conversas informais com os meus próprios conhecidos japoneses no Japão que, de forma geral, eles evitam dar maiores informações sobre esse tema, por não acharem esse assunto importante. Ao perguntar o porquê, nota-se a seguinte reação de um informante japonês:

今の日本人の最大の興味は、北朝鮮、韓国、中国です。マスコミの報道も偏っており、日系ブラジル人について考えている人はいないのでは？

Ima no nihonjin no saidai no kyōmi wa, kitachōsen, kankoku, chūgoku desu. Masukomi no hōdō mo katayotte ori, nikkei burajirujin ni tsuite kangaete iru hito wa inai no de wa?

A maior parte dos japoneses tem interesse na Coreia do Norte, na Coreia do Sul e na China. Assim, como as notícias da mídia também se direcionam mais para esses países, então será que há pessoas que pensam sobre os nipo-brasileiros?

A migração de “retorno” dos nipo-brasileiros é dentro desse contexto um assunto ao qual esse informante e outros afirmam ser indiferentes. O que mostra uma falta de empatia, interesse e conscientização dos japoneses perante os consanguíneos *nikkei* que vivem no Japão.

De qualquer forma nota-se que no Japão a identidade desses imigrantes *nikkei* torna-se um aspecto ou assunto relevante, na medida em que são os trabalhadores que substituem os trabalhadores ilegais, que representam uma “ameaça” social e cultural ao mito da “homogeneidade racial” mantido no país. Apesar de existir uma determinada afinidade dos japoneses com relação aos consanguíneos, nota-se que predomina ao mesmo tempo uma falta

de interesse perante esses imigrantes na sociedade. Ora, pode-se dizer afinal que a importância desses imigrantes para o país é a econômico-financeira, dado que eles atendem à demanda de trabalhos de mão de obra não qualificada que muitos japoneses deixaram ou não querem realizar.

Naturalmente, o fato de a maior parte desses imigrantes não dominar o idioma japonês, sobretudo o escrito, é um obstáculo para que eles possam conseguir melhorar de trabalho e de vida no Japão. A pergunta é se a perspectiva de mobilidade social se refletirá no futuro entre os filhos desses consanguíneos, que compartilham da origem japonesa e que dominam o idioma japonês, uma vez que há pouco interesse público sobre as necessidades, os problemas e o desenvolvimento desse grupo de imigrantes que realizam os trabalhos de mão de obra não qualificada.

De qualquer forma constata-se entre vários informantes, que o tema da migração de “retorno” dos nipo-brasileiros é raramente difundido entre eles no Japão. O foco das conversas com os informantes japoneses ao se falar sobre migração é geralmente em torno dos coreanos ou chineses. Como é o caso do fragmento seguinte:

日系の韓国人や中国人に比べて認知度が低く、その存在が語られること自体が少ないと感じます。日系ブラジル人の方が近くにいないので、感想が難しいです。

Nikkei no kankokujin ya chūgokujin ni kurabete ninchido ga hikuku, sono sonzai ga katarareru koto jitai ga sukunai to kanjimasu.

Nikkei burajirujin no kata ga chikaku ni inai node, kansō ga muzukashii desu.

Eu tenho a impressão de que se tem pouco conhecimento dos nipo-brasileiros se compararmos com os nipo-coreanos e nipo-chineses e de que, em si se fala pouco sobre a existência deles (nipo-brasileiros).

Como eu não tenho nenhum conhecido nipo-brasileiro é difícil dar a minha opinião.

Ao se referirem aos imigrantes, nota-se que o interesse ou conhecimento de alguns japoneses é maior perante a presença e o tema em torno dos descendentes de japoneses nascidos na Coreia e China.

Nota-se que a importância dos imigrantes *nikkei* se restringe em grande parte ao fato de serem os trabalhadores desejáveis para se evitar a presença de outros grupos étnicos e ilegais, que representam uma ameaça à ordem social e ao mito da “homogeneidade racial”, apesar de se constatar nas notícias do canal de televisão da *NHK* que os imigrantes *nikkei* passam a ser notícia no Japão quando constituem um problema social como os roubos das peças de carro e separação do lixo no Japão. Com exceção desses temas pouco se sabe ou se difunde sobre a

presença e a vida desses imigrantes *nikkei* no país. Todavia, com o início da crise econômica mundial em 2008, esses trabalhadores passam a se tornar visíveis nas notícias tanto no Japão quanto no exterior (Fackler, 2009; Masters 2009; Tabuchi 2009). Em consequência da diminuição na demanda de produtos manufaturados no Japão e no exterior, muitos imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos perdem os trabalhos (Akashi e Kobayashi, 2010: 7-8). O governo nacional responde a essa situação econômica e social, através da implementação de um plano. A solução para esse problema de desemprego dos consanguíneos nipo-brasileiros e nipo-peruanos se reflete na locomoção do problema do Japão para a América do Sul. Assim o governo japonês oferece o pagamento de 3,000 dólares por adulto e 2,000 dólares por dependente, caso aceitem regressar para os países de emissão apenas com a passagem de ida, perdendo assim todos direitos de retornarem para trabalhar no Japão, até o governo japonês resolver o contrário (Ministério da Saúde, Trabalho e Previdência Social, 2009). Ora, pode-se dizer que a afinidade com os consanguíneos se traduz literalmente no pagamento da passagem para que regressem com as suas famílias para os seus países de emissão, independentemente da situação escolar da segunda geração de imigrantes, que muitas vezes é a japonesa. Essa política não é vista apenas no Japão, uma vez que a Espanha também adotou medidas similares com relação aos imigrantes consanguíneos provenientes da América do Sul (MacCabe, Yi-Ying Lin e Tanaka, 2009).

De qualquer forma, torna-se visível nessa época a falta de uma política de governo no Japão que vise aos direitos desses trabalhadores consanguíneos, que são possuem o direito de trabalhar e viver no país dos seus ancestrais.

3.3 As estruturas de apoio na migração de “retorno” em Kandatsu

As empreiteiras são de forma geral uma estrutura de apoio para os imigrantes *nikkei* no Japão, as quais atuam de forma similar em todas as áreas no Japão, independentemente de se tratar de uma área onde se tem uma concentração alta ou média de imigrantes, diferente dos núcleos étnicos, onde existe toda uma estrutura de apoio em torno dos imigrantes provenientes do Brasil, com escolas brasileiras, bancos, associações, festas de carnaval, etc. Nesta área há apenas dois estabelecimentos comerciais brasileiros.⁷⁹ Nestes dois pontos comerciais pequenos se vendem produtos alimentícios brasileiros, jornais,⁸⁰ revistas, e há também

⁷⁹ Ambos pontos comerciais fecharam no decorrer dos anos.

⁸⁰ Trata-se aqui de jornais editados em língua portuguesa e espanhola, que atendem especificamente o público nipo-brasileiro, brasileiro e nipo-peruano no país.

locadoras de vídeos e DVD e lanchonete. Esses dois pontos são muito visitados, tanto pelos imigrantes da área e das áreas vizinhas, como também pelos recém-chegados, que buscam informações sobre trabalho, escola, creche, etc.⁸¹ De forma geral, o público que frequenta esses dois estabelecimentos comerciais são na maioria nipo-brasileiros.

No decorrer da pesquisa nota-se que um dos dois estabelecimentos também passou a atuar como um espaço étnico para um grupo composto exclusivamente por mulheres nipo-brasileiras casadas, as quais se reúnem neste local em busca de contato social e troca de informações sobre assuntos relativos à vida cotidiana do imigrante nesta área. Tais constatações mostram que esses tipos de estabelecimentos étnicos possuem uma função que ultrapassa os fins comerciais, dado que atuam e interagem simultaneamente como uma estrutura social e informal entre os imigrantes.

3.3.1 O papel das empreiteiras e o trabalho

Ao se procurar serviço observa-se que as redes de contato dos nipo-brasileiros são de forma geral através das empreiteiras. Isso inclui os imigrantes recém-chegados, os imigrantes que já moram há anos, sem contratos fixos e os que já moram no Japão e se ausentaram do país por um período de tempo.

Sra. Fabiana e Sr. Celso Yokohama:

Quem tem contato com a gente na verdade são as empreiteiras... Bom, quando eu cheguei aqui eu procurei a empreiteira...e o pessoal lá arranjou serviço pra mim...A gente preenche uma ficha, um cadastro, diz se sabe falar japonês ou não, e eles procuram os serviços pra gente...e é a empreiteira que arranja tudo quando a gente consegue o trabalho... mas a gente também procura trabalho pelo jornal, ou por revistas...e aí...contata as empreiteiras...o pessoal muda muito aqui e mesmo de uma região para outra, porque todo mundo segue o trabalho onde paga mais no Japão... e outra coisa, o pessoal olha quanto paga por hora direto e se dá pra fazer muita hora extra...a realidade aqui é assim...no meu caso eu posso dizer que... aqui se dá a gente faz bastante horas de trabalho.. eu já cheguei a trabalhar das seis e ia até às 21:00 e 22:00 da noite...e noutro dia a gente levanta cedo pra ir trabalhar... agora todo mundo procura um trabalho que paga mais, ou que tenha *zangyō*, mesmo sendo pesado porque que guardar para ir embora.

O papel das empreiteiras é proeminente entre os imigrantes nos primeiros anos, assim como também entre aqueles que dominam ou não o idioma japonês, por dependerem da assistência de pessoas como *tantōsha* para conseguir arranjar trabalho.

⁸¹ Durante o trabalho de campo esses dois pontos comerciais foram uma fonte de informação com relação à migração nipo-brasileira nessa área. Através dos empreendedores fui apresentada a inúmeros imigrantes, assim como também adquirei informações adicionais sobre as creches e escolas brasileiras acessíveis nas redondezas.

Os *tantōsha* que trabalham na área de Kandatsu e arredores são na maioria nipo-brasileiros fluentes no idioma português e japonês. Alguns deles também falam “espanhol”, apesar de falarem mais uma mistura de português com espanhol, para poder atender aos imigrantes nipo-bolivianos e nipo-peruanos,⁸² que ligam à procura de serviço, ou que trabalham por alguns meses nessa área. Logo, as empreiteiras intervêm entre as empresas japonesas e os imigrantes, dando assistência com relação ao trabalho, moradia, documentação, etc. (Roth, 2002: 66). As empresas japonesas utilizam o trabalho terceirizado das empreiteiras, por buscarem sobretudo trabalhadores temporários e flexíveis, que atendam à demanda do mercado do momento.

Assim, é comum notar, de forma geral, entre os imigrantes *nikkei* as mudanças de trabalho no decorrer dos anos. Um exemplo é o caso de Nori, quando conta sobre a sua experiência como trabalhador *dekasegi*.

Sr. Nori:

Quando eu cheguei eu fazia... *imono* (鑄物= fundição) que é um trabalho que paga bem, porque é para as fábricas de peças de carro, ...isso é trabalho com aço derretido, é pesado e lá houve um pouco desse tratamento esquisito...assim, tem japonês que têm medo... assim esses caras têm muito estudo, mas tem medo de competição... Eu sempre fiz amizade com todo mundo, mas você tem um pouquinho de receio, de confiar desconfiando...com o tempo o serviço nessa fábrica acabou, e eu já estava pensando em mudar... pois eu tinha muita dor nas costas. Eu aguentei porque pagava bem... Eu trabalhei lá por dois anos e um pouco. Daí eu saí para trabalhar na Hitachi pairu. A empresa fazia essas palafitas para uma construção civil. Eu gostei de lá, mas saiu um boato de que ia dar *kubi* ...que eles talvez fossem me cortar, porque não estavam indo bem...Daí eu já saí antes de eles me cortarem. Eu tenho família, por isso eu não posso tomar esse risco.

Depois desse trabalho eu fui para um lugar onde se fazia peça de computador. Eu fazia as peças mesmo. Era bom... mas eles estavam indo para a China. Lá eu fiquei dois anos. Eu abria e fechava a *kaisha* (fábrica). Daí eles me mandaram descansar, mas eu tenho família e não dava né!... eu deixei bons amigos lá. O chefe era gente boa... mas dá serviço fixo pra nipo-brasileiro que eles nem sabe se vai ficar.

Essas mudanças de serviços são comuns entre os imigrantes no Japão. Um aspecto comum na primeira década do século XXI foi o fato de empresas japonesas terem fechado as suas portas no Japão para abrir na China, onde a mão de obra é mais barata em comparação com o Japão. Inúmeros imigrantes citam esse aspecto como sendo um dos fatores por terem perdido ou mudado de serviço. Um outro aspecto comum nas entrevistas dos homens é o fato de determinados serviços serem muito pesados, como é o caso dos que trabalham em

⁸² De acordo com dois *tantōsha*, responsáveis e que possuem os dados dos imigrantes de Kandatsu e redondezas, o número de imigrantes nipo-peruanos e nipo-bolivianos é muito baixo nos dados que eles possuem, sendo assim exceções.

fundição. Apesar de mencionarem que esse tipo de serviço pague bem, poucos são os informantes homens que aguentaram trabalhar com fundição por mais de três anos, sem terem problemas de saúde.

Entende-se que antes da crise mundial de 2008 ter iniciado, muitos informantes conseguiam facilmente outros serviços temporários, independentemente de já terem passado a notar uma determinada queda nas ofertas de trabalho que eram de forma geral oferecidas para o *haken shain* (trabalhador contratado pela empreiteira) ou *dekasegi*. A mudança drástica nesse quadro ocorre com a crise econômica mundial em 2008, quando se torna visível a posição vulnerável dos *dekasegi* como trabalhadores, por serem estritamente inseridos para atender à demanda do mercado de trabalho de mão de obra não qualificada e temporária. À medida que essa demanda pelos trabalhos manufaturados diminui, as empresas passam a cortar esses trabalhadores nas fábricas.⁸³

Segundo as notícias, o parlamento japonês passou a discutir uma Reforma na Lei Trabalhista e possíveis mudanças nas formas de contrato para o *haken shain* (*IPC Press, da IPC digital*).⁸⁴ Apesar de esse debate ocorrer no Japão, não há um sinal real de mudança nesse sistema. Os próprios *tantōsha* não acreditam que esse processo ocorra tão rápido, dado que muitas fábricas japonesas preferem os trabalhadores flexíveis e temporários por causa das flutuações no ciclo da economia. Exatamente por causa da característica temporária desses trabalhadores e dos problemas em torno da economia tem-se também uma migração interna dinâmica, dado que esses trabalhadores estão continuamente à procura de trabalhos, até mesmo em outras regiões no Japão, como é o caso da maior parte das famílias entrevistadas nesta pesquisa. A busca contínua por trabalhos que paguem melhor por hora para poder guardar o mais rápido possível a quantia estipulada para o regresso ao Brasil, torna-se visível nos relatos dos imigrantes, quando contam sobre as suas experiências de trabalho nas mais diversas regiões e cidades no país.

3.3.2 A procura de trabalho e a migração interna

Ao se referirem às mudanças de trabalho, a grande maioria explica ter procurado e achado serviço através das advertências nos jornais, como *Tudo bem, International Press*, mas

⁸³ Em comparação com os trabalhadores japoneses compreende-se que a proporção de imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos demitidos em decorrência da crise econômica mundial foi sem dúvida maior, sobretudo, nas áreas industriais caracterizadas pela concentração desses núcleos étnicos (Masters, 2009).

⁸⁴ *IPC Press* é um dos jornais escrito em português, o qual serve a comunidade brasileira e nipo-brasileira no Japão. Essa notícia foi publicada na rede do jornal no dia 27 de maio de 2010, <http://www.ipcdigital.com/br>.

sobretudo através de conhecidos ou familiares. De acordo com os relatos a questão da instabilidade econômica é um fator importante para o movimento migratório interno no Japão. Apesar de Kandatsu ser uma área menos industrializada, a maioria dos informantes menciona ter tido no passado oportunidades de trabalho melhores nessa área.

Sra. Shirlayna:

Quando eu saí lá do Brasil pra vir pra onde meu marido estava, que era lá pra Kyōto... e lá a gente ficou trabalhando por um tempo, mas quando a gente sabe que em outro lugar paga melhor... a gente liga e vai à procura de serviço em outra região, e assim que eu fui mudando de um lugar pro outro no Japão até chegar aqui.

De forma geral, compreende-se que a migração interna também é facilitada pelas empreiteiras, por serem responsáveis por esses tipos de trabalhos temporários oferecidos aos *dekasegi*. Uma vez que os imigrantes se mudam para essa área por saberem que há vagas de trabalho em determinadas fábricas nas redondezas, eles simplesmente entram em contato com os *tantōsha*, que os auxiliam com os documentos, moradia, escola para os filhos, etc. Apesar de se compreender na migração de “retorno” que a motivação que impulsiona esse movimento migratório é na maior parte dos casos estritamente econômico-financeira, nota-se com o decorrer do tempo que a formação das famílias passa a pressionar essas mudanças contínuas de uma cidade para outra, principalmente, após os filhos terem entrado nas escolas e terem feito amizades.

Sra. Mariko:⁸⁵

A gente já mudou várias vezes de região no Japão, inclusive agora... uma vez ou outra a gente diz né, ah! vamos mudar de cidade né... a gente já está tanto tempo aqui, daí ele (filho) diz: não mãe,... eu já sofri tanto na escola e agora que eu tenho os meus amigos, as minhas amizades vai me tirar daqui pra começar tudo de novo... ele quer ficar aqui mesmo.

Outros imigrantes mencionam terem preferido permanecer nessa área, após tantas mudanças, por ser mais tranquila e barata, ou por notarem também a possibilidade de conseguirem obter o trabalho permanente, onde estavam trabalhando temporariamente. Mesmo os cônjuges brasileiros que não possuem familiaridade com o Japão afirmam sentirem uma determinada tranquilidade nessa área, embora não dominem o idioma japonês e tenham determinados

⁸⁵ Mariko é sansei, casada com Simão, e mãe de dois filhos no Japão. Na época da primeira entrevista tinha entre 30 e 35 anos de idade. Ela possui apenas o ensino médio completo. No caso de sua família, a filha migra depois dos pais por estar cursando o ensino fundamental no Brasil. O filho mais novo migra junto com os pais, por ser pequeno e não estar na escola.

empecilhos na vida diária por não conseguirem se comunicar propriamente, dependendo assim dos seus companheiros.

3.3.3 O idioma e o trabalho

De acordo com os relatos, a maior parte dos informantes afirma ter aprendido a falar ou “se virar” no idioma japonês no Japão. No entretanto, poucas são as exceções dos informantes que possuem o interesse de estudar o idioma japonês através de um curso, por terem o problema da falta de tempo e/ou mesmo por terem que investir por si próprios nos custos do aprendizado da língua.

Apenas alguns informantes já dominavam o idioma japonês quando chegaram ao país. Esses são os casos dos *nisei* que mencionam ter aprendido o idioma japonês no Brasil, quando estudaram em escolinhas de aula japonesa, e/ou por falarem o idioma desde pequeno em casa com os pais. Já os *sansei* aparentam terem sido menos confrontados com o aprendizado da língua japonesa no Brasil. Assim, observa-se entre os *sansei* um resultado mais diversificado, onde apenas alguns falam o idioma fluentemente, enquanto outros possuem um conhecimento mínimo. Entre os cônjuges brasileiros nota-se que esse conhecimento é ainda mais restrito. De forma geral, eles possuem pouco conhecimento do idioma japonês, apesar de viverem há vários anos no país. De acordo com os acadêmicos é importante considerar que o idioma japonês⁸⁶ representa uma das maiores barreiras culturais no Japão para os nipo-brasileiros (Tsuda, 2003a: 125), assim como para outros imigrantes (Linger, 2001: 67).

De qualquer forma, falar o idioma japonês não é o maior problema desses imigrantes.

Sra. Ema:

As senhoras com quem eu trabalho agora me veem como japonesa...elas falam assim...que eles nem sentem que eu sou brasileira, mas sempre, de falar assim né... dizem que eles veem que eu falo fluente, mas... sempre tem coisas que eu não entendo ou às vezes que eu não consigo falar...até hoje a japonesa falou isso pra mim né lá na fábrica...porque tem coisas que eu não sei ler em kanji né,...daí às vezes eu pergunto... uma coisa pra elas que eu não entendo... aí essa japonesa disse pra mim:

...ah, dá uma lidazinha aí... que você vai entender né...

Daí... eu fiquei olhando... e aí ela ficou até sem jeito...porque aí é que ela se tocou né que eu não sei ler kanji direito...Aí ela pediu desculpa... e disse que ela até esquece que eu não sei ler né, porque a gente fica conversando assim... e até esquece ...porque ela diz que eu não tenho sotaque.

⁸⁶ O idioma japonês é composto por *Hiragana* (46 caracteres) *Katakana* (46 caracteres) e *Kanji* (caracteres ou ideogramas). No Japão aprende-se durante o ensino básico e médio o *jōyō kanji* que equivale a um total de 1,945 ideogramas. Esse nível de conhecimento é necessário para que se possa preencher formulários, ler jornais, revistas, etc. Para os informantes a dificuldade maior é de aprender o idioma japonês escrito.

Apenas a metade dos informantes possui uma fluência semelhante à de Ema, que é *sansei*. Sem dúvida o maior problema constatado entre esses imigrantes é a escrita e leitura dos caracteres na língua japonesa. Essa é uma dificuldade comum entre eles, apesar de haver algumas exceções nesta pesquisa.

Segundo os relatos essa falta de conhecimento faz com eles se sintam como analfabetos perante os japoneses no Japão. Dois exemplos dessa situação são os seguintes casos:

Sra. Silvana Yamada:

Aqui também tem a questão da língua. O próprio nativo não sabe falar outro idioma do que o japonês e o brasileiro não domina tanta coisa e se sente como um analfabeto, ...mas um analfabeto que sabe se virar bem.

Sr. Takamichi:⁸⁷

Eu vim a trabalho para o Japão, mas assim como muitos brasileiros, eu sou analfabeto no Japão. Eu não leio e não escrevo japonês. Eu falo, mas eu me considero um cego. E a minha mulher (*sansei*) é pior ainda, porque ela é muda, surda e cega. Ela não entende nada de japonês e prefere voltar para o Brasil.

A interpretação de “analfabeto” utilizada pelos informantes está exclusivamente relacionada ao fato de não escreverem ou lerem o idioma japonês adequadamente. Através dos relatos de Ema, Takamichi e Silvana compreende-se que apesar de falarem o idioma japonês, a escrita e a leitura de caracteres é um problema para eles na vida cotidiana. De acordo com os dados da pesquisa Moorehead (2010:5) tem-se um quadro similar entre os imigrantes nipo-peruanos no Japão, que mostram um conhecimento moderado ou mínimo do idioma japonês falado e escrito.

O resultado dessa falta de conhecimento do idioma japonês faz com que esses imigrantes precisem do auxílio de outras pessoas, tornando-os conseqüentemente dependentes dos contatos com os *tantōsha* das empreiteiras, ou dos conhecidos e familiares que dominam o idioma. Esses exemplos acima ilustram o problema em torno da questão do idioma dos imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos no Japão, que lidam continuamente com a situação de desconhecerem ou não dominarem a escrita, devido às dificuldades em torno do aprendizado dos caracteres (Linger, 2001). Então, embora a maior parte dos participantes desta pesquisa fale o idioma japonês, são poucos os que dominam a escrita e a leitura dos

⁸⁷ Takamichi é *nisei* e tinha na entrevista entre os 35 e 40 anos. Ele é formado na área de administração e direito no Brasil. Takamichi foi transferido para o Japão para atender o público nipo-brasileiro no Japão, onde é casado com uma *sansei*, e tem dois filhos. Dessa forma contribui-se com sua percepção no quadro das entrevistas avulsas por mostrar problemas similares aos dos outros imigrantes com relação à adaptação em torno do problema do idioma japonês.

caracteres. Tal constatação também se reflete no resultado da enquete. Assim na pesquisa quantitativa tem-se evidências que mostram indicações sobre o problema em torno dessa questão, quando se constata que dos ($N=170$) entrevistados, ou seja, do total das enquetes ($N=140$) mais os respondentes das famílias dos estudos de casos ($N=30$), apenas dois informantes estão aptos a ler o jornal escrito em japonês. Mesmo entre os que leem caracteres, nota-se que eles também afirmam ter muita dificuldade, e que por essa razão não possuem nenhum interesse em comprar o jornal para ler.

Emma explica que e muitos outros nipo-brasileiros, não leem e escrevem o idioma japonês, mas que eles pegam os jornais ou propagandas para ver onde estão as promoções nos supermercados. À primeira vista é interessante notar que o imigrante sabe exatamente quais são os jornais ou as propagandas que eles precisam pegar para ver onde estão as promoções.

Sra. Emma

Aqui muita gente só pega o jornal ou as propagandas, mesmo sem saber ler, para pegar os cupons que dão desconto no supermercado, o preço todo mundo entende né, e é assim que a gente faz.

De acordo com alguns informantes e os dois *tantōsha*, o obstáculo da língua passa a ser um problema para eles conseguirem trabalhos, quando há queda de serviços temporários. Entende-se que por muito tempo não se exigiu nos serviços temporários que os trabalhadores tivessem um determinado conhecimento do idioma japonês, porém essa situação passa a mudar em decorrência da crise mundial, mesmo para os que buscam trabalhos de mão de obra não qualificada. Apesar disso, é notável entre muitos nipo-brasileiros, que não falam bem o idioma, a falta de motivação com relação ao aprendizado da língua japonesa.

Sr. Kazuaki⁸⁸ que é *tantōsha* e responsável no trabalho por cerca de 220 empregados explica que é muito difícil determinar qual é a motivação que leva os trabalhadores a querer aprender o idioma, embora trabalhe há mais de 10 anos nessa função para a empreiteira, assintindo os imigrantes nipo-brasileiros, brasileiros, assim como outros grupos de imigrantes, que estão sob a sua responsabilidade:

⁸⁸ Kazuaki é nisei e tem a idade na faixa de 35 a 40 anos. Ele é casado como uma nipo-brasileira, também nisei. Eles não têm filhos. A sua contribuição na pesquisa é no quadro das entrevistas avulsas e pelo fato de ter dados exatos sobre o número de imigrantes nessa área. Ademais a sua contribuição é importante por providenciar informações extras sobre os aspectos importantes com relação à migração interna nessa área.

Sr. Kazuaki:

Aqui tem de tudo nas fábricas, mas é impressionante ver aqui ...que tem brasileiro que nem de filho de japonês é, e que chega aqui, aprende o idioma e a cultura, e se vira... e acaba conseguindo trabalho melhor porque aprendeu a lidar com a língua...desses caras eu fico impressionado, porque têm tanta gente, que é filho de japonês, mas que só sabe reclamar no ouvido da gente, e pior ainda que não aprende nada da língua, e já está aqui todos esses anos... até os filipinos e chineses que chegaram a trabalhar com a gente se viram mais rápido em aprender a língua.

Então, qual é a motivação que leva os imigrantes a aprender o idioma japonês? Apesar dos empecilhos que alguns possuem por não poderem se comunicar adequadamente, nota-se que em nenhum momento esses imigrantes mencionam querer ir de fato estudar o idioma. Roth (2002: 9) também constata na sua pesquisa que ao contrário dos *nikkei*, outros imigrantes asiáticos que se encontravam numa situação ilegal no Japão, se desempenharam em assimilar a cultura e a língua japonesa.

Sem dúvida, nota-se nos resultados que os nipo-brasileiros que possuem um bom conhecimento do idioma e que sabem lidar com a cultura japonesa são geralmente os que conseguem obter melhores trabalhos. Apesar de se constatar também que nem todos esses informantes que se adaptaram ao Japão, e que possuem o contrato fixo, pensam em se enraizar definitivamente no país.

De fato, também se nota na pesquisa que os imigrantes nipo-brasileiros que não procuram aprender a língua japonesa são geralmente os que apresentam menos mudanças de melhoras de trabalho e de vida no Japão. As exceções nesse contexto são os imigrantes empreendedores, que lidam quase exclusivamente com os imigrantes no Japão. De forma geral nota-se que o número de imigrantes, mesmo nesta área, que depende das empreiteiras é alto. Apesar de se notar gradativamente no decorrer dos sete anos de pesquisa que a maior parte dos informantes do quadro fixo conseguiu o contrato por tempo indeterminado. Isso implica dizer que esses trabalhadores não trabalham mais pelas empreiteiras.

De qualquer forma, enquanto os *tantōsha* intermediarem entre os japoneses e nipo-brasileiros, a probabilidade desses imigrantes não assimilarem a cultura e a língua japonesa será maior. Isso porque os *tantōsha* não apenas auxiliam esses empregados em questões interligadas ao trabalho, mas também com relação à saúde, e ao ensino dos filhos desses imigrantes.

3.3.4 Saúde e reuniões escolares

Assim não são raras as vezes que os *tantōsha* são chamados para acompanhar o funcionário que está doente na sua visita ao hospital. Essa é uma questão difícil, principalmente quando se constata algo mais grave com esse trabalhador.

Nota-se, nessas circunstâncias, que mesmo entre os informantes fixos que vieram a ter problemas graves de saúde alguns deles preferiram regressar para o Brasil para fazer o tratamento. É o caso dos informantes com problemas psicológicos, ou com problemas de saúde cujas causas não se conseguiu constatar. Estes tiveram um regresso repentino e temporário para o Brasil. Também há casos no quadro fixo de informantes que tiveram câncer, outros problemas cardíacos, e mesmo psicológicos, mas que decidiram permanecer no Japão para o tratamento.

Uma diferença que se nota entre a opção de se ir ou não fazer o tratamento no Brasil é a própria estrutura familiar que esse imigrante possui ou não no Japão. Assim, nota-se entre os imigrantes que estão com as suas famílias que a tendência de eles procurarem fazer o tratamento no Japão é maior. Outros fatores importantes são o domínio do idioma japonês, e o fato de terem-se acostumado com o sistema medicinal no Japão por estarem vivendo há mais tempo no país, quando o problema de saúde foi constatado. Entre os casos que regressaram para o Brasil, os motivos principais foram a dependência de terceiros, devido às dificuldades no idioma, e sobretudo o fato de se ter os pais ou outros familiares no Brasil.

Um outro aspecto que envolve também o serviço do *tantōsha* são as reuniões dos pais nas escolas japonesas. Se o trabalhador da empreiteira tem filhos e há uma reunião de pais na escola, ou algum outro tipo de problema, eles podem recorrer aos *tantōsha*, que prestam auxílio ao trabalhador(a). Em muitos casos, eles vão no lugar do trabalhador (*haken shain*) para que ele/ela não perca suas horas de serviço.

3.4 Questionando as experiências no trabalho

Os relatos dos nipo-brasileiros sobre as experiências nos locais de trabalho mostram um ambiente dinâmico, competitivo, onde a formação de grupinhos, sobretudo, entre as mulheres não é uma exceção. Apesar dos estudos nessa área, pouco se menciona sobre o tópico das experiências de competição de como esses imigrantes se relacionam ou não entre si nas fábricas. Uma das consequências é o isolamento ou a formação de grupinhos. Sob esse ângulo, tem-se assim uma situação paralela que influencia na experiência de trabalho desses

imigrantes nas fábricas, independentemente de terem ou não uma interação social com os japoneses e do choque cultural desses dois grupos.

3.4.1 A competição

Como trabalhadores, os desafios não são apenas em terem que aguentar um serviço pesado e de mão de obra não qualificada. Segundo a descrição dos informantes sobre o ambiente nas fábricas, destaca-se nos relatos um ambiente competitivo, envolvendo outros nipo-brasileiros, chineses, filipinos e os próprios japoneses.

Fabiana Yokohama explica que no seu caso não foi apenas a marginalização e incompreensão dos japoneses que a levaram a se sentir frustrada e alienada no Japão, senão o próprio ambiente competitivo e negativo de trabalho nas fábricas com os outros nipo-brasileiros e estrangeiros. Assim, ela descreve um ambiente de inveja, rixas e competição por *zangyō* (horas extras de trabalho) como sendo parte da sua vida cotidiana no Japão. Todo esse contexto, ano após ano, fez com que entrasse em depressão.

O caso de Fabiana Yokohama não é uma exceção, no que diz respeito ao ambiente de competição no trabalho. Esse mesmo contexto é citado por todos os outros informantes fixos e mesmo entre aqueles que participaram das entrevistas qualitativas avulsas. No entanto, apesar das diferenças de como todos esses informantes lidam com esse problema, observa-se que a característica comum entre eles se reflete no isolamento e na solidão desses imigrantes.

Para entender a dinâmica dentro das fábricas de acordo com a percepção dos nipo-brasileiros descreve-se as experiências de alguns de informantes. Assim, Ema explica o ambiente dentro das fábricas, em um dos seus trabalhos anteriores, destacando a divisão de serviço e os problemas nas linhas:

Ingrid: Na fábrica como é o ambiente de trabalho com os japoneses?

Ema: uhm... eles ensinavam de uma maneira e a gente mudava... porque a gente achava que era melhor.... Eu sempre tentava ficar na linha, mas algumas colegas falavam que a gente tinha que brigar pelo que a gente achava, porque a gente sabia que dava pra fazer mais rápido... Agora era assim...quando o *kaisha* (fábrica) estava mais *isogashii* (ocupado, atarefado) e era mais pesado, os japoneses passavam o serviço mais pesado pra gente. Daí vinha a pergunta por que o serviço pesado vem sempre pra gente? Às vezes eu não achava ruim, mas o pessoal começava a falar, daí eu pensava...será que eu estou fazendo certo... uhm... a gente fica na dúvida né...

Ingrid: Quem é “esse pessoal” de que você fala?

Ema: “Esse pessoal” são os *nikkei* que vieram na mesma época e estavam na fábrica há mais tempo que eu.

Ingrid: Você tinha contato assim com esse pessoal?

Ema: Não, a gente só se fala assim na fábrica... amigo, amigo, uhm... não... isso é complicado aqui no Japão...uhm...

Ingrid: Por quê?

Ema: ...uhm...

Ingrid: Você alguma vez teve algum problema com um japonês no trabalho?

Ema: uhm...nessa fábrica...só uma vez...foi uma japonesa que era meio encenqueira, que disse pra mim: “vai embora para o Brasil”... eles falam mesmo...

Ingrid: Por que ela disse isso para você? O que aconteceu?

Ema:..Eu acho que eu não fiz algo como ela queria no trabalho... e daí ela bateu assim nas minhas costas... e disse:... pode ir para uma outra linha... e aí ela falou: por que você não vai embora para o Brasil? Às vezes ela falava...que não queria brasileiro naquela linha...só japonês. E nessa época eu ainda não falava bem...só assim um pouquinho...eu aguentava porque eu gostava do serviço...

Ingrid: Era pesado o seu serviço?

Ema: Às vezes eu tinha que carregar caixas de 15 kg. Isso era às vezes o dia inteiro e daí a gente revezava...mas quando eu saía dessa fábrica parece que o cansaço ficava lá, porque eu ainda tinha que fazer o jantar... Eu era noiva nesta época.

Nesse caso, o contato de Ema com os outros nipo-brasileiros na fábrica é bom, embora essa situação não seja geral entre os informantes. Assim como nesse caso, constata-se que a divisão do trabalho na época em que se tem mais serviço se concentra nas mãos dos nipo-brasileiros. Essa situação também é similar em todos os outros casos, apesar de os entrevistados terem trabalhado ou trabalharem em fábricas e lugares diferentes. O que chama a atenção em entrevistas como a de Ema é o fato de mudarem a maneira de fazer o serviço e a falta de comunicação entre eles e os japoneses supervisores das seções. Na época Ema ainda não falava bem o idioma japonês, preferindo assim continuar o trabalho sem fazer perguntas sobre o que tinha feito de errado. Além do mais, sob o seu ponto de vista, ela tem a impressão de que se pode ser mais rápido e eficiente no trabalho se fizerem o serviço de uma maneira diferente. Esse tipo de iniciativa, porém, é algumas vezes interpretada de forma negativa no trabalho, como é o caso acima.

Um outro cenário é comentado por Kimi, quando explica determinadas situações, que ilustram a concorrência com os japoneses. Nesse caso são os nativos mais velhos, que também trabalhavam com ela na mesma fábrica, que passam a se sentir inseguros com relação ao serviço, por causa da presença de trabalhadores estrangeiros. Esse aspecto aparentar ser também um dos motivos que dificultam o contato entre os imigrantes e japoneses no ambiente de trabalho:

Sra. Kimi:

O tratamento depende da pessoa... As senhoras de idade não gostam da gente, porque tinham medo de perder o trabalho, devido ao fato de a gente trabalhar rápido e fazer mais do que elas...Nessa fábrica de alumínio o nosso chefe dava muito mais atenção para a gente. Eles pagavam também uma vez por ano um almoço para nós todos...os brasileiros para agradar a

gente, e se a gente trabalha bem, daí eles perguntam se a gente conhece outras pessoas que também sabem, assim trabalhar que nem a gente... que é pra indicar...

Ingrid: Os seus colegas eram brasileiros ou japoneses?

Oh... isso muda muito aqui, eh...mas a maior parte era... brasileira. Tinha gente que entendia o serviço e que falava que nem eu (japonês), mas tinha gente que não entendia muito e daí o chefe pedia pra mim para traduzir para os outros, porque eu falo... Só tinha uma brasileira que trabalhava comigo, o resto era tudo descendente. ...Às vezes tinha muita rixa entre o pessoal. O próprio japonês tinha rixa com a gente, porque tinha que se fazer vinte janelas por dia. E isso era trabalho de dupla...e a gente fazia mais de vinte janelas. Daí eles começaram...eu acho...a pedir mais brasileiros. Os nossos chefes brigavam com os japoneses, perguntavam se eles não tinham vergonha... Esse serviço era um exercício e tanto!... Eu estava sempre em movimento.

A concorrência entre os japoneses mais velhos e nipo-brasileiros tem como consequência a tensão, em alguns casos, os conflitos e o distanciamento entre eles no trabalho. Ema, Fabiana Yokohama, Kimi relatam experiências semelhantes da ocorrência de desentendimento no trabalho, provenientes do ambiente competitivo e da eficiência de como os imigrantes conseguiam fazer o mesmo tipo de serviço.

Existe assim uma competição menos visível por esse tipo de trabalho de mão de obra não qualificada também entre os japoneses com menos nível de instrução ou pessoas mais velhas, que também precisam desses tipos de serviço para ajudar a família, como nos custos dos estudos dos netos, ou mesmo para a própria subsistência. Se, por um lado, existe esse ambiente entre os japoneses e imigrantes, por outro lado também há o conflito entre os nipo-brasileiros entre si, ou com os outros imigrantes. Segundo Silvana Yamada, o resultado desse ambiente é a formação de grupinhos nas fábricas. Assim, é comum ouvir dos entrevistados o fato de competirem entre si, seja por horas extras, por remuneração, ou mesmo por bens materiais.

Sra. Silvana Yamada:

No início eu trabalhei em fábrica por um ano e meio... uma coisa que eu acho da época que eu trabalhei na fábrica é que dentro da fábrica ... entre os nipo-brasileiros ou brasileiros, o problema é que eles estão sempre competindo, querendo mandar uns nos outros. A concorrência entre os brasileiros é muito grande. Não é deles com os japoneses, mas deles com eles mesmos. Por causa de uma hora de *zangyō* eles brigam ou fazem intriga... Por exemplo eles ficando reparando as bicicletas pra conferir quem está ou não fazendo *zangyō*, ou com outras coisas...como quem compra um carro, o outro também quer...Tem muita “panelinha” aqui...esses grupinhos, que se formam aqui...e eles não se misturam uns com os outros, não! Se você não participar também falam mal de você, porque dizem que você quer ser melhor... mas, a gente vai ver quem é quem lá no Brasil, no sentido de estudo, trabalho e poder aquisitivo. Já aqui no Japão todo mundo consegue comprar a mesma coisa. Às vezes quem não tem a descendência japonesa, se adapta muito mais rápido. Com força de vontade, eles aprendem o japonês e se apaixonam pelo Japão. Tem muita gente querendo ficar aqui. Dessas pessoas eu fico admirada.

Yamamoto também expõe o mesmo cenário entre os homens. Aí existe além da competição também uma desconfiança contínua.

Eu já estou aqui há 10 anos, eu já passei por tanta coisa aqui...aqui um quer passar a perna no outro...olha...eu não confio em ninguém mais ... é tanta inveja, ... é por isso que amizade aqui é raridade...e o japonês é a mesma coisa, porque ele te diz uma coisa na tua frente e outra coisa nas tuas costas... a gente acaba se isolando por causa disso ou mesmo deixa de falar as coisas com medo porque o outro vai lá pra tentar pegar o teu lugar ou fazer na tua frente.

Esse comentário de Yamamoto explica o isolamento de alguns imigrantes, ao se referir à falta de confiança que eles têm nos outros nipo-brasileiros. Essa situação engendra a formação de dois cenários principais em torno desses imigrantes no âmbito do trabalho: a formação de grupinhos ou o isolamento da pessoa. O ambiente competitivo de trabalho característico nesta pesquisa é o motivo principal para o isolamento desses imigrantes, que se distanciam, propositalmente. Esse quadro se reflete também fora da fábrica, na falta de amigos e amizades de quase todos os entrevistados. Essa correlação é feita nas reflexões dos próprios imigrantes nipo-brasileiros.

3.4.2 O cenário em torno do contrato fixo

Apesar de os informantes serem uma minoria, nota-se uma mudança gradual com relação aos contratos de trabalho de alguns dos pais de famílias, que passaram a trabalhar diretamente para as firmas e fábricas, como trabalhadores permanentes.

Assim, observa-se em alguns casos, que quando há a ocorrência de um problema, esses imigrantes pedem a assistência de conhecidos que dominam melhor o idioma, ou mesmo dos filhos mais velhos. É interessante notar também que os informantes que conseguiram o trabalho permanente, nem sempre não falam bem o idioma japonês. No entanto, observa-se que a mudança para o contrato fixo está ligada também à probabilidade de se sentirem mais motivados em para aprender o idioma japonês melhor, sobretudo entre os que trabalham apenas com japoneses. Em alguns casos, o conhecimento do idioma japonês melhora apenas na fala cotidiana. Entre os que falam bem o idioma e pretendem permanecer no Japão, é visível o interesse maior em aprender mais da escrita japonesa. Essa atitude não significa que dentro das casas não se continue falando o idioma português entre si. A diferença é que se nota uma atitude (mais) positiva perante a vida no Japão e são eles que passam a mostrar um comportamento mais voltado para a cultura japonesa, não enfatizando em público as

diferenças culturais associadas à cultura brasileira, embora mantenham os costumes que tinham no Brasil na vida cotidiana.

Com o contrato fixo, esses imigrantes deixam de ser funcionários das empreiteiras (*hakenshain*). Compreende-se que o papel das empreiteiras é maior no início do processo migratório, ou entre os imigrantes que estão continuamente mudando de áreas ou de serviço por não conseguirem o trabalho permanente. Para esses imigrantes, as empreiteiras são o ponto de apoio dentro da migração de “retorno”.

De acordo com os resultados, compreende-se que a probabilidade de se obter um contrato fixo é maior para os homens, visto que, dentro da estrutura familiar, são os homens que trabalham por tempo integral e os que menos se ausentam com os problemas de saúde dos filhos, contexto que é diferente para as esposas. Com o nascimento dos filhos a maioria deixa de trabalhar por tempo integral, ou mesmo por um período de tempo. Quando as esposas voltam a trabalhar, buscam geralmente oportunidades com menos horas de serviço para que possam conciliar com a família. Essa situação explica o fato de serem os maridos os primeiros a conseguir os contratos fixos, nas fábricas ou firmas.

Esses resultados mostram que não existe uma correlação entre a falta de conhecimento do idioma japonês e a dependência dos imigrantes das empreiteiras. De acordo com os resultados nota-se que o idioma japonês não é o requisito principal para esses imigrantes obterem o contrato fixo, entretanto, é a exigência que as fábricas têm para a melhora de serviço e posição. Segundo os depoimentos dos informantes, entre eles os *tantōsha*, as competências principais são assiduidade, responsabilidade e flexibilidade. Para os informantes essas competências são interpretadas da seguinte forma: trabalhar de acordo com os horários, e quando necessário menos ou mais horas, aceitando também o fato de que possuem pouca possibilidade de tirar mais de 10 dias de férias consecutivos, sobretudo, entre os que trabalham com um grupo pequeno de funcionários numa seção.

3.4.3 As férias

De acordo com os relatos dos imigrantes nipo-brasileiros, os japoneses nas fábricas mostram interesse nos planos de férias ou de regresso para o Brasil. Essa situação é comum, mesmo entre os funcionários empregados através das empreiteiras. Segundo os informantes, isso ocorre, principalmente, quando são considerados bons trabalhadores.

Ema:

Quando você faz um serviço bem, e eles gostam da tua maneira de trabalhar...aí eles perguntam...se você também tem amigos que trabalham assim...que dizer sempre cumpre o horário direitinho, não falta e avisa as coisas... eles ficam assim preocupados né...se a gente vai de férias, porque o Brasil fica longe... e aí eles não sabem né se a pessoa vai voltar, ou quando vai voltar... então eles perguntam.

Compreende-se que os próprios imigrantes não possuem uma noção bem clara, se vão ou não de férias ao Brasil, ou quando irão. Na prática, poucos são os informantes que visitaram o Brasil com suas famílias, desde que migraram para o Japão, apesar de sonharem e idealizarem os planos de férias. As dificuldades nesse planejamento são devidas aos altos custos em torno da viagem, da distância, e o fato de não serem remunerados caso tirem férias.

Para os empregados com contrato fixo a dificuldade maior é o tempo. Esse problema pode ser atribuído ao fato de trabalharem em seções pequenas e não poderem ficar por muito tempo ausentes, dificultando nesses casos as férias consecutivas.

Ryoko:⁸⁹

Quando eu peço um *yasumi* (folga) o meu chefe fica até nervoso...ele pede né pra pensar, porque senão atrapalha... porque alguém tem que fazer o serviço, ...e porque é *isogashii* (ocupado) uhm...ele sempre pergunta assim indiretamente se eu não estou pensando em ir de férias para o Brasil,...que é pra gente assim pensar no trabalho que isso é muito importante também.

Um outro caso é ilustrado por Hugo:

Quando você tem trabalho permanente é difícil..porque se você sai... você dá trabalho extra para os outros... e a gente fica assim...tipo numa sensação ruim, porque ...na verdade ninguém onde eu estou tira assim férias... então, é ruim, porque ... aqui todo mundo fala assim... que a gente tem que pensar no *kaisha*... isso aqui é uma mentalidade muito forte no Japão... isso eles esperam da gente, que a gente entenda isso... é diferente, mas quando a gente consegue assim um trabalho bom, tranquilo, tem que tentar manter... eu gosto onde eu estou... é tranquilo porque eu sei o meu serviço assim... e eu me dou bem com os colegas japoneses, então a gente acaba aceitando que... férias... uhm... é assim... ah... é mais difícil né... folga é pra gente nos feriados.

Compreende-se nos dois fragmentos das entrevistas acima que a mentalidade japonesa é voltada ao trabalho. Ambos informantes explicam ambientes de trabalho diferentes, entretanto, a maneira como a comunicação ocorre em torno das férias é similar, principalmente quando explicam sob o ponto de vista dos colegas e chefes japoneses: "... que

⁸⁹ Ryoko é *nisei* casada com *sansei*, Koji. Eles têm um filho. Ryoko tinha na época da primeira entrevista entre 35 e 40 anos. Ela tem o ensino médio completo, assim como o marido. Ryoko fala fluentemente o idioma japonês, apesar de não dominar a escrita.

a gente tem que pensar no *kaisha* (fábrica), ... isso aqui é uma mentalidade muito forte no Japão...isso eles esperam da gente”. Esse sentimento de ter que mostrar lealdade perante o trabalho é comum nas entrevistas, de forma geral. Isso não quer dizer que não tenham o direito de tirar férias, mas é o fato de sentirem a pressão que existe na sociedade japonesa para se conseguir tirar férias. Segundo os informantes, as férias são resumidas na maior parte, aos feriados nacionais no Japão. De acordo com os informantes, raros são os casos dos japoneses, que chegam a tirar mais de 10 dias consecutivos de férias.

No caso dos trabalhadores que estão empregados através das empreiteiras, observa-se que se deixarem de trabalhar não são remunerados. Assim, tirar férias com os filhos para visitar a família, torna-se muito difícil e caro. Caso tomem tal decisão, a estada no Brasil é mais longa.

Um exemplo é o caso de Dalila:

Se agente for, tem que ir no mínimo por três semanas, porque senão não vale a pena, mas aí é difícil porque o *kaisha* vai lá e te corta e põe outro no teu lugar...daí eu tenho que procurar outro serviço, por isso, se eu for, eu prefiro ficar por mais tempo fora pra aproveitar as férias, ver minha mãe que está lá...foi por isso que quando eu fui com as crianças, eu fiquei logo por dois meses ...a gente ficou na casa da minha mãe no Brasil ...e quando eu voltei eu fui de novo falar com o *tantōsha*...pra arranjar um outro trabalho.

A probabilidade de se permanecer por mais tempo no Brasil de férias é maior entre esses imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros, que são trabalhadores pelas empreiteiras. No entanto, poucos são os casos de informantes que realmente visitaram familiares no Brasil no decorrer dos sete anos de pesquisa, apesar de ser um sonho comentado por todas as famílias, que lidam com a questão de ter a família separada em dois continentes. O sentimento de saudade que eles sentem, é frequentemente mencionado pelos que têm os irmãos/irmãs, pais, avós e outros familiares no Brasil. Em alguns casos, constata-se, que são geralmente os outros membros das famílias que vivem no Brasil, que visitam esses imigrantes, ou que decidem migrar para tentar o futuro perto da família, que se encontra no Japão.

De forma geral compreende-se que os japoneses possuem um ponto de vista diferente com relação às férias dos nipo-brasileiros. De acordo com os informantes japoneses, e mesmo *tantōsha*, que lidam diretamente com os empregadores japoneses, as viagens e a longa duração das férias mostram uma falta de comprometimento do imigrante com o trabalho.

De forma similar, lê-se nos resultados abordados na pesquisa de Moorehead (2010: 115-118) sobre o ensino que os professores japoneses também se queixam das férias e visitas dos

nipo-peruanos ao Peru, por interpretarem como uma falta de comprometimento com o futuro dos filhos no Japão.

Férias ou visitas aos familiares na América do Sul torna-se aqui um tema que na percepção dos japoneses revela a falta de comprometimento dos *nikkei* em querer conhecer o Japão e aprender a cultura dos ancestrais. Essa impressão leva-os a interpretar a migração de “retorno” apenas como uma motivação econômico-financeira, pois a orientação dos imigrantes continua sendo o país de emissão.

Ironicamente, outros dados mostram que embora os imigrantes também precisem mostrar um sentimento de “lealdade” perante o serviço e o empregador, eles são aparentemente os primeiros a serem cortados, quando a crise mundial financeira atinge o Japão em 2008.

3.5 A influência da crise econômica na migração de “retorno”

A perda de serviço no Japão em consequência da crise mundial pode ser considerada como um fator importante para o regresso inesperado de muitos imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros para o Brasil.

Segundo o *tantōsha* Kazuaki a crise econômica mundial teve grande influência na diminuição das ofertas de trabalho através das empreiteiras e consequentemente na partida inesperada para o Brasil de uma porcentagem dos imigrantes também nessa área.

Ao ilustrar a situação que emergiu com a crise, Kazuaki explica que somente na parte pela qual é responsável houve uma diminuição de mais ou menos 25% dos 220 empregados. No total,⁹⁰ entende-se que essa diminuição corresponde para a empreiteira uma queda brusca de quase 30% dos empregados, que ficaram desempregados em decorrência da crise econômica mundial. De acordo com os dados das áreas onde a concentração de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros é alta, como as áreas industrializadas de Gunma, Shizuoka, Aichi (Roth, 2002: 11), cerca de 40 % desses imigrantes perderam os empregos (Akashi e Kobayashi, 2010: 8).

Entende-se que várias medidas foram tomadas na empreiteira onde Kazuaki trabalha para que pudessem sobreviver a crise. Dessa forma, houve uma redução inevitável nas horas de trabalho e no bônus dos salários de todos os empregados. Apesar dessas medidas terem sido

⁹⁰ A porcentagem de 30% corresponde ao total que se tem ao incluir os dados dos cinco *tantōsha* que trabalham pela mesma empreiteira.

suficiente para a sua empreiteira, compreende-se que no país a crise levou à falência de muitas outras.

Ao comentar sobre essa fase no Japão, Kazuaki explica:

Tem os caras que contam pra gente que vão voltar... mas mais da metade desaparece sem falar nada... daí a gente escuta assim pelos conhecidos que eles arrumaram as coisas e se mandaram para o Brasil...isso a gente escutou bastante desde que o governo ofereceu a ajuda de custo, dando a passagem só de ida... porque a volta não tem mais não.....e mesmo assim tem muitos que aceitaram, porque não tinham trabalho e quando aparecia algo, era pagando bem menos, mas tava difícil, pra quem perdeu o trabalho... foi difícil de arranjar outro nessa época...daí o pessoal decidiu ir embora mesmo, com ou sem ajuda do governo.

Numa outra entrevista Nori confirma esse quadro, ao descrever:

olha o que você vai ver aqui é complicado...porque ..até o pessoal que pretendia e tinha condições de ficar no Japão com a família, mas que perdeu o trabalho, acabou voltando... porque deu uma baixa de serviço muito grande...tava ruim mesmo....então eu vejo que tem família que acabou aceitando o plano do governo japonês...porque senão ia gastar tudo o que guardou...daí voltaram para o Brasil... também tem os casos do pessoal que...os pais voltaram, mas os filhos ficaram no Japão...nesse caso, eles que já estavam de maiores ...agora... você vê, que era o pessoal que perdeu o serviço, e não conseguiu mais trabalho...e como o governo passou a oferecer o plano de ajuda, com a passagem e uma quantia de dinheiro por pessoa... muita gente voltou, provavelmente muitos que também queriam voltar ... se os filhos foram juntos ou não foram, eu não sei te dizer, porque tem muita gente que vai embora e não fala nada...agora... mas também tem o pessoal que conseguiu manter o serviço, independente da crise...no meu caso eu mantive o trabalho, mas o salário reduziu muito, porque cortou o bônus, e daí pega, ..por isso eu tive que renegociar a hipoteca por um tempo ...e eu fui fazer “um pé de meia” no final de semana, trabalhando aqui nas plantações, que tem muito nessa área.

Essas entrevistas expõem o quadro do regresso inesperado de imigrantes nipo-brasileiros entre o ano de 2008 e 2009 em consequência da crise econômico-financeira. De fato, é a partir de 2008 que se torna visível o declínio da migração de “retorno” no Japão. Conforme os dados do Ministério da Justiça do Japão e *The Japan statistical Yearbook 2012*, a imigração de “retorno” dos nipo-brasileiros atinge o seu ápice em 2007, para logo após passar a decrescer consecutivamente. Martin (2009: 14) mostra que esse quadro não é apenas no Japão, uma vez que tanto na Espanha, Estados Unidos, Malásia, entre outros países, se constata um cenário similar:

The first effects of recession are being felt in cyclically sensitive industries such as construction and manufacturing, where last-hired and often male migrants may be among the first to be laid off. What is less certain is whether laid-off migrants will remain in destination countries or return to their countries of origin.

No caso do mercado japonês, os nipo-brasileiros, nipo-peruanos e outros imigrantes são os primeiros a serem dispensados em períodos econômicos de estagnação ou declínio. Apesar de se constatar a vulnerabilidade da mão de obra desses *nikkei* no decorrer dos anos no Japão, compreende-se que é em consequência da crise econômica de 2008 que essa migração de “retorno” passa a diminuir, por serem os primeiros a perderem o trabalho, mostrando assim o aspecto vulnerável do status econômico e social desses imigrantes (Fackler, 2009; Masters, 2009; Tabuchi, 2009). De acordo com Fackler (2009):

According to the Labor Ministry, about 131,000 layoffs have been announced since October. Of those, only about 6,000 were culled from the majority of Japanese workers who hold traditional full-time jobs, which are still often held for life. The overwhelming majority — some 125,000, the ministry says — are so-called nonregular workers, who are sent by staffing agencies or hired on short-term contracts with lower pay, fewer benefits and none of the legal protections against layoffs of regular full-time employees.

O governo japonês responde ao impacto da crise mundial no Japão com um plano econômico de “ajuda” de custos para todos os imigrantes que optassem por retornar para os seus países de emissão, após terem perdido os seus empregos. A condição dessa assistência financeira implicaria no retorno para o país de procedência, junto com os membros da sua família. A quantia em dinheiro ofertada é de ¥300,000 (equivalente a 3,000 dólares em 2009) para o desempregado homem, e de ¥200,000 (2,000 dólares) para cada membro da família que aceitasse deixar o país. Nesse plano econômico, o último ponto do acordo era que se receberia apenas a passagem de ida, destituindo as pessoas do direito de retornar para o Japão para trabalhar, a não ser que o contrário fosse anunciado pelo governo japonês (Masters, 2009). Na Europa, especificamente na Espanha, constata-se um acordo semelhante oferecido aos desempregados imigrantes que aceitassem retornar para os seus países de emissão (Martin, 2009: 6).

Um outro cenário onde se constata o impacto da crise econômica e do regresso dos nipo-brasileiros ao Brasil é a evasão das escolas brasileiras que passam a fechar no país. No artigo “Brazilian schools losing students” do jornal *Japan Times* aborda o impacto dos efeitos da crise econômica mundial nas escolas brasileiras no Japão com o desaparecimento repentino dos filhos dos imigrantes nipo-brasileiros.

De acordo com a próxima tabela abaixo tem-se uma orientação do número de pedidos de imigrantes no primeiro semestre, que aceitaram o auxílio financeiro do governo japonês e o respectivo número de imigrantes no país até o ano de 2007.

Tabela 7: número de pedidos de imigrantes que aceitaram auxílio financeiro.

Participação no programa voluntário de retorno de acordo com os países de origem dos aplicantes, 2009				
Período	1º abril de 2009 até 1º de outubro 2009			
Total de aplicações recebidas	13,188 (inclusive 8,927 aplicantes principais [67,7%] e 4,261 membros familiares [32,3%])			
Total de aplicações aceitas	11,329			
Principais países de origem	Aplicações	Aceitas	Porcentagem do total (100% = 11,329)	Número de imigrantes no Japão (no ano de 2007)
Brasil	12,356	Não disponível	93.70%	316,967
Peru	451	Não disponível	3.40%	59,696
Bolívia, Argentina, Chile, e outros	381	Não disponível	2.90%	Não disponível
<i>Nota:</i> O governo aprovou todos os aplicantes, excluindo apenas os que não foram elegíveis. <i>Fonte:</i> Autoridades Japonesas, citada com permissão				

Fonte: <http://www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?ID=749>

Acrescenta-se que esse programa voluntário de auxílio financeiro encerrou no dia 31 de março de 2010. O total de aplicações durante este prazo de um ano foi de exatamente 20,053 (92,5%) para o Brasil, 903 (4,2%) para o Peru, e de 719 (3,3%) para outros países, os quais não foram especificados.⁹¹

De acordo com os dados obtidos nos artigos de jornais (Fackler, 2009; Masters, 2009; Tabuchi, 2009) e nos relatos dos informantes, pode-se afirmar que a diminuição dos imigrantes em consequência da recessão internacional engendrada pela crise econômica de 2008 dá-se principalmente pela diminuição brusca das ofertas de trabalho no setor industrial, onde os trabalhadores flexíveis são sobretudo os imigrantes que são terceirizados, sem mencionar que com a falência de muitas empreiteiras, esses imigrantes não só perdem o emprego, mas também a moradia e o auxílio concedidos a essas pessoas, deixando-os literalmente nas ruas (Akashi e Kobayashi, 2010: 8-9). Em consequência da crise torna-se

⁹¹ O programa foi iniciado dia 1 de Abril de 2009 e encerrou no dia 31 de março de 2010. Os dados são provenientes do *Japan's Ministry of Health, Labour and Welfare*. http://www.mhlw.go.jp/bunya/koyou/gaikokujin15/kikoku_shien.html

evidente a falta de uma política governamental que vise aos direitos desses trabalhadores imigrantes, que são legalmente diferenciados dos japoneses (Tanno, 2010: 109).

Apesar de a situação instável engendrada pela crise econômica mundial ter-se repercutido de maneira forte no Japão, atingindo sobretudo os imigrantes (Masters, 2009; MacCabe, Yi-Ying Lin e Tanaka, 2009), lê-se nos dados da tabela abaixo que são principalmente os imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros que passam a migrar novamente, mostrando que essa diminuição foi mínima entre os outros grupos de imigrantes no Japão. No entanto, constata-se que apesar de a diminuição ter ocorrido, uma nova onda de imigrantes descendentes de japoneses continuam sendo recrutados no Brasil, em São Paulo, para trabalhar no Japão, principalmente na área da alimentação, onde os salários são consideravelmente mais baixos (Tanno, 2010: 125).

De acordo com os dados abaixo, tem-se assim evidências que é a partir de 2008 que o número de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros diminui bruscamente no Japão. Entretanto, existe uma diferença entre o número de imigrantes, que usufruíram do auxílio do governo japonês e do total que migrou do Japão. Assim, lê-se na tabela acima que até outubro de 2009 apenas 12,356 imigrantes solicitaram o auxílio do governo japonês, enquanto o número de imigrantes registrados corresponde a quase 50,000 do seu total nesse período de tempo.

Tabela 8: O número de imigrantes registrados no Japão.

Nacionalidade	2007	2008	2009	2010
Total	2.152.973	2.217.426	2.186.121	2.134.151
China	606.889	655.377	680.518	687.156
percentagem	28,19%	29,56%	31,13%	32,20%
Coreia	593.489	589.239	578.495	565.989
percentagem	27,57%	26,57%	26,46%	26,52%
Brasil	316.967	312.582	267.456	230.552
percentagem	14,72%	14,10%	12,23%	10,80%
Filipinas	202.592	210.617	211.716	210.181
percentagem	9,41%	9,50%	9,68%	9,85%
Peru	59.696	59.723	57.464	54.636
percentagem	2,77%	2,69%	2,63%	2,56%
Estados Unidos	51.851	52.683	52.149	50.667
percentagem	2,41%	2,38%	2,39%	2,37%
outros	321.489	337.205	338.323	334.970
percentagem	14,93%	15,21%	15,48%	15,70%

Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 2012 [国籍（出身地）別外国人登録者数の推移] (*Kokuseki (shusshinchi) betsu gaikokujin tōrokushyasu no sui*).

A diferença nesses dados pode ser explicada através da migração voluntária, uma vez que aceitar o “auxílio” do governo japonês significa também não poder regressar mais para o Japão para trabalhar, até o contrário ter sido determinado.

Apesar da crise econômico-financeira ter atingido principalmente os imigrantes na economia japonesa, o quadro fixo da pesquisa não se alterou, com exceção da família Yokohama, que regressa em meados de 2008, voluntariamente, sem o auxílio do governo japonês. Nos outros casos, nota-se que a maior parte das famílias nos estudos de casos conseguiram no decorrer dos sete anos obter o contrato fixo, mesmo que, a maior parte deles continue realizando serviços de mão de obra não qualificada.

O fato de essas famílias terem conseguido mais estabilidade, influencia também na atitude de algumas em procurar se estabelecer definitivamente no Japão. Outras, apesar da mudança do contrato temporário para o fixo ser importante na percepção desses nipo-brasileiros, optam por prolongar a estada no Japão, dado que os filhos estão no ensino japonês ou porque decidiram permanecer no país até o momento de terem recursos suficientes para o regresso.

3.6 Reflexões finais

De acordo com os dados neste capítulo, a motivação por trás do “retorno” reflete uma estratégia migratória temporária e sobretudo consciente. A privação econômica, a falta de perspectivas de trabalho e de melhoras na política e economia no Brasil levaram a maior parte desses migrantes a buscar a solução dos problemas na migração “retorno”.

Ressalta-se que diferentes aspectos mostram que esses migrantes partem para o Japão, conscientes do tipo de trabalho e da vida que teriam como *dekasegi*. Isso porque os migrantes tinham uma ideia da relação custos/ benefícios dos salários no Japão e dos tipos de serviços ofertados aos imigrantes. A própria coleta de histórias das experiências dos outros migrantes ou familiares, que partiram antes levou-os a interpretar a migração como uma possibilidade de se conseguir um futuro melhor no Brasil. Dentro desse contexto sobressai-se o papel dos recrutadores no Brasil facilitando esse movimento, mesmo para os descendentes de japoneses e cônjuges brasileiros sem o mínimo de conhecimento da língua e da cultura japonesa. Por último, não se pode deixar de mencionar o papel importante das redes de contato no Japão, facilitando e interagindo na motivação dos novos migrantes.

De qualquer forma, uma vez no Japão, esses imigrantes nipo-brasileiros passam a exercer de forma similar serviços de mão de obra não qualificada, independentemente da formação escolar que tiveram no Brasil ou da bagagem cultural que possuem. Assim, todos abordam o choque cultural inicial e o fato de a identidade japonesa que eles tinham no Brasil não ser interpretada pelos japoneses da mesma forma no Japão. Os resultados mostram que os imigrantes mencionam terem se conscientizado dos elementos da cultura brasileira, após o encontro étnico. No entanto, diferente dos resultados abordados nas outras pesquisas, esses elementos não são enfatizados, apesar de compartilharem na migração de “retorno” da mesma origem e destino. Assim, não se pode e deve generalizar uma corrente migratória como um fenômeno homogêneo. Imigrantes constroem e lidam com a sua identidade de maneiras diferentes, como se torna claro no decorrer do tempo neste trabalho. Tempo é um critério importante dentro de qualquer processo migratório, dado que a migração é por si própria algo dinâmico, repleto de mudanças. É através da abordagem desse contexto dinâmico no decorrer dos anos que se nota como os imigrantes, apesar de terem costumes e normas em comum, se desenvolvem e reagem, de formas diferentes perante a sociedade dominante. Nesse sentido, mesmo numa minoria étnica existem diferenças culturais entre os indivíduos que fazem parte de um grupo.

Compreende-se nas análises que após o choque cultural emergem dois cenários dicotômicos em torno da identidade nipo-brasileira. De um lado, um grupo que sente uma determinada afinidade e apreciação em relação a elementos da identidade japonesa. Tal resultado também se reflete entre os japoneses, na medida em que uma porcentagem da sociedade japonesa mostra um determinado sentimento de afinidade com esses imigrantes. Por outro lado, constata-se nesta e em outras pesquisas sobre esse tema a depreciação da identidade japonesa por alguns imigrantes. De forma similar, há também por uma parte dos japoneses, reações de distanciamento com relação aos imigrantes.

Capítulo 4

As questões familiares dentro da migração de “retorno”

No presente capítulo são apresentados de forma qualitativa a formação e as escolhas das famílias dos imigrantes nipo-brasileiros envolvidos no “retorno”. Para tanto, analisa-se e compara-se aspectos que fazem parte da vida cotidiana e peculiar das diferentes famílias dos estudos de caso a partir do nascimento dos filhos. Através desta perspectiva investiga-se quais são os fatores, que levam os imigrantes a prolongar a estada, abordando-se as necessidades, as possibilidades e os dilemas com relação às escolhas que os influenciam, muitas vezes, a repensarem sobre o regresso para o Brasil. Um quadro que envolve paralelamente o futuro da segunda geração de imigrantes. Assim, averigua-se, em particular, como o senso da construção da identidade dos filhos dos imigrantes se desenvolvem dentro e fora do contexto de suas famílias sob a ótica da diversidade dessa segunda geração, que é marcada por fortes contrastes étnico-culturais.

Análises que são abordadas ao lado de indícios que mostram simultaneamente o interesse e a percepção dos japoneses com relação à migração de “retorno”. Por fim, argumenta-se quais são de fato as práticas transnacionais mantidas por estas famílias nipo-brasileiras dentro do fenômeno da migração de “retorno”.

4.1 A escolha do parceiro

Quanto ao quadro das famílias de imigrantes entende-se que a maioria é *nisei* ou *sansei*, havendo três casos de cônjuges, sem a descendência japonesa. Geralmente, esses são os casais dos matrimônios realizados no Brasil.⁹²

De forma geral, nota-se em Kandatsu e redondezas a predominância do casamento endógamo entre os nipo-brasileiros, apesar de se observar que não são raros os casamentos de nipo-brasileiros com japoneses natos. Inclusive, no quadro de algumas famílias dos estudos de casos compreende-se que há casos de irmãos/irmãs, que se casaram com japoneses e que

⁹² Três famílias do estudo de caso são formadas por cônjuges brasileiros sem descendência japonesa. Esses casos foram integrado na seleção das famílias do estudo de caso por refletirem uma heterogeneidade que faz jus a migração de “retorno”, onde uma parte dos imigrantes não possui a descendência japonesa. Um fato que se constata, de forma geral, na literatura em torno do “retorno” dos nipo-brasileiros assim como na lei japonesa, onde esses cônjuges também possuem o direito do visto para viver e trabalhar no Japão.

vivem e trabalham em uma outra região no Japão, entretanto, percebe-se que essa incidência é proporcionalmente mais baixa em comparação com o matrimônio entre os *nikkei*. De forma similar pode-se dizer em comparação com os nipo-peruanos, que entre eles também predomina o casamento endógamo, por valorizarem a identidade de serem *nikkei* (Takenaka, 2003: 450).

Quanto à escolha do parceiro, ilustra-se o seguinte exemplo:

Sra. Ema:

A minha mãe sempre falou depois dela ter se separado, que era pra gente não casar com japonês, mas...eu casei com Hugo, que é descendente de japonês... (risos)...e até na família do meu marido todos os dois irmãos são casados com nipo-brasileiras, e o meu irmão casou aqui no Japão com japonesa, com japonesa mesmo...e já até tem um filho...O meu pai hoje dia também tem uma outra família, ele recasou aqui no Japão e agora ele tem um casal de filhos também com uma nipo-brasileira.

Inconscientemente, ao refletirem sobre a escolha do parceiro, a maioria dos informantes cita situações, que mostram a tendência da escolha na família ser voltada ao casamento endógamo. Tal questão pode estar associada aos vínculos que esses imigrantes têm e mantêm entre si. Um contexto onde as identificações com o grupo étnico refletem também um determinado posicionamento ou preferência da própria orientação que se tem de identidade como indivíduo. Todavia, isso não implica dizer que se constate apenas o casamento endógamo entre os nipo-brasileiros nessa área, dado que o casamento com cônjuge sem a descendência japonesa é um fato.⁹³ Como é o caso da seguinte família:

Sr. Tetsuji:

Eu sempre namorei no Brasil com descendente, na verdade em casa sempre se falou assim da diferença de mentalidade, da maneira como a gente é criado, ah...no nosso caso, a gente frequentou a escola japonesa nos sábados no Brasil, fez *undokai* (evento informal de atletismo associado a cultura japonesa), essas coisas...e vive assim nesse grupinho...então a gente também trás em casa a namorada que a gente sabe que os pais vão aceitar, mas...a ironia na vida é que... eu acabei casando com brasileira (sem descendência japonesa) no Brasil... umh...mas... ah... os velhos tiveram que aceitar né...vão fazer o quê?

Para Tetsuji o fato de se ter casado com Dalila, que é brasileira sem descendência japonesa, foi uma questão delicada e inesperada dentro da sua família. Isso mostra a orientação dos seus pais japoneses em torno da escolha do parceiro dos filhos. Com exceção de Tetsuji, compreende-se que as suas duas irmãs e irmão são casados com descendentes de japoneses.

⁹³ A amostra das famílias selecionadas é heterogênea, exatamente, por se buscar fatos, acontecimentos ou incidentes, que correspondam a diversidade das famílias de imigrantes.

São nessas abordagens que se observa, que ainda predomina entre muitas famílias nipo-brasileiras, uma orientação voltada ao casamento *nikkei*. Uma mentalidade baseada na imagem de que possuem normas e valores diferentes dos brasileiros sem descendência japonesa. São essas atitudes, que mostram a associação com a identidade japonesa mantida no Brasil de que são também “japoneses”.

Sra. Silvana Yamada:

A minha mãe sempre quis que eu me casasse com japonês...eu não sei como é com os outros, mas lá em casa, a gente não podia ter namorado brasileiro, tinha que ser japonês, quer dizer...isso sempre foi esperado da gente... aqui no Japão, eu conheci meu marido, ele é *nisei* ...brasileiro.

De forma geral, torna-se claro nos trechos das entrevistas acima, a influência dos pais no processo de construção da identidade japonesa que se tem e mantém no Brasil. De forma similar constata-se nos dados, que essa percepção é mais comum entre as famílias de imigrantes, que possuem os pais japoneses ou *nisei*. Essa orientação está ligada à associação positiva que se tem da imagem dos “japoneses” no Brasil, como sendo pessoas que possuem sucesso na sociedade brasileira por terem normas e valores diferentes. Assim, é comum notar a preferência e expectativa dos imigrantes e descendentes de japoneses no Brasil pelo casamento endógamo dos filhos. Em virtude desse aspecto, tem-se uma orientação voltada a esse grupo étnico no Brasil. Interpreto como étnico nesta abordagem o fato de terem a mesma origem ancestral, possuindo assim o senso de que possuem determinadas normas e valores em comum.

No entanto, uma vez no Japão, esses imigrantes notam com a mudança de contexto, que o posicionamento do que é ser “japonês” não é mais lógico nas suas falas. A identidade passa então a oscilar entre ser *nikkei* ou brasileiro. Construções identitárias que são comuns entre os imigrantes, que não possuem uma origem única. Esse paradoxo é um dos resultados de como a experiência migratória do “retorno” afeta na construção dinâmica da identidade que se supõem ter no Brasil de se ser “japonês”. Uma percepção, que é também transmitida e mantida no ambiente familiar por muitos dos imigrantes e descendentes de japoneses. Assim, o “retorno” passa a ser para os migrantes um processo de reflexão em relação aos elementos que compõem a própria identidade. São exatamente os elementos que compõem essa identidade que mostram a oscilação entre ser nipo e brasileiro. Apesar das afiliações com

ambas identidades observa-se paralelamente que os laços sociais com os outros imigrantes nipo-brasileiros e japoneses são esporádicos.

4.2 Amizade

Sob essa perspectiva nota-se que a interação social dos nipo-brasileiros com os japoneses e entre eles mesmos é limitada, além de se restringir de forma geral ao ambiente de trabalho. Exceções são por exemplo as partidas de futebol organizadas entre os colegas ou conhecidos aos sábados à noite, as ocasiões familiares, como festas de aniversário de conhecidos ou parentes, que moram nas redondezas e festas japonesas quando são comemoradas através do trabalho. Quanto às mulheres, observa-se que, com exceção das que se reúnem no estabelecimento brasileiro, elas mantêm uma atitude mais reservada e voltada a família.

Em decorrência dessa falta de interação social, constata-se que a maior parte dos informantes expõe a questão da “solidão” no Japão. Aliás, chama a atenção o fato da palavra amigo ou amizade não ser quase mencionada por eles. Assim, ao me referir a esse tópico, nota-se de forma generalizada, omissões na fala ou mesmo reações como a de Celinha: “...amigos... assim, não...a gente conhece assim muita gente, mas amigo não...agora tem o pessoal da igreja (Evangélica)...que é japonês, mas também tem brasileiro...”. Observa-se entre esses imigrantes são de forma geral mais reservados. Esse isolamento é provavelmente o resultado da falta de tempo livre, e do cansaço proveniente da vida agitada dividida entre as longas jornadas de trabalho e os afazeres da família. Uma situação difícil, principalmente, ao se levar em conta que muitos estão livres apenas nos domingos. Segundo os informantes, a competição, a desconfiança e a inveja que existe entre os conterrâneos nipo-brasileiros, que estão continuamente em busca de trabalhos melhores é um dos motivos por trás dessa situação.

Ora, quem são então as pessoas que frequentam as casas dessas famílias de imigrantes? Ao refletir sobre essa questão, Kimi explica:

É só o pessoal que vem aqui é quem trabalha com ele... mas não é todo mundo não. O pessoal de Belém ou de Castanhal que vem aqui, que já conhece desde antigamente. Mas, também não é todo mundo não. E geralmente é o pessoal que tem família ou é casado, que a gente conhece e que convida a gente também. Mas, esse pessoal só vem quando tem festa. Quando eles ligam atrás dele, eu atendo e passo o telefone logo pra ele...Agora no meu caso...não, eu não tenho amigos aqui. Amigo aqui é uma coisa difícil. A gente fala com as pessoas, mas amizade, amizade...não. Eu não sei se dá pra confiar nos outros aqui não. Talvez por causa do trabalho, porque tem muita gente que faz assim olho grande quando a gente consegue algo, é muita inveja e competição...

A experiência da vida no Japão reflete um ambiente em que muitos imigrantes se voltam apenas para as suas famílias. Um aspecto que se nota é que a vida pessoal não é um assunto que se trate abertamente. Confirmando esse cenário:

Sr. Nori:

Não... A gente cumprimenta, mas não é de falar assim com o pessoal não... bom, a gente tem esse pessoal com quem a gente se dá bem, com quem a gente joga bola, vai para o aniversário, mas amigo assim, com quem a gente trabalha e se dá bem, não, não é assim...de falar as coisas pessoais.

Sr. Koji também menciona essa situação, ao comentar:

Amigo? Eu acho que amigo mesmo...eu acho que... aqui a rotina de trabalho da gente é pesada e quando chega o final de semana a gente quer ficar em casa tranquilo, quer sair para almoçar, e ficar com a família... não é que a gente não conheça o pessoal... assim a gente vai pra uma festinha ou outra... o negócio é que aqui cada um tá na sua.

Quanto às relações sociais predomina os contatos entre os próprios imigrantes nipo-brasileiros. Apesar de ficar claro que essas relações são geralmente superficiais.

Sra. Ema:

Amizade...uhm..contato assim...é mais na fábrica...fora não tem. Agora que eu sou mãe e eu conheço outras pessoas ...a gente comenta assim as coisas... Eu não sei se é um problema meu...é que eu não sei se eu posso confiar... A gente fica com medo de falar da gente. Eu não sei se a gente pode se abrir mesmo para a outra pessoa. ...talvez a gente não queira falar para não ouvir se a gente está certa ou errada. Da época que eu trabalhei numa outra fábrica...tinha umas três colegas que eu tento não esquecer. De vez em quando...pelo e-mail ou também pelo telefone a gente se comunica...todas são *nikkei*, uma é de São Paulo capital, a outra é do interior, e mais umas outras duas...uma de Sorocaba e a outra é de Santa Catarina.

Observa-se entre os imigrantes que já estão vivendo e trabalhando há anos no Japão, que eles agem com uma determinada prudência com relação às amizades, que geralmente são restritas aos conhecidos antigos. Em alguns casos são conhecidos da época que viviam no Brasil, os quais eles passam a reencontrar no Japão. Ou seja, na maior parte dos casos esses contatos são esporádicos.

Um quadro similar observa-se entre os cônjuges sem descendência japonesa, apesar de serem os informantes mais acessíveis e extrovertidos.

Sra. Shirlyana:

Amigos, amigos... não, a gente tem muito conhecido...assim da loja, que a gente cumprimenta, o pessoal chega aqui para comprar uma coisinha e sempre fica um pouquinho batendo papo,

mas amigo, não... talvez seja porque a gente está aqui sempre trabalhando pensando no futuro e quando chega no domingo só quer descansar...a vida passa aqui é a gente nem se dá conta, porque aqui a gente só fica trabalhando.

Ao todo pode-se dizer que predomina entre esses imigrantes características voltadas ao individualismo. O receio de se fazer novas amizades reflete por um lado, o ambiente competitivo e pesado, que se cria em torno do trabalho, por outro lado, entende-se também que resta pouco tempo livre para eles descansarem e para curtirem a família. Assim, é comum notar que o tempo livre nos domingos ou finais de semana é em função dos filhos.

4.3 O quadro das famílias e a orientação perante o futuro dos filhos

Com relação ao local de nascimento dos filhos há nesta pesquisa três casos em que o primogênito nasceu no Brasil. Em dois desses três casos as crianças já estavam frequentando a escola brasileira na época em que emigraram, por estarem com respectivamente 13 e 8 anos de idade. No outro caso se tratava ainda de um bebê de colo. Já, nas outras oito famílias o nascimento dos filhos foi no Japão.⁹⁴ Tendo em vista esses aspectos, trata-se em seguida como o processo da orientação familiar e educacional tomou forma para essas famílias no Japão.

4.3.1 A escolha do idioma em casa

A língua materna dos imigrantes nipo-brasileiros é o idioma português, porém há exceções de pais que são bilíngues como é o caso dos *nisei*.

Naturalmente, através do processo dinâmico da migração nota-se que há também os que aprenderem a falar o idioma japonês no Japão, embora não se possa generalizar esse fato. Em geral, compreende-se que os imigrantes não abandonam a língua de origem, mesmo que aprendam um outro idioma, como se vê nos resultados das pesquisas conduzidas nos Estados Unidos sobre os latinos (Portes e Rumbaut, 2001: 118). Esse é também o caso da primeira geração de imigrantes de nipo-brasileiros no Japão.

Apesar das famílias bilíngues idealizarem a aprendizagem do idioma português dos filhos, observa-se que são poucos os filhos que estão realmente propensos a aprender falar o português em casa. As exceções são as famílias que vieram com as crianças que tiveram a base escolar no Brasil e os casos em que o cônjuge não fala e entende o idioma japonês.

⁹⁴ Essa amostra heterogênea é importante a fim de que se possa maximizar os acontecimentos e incidentes na comparação dos fatos.

Sra. Shirlayna:

Eu falo direto só português com os meus filhos...mas eles falam tanto japonês quanto português com o meu marido... embora eu não possa julgar (risos), ...olha... pra quem quer voltar é melhor falar com eles em português, porque se não fica complicado.

O caso seguinte mostra como essa situação é difícil para os bilíngues:

Sra Ema e Sr. Hugo

uhm... eu explico e tento falar português sabe, mas é com tanta correria, ... acabou que a mais velha parou de falar o português... eu não queria que ela esquecesse o que a gente ensinou,...só agora que eu notei que tem vezes que ela deixou de falar totalmente o português... ela vai pra creche japonesa e a gente está sempre na correria... Daí ela fala quando eu pergunto alguma coisa em português ...uhm *kore nandake*... (o que é isso?)...A gente viu agora que ela esqueceu mesmo...e os amiguinhos... também são japoneses, ... porque os amiguinhos brasileiros vão pra creche brasileira, então nesse meio tempo ela não usou mais o português...Sabe...ela falava em japonês e quando chegava um amiguinho brasileiro falava português, mas agora com o inverno que eles não se encontram mais lá fora, que dizer ...nesse tempo agora que eu percebi que ela parou de falar...É que nem comigo, (risos)... daí eu falo pra ela vamos falar só português agora tá bom?...Daí ela fala mas você acabou de falar em japonês, porque que tem que falar em português (risos)...Tem uma amiga minha que quando briga assim alguma coisa, ou fala assim brabo, ...ela fala em português para os filhos, mas eles não reagem... nem parece que a mãe tá falando alguma coisa assim que eles fizeram de errado, sabe, daí ela acaba falando em japonês, porque daí eles reagem...No caso do meu marido...ele só falava japonês quando era criança, mas quando entrou para escola brasileira, ele não conseguia fazer amiguinhos, porque não falava português. Foi daí que ele começou a falar o português...mas aí ele passou a esquecer o japonês...foi só quando ele veio para o Japão que ele aprendeu de novo o japonês...e agora com as meninas ele acha mais fácil também falar o japonês...principalmente quando tá cansado né.

Apesar da intenção e interesse dos pais em torno da educação bilíngue, observa-se que a maior parte dos filhos que nasceu no Japão, domina apenas o idioma japonês. Nota-se que a ênfase do aprendizado do idioma português em casa desaparece na prática, ao passo que as mães voltam a trabalhar. De fato, constata-se no decorrer dos sete anos de pesquisa, que a maior parte da segunda geração de imigrantes fala e entende melhor o idioma japonês do que o português, mesmo entre os que falam ambos os idiomas.

Assim, ao se comparar os fatos ficam claros alguns fatores que atuam na fluência do idioma japonês das crianças, como são por exemplo: a escolha da creche, o acesso aos programas de televisão japonesa, a vizinhança e simplesmente a questão de os pais falarem também o idioma japonês. Esses casos ilustram como a criação dessas crianças é voltada para o aprendizado do idioma japonês, ainda que os pais tenham o vago interesse de ensinar o idioma português em casa para os filhos. Pode-se dizer que essa situação torna-se mais difícil, sobretudo, nas famílias onde ambos os pais trabalham. Nesse casos a probabilidade de os filhos aprenderem apenas o idioma do país onde vivem é maior, principalmente quando os

pais fazem longas jornadas de trabalho, restando assim pouco tempo para se dedicarem aos filhos.

É comum notar nas famílias em que os pais também falam o japonês, que eles oscilam mais rapidamente para esse idioma na comunicação com os filhos, a fim de que sejam compreendidos de forma eficaz:

Sra. Ema:

Quando briga assim alguma coisa, ou fala assim brabo... ela fala em português para os filhos, mas eles não reagem... nem parece que a mãe tá falando alguma coisa assim que eles fizeram de errado, sabe, daí ela acaba falando em japonês, porque daí eles reagem.

Tal questão ilustra simultaneamente um problema com relação à comunicação e à relação de pais e filhos, nas famílias em que os pais não conseguem se comunicar adequadamente em japonês com os filhos. Nesses casos, o fato de os pais não falarem bem o idioma do país onde vivem passa a ser uma ameaça para a própria autoridade que eles têm em casa perante aos filhos. As incidências na pesquisa ilustram casos de estresse por causa desse tipo de problema de comunicação.

Sr. Tetsuji:

Às vezes tem assim problema...quando o nosso filho fala só em japonês... porque a Dalila não entende o menino... ela é brasileira e nunca aprendeu japonês antes, então daí complica, porque ela acaba não entendendo os filhos...quer dizer daí ...às vezes dá muito galho essa situação..ele só fala comigo em japonês e com ela às vezes, porque ele sente dificuldades de falar assim em português, porque ele não consegue mais falar assim tudo...isso às vezes complica muito.

O estresse, a tristeza e a pressão psicológica são aspectos mencionados por esses imigrantes da primeira geração, que sentem muita dificuldade em aprender o idioma japonês. Para esses informantes, essa situação representa uma perda de autoridade e de controle da própria família, do papel que se tem e que se espera que eles tenham dentro e fora de casa. Um cenário que pode levar à adoção de medidas como à separação temporária dos pais e filhos. Ou seja, o caso de pais que enviam os filhos para o Brasil para viverem com outros familiares, enquanto eles continuam trabalhando no Japão. Concomitantemente, essas medidas refletem também as motivações, as necessidades e os propósitos dessas famílias de imigrantes em torno da migração temporária no Japão (Essas medidas são ilustradas na seção 4.5.4).

Com relação ao conhecimento do idioma português, observa-se que mesmo que os filhos aprendam o idioma português em casa, que esse conhecimento não é como a de um nativo, sobretudo, quando eles estudam na escola japonesa. Uma situação similar a das famílias, onde

os filhos apenas tiveram uma base do ensino escolar no Brasil, antes de migrarem para o Japão. As exceções observadas são os casos dos filhos dos imigrantes nipo-brasileiros que moram no Japão e que seguem o ensino educacional brasileiro e que falam em casa também o idioma português.

É interessante observar que embora haja um determinado número de imigrantes nessa área, que não foram criadas oportunidades ou iniciativas particulares para se ensinar o idioma português para a segunda geração de imigrantes, apesar de o interesse ter sido enfatizado por todas as famílias. Ora, poderia se dizer então que o interesse mencionado pelos pais simboliza um ideal de vida de se querer proporcionar mais perspectivas de futuro para os filhos, sejam elas no Brasil ou no Japão, mas que infelizmente na prática não se constata realizações concretas desses ideais nessa área.

4.3.2 A divisão das tarefas entre os gêneros

De forma geral, são as mulheres que se ocupam com o aprendizado do idioma português da segunda geração e com outras tarefas de casa. Elas são as que trabalham por meio período, dado a dificuldade de se poder conciliar as longas jornadas de trabalho com a família, especialmente quando as mães têm filhos pequenos. Esse contexto também tem um impacto na posição das mulheres dentro das famílias e nas possibilidades e tipos de trabalhos que elas conseguem conciliar com as tarefas de casa. Contudo, é no âmbito do trabalho que se constata inquestionavelmente as desvantagens e as desigualdades entre os homens e as mulheres, uma vez que existem diferenças salariais significantes entre os gêneros. Assim, mesmo que realizem o mesmo tipo de serviço, as mulheres recebem menos por hora do que os homens. Um quadro similar se constata também nos Estados Unidos, onde as desigualdades salariais persistem, mesmo quando as mulheres possuem cargos melhores de trabalho (Portes *et al*, 2005: 1026). Sem dúvida, pode-se afirmar então que a probabilidade é maior de serem as mães que têm o trabalho por tempo parcial, caso elas tenham um emprego. Assim, a discriminação salarial não é a única desvantagem do sexo feminino. Também, há a questão de se serem elas, as que se ocupam com as tarefas de casa, independentemente de estarem trabalhando ou não. De acordo com as mães, o serviço só aumenta mais quando voltam a trabalhar fora de casa:

Sra.Kimi:

Poxa na época que eu ficava em casa cuidando só das crianças, eu fazia tudo, porque eu estava em casa, mas quando a gente decidiu que ia voltar a trabalhar, ele disse que ia ajudar...uhm...mas...uhm... só da boca pra fora...a gente chega em casa cansada, depois de apanhar as crianças, e ainda tem que fazer a janta, porque *bentō*(refeição pronta vendida nas lojas) não serve ... e eu que pensei que ele ia ajudar depois de eu voltar a trabalhar..mais que nada, só piorou...ele chega e vai deitar no sofá na frente da televisão com as crianças...nesse ponto parece *nihonjin* (japonês) mesmo.

Constata-se, porém, que há diferenças na participação dos companheiros nas famílias. Apesar de não se poder generalizar, observa-se nos casamentos mistos e também entre os *sansei* que há uma tendência maior dos homens auxiliarem nas tarefas do lar, sobretudo, se as mulheres estão trabalhando.

Constata-se entre as famílias entrevistadas, que a referência que eles têm dos seus pais são geralmente da mãe como dona de casa e do pai como sendo o responsável pela família. Sob a ótica desses imigrantes nipo-brasileiros compreende-se que essa divisão das tarefas são atribuídas à educação japonesa que tiveram no Brasil. Por um lado são particularmente os filhos homens mais velhos, os mais conservadores dessa tradição, por outro lado, são as esposas nipo-brasileiras, especificamente as *nisei*, que também associam esse tipo de divisão de tarefas como sendo parte da educação japonesa. Nesse sentido, quando casam, elas aceitam as divisões das tarefas do lar de uma forma passiva, muitas vezes sem questionar.

De acordo com as mulheres, entende-se que a participação delas na renda familiar, independentemente de terem salários mais baixos do que dos maridos, proporciona um determinado sentimento de respeito e de independência, uma vez que essa forma de trabalho também contribui com os objetivos econômico-financeiros da família e na autoestima. Nesse sentido, o trabalho remunerado representa para o sexo feminino mais do que uma questão financeira.

Ao todo, nota-se nas famílias que após o nascimento dos filhos a intenção inicial da migração temporária passa a se tornar um dilema, sobretudo, quando os pais percebem que para conseguir regressar ao Brasil capitalizados, eles precisam continuar trabalhando. Ou seja, o impacto do aumento da família causa geralmente o adiamento do regresso para o Brasil. Tal fato, dá-se em decorrência dos altos custos de vida que estão ligados ao sustento da família, sobrando menos dinheiro no mês para se poder economizar. Desta forma, muitas mães preferem continuar trabalhando. É dentro desse contexto que a escolha da creche e o tempo

que ainda se deva permanecer no Japão se tornam dilemas para os pais, especialmente, por envolverem decisões que afetam o futuro das duas gerações de imigrantes.

4.4 As opções de criação: a escolha da creche

Entende-se, porém, que nem todas as mães voltam imediatamente a trabalhar após o nascimento dos filhos. É interessante observar que por um lado, algumas preferem esperar os filhos entrarem na escola, geralmente na idade de 6 anos para então procurar um serviço. Tal atitude dá a entender simultaneamente que, os planos para o regresso já foram postpostos, ou mesmo que eles mudaram totalmente nessas famílias. Por outro lado, constata-se que a maior parte das mães opta por colocar os filhos numa creche para poder continuar trabalhando. Um cenário que mostra que ainda não ficou claro, se há mudanças ou não nos planos dos imigrantes em torno da permanência no Japão. De qualquer forma, entende-se que as famílias de imigrantes que optam por colocar os filhos na creche, possuem de forma geral duas possibilidades: a creche japonesa ou brasileira.⁹⁵ De acordo com as motivações dos informantes observa-se, entretanto, que existem diferenças nítidas entre essas duas opções.

Sra.Kimi:

A creche brasileira é daquela senhora brasileira ...ela é conhecida aqui, diz que ela é muito boa, mas é mais cara...do que se botar na creche japonesa...e eu não sei, se a gente for ficar é melhor botar então na creche japonesa pra aprender já desde pequeno a falar bem o japonês...eu fiz isso com o meu filho mais velho, mas com o segundo agora... eu prefiro ficar em casa com eles, pra curtir mais um pouco antes deles entrarem na escola...eu tiver que trabalhar de novo.

Segundo Silvana Yamada, a diferença não é apenas no preço, mas principalmente no tipo de atendimento e serviço que ela presta aos pais e filhos:

Aqui tem creche brasileira e japonesa, mas a brasileira custa *goman* (50.000 iene) e a japonesa é *niman* (20.000 iene)...aqui é assim, se a criança estiver doente com 38 graus ela volta pra casa...mas na brasileira a dona que cuida, ela cuida se a pessoa der o remédio.

Numa outra entrevista com duas mães nipo-brasileiras com os filhos na creche brasileira, obtém-se a seguinte explicação, na qual fica claro o papel da creche brasileira:

⁹⁵ Entrevistas avulsas com Mie e Yukari no ponto comercial de produtos brasileiros. Ambas informantes não fazem parte do quadro do estudo de casos. Essas informações fazem parte do quadro das entrevistas avulsas dos N=36 informantes, que foram selecionados por acrescentarem um material diferente e complementar nesta pesquisa. Desse modo, obtém-se também as motivações intrínsecas, e peculiares dos pais que optaram pela creche brasileira localizada em Kandatsu.

Sra. Yukari e Sra. Mie: ⁹⁶

Lá com ela é assim... a gente pode buscar até 23:00 da noite, porque ela cuida, ela dá a janta, põe lá na cama, e fica cuidando...daí vale a pena botar na creche com ela, porque dá pra gente fazer mais horas de trabalho, isso compensa o custo.

A escolha da creche não depende apenas dos custos, embora seja um fator importante, visto que há diferenças nítidas nos tipos de serviço que são oferecidos as famílias de imigrantes. Aliás, nem o aprendizado da língua portuguesa é considerado um fator importante para essas famílias nipo-brasileiras. Ao contrário, a escolha é frequentemente baseada no que é mais vantajoso para a família em discussão, onde o critério comum entre elas é o fator econômico-financeiro.

Para Yukari e Mie são a flexibilidade do horário e a assistência que se dá as necessidades individuais dos pais os critérios para as suas escolhas. A flexibilidade do horário está estritamente interligada as horas extras de trabalho (*zangyō*), que compensam o custo alto da creche. Quer dizer, o critério da flexibilidade é associado à motivação econômico-financeira, ou seja, não se constata diretamente o fator da afinidade cultural como critério para essa escolha. Yukari e Mie explicam que elas procuram fazer juntos com os seus maridos o máximo possível de horas de trabalho, dado que as perspectivas de futuro e trabalho nas suas famílias são no Brasil. Nessas duas famílias nota-se características de imigrantes temporários no Japão.

De outra forma, observa-se a elaboração de dois critérios entre os informantes que optaram pela creche japonesa: as diferenças de custo em comparação com a creche brasileira e o fato de não terem determinado o tempo de permanência no Japão. O critério “tempo de permanência” é um aspecto complicado para esses imigrantes. Sem exceção, todos os informantes nipo-brasileiros ($N=66$) na pesquisa mencionaram ter posposto os planos iniciais do regresso para o Brasil. Em alguns casos, esses planos se tornaram indefiníveis. Por outro lado, apesar de algumas famílias terem-se estabelecido permanentemente no Japão, compreende-se que nem todas estão seguras do que será melhor para eles no futuro, deixando sempre em aberto a possibilidade do regresso para o Brasil.

4.5 A formação educacional dos filhos: as opções de ensino

⁹⁶ Entrevistas avulsas conduzidas no estabelecimento brasileiro na companhia de três mães nipo-brasileiras. Duas dessas mães optaram pela creche brasileira.

No Japão, as opções de ensino para as famílias de imigrantes nipo-brasileiras são a escola particular brasileira, a escola pública japonesa, ou nenhuma dessas duas opções anteriores (Yamanaka, 2006: 101).⁹⁷ Uma quarta opção adicionada nessa pesquisa é a de se enviar os filhos para estudarem no Brasil.

Ao terem que optar pela formação educacional dos filhos, compreende-se que muitos imigrantes passam a reconsiderar os planos iniciais. Dentro dessa trajetória, nota-se que algumas famílias passam a mostrar motivações diferentes ao considerarem as opções de ensino e futuro para os filhos. Os dados dos imigrantes sobre as escolas sugerem que os imigrantes estão conscientes dos problemas em torno das opções entre o ensino da escola brasileira e japonesa. Se, por um lado, as escolas japonesas são públicas e acessíveis, nota-se o receio dos imigrantes por ser em japonês. Por outro lado, no caso do ensino da escola brasileira, constata-se que o custo⁹⁸ é considerado proporcionalmente alto, nem sempre de fácil acesso, e com a qualidade muitas vezes duvidosa.

As famílias dos estudos de caso optaram de forma geral entre a escola particular brasileira e a escola pública japonesa. No entanto, há variações em alguns desses cenários. Essas mudanças estão relacionadas aos problemas em torno do conhecimento da língua e da cultura, assim como também de deserção. Por último, constata-se também uma “nova” alternativa. A opção de se enviar os filhos para o Brasil, enquanto os pais continuam trabalhando temporariamente no Japão.⁹⁹ Essa é uma alternativa que os pais têm com relação à educação brasileira dos filhos. Um contexto familiar diferente dos que escolheram pelo ensino brasileiro dos filhos no Japão.

4.5.1 Uma opção transnacional: A escola particular brasileira

Apesar da distância das escolas brasileiras nessa área, há famílias que optaram por essa forma de ensino nas redondezas. Um resultado, porém que não é geral entre os imigrantes nipo-brasileiros. Ao contrário, poucos são os casos nesta área. Tal resultado é visível também nos

⁹⁷ Essa última opção é reforçada pelo aumento do número de crianças e adolescentes nipo-brasileiros desertores no Japão. Ver Yamanaka (2006) para maiores detalhes sobre a explicação desse problema no Japão.

⁹⁸ A mensalidade da escola brasileira particular no Japão é de aproximadamente 50,000 ienes por mês. (500 dólares, de acordo com o câmbio do dia 8 de fevereiro de 2012). De acordo com as informações provenientes dos informantes, a média do salário entre as mulheres é de 1,200 a 1,500 dólares por mês. Enquanto, os homens recebem na média 2,500 a 3,000 dólares por mês. Essas informações correspondem aos salários líquidos desses informantes. As variações ocorrem com o bônus, que podem aumentar o valor até aproximadamente 500 dólares no mês.

⁹⁹ A quarta opção adotada por umas famílias também faz parte da amostra das entrevistas qualitativas avulsas. Dado que o objetivo desta amostra é trazer à luz fenômenos observados.

estudos de casos, quando apenas duas famílias decidem optar por essa forma de ensino, apesar de haver algumas escolas brasileiras espalhadas nas áreas vizinhas. A escolha, porém, é de ambas as famílias pela escola que fica localizada em Shimotsuma. Uma escola brasileira que fica localizada um pouco mais distante de Kandatsu.

Sra. Shirlayna:

Eu falo direto só português com os meus filhos... Os meus filhos entraram aqui na creche japonesa por um ou dois anos. E agora eles estão na escola brasileira...mas olha, a escola brasileira aqui não ensina que nem a escola brasileira no Brasil, mas o dia deles é puxado...os meus filhos saem daqui às 7:00 da manhã e chegam em casa às 19:00 da noite...agora é diferente sabe, como eu aprendi na escola... os meus filhos não aprendem aqui, você vê que é diferente, que o ensino é mais fraco...

Aqui em casa é assim, quando eles chegam a comida já está pronta. Eles tomam banho e jantam e daí eu volto às 21:00 pra loja. Agora, a gente não fica mais em cima deles. ...Olha, eu nunca nem cheguei a ir para essa escola deles falar com os professores. No início a gente fez um abaixo-assinado para abrir uma escola aqui, e o colégio Pitágoras se interessou, e até houve uma reunião dos pais, mas não veio muita gente. Foram feitas duas reuniões, e o pessoal não apareceu...daí o aluguel da escola seria muito alto e não compensaria, quer dizer aí não vale a pena, mas o pessoal aqui não vai atrás, sabe... Hoje eu recomendo a escola dos meus filhos para o pessoal que pergunta. Nessa escola eles participaram num Matsuri, assim como umas atividades que tem pra dançar samba, essas coisas. ...e também foram para o Disney, quer dizer, eles fazem essas coisas também... A escola deles fica em Shimotsuma. Uma meia hora de condução daqui. No nosso caso a gente quer realmente voltar para o Brasil, então é melhor pra eles estudar aqui numa escola brasileira para depois continuar lá...porque a gente está montando o nosso canto lá no Brasil.

Esse tipo de depoimento ilustra os motivos por trás das escolhas de imigrantes que visam o regresso para o Brasil. Um projeto que é complexo para se poder concretizar na sociedade de acolhimento.

O caso da família de Shirlayna indica, porém, um projeto migratório consciente. Assim, nota-se a prioridade que os pais dão, entre outros aspectos, ao ensino brasileiro dos filhos. Uma escolha, porém, que não é geral entre as famílias de imigrantes que visam paralelamente a migração temporária. Tal constatação indica um quadro diversificado em torno das motivações dos pais com relação à forma de ensino, que se deva proporcionar à segunda geração de imigrantes. Resultados que indicam que os pais nem sempre optam pelo ensino brasileiro para os filhos, apesar de planejarem o regresso.

No caso desta família, os pais partem do princípio que essa é a escolha que proporcionará melhores oportunidades de futuro para os filhos, Vincente e Luana no Brasil.¹⁰⁰ Independentemente de terem dúvidas com relação à qualidade do ensino brasileiro no Japão.

¹⁰⁰ Os filhos são registrados como brasileiros no Japão. Eles são *yonsei*, ou seja da quarta geração de descendentes de japoneses.

De qualquer forma nota-se que os pais priorizam a educação brasileira para os filhos, tanto fora quanto dentro de casa. Assim, apesar dos filhos terem nascido e crescido no Japão, eles são fluentes apenas em português.¹⁰¹

Um outro aspecto que caracteriza essa segunda geração de imigrantes é o fato deles desenvolverem uma identidade diferente da sociedade dominante do país receptor. Além de se compreender que a segunda geração, que se encontra nessa situação possui geralmente pouca interação social com os japoneses. Nesse sentido, observa-se, que o ciclo de amizade dos filhos de Shirlayna se restringe, especificamente, aos outros filhos de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros da escola brasileira onde estudam. Apesar de aprenderem também o japonês, ao lado das matérias que fazem parte do currículo do ano escolar da escola brasileira, em que se encontram. Um conhecimento, porém, que é básico.

Ademais, nota-se nos relatos de Luana e Vincente que a importância que eles dão à escola é sobretudo, pelo fato dela proporcionar oportunidades de terem amizades com outros jovens, imigrantes, que possuem um tipo de vida similar. Jovens que assim como eles, compartilham de um ritmo de vida no Japão que é voltado para o regresso ao Brasil. Se, por um lado, vivem em torno do sonho do regresso, por outro lado nota-se que o mesmo ainda não foi efetivamente definido. São essas situações dentro das famílias, que ilustram as inseguranças dos jovens. De uma segunda geração de imigrantes que vive num ritmo de vida, que está ligado à expectativa da partida. Isto é, de uma vida familiar, que é construída em torno de dois países totalmente distintos.

Um outro aspecto que chama a atenção com relação ao papel dos pais na educação dos filhos é quanto à falta de participação que eles têm no ensino da segunda geração, independentemente de se tratar da escola brasileira ou japonesa. Uma situação muito comum, sobretudo nas famílias onde ambos os pais trabalham. Ressalta-se, porém, que se observa que são principalmente os maridos, que partem do princípio de que a responsabilidade do que acontece com relação à escola é desde cedo dos filhos. Isso implica dizer que, os filhos é que precisam se conscientizar de que são responsáveis pelo próprio desempenho escolar como estudante. Esse mesmo tipo de ocorrência se constata entre as famílias de imigrantes haitianos e chineses nos Estados Unidos, que embora sejam culturalmente diferentes, mostram atitudes

¹⁰¹ Shirlayna é a proprietária de um pequeno estabelecimento comercial brasileiro, que serve de mercadinho e lanchonete em Kandatsu. Nesse estabelecimento observa-se como Shirlayna aguarda do caixa do seu estabelecimento no final do dia, os filhos que voltam da escola com a condução. Situa-se que no caso dos filhos de Shirlayna, a filha Luana é nascida no Brasil, no Estado de São Paulo. Essa é a filha que veio como bebê de colo com a mãe para o Japão, enquanto o rapaz, Vincente, nasceu no Japão.

similares com relação à expectativa de que o que se passa na escola é problema dos filhos e dos professores (Suarez-Orozco, 2002: 149).

Nesse sentido, como os filhos não mencionam muito sobre o ensino ou os deveres de casa, os pais também negligenciam essa parte da educação dos filhos em casa por viverem um ritmo de vida atarefado.

Um outro exemplo de uma adolescente, cujos os pais optaram pelo ensino da escola brasileira é o caso de Miya. Essa decisão, porém, foi tomada após Miya ter passado um período de quase dois anos na escola pública japonesa. A complexidade em torno do seu caso, dá-se ao fato de ter vivido e estudado no Brasil até a idade de 13 anos. É nesta idade que Miya vem ao encontro dos seus pais, que já estavam no Japão. No seu caso a sua família priorizou na época a escolha do ensino da escola pública japonesa. Uma situação difícil ao se considerar que Miya foi inserida na turma que correspondia a sua idade, após só ter estudado por um ano o idioma japonês. Como a filha não conseguiu acompanhar os estudos e passou a ter vários problemas na escola, os pais de Miya decidiram mudar a filha da escola japonesa para a brasileira.¹⁰² Esse tipo de exemplo ilustra o fato de o ensino da escola particular brasileira nem sempre ser a primeira escolha dos pais. Entende-se que muitos imigrantes passam a considerar a opção do ensino da escola brasileira, quando eles percebem que os filhos não conseguem se adaptar ao ensino da escola pública japonesa. Um cenário que se nota sobretudo, com os jovens que migraram após terem tido a base educacional no Brasil. Por um lado, tem-se então o problema das crianças que não conseguem acompanhar o ensino japonês, por causa da falta de base na língua japonesa, por outro lado, observa-se os problemas em torno do ensino fraco das escolas brasileiras no Japão.

Miya:

No Brasil eu parei na sexta série, quer dizer eu vou ter que continuar daí, por que aqui eu não aprendi muito não...desde que entrei aqui eu vi que...não sei é diferente...não é a mesma coisa...o jeito é ir para o Brasil fazer supletivo lá...aqui não.

Uma crítica ao sistema de ensino brasileiro no Japão feita sem exceção pelos informantes é a educação precária que é oferecida nessas escolas. Imigrantes como Shirlayna optaram pelo

¹⁰² Aos 17 anos de idade Miya conta de maneira espontânea sobre a sua experiência anterior, como mestiça na escola japonesa (essa parte é tratada no tópico sobre a deserção). Sem receios, ela menciona fluentemente em português os planos futuros de querer regressar ao Brasil, mesmo sem os pais, para estudar e morar com outros familiares. No caso da família de Miya, ela também tem um irmão mais novo, Yanosuke, que continua estudando na escola pública japonesa.

ensino brasileiro no Japão, por ser a melhor opção dentro do contexto da sua família e dos planos que ela e o marido têm perante o futuro, apesar de estarem cientes do ensino brasileiro no Japão ser fraco.

Por sua vez, Takamichi ilustra essa questão ao fazer uma comparação do Japão com o Brasil, sobre os custos e a qualidade do ensino da educação brasileira e japonesa:

Sr. Takamichi:

Uma é você colocar o seu filho numa escola brasileira no Japão, a outra é você colocar numa escola japonesa e a outra é você mandar o filho para o Brasil. Você vai ter fatores sociais e fatores econômicos para essa decisão.

Por exemplo o que é que acontece quando você coloca o seu filho numa escola brasileira no Japão...Uma escola brasileira é uma escola particular então essa escola vai te cobrar mensalidade. Só que a infraestrutura é precaríssima, muito precária mesmo, se você vai visitar algumas escolas brasileiras no Japão você vai se assustar. Em função da realidade japonesa do Japão, isso é o que se tem...Se a mensalidade é cara ou barata, depende do seu parâmetro de comparação. Se você comparar essa mensalidade com uma escola particular no Japão, essa mensalidade é muito barata, se você comparar com uma escola pública no Japão a escola brasileira é cara, mas se você comparar com o Brasil está quase no mesmo patamar. Então o que é que acontece quando a pessoa decide mandar os filhos para uma escola brasileira. Primeiro, os pais não sabem se ainda vão voltar para o Brasil ou se vão ficar no Japão. Muito provavelmente eles têm esse sonho de voltar para o Brasil. Eles querem voltar, economizar e retornar para o Brasil, então eles não querem colocar os filhos numa escola japonesa no Japão.

Um dos outros motivos também é que a escola brasileira funciona por mais tempo, além de ser uma escola ela também tem a função de creche. A criança começa a estudar às 6 ou 7 horas da manhã e vai até às 19:00 horas da noite. Então os pais conseguem fazer o *zangyō* tranquilo, sem ter que se preocupar com os filhos. Um terceiro motivo é o fato de os pais não falarem o japonês.

Dentro desse quadro de opções, Takamichi parte da expectativa de que os imigrantes nipo-brasileiros que visam a migração temporária escolham o ensino da escola brasileira. Os resultados, porém, mostram na prática um outro cenário, uma vez que entre as famílias de imigrantes a escolha pelo ensino público japonês é predominante. Independentemente de se tratar também de imigrantes, que visam a migração temporária.¹⁰³

Essa questão ilustra também um outro cenário. O fato de os pais terem a expectativa de que de que os filhos, por serem jovens ou crianças possam se adaptar facilmente às mudanças com relação ao ensino num outro país. No Japão, porém, o caso de Miya ilustra que essa ideia não é compatível com a realidade.¹⁰⁴ A falta de conhecimento da língua e da cultura japonesa,

¹⁰³ Imigrantes acreditam que os filhos consigam se adaptar sem problemas ao Brasil, quando decidirem regressar. Assim, mesmo que visem a migração temporária, muitos escolhem o ensino da escola pública japonesa.

¹⁰⁴ Miya é um dos inúmeros casos de crianças que começaram a estudar no Japão na escola pública japonesa e que depois tiveram que mudar para a escola brasileira. Esses tipos de relatos são visíveis em muitos relatos dos blogs de imigrantes nipo-brasileiros que vivem no Japão.

os problema de *ijime*, impedem esses imigrantes da segunda geração de conseguir acompanhar o ensino japonês adequadamente. Assim, apesar de os pais e de Miya estarem cientes do ensino fraco das escolas brasileiras nas redondezas, essa foi para a família a melhor opção para que a filha não ficasse sem estudar. Além disso, constata-se também que os imigrantes temporários partem do princípio de que os problemas em torno da educação dos filhos serão facilmente resolvidos, independentemente da escolha que façam, quando eles voltarem ao Brasil. Ou seja, os pais pressupõem que os filhos conseguirão recuperar o tempo perdido ou à falta de base que eles têm, através dos cursos de supletivo no Brasil.

Contudo, nem todas as famílias de imigrantes nipo-brasileiros fazem planos de regresso. Esse é o caso de um outra família, onde a filha mais velha tinha uma situação similar ao de Miya. No entanto, diferente de Miya, essa família optou por manter a filha no ensino japonês.

4.5.2 A escola japonesa

No Japão, as crianças que completam 6 anos de idade até o dia 1º de abril, devem ser matriculadas na escola primária, que tem duração de 6 anos. Aos 12 anos, o adolescente ingressa no curso ginásial que tem duração de 3 anos, o que no seu total corresponde à 9 anos de ensino compulsório.

Tabela 9: O ensino japonês no Japão.¹⁰⁵

¹⁰⁵ Informações adquiridas na entrevista com a professora Fumiko sobre a divisão do ensino japonês no Japão. Tabela da pesquisadora.

Idade	Nível de ensino (e demonição em Japonês)	Idade escolar
0 a 3 anos	Creche	-
3 a 6 anos	Jardim de infância (幼稚園 Yōchien)	-
Ensino Compulsório		
6 a 12 anos	Escola Elementar (小学校 Shōgakkō)	6-7 anos - 1º ano 7-8 anos - 2º ano 8-9 anos - 3º ano 9-10 anos - 4º ano 10-11 anos - 5º ano 11-12 anos - 6º ano
12- 15 anos	Ginásio (中学校 chūgakkō)	12 -13 anos - 1º ano 13 -14 anos - 2º ano 14 -15 anos - 3º ano
Ensino Facultativo		
15-18 anos	Colégio ou ensino médio (高等学校) kōtōgakkō, abreviação 高校 kōkō	15 -16 anos - 1º ano 16 -17 anos - 2º ano 17 -18 anos - 3º ano
18 - 20 anos Ou 18-22 anos	Técnico superior (短期大学) Ou Tankidaigaku ou Universidade (大学 Daigaku)	

Fonte: a própria autora.

No Japão o aluno é matriculado de acordo com a idade escolar nas respectivas séries acima mencionadas. Ao contrário do Brasil não há o sistema de repetência durante esse período de 9 anos de curso obrigatório, e os livros didáticos são gratuitos. O fato da escola ser pública não indica que ela seja gratuita, como são os casos das escolas públicas no Brasil. Assim, existe uma mensalidade neste tipo de escola no Japão. O custo, porém é baixo em comparação com as escolas particulares. Entende-se que a mensalidade nas escolas japonesas é de 6,000 yen, o que corresponde à aproximadamente 60 dólares. De acordo com os dados, nessa mensalidade estão inclusos os custos da merenda e das atividades escolares, como passeios e excursões. Ademais, como se lê no esquema acima, a fase do ensino compulsório no Japão vai até a

idade de 15 anos. Durante essa fase escolar a lei japonesa proíbe as crianças e adolescentes, menores de 15 anos de exercer qualquer atividade profissional.

No trabalho de campo observa-se, contudo, que as famílias de imigrantes que optaram pelo ensino japonês, nem sempre estão conscientes de como o sistema educacional japonês funciona. Aliás, é comum notar determinadas reações negativas dos pais com relação às diferenças no ensino que os filhos têm no Japão, quando são constatam outras normas culturais e outros métodos de avaliação.

Independente dessas diferenças culturais, o que chama a atenção no decorrer desta pesquisa são as mudanças nas motivações que os pais dão sobre a escolha do ensino que se deve proporcionar aos filhos. Ou seja, é notável as mudanças nos relatos que foram dados no início e no fim da pesquisa, ao se tratar especificamente sobre os aspectos que determinaram a escolha pelo ensino japonês da segunda geração. Em 2003, a motivação mencionada estava relacionada às diferenças nos custos das mensalidades entre a escola particular brasileira e a escola pública japonesa e também ao problema da distância das escolas brasileiras na época. É óbvio nos resultados que o custo da mensalidade da escola brasileira é considerada cara para os imigrantes no Japão, ao compararem com o ensino japonês que é público e mais barato.¹⁰⁶ No caso da distância, as escolas brasileiras estão situadas em outras áreas vizinhas mais distantes, em que há maiores concentrações de famílias de imigrantes nipo-brasileiros, enquanto as escolas públicas japonesas são de fácil acesso por estarem situadas em todas as áreas.

É com o decorrer da pesquisa que se observa que os pais mencionam outras motivações e critérios com relação à escolha do ensino dos filhos. As escolhas pelo ensino japonês são expostas pelos informantes em 2005 e 2010, como sendo a opção que proporciona melhores oportunidades de futuro para os filhos.

Abaixo, cita-se três trechos das citações de Ema, em anos diferentes, ilustrando como o processo da opção e da decisão pelo ensino japonês ocorreu na sua família.

Sra. Ema:

Quando elas completarem 6 anos eu vou por elas na escolinha japonesa, porque a brasileira é mais cara e mais longe...e como a gente não tem carro...a gente vai escolher a escolinha japonesa, para elas se acostumarem aqui. (entrevista em 2003)

...

¹⁰⁶ A mensalidade nas escolas japonesas é de 6,000 yen, o que equivale a aproximadamente 60 dólares, enquanto na escola particular brasileira a mensalidade pode ser de 50,000 até 80,000 yen (500 à 800 dólares por mês).

É o Hugo achou que é bom botar aqui na escola japonesa, porque a gente pode até querer botar na escola brasileira, mas ...a gente não tem condição...porque é cara né, e no caso da escola aqui...ela não é boa, a qualidade realmente é triste... e se quiser colocar numa escola brasileira boa, tem que mandar pra uma outra cidade mais longe ainda e a condução leva mais de uma hora pra chegar lá...E nesse ponto... na escola japonesa eu gosto, porque num ponto é um ensino organizado....e aí quando você vê que na escola brasileira o método não é muito bom né... o pior que têm pais que sabem que o ensino não está sendo muito bom, mas como eles querem voltar para o Brasil, então eles acabam deixando os filhos na escola brasileira sem que sejam boas, e fazem que não estão vendo o problema....Tem essa que é boa, mas é longe e as crianças têm que ir mais de uma hora de ônibus, mas é muito cara também. ...mas têm pais que põem na escola brasileira, porque pretendem voltar logo... só que a mensalidade dessa escola brasileira é por mês 80,000¹⁰⁷ yen, mas ...tem gente também que vai voltar logo para o Brasil e põe na escola japonesa, porque a brasileira é muito cara, que dizer... você vai ver de tudo aqui... até o pessoal que decide pela escola japonesa porque pensa que os filhos vão recuperar o tempo quando voltarem para o Brasil. (entrevista em 2005)

Olha, as minhas filhas estão bem na escola japonesa...ela fica aqui pertinho de casa... elas já estão tão acostumadas aqui... tudo tão organizado, certinho, tem toda uma rotina, ... é, agora eu também consegui tirar a carteira, nossa!... como isso ajuda. Eu nem acredito que eu consegui tirar a carteira aqui no Japão. Agora é mais fácil...é sempre uma correria...em casa pra poder fazer as coisas, mas eu sempre tento ir para reunião dos pais... sempre que eu posso... assim a gente procura participar né. (entrevista em 2010)

Ema e Hugo matricularam as filhas desde pequenas na creche japonesa. Um resultado que mostra que os pais já inclinavam mais para a educação japonesa. É através da creche, que ambas as filhas passam a dominar o idioma japonês, embora Ema e Hugo falem português entre si em casa. A comunicação com as filhas, porém, passou a ser gradativamente apenas em japonês. Ema explica ter tentado inúmeras vezes se comunicar com as filhas em português, mas sem muito êxito. A ambição de que as filhas também precisam aprender a falar português, desaparece paralelamente a medida que elas passam integrar no ensino japonês.

No caso desta família nota-se que a motivação intrínseca dos pais é voltada para a vida no Japão. Essa família se destaca desde o início da pesquisa por se tratar de nipo-brasileiros que, se adaptaram à vida no Japão. Naturalmente, o fato de terem conseguido uma situação econômico-financeira estável com o decorrer dos anos proporcionou também uma perspectiva de futuro e de melhora de vida no Japão. Essa motivação extrínseca favoreceu assim ainda mais esse comportamento dinâmico de aculturação dos pais. Pode-se dizer que é o conjunto de todos esses resultados juntos que proporciona também um posicionamento positivo perante

¹⁰⁷ A mensalidade das escolas brasileiras pode variar no Japão. Compreende-se através dos relatos o fato de muitas escolas particulares brasileiras não serem registradas oficialmente, ou seja, essas escolas são clandestinas. De acordo com as informações no Ministério da Educação no Brasil, em 2007, antes da crise econômica mundial havia apenas 50 escolas registradas oficialmente no Japão. Essas escolas se concentram nas áreas de alta concentração de nipo-brasileiros. Em 2013 tem-se um total de 45 escolas brasileiras reconhecidas pelo MEC.

a vida no Japão. Um resultado que se nota também no desenvolvimento positivo das filhas na escola japonesa nos sete anos de pesquisa.

Outro caso similar observado é a família de Kimi e Nori:

Sra. Kimi:

O meu filho mais velho está na escola japonesa, assim como o meu segundo... A escola japonesa é mais barata aqui, mas eu acho que... os meus filhos têm mais futuro no Japão, e por isso é bom colocar eles na escola japonesa... tem muitos brasileiros que põem os filhos numa escola japonesa por ser mais barata... mas é só por esse motivo. A gente escolheu a escola japonesa, então quer dizer, a gente tem que esperar até os nossos filhos ficarem grandes para pensar o que a gente quer fazer no futuro...eles estão agora no primário, aí só a mensalidade¹⁰⁸ dos meus dois filhos juntos já custa *ichiman sanzen yen* (13.000,00),... o meu segundo está fazendo *yōchien* (alfabetização)...O sonho da gente é que ele faça o *kōkō* (ensino médio) aqui no Japão numa escola boa, mas é caro, e se a criança não tiver notas boas no *chūgakkō* (ginásio), então não dá para você escolher uma escola boa pra fazer o *kōkō*, porque aqui eles vêem muitos os pontos da criança que ela tirou no *chūgakkō*... Aqui o sistema é diferente do Brasil. ...As crianças passam vários anos sem fazer provas, e chega o último ano, e aí você tem que mostrar tudo o que aprendeu todos esses anos... e daí só que eles vêem quantos pontos a criança tirou. Nesse ponto eu prefiro o sistema do Brasil, que faz provas todos os anos e diz se o aluno passou ou não passou. Mas, aqui se a criança for boa, pode ganhar até bolsa para fazer o *kōkō* (ensino médio ou colégio) mas tem que se esforçar né...A gente tenta participar mais na educação deles, perguntando como é que vai na escola, se eles estão entendendo, dizendo para fazer o *shukudai* (dever de casa). Eu olho para saber se ele está fazendo direito, mas não é que eu saiba ou que eu entenda o que ele tem que fazer muitas vezes... Às vezes eu tenho que brigar em casa, porque ele faz tudo rápido assim...só para ir brincar. O meu marido pega feio, se eu falar que o nosso filho mais velho não está fazendo o *shukudai* direito...uhm... Porque quando eu falo, às vezes não resolve daí eu digo que vou contar para o pai, e num instante o meu filho faz o dever de casa direito. Agora eu tento acompanhar no que eu sei...mas quando for mais adiante vai ser difícil porque a gente não estudou aqui...Eu quero um futuro melhor para os meus filhos...eu gostaria de que os meus filhos entrassem na universidade aqui no *nihon* (Japão)... Se eles não querem estudar, o que é que vai acontecer com eles?... quem não estuda aqui fica pra peão ...O meu marido é que deve falar que eles têm que estudar, pois quando o pai fala a palavra é mais forte.

Imigração é um processo que implica mudanças contínuas nos projetos de vida. São essas alterações nos planos iniciais mencionadas acima no caso de Kimi, que mostram como os imigrantes modificam continuamente as metas no processo migratório de acordo com as necessidades do momento em que se encontram.

O caso da família de Kimi ilustra claramente como os pais procuram, dentro dos meios que eles possuem, alternativas para educar os filhos. Assim como na família de Hugo e Ema nota-se nesta família que a motivação intrínseca e extrínseca dos pais é de permanecer por tempo indeterminado no Japão. Se, por um lado, esse contexto determina a escolha do ensino

¹⁰⁸ A mensalidade 13,000 yen (130 dólares) é para cobrir os custos do lanche que é proporcionado pela escola, assim como os custos dos passeios realizados durante o ano letivo.

que se deve proporcionar aos filhos, por outro lado, não se pode omitir que, o fato de a escola pública japonesa ser barata em comparação com o ensino da escola particular brasileira interagiu na escolha que esses pais fizeram por esse tipo de ensino no passado. Apesar dessa família também ter idealizado por uma época a educação brasileira para os filhos. A mudança nos planos ocorre para a família de Kimi e de Ema, por ser a opção mais lógica dentro dos parâmetros de vida que tinham na época.

Ao mesmo tempo, essa escolha pelo ensino japonês proporciona outros tipos de obstáculos. Essas são as diferenças culturais no ensino que não inviabilizam os pais de poderem acompanhar os filhos adequadamente. Um cenário que pode causar muito estresse nas famílias, exatamente em decorrência das limitações que eles sentem como imigrantes.

Kimi explica almejar para os filhos, que eles não tenham que passar pelo mesmo tipo de vida, que ela e Nori tiveram que lidar quando chegaram no Japão. Assim, ela menciona o medo que sente, se os filhos não se empenharem nos estudos, ao falar “... quem não estuda aqui fica pra peão.” Kimi acredita que o fato de ter estudado no Brasil proporcionou-lhe melhores perspectivas de trabalho no Japão, ainda que seja numa fábrica como chefe de uma subseção.

Ao todo, pode-se dizer que esses imigrantes almejam um futuro melhor para os filhos. Particularmente por terem a experiência das condições de vida de *dekasegi* que realizam trabalhos de mão de obra não qualificada. Enfim, para os pais o êxito nos estudos no Japão representa a condição essencial para que os filhos tenham melhores oportunidades de vida e, para que consigam a mobilidade sócio-econômica. Apesar dessa realidade não corresponder à situação profissional de muitos imigrantes da primeira geração com ensino universitário no Japão. Um desses exemplos é o próprio caso de Kimi, que é formada em farmacêutica, embora nunca tenha exercido a sua função no Brasil e muito menos no Japão. De fato, entende-se também que ela nunca procurou revalidar os seus diplomas. Isto quer dizer que no Japão, eles não possuem o mesmo valor.¹⁰⁹ Um aspecto que é muito comum dentro do sistema migratório internacional, quando a migração é introduzida para suprir a demanda do mercado de trabalhos de mão de obra não qualificada (Suarez-Orozco, 2002: 22-23). No caso da migração de “retorno” compreende-se que a afinidade cultural não se reflete nos tipos de

¹⁰⁹ Se Kimi quisesse revalidar os seus diplomas no Japão, isso implicaria dizer que ela precisaria estudar ainda por mais tempo por ter que seguir outras matérias. Nas conversas torna-se nítido à sua falta de interesse em continuar estudando, principalmente após ter-se tornado mãe. À falta de motivação, os custos e as dificuldades na linguagem escrita foram para ela fatores que determinaram também o fato de não ter considerado essa opção no Japão.

trabalhos oferecidos aos imigrantes, e nem na mobilidade social desse grupo, como é o caso da migração de “retorno” dos descendentes de espanhóis nascidos na Argentina para Aguaviva na Espanha (Cook-Martín e Villadrich, 2009: 144-145). Uma exceção é o caso da primeira e segunda onda migratória de brasileiros para Portugal, quando os brasileiros passaram a preencher as vagas de trabalho do mesmo setor de trabalho, que tinham no Brasil, mantendo assim o status de classe média, após migrarem (Torresan, 2012: 112-114).

Na migração de “retorno” para o Japão, as exceções são em grande parte os imigrantes, que se tornaram empreendedores, e dos casos de imigrantes, que geralmente, dominavam o idioma japonês falado e escrito, mesmo antes de migrar. Nesses casos, essas competências proporcionam melhores oportunidades de trabalho no decorrer dos anos, apesar de muitos ainda continuarem trabalhando nas fábricas. Isto é, ainda que se constate uma melhora de trabalho proveniente da combinação do nível de educação, do conhecimento cultural e de falarem ambos idiomas, nota-se que essas mudanças ainda são muito limitadas. Todavia, esses são muitas vezes os exemplos de famílias de imigrantes, que por terem essas competências, estão em condições de incentivar e facilitar os filhos para que eles tenham condições de conseguir um futuro melhor no Japão. Esses tipos de famílias não são exceções, dado que resultados similares são constatados numa outra pesquisa (Ishikawa, 2009: 73-74). Enfim, é importante que se leve em consideração, que ainda se tem poucos dados sobre esses tipos de casos, por ser um quadro recente e ainda em desenvolvimento, por se tratar de resultados que envolvem a segunda geração.

Indiferentemente, pode-se dizer que o caso de Kimi mencionado acima, ilustra um sonho compartilhado por muitas famílias de imigrantes da primeira geração, que optaram pelo ensino japonês. De acordo com Shimizu (2002: 80-85) imigrantes vêem no ensino japonês uma oportunidade que proporcionará a mobilidade social dos filhos (Shimizu, 2002: 80-85). Entende-se que esse é geralmente o caso dos imigrantes que buscam o enraizamento no Japão, ou dos que esperam conscientemente, os filhos encerrarem os estudos e se tornarem de maior para regressarem para o Brasil.

4.5.2.1 A influência do ensino japonês no processo migratório

Para as famílias de imigrantes uma das preocupações durante o trajeto escolar dos filhos é a entrada no *kōkō* (colégio ou ensino médio). Exatamente, por ser considerada uma fase escolar difícil e competitiva mesmo para os japoneses. Uma fase que pode determinar o futuro desses

jovens. Assim, é comum ouvir os pais comentarem as histórias dos filhos de outras famílias de imigrantes nipo-brasileiras, que entraram na escola técnica ou mesmo na universidade, após terem obtido bons resultados no *kōkō*. Resultados que mostram que a segunda geração tem a proficiência na língua japonesa. Apesar desses casos ainda serem exceções neste estudo, entende-se que eles servem de exemplos para as outras famílias de imigrantes. Independentemente dos pais tentarem o enraizamento no Japão, ou de ainda continuarem idealizando o regresso para o Brasil. Para as famílias que visam a migração temporária, essa fase educacional dos filhos, apenas pospôs os planos de regresso ao Brasil. Nesses casos, a decisão pelo ensino japonês influencia no tempo de duração do processo migratório dos pais, que não planejam permanecer no futuro no Japão. Dentro desse contexto a migração de “retorno” continua tendo uma motivação temporária. A inserção dos filhos no ensino japonês apenas prolonga mais esse fenômeno migratório para as famílias que acreditam que o futuro dos filhos é no Japão.

Nesse sentido, mesmo que tenham o contrato fixo e uma situação econômico-financeira melhor do que quando chegaram no Japão, isso não significa que os pais queiram permanecer no país. Assim, é comum ouvir de uma parte das famílias dos estudos de casos, que eles apenas esperam os filhos encerrarem os estudos para então regressarem para o Brasil. A motivação temporária desses imigrantes da primeira geração também pode ser constatada no comportamento e nas decisões em torno da compra de bens imobiliários, as quais são nesses casos no Brasil. Paralelamente, nota-se que esses imigrantes continuam evitando de fazer gastos altos no Japão, por isso continuam vivendo nos apartamentos alugados da prefeitura a fim de poder guardar o máximo possível das economias para o regresso. Esse é o contexto do caso seguinte:

Sr. Koji e Sra. Ryoko:

Não é que a gente não goste daqui, mas é a nossa família está toda no Brasil, com exceção da gente aqui (risos)...hoje eu vejo que quando a gente passa a ficar mais velho, com problema de saúde aqui e ali, que nem eu, que a gente sente falta de falar português ...porque quem fala com os médicos mesmo é a mãe, não é Ryoko... porque ela é que sabe explicar melhor...então não nem por ela que a gente vai voltar, mas é por mim mesmo, que a gente prefere ficar perto da família lá, depois de todos esses anos aqui, ...a gente está esperando o nosso filho terminar os estudos direitinho, porque ele entrou agora *kōkō* e quando ele estiver mais encaminhado, e puder fazer e decidir tudo só, a gente vai voltar e se aposentar.

O aspecto temporário da migração de “retorno” desses imigrantes pode ser atribuído ao fato de terem fortes laços familiares no Brasil. Assim como também pelo fato de não conseguirem

se adaptar totalmente ao Japão, em consequência das diferenças culturais, mas sobretudo, por causa da falta de conhecimento no idioma japonês. Esse é o grupo também com a maior probabilidade de regresso entre os imigrantes, mesmo que tenham conseguido se estabilizar financeiramente no país.

4.5.2.2 A construção da identidade dos filhos dos imigrantes no ensino japonês

Para muitos filhos de imigrantes nipo-brasileiros que nasceram e cresceram no Japão, esse país tornou-se a pátria com a qual eles se identificam. Apesar de muitos pais enfatizarem o fato de os filhos também serem “brasileiros”, nota-se que essas crianças e jovens tomam distância dessa identidade, ainda mais quando os pais possuem *koseki* no Japão. Nesses casos é notável a repulsão dos filhos.

Observa-se que a segunda geração não possui interesse na língua brasileira e nem na cultura. Assim é comum ouvir dos pais as queixas com relação aos filhos, particularmente quando os filhos optam em tomar distância dos aspectos culturais associados à identidade brasileira.

Sra. Kimi:

O meu segundo filho às vezes até fica raiva quando eu digo que ele também é brasileiro...ele realmente é japonês, só gosta de comida japonesa, meu Deus... que nem o mais velho, eu acho que eles não se habituam a viver no Brasil não...eles não falam português...tem esse jeito assim de japonês, principalmente o mais velho,às vezes ficam irritado quando a gente diz que a gente não nasceu aqui... embora os nossos pais (avós) também sejam japoneses, mas nós nascemos no Brasil....e a gente diz isso pra eles,mas os meus filhos se sentem japoneseseles foram para o Brasil para ver os avós e lá claro eles só falaram japonês...mas os meus filhos não gostaram muito não, ...eu acho que estranha néainda que estavam com os avós.

As tentativas dos pais em conscientizar os filhos que eles também possuem vínculos com a identidade brasileira não são apreciadas, embora os filhos estejam conscientes que os pais nasceram no Brasil.

Entende-se que muitos filhos de imigrantes que migraram quando pequenos, ou que nasceram no Japão, buscam a assimilação da cultura japonesa. De forma geral, essas crianças e jovens não falam português e nem possuem a motivação de aprender a língua. O Brasil representa para eles, um país do outro lado do mundo, que muitos só conhecem através das histórias, das músicas, do futebol brasileiro na televisão, da comida e das inúmeras fotos. Aliás, são também exceções na pesquisa, as famílias que visitaram os parentes no Brasil com os filhos.

Por um lado, os filhos dos imigrantes preferem ocultar a bagagem cultural relacionada à identidade brasileira que eles têm, sobretudo em público, por outro lado, nota-se também a ambivalência cultural na segunda geração, transmitida em casa pelos pais dentro da estrutura familiar. É comum ver, principalmente, durante as festas de Natal e nos aniversários, costumes que refletem a influência da cultura brasileira nessas famílias. Como são os pratos típicos da comida brasileira servida nesses tipos de ocasiões, mesmo que se note que a comida seja menos temperada do que no Brasil. Assim é comum vê-los comer feijoada, ou feijão, nem que seja, temperado com *shōyu* (tempero japonês, molho de soja), fazer churrasco nos espetos com sal grosso, e outros pratos típicos nessas festas. Esses costumes mostram a influência cultural através da comida brasileira na mesa desses imigrantes, mesmo nas famílias que se adaptaram à vida no Japão. Todavia, esses tipos de diferenças culturais não interferem na percepção da identidade desses filhos de imigrantes.

As diferenças maiores na pesquisa dar-se com os filhos de imigrantes que não são nativos e que possuem um atraso escolar, assim como também com os filhos de imigrantes com nomes estrangeiros, e com os mestiços. Para esses nipo-brasileiros e brasileiros, à falta de conhecimento no idioma japonês e das diferenças culturais, tem como resultado a viabilidade de serem marginalizados. Principalmente pelos próprios colegas de sala de aula. Quando esse problema ou situação ocorre de forma contínua, nota-se a probabilidade dessas ocorrências se traduzirem nos sinais de revolta contra a sociedade receptora e/ou contra os pais dessa segunda geração de imigrantes.

Não apenas no Japão, resultados abordados em outras pesquisas nos Estados Unidos mostram um quadro similar constatado também entre os filhos de imigrantes porto-riquenhos, africanos (Suarez-Orozco, 2002: 107) e mexicanos ilegais (Bacallao e Smokowski, 2007: 52-66).

Um outro caso também são os mestiços. Esses são os filhos de imigrantes nipo-brasileiros, que são visivelmente diferentes dos japoneses. As diferenças na fisionomia os distinguem dos demais estudantes, publicamente. Mesmo que falem o idioma japonês, e tenham assimilado a cultura japonesa, esse conhecimento não dá a entender que sejam aceitos pelos outros estudantes. Dentro desse contexto são constatados alguns casos de *ijime* (*mobbing*). O problema do *ijime* é abordado a parte no próximo no quadro.

Todavia, como nasceram no Japão, onde falam o idioma e assimilaram a cultura, essa situação em que se encontram pode proporcionar o desenvolvimento de uma identidade

imprecisa e ambígua, a qual possuem dificuldades de definir por não se sentirem aceitos como mestiços. A reação desses filhos de imigrantes mostra o sonho ou desejo de migrarem para o Brasil no futuro, onde presumem ser aceitos pela sociedade brasileira.

Essa não é a mesma situação para os mestiços que migraram, após terem tido uma base na educação escolar no Brasil. Nesses casos nota-se uma probabilidade maior de se identificarem apenas com a identidade brasileira, por se sentirem discriminados pela bagagem cultural brasileira, e sobretudo pelos problemas no desenvolvimento escolar. A desvantagem no conhecimento da língua japonesa forma para esses filhos de imigrantes uma contínua barreira no desenvolvimento escolar no Japão.

4.5.2.3 A questão da identidade nipo-brasileira e o problema de *ijime*¹¹⁰

Ao examinar o contexto da questão da identidade entre os filhos dos imigrantes, tornam-se visíveis alguns incidentes, principalmente quando se há diferenças, culturais ou mesmo fisionômicas. Deixa-se claro que esse problema não é geral, entre os filhos dos imigrantes nipo-brasileiros. Entre os incidentes constatados nota-se que eles são principalmente com os filhos dos imigrantes nipo-brasileiros que inserem numa escola japonesa sem dominar o idioma e a cultura japonesa; assim como entre os que possuem nomes estrangeiros, e com os mestiços. Os problemas emergem quando essas diferenças, individuais, culturais, passam a ser a fonte para a abordagem negativa e intimidatória das vítimas. Sobretudo, no sistema educacional japonês, que promove e considera como essencial, a uniformidade e igualdade dos estudantes (Shimahara, 1992:26). Em virtude da uniformidade, os próprios estudantes associam de forma negativa, as diferenças, salientes de determinados indivíduos dentro do grupo dominante. Dentro desse tipo de contexto, tem-se a ocorrência do que se denomina *ijime*.¹¹¹

Segundo a definição do Ministério de Educação do Japão (*Monbushō Ijime Mondai Kenkyūkai*, 1997: 3) *ijime* é uma forma de violência unilateral, contínua, que pode ser tanto física quanto psicológica, contra uma pessoa mais fraca. Deve-se tomar cuidado com o fato de

¹¹⁰ Esse tema é um problema social, com dimensões enormes, que vai além do escopo desse livro. Focaliza-se esse tema, por ser mencionado por informantes, que mostram a associação dessas violências com a identidade. Não mencionar esse problema significa, adotar uma atitude passiva perante esses relatos e indivíduos. Dentro dos limites dessa pesquisa, busca-se mencionar esse tipo de problema social, que tomou forma nessas famílias de imigrantes nipo-brasileiros. Consciente de que o Japão, assim como a Holanda, a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, entre outros, estão diante de um desafio em tentar resolver e combater esse fenômeno social que é o *ijime* (*bullying of mobbing*).

¹¹¹ A palavra japonesa *ijime* é traduzida no inglês como *bullying of mobbing*. Esses termos, escrito em inglês também são utilizados na língua portuguesa.

que determinados comportamentos ou intimidações possam até não corresponder formalmente a percepção que se tem de *ijime*, porém eles são; ao se considerar o ponto de vista da pessoa que sofre as intimidações, ou seja, a vítima (*Monbushō Shotō Chūtō Kyōikukyoku-chō*, anexo 2). A associação com o *ijime* no Japão se reflete na imagem de malevolência, crueldade e baixeza, e não na de violência, visto que existe a associação com o termo “*yowaimono ijime*”, ou seja, intimidar os mais fracos (Morita, 2002: 119).

Ademais, esse problema social não se restringe apenas a uma cultura única. Assim, ao escrever a palavra *ijime* em japonês na internet, lê-se num primeiro momento, mais de 310.000 resultados.¹¹² Ao traduzir o termo em inglês para *bullying* tem-se um resultado inicial de 55.300.000. Apenas esse fato indica já a dimensão, que esse tema passou a tomar nas sociedades atuais, independentemente do país ou da cultura em que as vítimas se encontram. Assim lê-se inúmeros casos de *bullying* registrados nos Estados Unidos, na Bélgica, na Inglaterra, na Holanda, entre outros países.

No Japão, compreende-se que esse problema social passou a receber mais atenção na década de 1980 (Naito e Gielen, 2005: 169), quando levantamentos anuais passaram a ser feitos pelo Ministério de Educação sobre a violência escolar (Morita, 2002:108). Embora se compreenda na pesquisa, que muitas vítimas dessa prática, não mencionam a incidência do *ijime*, por medo ou vergonha, sofrendo assim em silêncio. Ademais, observa-se nessa pesquisa que *ijime* se manifesta de formas diferentes. Um dos exemplos é o caso do próximo fragmento:

Lígia:¹¹³

O meu nome é Lígia, e no japonês não existe o “L” né... na sala de aula as outras meninas e meninos ficavam tirando graça comigo, inventando tudo que é nome pra mim...eu queria mudar o meu nome... queria ter um nome japonês.

Assim como no caso acima, constata-se, que crianças, adolescentes, e mesmo adultos, mencionam o fato do nome estrangeiro chamar à atenção dos japoneses de uma forma negativa.

De acordo com Lee e De Vos (1981apud Tsuda (2003c: 383) muitos coreanos modificaram os seus nomes no Japão para não darem de conhecer aos outros a sua origem,

¹¹² Resultado constatado na internet, através do site da *Google* ao digitar esse termo (acionado em 12 de agosto de 2013).

¹¹³ Lígia tinha oito anos quando migrou para o Japão com os seus pais. Ela é *sansei* (terceira geração de japoneses). Seus pais são ambos filhos de japoneses e falam fluente o idioma japonês. Tanto Lígia quanto o seu irmão mais novo Leo, não possuem um nome japonês.

por serem vítimas no que diz respeito à discriminação e marginalização socioeconômica. Segundo Tsuda, os nipo-brasileiros irão seguir provavelmente um caminho similar no Japão, caso almejem a mobilidade socioeconômica nesse país (*ibid.*). Acrescenta-se que, caso um imigrante também queira se naturalizar japonês, a pessoa em questão é obrigada conforme a lei japonesa, entre outras obrigações e deveres, a modificar o seu nome por um nome japonês.

O nome estrangeiro representa um aspecto cultural associado aqui à identidade brasileira desses filhos de imigrantes, que os diferencia, publicamente, da cultura dominante. O resultado dessa diferença cultural na fase estudantil é constatado através dos inúmeros problemas mencionados pelos filhos de imigrantes, como: as invenções das associações feitas com os nomes estrangeiros, através de comentários desagradáveis e cruéis. Assim como no caso do relato acima, constata-se que são principalmente as crianças e os adolescentes nas escolas japonesas que afirmam pretenderem modificar o nome que eles têm em português, devido à reação negativa e repetitiva, das outras crianças e adolescentes japoneses.

No Japão, muitos filhos de nipo-brasileiros estão registrados tanto com um nome em português quanto em japonês. A fim de não serem identificados como estrangeiros, muitos filhos de imigrantes preferem, caso tenham um nome em japonês, utilizar apenas esse nome no Japão. Evidencia-se, mesmo que seja em um contexto diferente, que esse tipo de comportamento também é comum entre os adultos nessa pesquisa.

Um outro contexto são os casos dos filhos dos imigrantes que não inseriram desde o início no ensino japonês. Similar aos resultados abordados por Yamanaka (2006: 101) constata-se na pesquisa que as crianças brasileiras, que imigraram, acima dos nove anos possuem mais dificuldades de acompanhar o ensino da escola japonesa, por causa da falta de conhecimento língua e da cultura japonesa. Entre esses casos, nota-se também a incidência do problema do *ijime*. Esses são na pesquisa principalmente o caso dos filhos de imigrantes que tiveram a base escolar no Brasil. Ao migrarem com os pais, essas crianças, apresentam muitas dificuldades por não compreenderem o material educacional do ensino japonês. Como não conseguem acompanhar o ensino, que nem os outros estudantes japoneses, esses jovens, que muitas vezes não falam bem o idioma japonês, possuem também mais dificuldades de fazer amizades com os outros colegas de turma. Dentro desse contexto, nota-se como esse problema passa a tomar forma.

Lígia:

Não com menina eu sempre fiz amizade né, o melhor é fazer amizade daí eu não tinha problemas... do que ficar quieta num canto, porque se você é estranha e não sabe fazer amizade... daí já começa o *ijime*... é isso... eu sofri muito quando eu cheguei no Japão, por causa do meu nome, e porque eu não sabia falar japonês... eu cheguei aqui eu ia fazer oito anos.. e aqui eu entrei direto na primeira série... então... eu sentia dificuldade... num país que eu não conheço... numa cultura que eu não sabia o idioma, e aí já me faziam isso... eu não sabia muito no começo né... porque eu não entendia japonês quando eu cheguei... mas aí começou por causa do meu nome... e depois foi pra... agressão e parou só quando os meu pais foram reclamar na escola... também... o meu pai, o meu pai que já é muito esquentado, e aí ele ameaçou que se não parasse, ele ia me tirar da escola e... agora eu estou com quinze anos, e comigo eles não mexem muito assim, porque os professores estão de olho, e todo mundo sabe que o meu pai é esquentado, mas tem um menino japonês... gordinho na minha sala, e agora é ele que tem *ijime*... eu passei a defender ele e gritar contra os outros... o importante é você não está só.

Nesse caso nota-se que a interação social e colegial entre os filhos de imigrantes e os filhos de japoneses natos é importante para que se possa evitar esse quadro de exclusão e de confronto verbal e corporal entre as crianças e adolescentes. No caso de Lígia acima, os pais intercederam após Lígia ter contado em casa, que ela não estava mais suportando a situação na escola. A sua reação de falar sobre esse problema não foi imediata. Assim, como outros filhos de imigrantes nipo-brasileiros, Lígia ocultou esse problema dos pais por meses por ter medo das consequências que isso implicaria caso os pais fossem reclamar na escola. O medo de que a situação fosse piorar na sala de aula, fez com que permanecesse calada. Esse tipo de comportamento também é constatado nos outros casos. Nota-se também no fragmento acima, que as diferenças físicas são salientadas e empregadas num tom negativo, como é o caso da obesidade. Compreende-se na fala dos informantes da pesquisa, que o problema do *ijime* emerge na sala de aula, ao apresentarem diferenças, sejam culturais e/ou físicas do grupo dominante na turma. Independentemente de serem filhos de imigrantes ou japoneses.

A incidência de casos, entre os mestiços, é maior na pesquisa e provavelmente no Japão, por serem visivelmente diferentes, como no próximo caso:

Miya: ¹¹⁴

Ah, por causa dos meus olhos como eles viam que eu não era japonesa e era brasileira, e também era grandona..., eles diziam para mim...pra mim ir embora, perguntavam o que eu estava fazendo lá, porque o que é que eu não ia embora... esse tipo assim... eles falavam, ...eles não me perguntavam.....eu tinha 14 anos... eu acho.. no começo eu não falava nada, mas

¹¹⁴ Miya tem dezessete anos, quando essa entrevista foi realizada. No Brasil parou de estudar aos treze anos na sexta – série, e migrou para o Japão, onde já estavam os seus pais. Primeiramente ingressou numa escola japonesa, mas devido a sua dificuldade em poder acompanhar o ensino japonês do qual não possuía nenhuma base, os seus pais a transferiram para uma escola brasileira.

depois...eu saí da sala de estrangeiro e daí eu passei uns sete meses na sala deles..e no começo foi difícil né... ah, no começo sim...ah, aconteceu de eu sentar num lugar e de todo mundo se afastar, de eu estar passando e deles dizerem que eu não presto, de me trancarem no banheiro, ah., às vezes eu não ligava, mas às vezes dava vontade de chorar né,...de eu ficar lá sozinha...daí eu voltava pra casa cedo e não falava, mas depois eu fui me acostumando lá...de repente eles viram que eu sou boa em esporte, daí um japonês passou a falar comigo e daí eles começaram a falar comigo também...porque se alguém fala os outros também começam a falar né., mas não é assim sempre.. sei lá, eu acho que eles viram que eu não tinha nada demais....agora... quando eu passei para a última série eu passei a fazer assim...de furar a fila, ou de mandar eles (os japoneses) a fazerem coisas do código.... é eu mandava eles fazer. ... eles faziam...eles tinham que fazer, não é que “tinham que fazer”..mas ...porque eu sou senpai (sênior)e eles eram kōhai (júnior)¹¹⁵. E assim foi até eu deixar de ir porque eu não gostava mais da escola, eu não me interessava mais...eu não aprendia nada.

Observa-se, como Miya sofreu com a agressão verbal e com o fato de ter sido ignorada. Esses problemas são resultantes do fato de ter a fisionomia diferente, o desenvolvimento escolar fraco, de não falar bem o idioma japonês, e de não ter amizades na turma em que entrou. Esse contexto teve como consequência a incidência de *ijime* e mais tarde, o fato de ter desertado a escola. Por último, nota-se, aqui como o papel vítima/agressor ocorre, entre os jovens que primeiramente sofreram o *ijime*. O que é ainda pior, é que todos esses problemas interagem na perda da motivação desses jovens criando assim um contexto negativo nessa fase da vida desses adolescentes. Sem dúvida no caso de Miya, o fato de não conseguir acompanhar o ensino teve um impacto muito grande na sua motivação, quando o problema do *ijime* passa a diminuir.

O que chama a atenção é que como Miya ia todos os dias à escola japonesa, os pais não tinham nenhuma ideia de que a filha estivesse tendo problemas na escola e nos estudos. Desapontada, Miya explica não ter aprendido muito no ensino japonês por não ter uma base suficiente para acompanhar as aulas, causando assim um desinteresse ainda maior pelo ensino e idioma japonês. Situa-se aqui, que embora Miya e Lígia apresentem casos similares com relação aos estudos e *ijime*, que em ambos os casos, as soluções para os problemas das filhas foram diferentes. Assim, sabe-se que Miya mudou da escola japonesa para a brasileira. Enquanto Lígia mudou de uma escola japonesa para outra, uma vez que terminou o *shōgakkō* (ensino fundamental) e foi para o *chūgakkō* (ensino médio).

Outro caso é o menino Yanosuke. As diferenças nesse caso são as agressões físicas, que vão além da intimidação verbal, constatadas com Miya e Lígia.

¹¹⁵ Senpai (先輩) e kōhai (後輩) são equivalentes a sênior e júnior.

Eu acho que começou porque eles (as outras crianças) pensavam que eu não sabia né,que eu não sabia falar... japonês... mas eu não sabia mesmo né,.... e aí eles queriam fazer um tipo assim... eu um brinquedo deles né... então assim daí eles ficam batendo assim em mim né... de dar soco... tipo assim no olho...

Mariko: é, ele chegou com o olho roxo em casa..

Yanosuke: aqui, me batiam na hora do recreio... a professora só falava para parar e acabava aí...

Mariko:... não o problema parou porque o meu marido foi lá na escola e foi com o diretor O Simão (marido) foi lá... com uma outra pessoa uma amiga nossa, que traduziu pra ele em japonês o que ele queria dizer.

Yanosuke: é que na primeira série eu ainda não sabia falar bem japonês.

Mariko: então o Simão foi lá... e aí eles abriram lá um livro com todas as fotos dos alunos e daí ele (Yanosuke) apontou a foto dos alunos... dos meninos que bateram nele, ... e daí mandaram pegar na sala e levar pra presença deles e ...eles pediram desculpa. Aqui é assim...

Mariko: aí ele ficou sem amigos, mas depois desse episódio que aconteceu, eu falei pra ele que ia tirar ele de lá e colocar ele na escola brasileira, mas aí ele não quis sair de lá, entendeu...

E aí eu falei pra ele... como ele é grande... na frente dos nihonjin, né..aí o quê que tinha que fazer, quando eles vierem te bater... revida... foi daí que eles deixaram disso... entendeu... então eles ficaram com medo dele.

Então agora ninguém encosta mais nele, e agora também porque ele sabe falar bem japonês.

Yanosuke: é..nesse que eu não fazia nada, que eu ficava quieto eles diziam que eu fazia um negócio e aí e a professora vinha e me colocava de castigo....porque eu não falava direito japonês.

Mariko: é que nessa época ele ainda não falava direito japonês né... agora não...

Yanosuke: eu tinha... seis anos na época.

Mariko: é as professoras não fazem nada, eles podem ver, eles mandam parar, mas não comunicam para os pais... Só que quem vai lá pra falar é o estrangeiro... então por isso que o Simão foi lá e falou que ninguém mais encostasse no filho dele...

Mariko: porque até então quando eles começavam a querer bater nele, ele já revidava, daí de vez ele passar a apanhar, ele estava batendo, entendeu... agora parou...

Yanosuke: eu tenho 10 anos agora...

Mariko: agora os amiguinhos japoneses vem até em casa pra brincar com ele... mesmo esses que fizeram essas coisas com ele...

Yanosuke: agora não acontece nada... não tem mais *ijime* assim... eles vem e voltam né...é porque já faz muito tempo né e daí a gente ficou amigo... daí eu falei *daijōbu* (tudo bem) né...e aí a gente ficou assim...

Mariko: o engraçado é que... já desde o início ele gostava dessa escola... porque eu falei pra ele: você quer sair da escola japonesa e ir para a escola brasileira? Daí ele disse não, eu quero ficar nessa escola...

Mariko: inclusive agora... uma vez ou outra a gente diz né , ah! vamos mudar de cidade né... a gente já está tanto tempo aqui, daí ele diz: não mãe, eu já sofri tanto na escola e agora que eu tenho os meus amigos, as minhas amizades... vai me tirar pra começar tudo de novo... ele quer ficar aqui mesmo. (Yanosuke e Mariko).

Através desse fragmento da entrevista de Yanosuke, observa-se como as crianças, ainda que sejam pequenas, se comparam continuamente umas com as outras, salientando as diferenças que elas possuem entre si, no contexto das relações sociais. De acordo com a família de Yanosuke, o que causou o *ijime* foi o fato de ser mestiço, novo no grupo e por não dominar na época o idioma japonês e nem a cultura. O problema no de caso de Yanosuke ocorre quando ele passa a ser maltratado pelos outros “coleguinhas” de turma. Exatamente quando o

problema passou para a agressão física é que os pais ficaram à par da situação do filho pequeno. Compreende-se que assim como outras vítimas, Yanosuke também sofreu por muito tempo em silêncio. O motivo do seu silêncio foi o medo de que se falasse em casa, o problema fosse piorar na escola. Assim como Yanosuke, nenhuma vítima na pesquisa mencionou imediatamente o problema de *ijime* em casa ou na escola, sobretudo por não estarem cientes do que é *ijime*. Em alguns casos nota-se que esses informantes se sentem constrangidos ou envergonhados por não dominarem o idioma japonês fluentemente, embora os pais tenham uma outra impressão ou expectativa dos filhos, quando os veem falar japonês.

Apesar de Yanosuke ter tido muitos problemas no início do processo migratório, nota-se que no decorrer dos anos, ele conseguiu superar essa situação na escola. Assim como mencionou no fragmento acima, Yanosuke não sente necessidade de mudar para a escola brasileira e nem para uma outra região no Japão, após ter conseguido fazer amizades com os outros estudantes na escola.

O apoio e a comunicação mais aberta com os pais foram essenciais para poder ganhar confiança em si, e na pessoa que é. Ademais nota-se nas diferentes entrevistas, que a escola japonesa também se empenha na busca da solução desse problema social, quando os pais entram em contato com a escola para tratar desse assunto.

Esse tipo de atitude de se interceder nos problemas dos filhos nas escolas não é geral. Isso não quer dizer que os pais não se importem com o problema dos filhos, mas que eles possuem opiniões diferentes de como se deva lidar com esse tipo de situação. Tem-se casos, dos quais os pais partem do princípio, que esse é um problema da escola e dos filhos, mesmo que os filhos sejam vítimas do *ijime*. O Sr. Tetsuji explica no próximo trecho o porquê que ele acha que não se deva intervir nesse tipo de problema na escola.

Sr. Tetsuji:

Olha a gente tem problemas na escola com o Vinicius... só que aí eu sempre falo pra ele..olha...sendo aqui no Japão ou lá no Brasil..como eu falo pra Dalila [esposa] sempre vai haver isso, sendo aqui ou lá, então o que a gente tem que fazer né, a gente vai ter que ajudar ele a superar...a criar coragem pra poder enfrentar, porque não dá pra gente ficar encobrindo muito...se não vai ficar muito papai aqui e ali...ele vai ter que se virar, ...se não vai ficar falando tudo pro papai, vai ficar muita mamãezado...isso vai ter que sair dele, de se defender... o menino é menor do que ele... o problema é que é briga mesmo lá no colégio, eles brigam mesmo....de um se agarrar no outro... mas esse menino com quem meu filho tá brigando é problemático...e é desde o ichinensei [primeira série]... e aí ainda tem os outros que torram a paciência dele... bom tá ... daí o Vinicius foi de férias agora lá pro Brasil e viu a avó dele e aí... pá... contou tudo pra ela... e daí a vó ficou doida... que é mãe da Dalila, porque desse tipo de problema o meu pai já sabia, porque uma vez o meu pai mandou chamar a mãe desse menino, só que nesse dia eu não estava em casa, daí o velho falou, falou... mas não adianta nada...

porque a mãe não para em casa, é sozinha né... ela é mãe solteira... Depois que eu fui saber... porque ele foi para o Brasil de férias, ele não queria mais voltar para o Japão...depois ele falou isso pra vó dele lá e aí pô... mas foi aí que eu fui saber o porquê... e aí a mãe fala pra ele né [a esposa]... não deixa aí que o papai vai falar lá na escola... mas e aí, o que o Vinicius vai se tornar? Vai se tornar o quê? Uma pessoa super fraca... entendeu isso que eu sempre falo pra Dalila, olha Dalila você pode até chorar, mas tem que ensinar ele a resolver as coisas, tem que dá força... olha... pra homem no Brasil, japonês, era ruim também... o ijime do Brasil é diferente, mas tem, a gente não fica aí falando...mas quantas vezes a gente tem que sair assim pro braço assim...no Brasil...isso porque até a oitava série eu não falava com ninguém... eu ficava lá no meu canto... calado... como eu estava na mesma sala que o meu irmão mais velho, eu só fazia olhar assim... e ele xingava mesmo e ele ia e brigava com outros... então tem isso em qualquer lugar, porque tanto no Brasil quanto aqui você também tem isso, e você é que tem aprender a se virar.

Não apenas Tetsuji, muitos outros pais passam a falar sobre a ocorrência do *ijime* no Brasil, principalmente o verbal. Ao fazerem a correlação dessa realidade com o tempo em que estudavam no Brasil. A ocorrência de palavras cruéis, ou associações feitas com os nomes não são apenas no Japão. Da mesma forma, informantes, homens e mulheres citam esse tipo de ocorrência no Brasil, como se de repente o problema dos filhos tenha-os, conscientizados de algo, que eles também não compreendiam no passado.

Tetsuji parte do princípio de que o filho tem que resolver os seus problemas por si próprio na escola. Ao se referir que esse não é o papel dos pais. No entanto, toma uma outra postura, quando o filho menciona não querer mais voltar para o Japão, após ter ido de férias ao Brasil. Ao mesmo tempo, compreende-se que o confronto com esse problema dos filhos no Japão, torna-os também conscientes de que embora as características sejam diferentes, que esses imigrantes também foram caçados no Brasil, ou vítimas de associações desagradáveis, agregadas as características da fisionomia da identidade japonesa. Ao contar sobre o problema do filho no Japão, Tetsuji reflete, sobre a sua própria experiência.

De acordo com Tetsuji, esse problema só vai parar, se o filho deixar de mostrar sinais de medo. Porém, esse tipo de controle só é possível, quando a vítima tem a capacidade de resolver essas situações por si próprio (Morita, 2002: 120).

Vinicius é mestiço. Ele é alto, forte, de olhos verdes e puxados com o cabelo claro e encachado. Apesar de falar japonês e português, e de morar no Japão desde os três anos de idade, Vinicius menciona sempre ter sentido dificuldades de fazer amizades com os outros japoneses na escola, por ser ridicularizado pela sua aparência e pelo seu nome. Porém, diferente de outros estudantes nipo-brasileiros, Vinicius afirma não querer mudar o nome.

Vinicius entrou com bons resultados no *chūgakkō* (ensino médio), porém ele não faz planos de futuro no Japão. Assim, ele comenta sonhar em migrar do Japão para um outro país, para ser jogador de futebol. Ele, não é o único que menciona sonhar com um futuro fora do Japão. Lúcia, Miya, Leo também comentam preferirem migrar para o Brasil.¹¹⁶ A diferença é que Vinicius não tem os mesmos problemas de aprendizado, como os outros três casos. Comentários como: “...porquê você não volta para o lugar da onde você veio...porquê você está aqui?” são mencionados por esses informantes sem exceção. Esse tipo de ocorrência tem como resultado um comportamento adverso a sociedade dominante. Assim, nesses casos, observa-se que os filhos desses imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros sonham em migrar para o Brasil, mesmo que os pais, prefiram ficar no Japão. Se isso ocorrer de fato, nota-se mais uma vez o movimento contrário dentro desse fenômeno migratório.

Ao contrário desses casos, o cenário dos outros filhos de imigrantes nessa pesquisa é diferente. Como os outros não se encontram nesse tipo de situações de marginalização e alienação, a probabilidade deles se identificarem com a sociedade dominante é maior. Como é de fato o resultado constatado entre os outros jovens. Destaca-se que, esses são os filhos nipo-brasileiros, com a fisionomia japonesa, nomes japoneses, nascidos no país, ou que moram desde pequenos, e que não apresentam diferenças físicas salientes. Para esses informantes, esse tema passa despercebido. Em contraste com esses jovens que se integram facilmente no quadro da sociedade dominante, nota-se, que os efeitos do encontro étnico são maiores, entre os mestiços, e entre os, que apresentam características da identidade brasileira.

A pressão da sociedade dominante, em procurar manter um quadro homogêneo, é sem dúvida notável nas escolas japonesas, onde a uniformidade é vista como um critério importante.

4.5.2.4 O contato físico e o idioma português

De certo modo, na medida que os filhos dos imigrantes crescem e passam a frequentar o ensino japonês, nota-se que eles passam a se conscientizar das diferenças culturais existentes dentro das suas famílias em comparação com a sociedade dominante. As reações dessa segunda geração de imigrantes são ilustradas nos próximos trechos:

¹¹⁶ Das 21 crianças e adolescentes dos estudos de casos, 4 mencionam sonharem em migrar para um outro país.

Sra. Fabiana Yokohama:

...a minha filha é bebezinha ainda, mas eu falo português com ela. ... não, ela não vai pra creche, fica com os avós. ...o que eu sinto aqui é que tem muita criança que fica com vergonha da gente, se você falar em português com eles na rua... eles abaixam a cabeça e andam adiante... Eles têm vergonha de que os amiguinhos falem alguma coisa... eles realmente tem vergonha... isso é não é o futuro que eu quero na minha família.

Um outro caso é ilustrado por Silvana Yamada:

O engraçado... é que a minha filha não quer que eu fale português em público na frente dos amiguinhos dela. Ela morre de vergonha. Eu acho que ela fica com medo de ser rejeitada na escola, sabe... Nem o beijinho no rosto ela quer que eu dê em público. No meu caso, a minha filha não quer ir de jeito nenhum para o Brasil, ela não fala quase nada de português e só come comida japonesa... Eu escolhi ficar aqui também por causa dela... que estuda agora numa escolinha japonesa, mas quando ela for independente, eu poderei decidir o que eu quero...mas eu acho que ela vai optar em ir com a gente para o Brasil, porque ela cresce nesse ambiente da gente... aqui... Outro dia, eu fui para a reunião na escola dela... eu acabo falando português, e ela fica com vergonha... Eu acho que é porque o japonês tem essa mania de ser superior... Se você fizer algo diferente, eles estão lhe reparando o tempo todo..."

Esses trechos ilustram exemplos concretos de como a construção da identidade dos filhos de imigrantes se desenvolve, perante aos pais, nas ruas, nos parques e nas escolas japonesas. Os filhos dos imigrantes nipo-brasileiros estão cientes das diferenças culturais, as quais eles evitam de mostrar, publicamente, em conexão com o grupo dominante na sociedade. Na prática, eles evitam o carinho do beijo no rosto ao se despedirem dos pais na escola, e se envergonham quando os pais ou conhecidos falam em português com eles em lugares públicos. Por serem costumes que determinam uma outra identidade do que a japonesa, ou seja, a de serem *gaikokujin* (estrangeiros), filhos de *dekasegi* da América do Sul. Esse comportamento reflete a vergonha e o receio que essas crianças e jovens sentem com relação às diferenças culturais que são geralmente associadas de forma negativa. O medo da rejeição dos outros colegas leva os imigrantes da segunda geração a se distanciar da cultura dos pais, sobretudo, quando se encontram num ambiente público cercado por japoneses.

Um caso semelhante é reportado por Kawakami (2001: 261-264) sobre os filhos dos imigrantes vietnamitas no Japão. Esses jovens vietnamitas mostram um comportamento negativo e de vergonha perante aos pais, devido à língua e à cultura vietnamita não ser respeitada e ter uma associação negativa na sociedade japonesa e nas escolas. Assim como os nipo-brasileiros, os filhos de imigrantes vietnamitas também rejeitam publicamente aspectos culturais associados à identidade vietnamita que eles têm em relação à sociedade dominante.

Observa-se que as crianças que assimilam desde cedo as normas e os valores da cultura do país para onde migram, possuem a maior probabilidade de se identificar com a cultura desse país. Tal identificação, porém, depende nesta pesquisa também do fenótipo japonês, uma vez que se constata os casos dos que se sentem rejeitados pelos outros colegas de sala por serem mestiços.

4.5.2.5 As dificuldades na integração no sistema escolar japonês

Não apenas os filhos de imigrantes nipo-brasileiros possuem problemas em integrar no ensino japonês. Compreende-se que esse problema se repercute também no ensino japonês entre os filhos de expatriados japoneses, denominados como *kikokushijyo* (帰国子女 = crianças repatriadas).

Apesar das tentativas dos pais expatriados em procurar manter os costumes japoneses em casa, adotando um ritmo de vida compatível com a rotina de vida que tinham no Japão, ou seja, da esposa que toma conta de casa e dos filhos, enquanto o marido trabalha fora, mesmo assim, constata-se que quando essas famílias retornam, que essas “crianças repatriadas” passam por dificuldades por não conseguirem integrar novamente no sistema escolar japonês (Yamanaka: 2006: 103; Cunningham: 1988; Tsuneyoshi, 2011b).

Configura-se então, duas situações distintas porém paralelas. Ou seja, de um lado, tanto os filhos de imigrantes nipo-brasileiros quanto os próprios adolescentes japoneses com experiência no exterior, possuem problemas de integração no sistema educacional japonês. Contudo, em torno desses dois grupos que retornam para o Japão, existe uma diferença na percepção da imagem e no status (Tsuneyoshi, 2011b: 132-133). De acordo com os resultados da pesquisa conduzida por Sekiguchi (2003: 92-93) sobre a comparação da imagem dos expatriados e dos imigrantes nipo-brasileiros no Japão, o autor constata sobre o grupo dos expatriados a imagem seguinte: elite, pessoas inteligentes, idioma inglês, país desenvolvido, enquanto, em relação à imagem dos imigrantes nipo-brasileiros é: *dekasegi*, idioma português, país em desenvolvimento. Isso mostra que a posição social na sociedade japonesa, a educação e os países de procedência que são associados aos dois grupos são diferentes (Tsuneyoshi, 2011b: 132-133), mesmo que ambos os grupos apresentem problemas de integração no Japão.

De acordo com as regras curriculares de orientação no ensino japonês, não se faz diferença se os estudantes são estrangeiros ou japoneses, isto quer dizer que os professores ensinam esses jovens da mesma forma (Shimizu e Shimizu, 2001; Shimizu, 2006). Esse é

exatamente o problema que a segunda geração de imigrantes enfrenta quando apresenta desvantagens nas habilidades de comunicação oral e escrita no desenvolvimento escolar. Esse problema forma um desafio no ensino atual quando esses professores japoneses lidam com a coexistência dos filhos dos imigrantes nipo-brasileiros nas suas salas de aula.

De acordo com os resultados esse quadro é similar entre os filhos de imigrantes nipo-peruanos no Japão (Moorehead, 2010). São principalmente os jovens, filhos dos imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos, que não foram inseridos desde o início nas escolas japonesas, os mais prejudicados com relação à essa questão.

4.5.3 Nem o ensino brasileiro, nem o ensino japonês

Um terceiro cenário que se observa na migração de “retorno” é o caso dos desertores. Uma situação alarmante que chama a atenção por envolver um grupo de jovens da segunda geração de imigrantes. Ilustrando esse aspecto segue o caso seguinte:

Sr. Betão:

Tem aqueles que vêm com a família inteira pra cá... Quando eles vêm com os filhos, muitas vezes as crianças adolescentes ficam órfãos, pois nem o pai e nem a mãe os orientam...cada um vai para um lado trabalhar e os filhos acabam entrando na criminalidade. Esse é o pior problema. Os adolescentes não têm orientação e se metem em confusão... De quem é a culpa desse problema? O governo japonês não dá uma orientação para essas pessoas. Os japoneses estão mamando aí nesse pessoal, mas não dão apoio... a estrutura da escola japonesa é muito rígida. Há muita dificuldade, principalmente quando são jovens... eles ficam rebeldes...a escola chama os pais, mas eles não vêm e depois de um tempo esses adolescentes deixam as escolas e os pais nem se importam. Isso é um problema muito grande. Quando as crianças vêm para cá pequenas elas conseguem se adaptar melhor... sem falar no problema do *ijime*... os brasileiros também são alvos disso aí.

O trecho dessa entrevista expõe o contexto de desamparo de muitos casos de crianças e adolescentes, imigrantes no Japão, que sofrem as implicações da falta de atenção e suporte dos pais que, de acordo com o informante priorizam as longas jornadas de trabalho ao invés da educação dos filhos. Nos Estados Unidos, por exemplo, constata-se esse mesmo tipo de problema dentro do contexto familiar dos imigrantes mexicanos, que são ilegais no país (Bacallao e Smokowski, 2007: 64).

Por um lado, compreende-se no resultado da pesquisa de Tsuneyoshi (2001: 133), que os professores japoneses se queixam das famílias de imigrantes nipo-peruanos no Japão, por priorizarem o trabalho e os ganhos, em vez da educação dos filhos. Uma percepção que é semelhante com relação às famílias nipo-brasileiras no Japão (Ishikawa, 2009: 71). Por outro

lado, Kōkichi Shimizu e Mutsumi Shimizu (2001: 207-209) explicam que os pais não conseguem dar assistência aos filhos por causa do cansaço, após as longas jornadas de trabalho. É óbvio aqui que existe uma diferença na percepção de como os japoneses se referem a essa questão com relação às famílias de imigrantes *nikkei* no Japão.

Na pesquisa, observa-se através dos relatos dos pais¹¹⁷ e dos filhos um cenário mais amplo e complexo, em que as expectativas dos pais não são compatíveis com a realidade dos filhos, por exemplo, ao pressuporem que os filhos tenham um bom desenvolvimento escolar por terem aprendido a falar o idioma japonês. Contudo, aprender a falar o idioma japonês não significa também que tenham o mesmo desenvolvimento no aprendizado da escrita e leitura dos caracteres. Ishikawa (2009: 71) constata um quadro similar na sua pesquisa com relação às expectativas dos pais nas famílias nipo-brasileiras, que vivem numa outra área geográfica no Japão.

Um outro ponto que chama a atenção é a percepção dos pais que presumem que ir à escola significa aprender. De maneira oposta, os filhos explicam que ir à escola não indica que consigam acompanhar as aulas, e que se vão ou não à escola para eles não faz muita diferença. Através dos casos dos estudantes desertores compreende-se que os pais presumiam que os filhos estivessem indo à escola, só pelo fato deles vestirem a farda do colégio e partirem no horário de sempre de casa, enquanto eles iam para o trabalho. Por último, compreende-se também que os pais pressupõem que os filhos tenham condições de aprender mais facilmente por serem jovens, acrescentando que deveriam conseguir isso, visto que não eles têm outras preocupações, a não ser com os estudos.

Nota-se que os pais por um lado priorizam o trabalho, por outro lado esse aspecto também mostra a posição instável e vulnerável desses imigrantes, sobretudo, os que realizam trabalhos temporários, embora se tenha constatado esse tipo de atitude também entre alguns imigrantes com o contrato fixo. De qualquer forma, os imigrantes procuram cumprir as horas de trabalho dos contratos fixos ou temporários para que consigam manter a família, ou para atingir os objetivos pelos quais migraram.

O que chama atenção é que os imigrantes não estão conscientes das dificuldades e dos problemas dos filhos ao serem inseridos no ensino escolar japonês. Esse quadro é proveniente

¹¹⁷ Nesta parte não se incluirá determinadas falas dos pais, abordando-se o quadro de forma geral, dado que os pais pediram discrição.

das diferenças nas percepções e presunções mantidas pelos pais, de que os filhos têm que criar responsabilidade e de que devem estar aptos a resolver os seus próprios problemas.

É importante compreender que o ensino japonês visa e proporciona a educação no Japão, de forma igual e uniforme para todos, independentemente de serem japoneses ou estrangeiros (Shimizu, 2006). Nesse sentido, muitos dos nipo-brasileiros no Japão que não conseguem acompanhar as aulas e acabam abandonando os estudos por causa das dificuldades na escola (Sato, 2001: 155). Apesar de não se ter um número concreto do número de desertores, entende-se que esses são, especialmente, os filhos de estrangeiros no Japão (Maeda, 2007). Ao contrário das crianças japonesas, o ensino não é obrigatório para as crianças estrangeiras. Assim, não se têm dados corretos, especificando o número de crianças que desertaram no Japão, ou que não se inscreveram no ensino. Um problema que é associado à responsabilidade dos próprios pais dessa segunda geração de imigrantes (Ninomiya, 2002: 251).

Os desertores na pesquisa são os filhos dos imigrantes que, não conseguiram dominar a língua oral e escrita com desenvoltura e que sofreram paralelamente problemas sérios de *ijime*, como é o caso de Miya.

Miya entrou primeiramente numa classe de preparação oferecida aos estrangeiros que, não falam o idioma japonês. Lá teve um conhecimento básico do idioma japonês por alguns meses, antes de entrar na série japonesa que correspondia a sua idade. A mudança da classe de estrangeiros para a classe no sistema educacional japonês representa para ela até hoje um grande choque cultural, do qual afirma ter tido muitos problemas. Ao refletir sobre essa fase, ela explica:

Miya:

Ah, não no começo... até que era legalzinho (na escola japonesa) e eu gostava mas depois, eu faltava muito, não era...assim sabe, porque eu não gosto de japonês...uhm... quando eu comecei a conviver com eles... porque logo que eu entrei na escola eu fiquei numa sala de estrangeiro, tá...daí eu não tinha contato com eles, mas com as outras brasileiras, que já estavam lá... então por eu ser nesse caso nova né, daí eu saí dessa turma [de estrangeiros]... pra ir pra sala deles [japoneses] e aí eles começaram a fazer piadinhas..é um moleque e mais umas meninas... ah, por causa dos meus olhos, como eles viam que eu não era japonesa e era brasileira e também era grandona... eles diziam ..pra mim ir embora... perguntavam o que é que eu estava fazendo lá, porque é que eu não ia embora... esse tipo de coisa assim.... eles falavam, ...eles não me perguntavam...eu tinha 14 anos... no começo eu não falava nada, porque eu não sabia falar assim... mas depois...eu fazia...tudo o que me fizeram... ah, eu também trancava elas no banheiro, assim como ela fizeram comigo, e que nem elas faziam com as outras... ah, no começo foi difícil sim... aconteceu de eu sentar num lugar e de todo mundo se afastar, de eu estar passando e deles dizerem que eu não presto, ah... às vezes eu não ligava, mas às vezes dava vontade de chorar né... de eu ficar lá sozinha...daí eu voltava pra casa cedo e não falava... eu fui me acostumando.

Vários problemas tornam Miya um alvo para o *ijime*¹¹⁸ (*bullying ou mobbing*), ao seu ver foram o fato de ser nova na turma, não falar bem o idioma japonês e por ser considerada uma estudante fraca. Ademais para ela o fato de ser mestiça tornou-a visivelmente diferente dos outros estudantes japoneses na sua turma. De acordo com as adolescentes, Lucia e Miya, o fato de não conseguirem seguir as aulas no ensino japonês, dá-se também por terem sido inseridas no ensino de acordo com a idade escolar, em vez do nível de japonês que elas têm.

No caso de Miya, como ela só possuía o conhecimento básico do idioma japonês, o seu nível de instrução era insuficiente para poder acompanhar adequadamente as aulas que eram ministradas em japonês. Ao ser inserida aos 14 anos no ensino da escola pública japonesa, Miya não consegue acompanhar o nível das aulas, perdendo assim a motivação e o interesse pelos estudos. Entende-se nos seus relatos que, ela deixa aos poucos de ir à escola, sem mencionar nada em casa sobre os seus problemas, até o momento da escola ter entrado em contato com os pais pelo telefone para perguntar o motivo da ausência da filha, uma vez que o ensino nessa fase escolar é compulsório. Como não houve nenhum contato dos pais com a escola para justificar a ausência da filha, é comum no Japão, do professor entrar em contato com os pais para saber a razão da ausência do estudante. Um fato que mostra que o ensino japonês também está mudando, com relação à questão da deserção das crianças estrangeiras.

O que se verifica no caso de Miya é que a perda da motivação nos estudos está ligada a uma conjunção de fatores: o nível das aulas, a barreira da língua, as diferenças culturais e a questão de *ijime*. Entende-se que, embora Miya tenha apresentado um comportamento diferente em casa, é somente após a visita a escola, que ela relata na presença dos pais, do professor e de uma tradutora, os seus problemas na escola. Em suma, essa fase na vida de Miya encerra com a decisão dos pais de transferir a filha da escola japonesa para a escola particular brasileira. Essa nova tentativa de estimular a filha a estudar não teve, porém um resultado positivo, posto que Miya se sentia estagnada, pelo fato de estar repetindo os assuntos das matérias que já havia aprendido no Brasil antes de migrar.

Esse tipo de exemplo ilustra simultaneamente quem são os imigrantes da segunda geração que possuem a maior probabilidade de desertarem. Se, por um lado, essa segunda geração que se encontra nessa situação possui uma base no idioma japonês, por outro lado, entende-se que essa base não é suficiente para que possam acompanhar os estudos. De

¹¹⁸ A palavra japonesa *ijime* é traduzida no inglês como *bullying of mobbing*. Esses termos, escrito em inglês também são utilizados na língua portuguesa. A questão do *ijime* e da identidade será tratado no número 4.4, separadamente.

qualquer forma, esse é o pré-requisito para que possam ser matriculadas no ensino das escola pública japonesa.

Ao analisar os dados nota-se uma certa convergência nas características e implicações de como esse cenário de deserção emerge. Observa-se nos três casos constatados no decorrer dos sete anos, que embora os pais tenham tomado as medidas possíveis para tentar reverter a situação, que o êxito foi por tempo limitado.

Descreve-se abaixo o ambiente desfavorável dentro do âmbito escolar japonês, que interage na desmotivação dos jovens:

Miya:

Na escola japonesa era difícil né, eu não fazia nada, porque eu ia pra escola e eu não aprendia muito assim, eu não fazia teste, não fazia nada, e daí eu ficava ali o dia inteiro sem fazer nada... eu não entendia!! ... eu posso até me arrepender, mas eu aprendia mais a falar assim com eles [japoneses] por ter que me defender né... do que na aula... eu aprendi assim o básico durante o ano que a gente aprende numa classe separada, aí você até aprende um pouco, mas depois... na classe com os japoneses... uhm... (levanta os ombros).

Um outro caso na pesquisa é Leo: "...se a gente vai ou não para as aulas, qual é a diferença que isso faz?"

Constata-se entre os jovens nessa situação reações de frustração, desamparo e revolta contra a sociedade receptora e/ou contra os pais. A frustração do baixo rendimento por não conseguirem acompanhar o ensino e de sentirem que precisam apenas estar ali fisicamente presentes, mesmo que não estejam aprendendo nada, tem como resultado a perda de motivação. Outro resultado também constatado é o isolamento desses jovens nas classes de aula e a falta de amizades que elas têm na escola.

Compreende-se nas entrevistas dos filhos e dos pais, que esse problema passa por um tempo despercebido dentro da estrutura familiar. Ao serem comunicados sobre a ausência dos filhos na escola, as reações dos pais mostram uma certa perplexidade, o que os leva a associar o problema inicialmente apenas com à escola. Não levando em consideração que esse problema também reflete à falta de orientação e controle deles e o enfraquecimento dos elos familiares, que é causado pela falta de contato com os filhos, devido às longas jornadas de trabalho.

Apesar das diferenças nos comportamentos dos filhos que se encontram nessa situação, constata-se que essa situação desfavorável também torna propício o surgimento de um outro problema: a possibilidade do desenvolvimento da identidade de uma forma negativa por ser

baseada na rejeição, no medo, na marginalização desses jovens. Em suma, esse contexto desfavorece a assimilação à cultura japonesa. De forma similar, esses mesmos tipos de evidências e comportamento são constatados entre os filhos de imigrantes africanos, caribenhos, asiáticos e latinos em outras partes do mundo por se sentirem marginalizados nas sociedades onde se encontram (Suarez-Orozco, 2002: 107).

A perda da motivação nos estudos reflete a alienação e a falta de perspectiva desses jovens na sociedade japonesa.

De acordo com o resultado observado nos estudos de casos, nota-se que a intervenção e as medidas tomadas pelos pais, nem sempre têm o efeito esperado. Principalmente, quando o problema é associado ao baixo rendimento escolar, devido à falta de domínio no idioma japonês. Na pesquisa, apenas em um caso a situação conseguiu ser revertida na escola japonesa, quando a mãe deixou de trabalhar fora de casa.

Esses casos são exemplos concretos que ilustram as implicações e as consequências do processo migratório para os filhos de imigrantes, especialmente, dos que não entram na escola japonesa na idade de 6 anos. Ademais, num país onde se acredita no mito da “homogeneidade”, nota-se claramente a marginalização desses filhos de imigrantes nipo-brasileiros, que possuem poucas perspectivas de ter um futuro melhor do que os pais.

Por causa da falta de uma base sólida na formação escolar, tem-se uma perspectiva de que esses jovens serão provavelmente o novo fluxo de trabalhadores, que assim como os seus pais, realizarão os trabalhos de mão de obra não qualificada.

4.5.4 O ensino dos filhos no Brasil

Um quarto cenário é a opção dos pais de enviar os filhos para irem estudar no Brasil, enquanto continuam trabalhando no Japão (Van Rompay-Bartels, 2010: 607). Essa opção reflete um cenário complexo e diversificado que fortifica o sonho do regresso e da estada temporária no Japão. Assim:

Sra. Satomi:¹¹⁹

No nosso caso, não estava dando pra guardar mais, sem falar que eles não estavam querendo falar mais português, porque estavam na escolinha japonesa e daí a gente pensou em mandar eles na frente para o Brasil para ficar com a minha mãe, assim a gente ia ficar aqui por mais um ano ou um ano e meio trabalhando... A gente manda dinheiro para manter eles lá e pra pagar a escola, e liga sempre que pode.

Durante uma outra entrevista com Ema e uma terceira pessoa¹²⁰, constata-se que a imigrante passou a considerar a mesma opção com o marido, após o filho ter entrado na escola. Observa-se como as horas extras de trabalho (*zangyō*) são importantes para os imigrantes que sonham com o regresso para o Brasil. Sem essas horas, essas famílias precisam continuar por muito mais tempo trabalhando no Japão. Dentro desse contexto, Ema que auxilia uma família conhecida explica as dificuldades e a vida difícil que outras famílias de imigrantes enfrentam no país:

A creche brasileira cuida bem, é caro né... mas dá toda a assistência né. Ela dá banho, ela faz o “bentozinho”¹²¹ (a palavra japonesa correta é *bentō*, que significa lanche ou marmita) ... uma criança não dá pra deixar assim sem uma refeição balanceada... ela faz um “bentozinho” pra ele comer a noite em casa, porque às vezes não dá tempo da mãe dele fazer... e essa senhora [da creche brasileira] cuida né... tem criança que fica até 23:00 horas com ela.

Ema comenta como ela procurou dar auxílio, quando o marido da colega teve que ir ao Brasil:

Quando ela ficava até de madrugada trabalhando porque o marido estava no Brasil, daí ela pedia pra mim ir dá uma olhadinha no filho dela... eu ia lá, às vezes eu via que ele tinha jantado, mas na hora que ele tinha que ir pra cama, chegava a dar um aperto no coração... eu colocava ele na cama, apagava a luz e fechava a porta e aí ele ficava sozinho né, porque ele não podia fazer muita coisa... na época o marido estava no Brasil... e ela tinha que trabalhar porque senão não dava pra pagar as contas... às vezes ela ia até meia-noite. É difícil né... tem muitos casos assim, casos de pai e mãe que deixam os filhos no Brasil, porque não dá pra juntar com a criança... e aí, eles deixam os filhos no Brasil com os avós... essa decisão né, de deixar os filhos no Brasil, e de ficar com o marido aqui, porque eles não estão dando conta de juntar... Isso é um

¹¹⁹ Entrevista avulsa com uma nipo-brasileira de Tochigi realizada em Tóquio. Essa entrevista faz parte do quadro das entrevistas qualitativas avulsas ($N=36$). Essa informante foi a primeira pessoa na pesquisa que mencionou ter enviado os filhos para morar com familiares no Brasil, a fim de que pudesse com o marido juntar o mais rápido possível a quantia almejada para o regresso. Assim para eles a medida adotada com relação aos filhos garante ao mesmo tempo a educação brasileira idealizada pela família e facilita o regresso dos pais. Apesar de ter sido uma decisão inesperada, sobretudo, por nunca ter imaginado ter que ficar por tanto tempo longe dos filhos. Entende-se que após terem enviado os filhos para o Brasil, que o regresso foi posposto várias vezes por não terem conseguido atingir o objetivo financeiro visado por ela e o marido. Na época da entrevista a família já estava separada há mais de dois anos, embora tenham planejado se reunir novamente no Brasil após um ano.

¹²⁰ Prefere ficar anônima, não acrescentando assim maiores detalhes dessa família nipo-brasileira, que possam identificá-los.

¹²¹ *Bentō* =lanche, porém nesse caso houve a formação de uma nova palavra, no caso bento + zinho significa um pequeno lanche servido, nesse caso, para crianças que estão na creche.

sacrifício de ficar sofrendo aqui por um tempo de um ano ou mais... pra ver se se cansa da vida daqui pra poder voltar e ficar juntos novamente... é complicado né, é uma situação complicada mesmo...Ah, eu penso que eu não teria coragem de mandar as minhas filhas para o Brasil,..pra mim se tiver que sofrer, que sofra então todo mundo junto, eu prefiro que fique todo mundo junto, que fique unido, se for pra ir para o Brasil que vá todo mundo para o Brasil, mas que fique junto. E se ficar no Japão que fique todo mundo no Japão...mas você também vê aqui que tem muito marido que está separado da família pra juntar dinheiro. Com a família lá no Brasil e o marido aqui.

Provavelmente a maior parte desses casos estão relacionados à dificuldade de se conseguir juntar o capital necessário para o regresso para que não precisem retornar mais para o Japão. Uma realidade que se constata em outros casos de imigrantes, que fazem parte do movimento pendular de ida e volta. Entende-se que, são as horas extras que propiciam que os imigrantes consigam juntar a quantia estipulada. Contudo, esse processo é mais lento nas famílias, devido às despesas serem maiores. Um dos custos considerado alto nos parâmetros de vida dos imigrantes é a creche, sobretudo, a brasileira. Por essa razão, as famílias que se encontram nessas situações possuem mais dificuldade de regressar para o Brasil num curto espaço de tempo, uma vez que não se consegue mais atingir os objetivos estipulados ao terem migrado, de regressar capitalizados após um determinado espaço de tempo de um a três anos no Japão.¹²²

As famílias que se encontram nessa situação tomam a decisão de enviar os filhos para o Brasil por razões econômico-financeiras e culturais. Sem as horas extras, não sobra muito dos salários desses imigrantes para que possam guardar. Além disso, entende-se também que nesses casos, os pais possuem em comum o fato de terem geralmente o mínimo ou nenhum conhecimento do idioma japonês. Nesse sentido, ao migrarem com os filhos, ou com o aumento da família no Japão, a situação deles passa a complicar ainda mais, sobretudo, se essas famílias optam pelo ensino japonês por ser mais barato. Apesar de se compreender que essa opção é muito viável, dado que o ensino é público, e tem uma mensalidade baixa, ou seja, não é grátis.¹²³ Em comparação, porém, com a mensalidade da escola particular brasileira que tem uma mensalidade de aproximadamente de 50,000 yen (500 dólares) por mês, a escola pública é mais acessível para essas famílias de imigrantes, que visam atingir os objetivos econômico-financeiros e que por essa razão buscam as longas jornadas de trabalho através do *zangyō*. Consequentemente, muitos perdem tanto em casa, quanto fora, o controle

¹²² De acordo com os entrevistados, de forma geral o tempo de estada estipulado ao migrarem foi de um a três anos. Apesar de todas os informantes na pesquisa estar na prática por mais de três anos no Japão.

¹²³ A mensalidade de contribuição na escola japonesa é de aproximadamente 6,000 yen, o que corresponde a 60 dólares por mês.

da educação dos filhos, devido à falta de contato e orientação. As implicações da escolha do ensino japonês possuem um impacto também na comunicação com os pais, dado que os filhos deixam de falar o idioma português. Compreende-se, então, que a solução viável encontrada por essas famílias de imigrantes é a de enviar os filhos para o Brasil para serem educados por familiares. Dessa forma, eles fortificam o sonho do regresso, enquanto se asseguram ao mesmo tempo da educação dos filhos no sistema educacional brasileiro.

Sra. Kozue e Sr. Akio:

Ah, a gente tem um casal de filhos... eles moram agora com a minha mãe lá no Brasil... eu morro de saudades deles...mas não estava dando para eles continuarem aqui... a minha filha não me entendia mais direito, uhm...ela só respondia em japonês e a gente não estava conseguindo se entender mais direito...é triste você não conseguir mais falar com os seus próprios filhos... o meu filho ainda respondia mais, mesmo assim a gente viu que a gente tinha voltar, mas ainda não dava, daí a gente decidiu enviar eles pra minha mãe....pelo menos eles já estão no Brasil aprendendo direitinho na escola brasileira, do que aqui na escola japonesa... já faz agora quase dois anos que a gente ainda está aqui na luta, mas eu acredito que a gente vai ficar por mais um ano e daí a gente volta definitivamente pra lá pra ficar com eles... ah, é tão difícil, mas não tem outro jeito sabe.

Essa decisão permite os pais de trabalhar por mais tempo e horas por dia, a fim de que possam juntar mais rapidamente a quantia estipulada para o regresso ao Brasil, mesmo que essa estada seja prolongada indefinidamente. Como no caso de Kozue e Akio, há várias outras famílias nas redondezas que se encontram numa situação semelhante.

As motivações desses pais refletem um processo de decisão baseado na interação de aspectos de ordem cultural, econômica e social de um movimento de “retorno” temporário. Então, de um lado, os pais permanecem no Japão, de onde enviam mensalmente remessas para cobrir as despesas dos filhos que estão sob a tutela de um outro membro da família no Brasil. Esse tipo de situação também é constatada na migração de “retorno” dos Tonga (Lee, 2009: 50).

Apesar de não se constatar esse cenário acima abordado nas literaturas sobre os nipo-brasileiros utilizadas nesse trabalho, isso não quer dizer que se trate de um fenômeno novo. Suarez-Orozco (2002: 29) constata esse tipo de medida, de se deixar os filhos no país de emissão com familiares, enquanto os pais trabalham em um outro país, é comum quando a estratégia migratória é temporária.

É interesse reter que, as consequências desse processo não são mencionadas pelos pais, que interpretam essa separação como passageira. Nas histórias dos informantes, as

informações sobre as consequências e o impacto que essa separação causa na relação com os filhos são omissas nas entrevistas.

O enfoque nos discursos desses pais é geralmente o estresse, posto que não conseguiram conciliar as longas jornadas de trabalho com a educação dos filhos no Japão, e o fato de terem tido muitos problemas por causa das diferenças culturais, que passaram a notar após os filhos terem se adaptado ao ensino japonês, tendo como resultado o distanciamento dos filhos.

Ao enviarem os filhos para o Brasil, compreende-se que o papel dos pais é substituído pelos avós, ou tios que passam a ser os educadores dos filhos desses imigrantes. Apesar de serem as pressões econômicas e culturais que influenciem esse processo, nota-se aqui que outros fatores também contribuem na reestruturação temporária dessas famílias. Ou seja, a configuração do papel que os laços de famílias exercem dentro da migração. Esses laços de famílias propiciam uma estratégia por aturem como redes sociais, dando suporte a migração dos outros membros. Assim, a migração passa a inserir ativamente um grupo de pessoas num contexto transnacional (Rivera-Salgado, 2000: 136-137; Faist, 2010: 9), mudando as características iniciais desse movimento para esse grupo de migrantes.

Esse tipo de fenômeno voluntário do papel de suporte dos laços sociais que unem os migrantes e não migrantes nas comunidades receptoras e emissoras também é visível na migração do México para os Estados Unidos (Massey, Alarcon, Durand e Gonzalez, 1987: 139-140); na migração de “retorno” dos Tonga (Lee, 2009: 41-58).

Diferente do cenário exposto acima sobre as famílias de imigrantes que enviaram os filhos para viver e estudar sob a tutela dos familiares no Brasil, não se observa no quadro fixo da pesquisa esse tipo de caso. Ainda que essas famílias estejam cientes de outras que tenham tomado tal decisão, ou que estejam considerando essa medida como uma alternativa para juntar mais rápido a quantia estipulada para o regresso.

Ao perguntar aos casais das famílias do quadro fixo sobre essa possibilidade, constata-se claramente que são as esposas as que mais se preocupam com o impacto que esse tipo de separação, ou mesmo que o regresso repentino para o Brasil, possa causar para o desenvolvimento psicológico e cognitivo dos filhos. Diferente da maior parte dos maridos, que partem do posicionamento de que os filhos se adaptem rapidamente e facilmente num contexto novo.

4.6 Os elos familiares na migração de “retorno” e o transnacionalismo

Apesar da estada desses imigrantes ter se prolongado indefinidamente, ainda assim muitos imigrantes continuam interpretando essa migração como temporária. Como planos futuros os informantes mencionam: abrir um pequeno negócio, comprar a casa própria, concluir os estudos/ fazer uma especialização, economizar para a aposentadoria, ou a oportunidade de poupar com outros fins. Ademais, alguns comentam dar também assistência financeira aos familiares que vivem no Brasil. Apesar de não ser um quadro mencionado por todos informantes, alguns revelam assistir financeiramente os pais, filhos ou irmãos no Brasil, após terem migrado para o Japão. Essa prática mostra como o transnacionalismo toma forma através dos vínculos materiais e imateriais, que expõem as fortes relações que eles mantêm com as pessoas no país de origem.

Sra. Kimi:

Os meus pais estão pedindo ajuda pra gente, mas o pior é que não é só eles, os meus sogros também...é difícil...poxa a gente veio pra cá para trabalhar para juntar algo pra gente, mas assim mal dá pra guardar algo no final do mês...mas, o que é que a gente vai fazer? Com a aposentadoria os meus pais não conseguem pagar todas contas de casa, porque senão não tem dinheiro pra fazer supermercado... eu já pedi para os meus irmãos ajudarem também, porque só a gente não dá.

Sra. Sachiko:

Eu ajudo de vez em quando os meus dois filhos que ficaram no Brasil, porque é a gente tem essa preocupaçãoeles já são casados , tem filhos, mas a gente sabe que o salário deles as vezes não chega pra pagar as contas.

Em princípio esse tipo de prática não faz parte do propósito inicial pelo qual os migrantes partiram para o Japão, apesar de ter entrado em contato com dois casos de homens casados que migraram especificamente para poder sustentar a esposa e os filhos que permaneceram no Brasil. A motivação financeira representa nesses casos a alternativa viável para se recuperar o padrão econômico da família que fica no Brasil. Como a remuneração salarial em comparação com o Brasil é maior no Japão, mesmo num momento em que a economia japonesa mostra sinais de grandes turbulências, ambos indivíduos prolongaram o prazo inicial estipulado para poder “...juntar um pouco mais” ao lado das remessas mensais, antes de se reunirem novamente no Brasil.

4.6.1 O quadro instável de famílias transnacionais

O que chama a atenção sobre esses casos é a percepção negativa das próprias famílias nipo-brasileiras sobre os imigrantes que migram desacompanhados, deixando a família no Brasil, dado que eles conhecem exemplos de imigrantes que passaram com o decorrer do tempo a constituir famílias novas no Japão. Esses casos são constatados durante o trabalho de campo, através dos relatos das pessoas que lidam especificamente com os imigrantes nipo-brasileiros no Japão. Tais situações são visíveis também no jornal *International Press*, que atende essa comunidade étnica no Japão. Assim, lê-se que parentes, filhos, esposas, no Brasil, procuram buscar o paradeiro do imigrante no Japão, que após um período de tempo, deixou de dar notícias para a família no Brasil.

No trabalho empírico constata-se um caso, ao entrevistar um senhor na pesquisa quantitativa. A reação de desconfiança desse senhor, com relação ao propósito da pesquisa, tornou-se clara, quando pediu o máximo de informações sobre a minha identidade e o meu papel de pesquisadora, hesitante, principalmente por ser estrangeira e falar português fluentemente. Apesar de surpreso com o meu pedido, o informante decidiu participar, após ter conferido nos meus documentos ser da Holanda. O seu comportamento tornou-se lógico e compreensível, quando inconscientemente ou não, comenta no final da conversa e de ter preenchido a enquete, o fato de ser considerado como “desaparecido” no Brasil pela família. Sem fazer outras perguntas, entende-se que esse senhor tem uma companheira no Japão, proveniente das Filipinas, da qual estava acompanhado durante a entrevista.

Betão também ilustra esse cenário das famílias de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros no Japão, por ter-se tornado um fato, cada vez mais visível também através da mídia étnica.

Sr. Betão:

E ainda tem àqueles que constituem famílias aqui em lá no Brasil. Lá no Brasil eles não têm emprego e vem pra cá para um serviço que não necessita de um diploma e daí desaparecem... e de vez em quando saí no jornal do *International Press* que a família está à procura do familiar aqui no Japão... o negócio é complicado.

Compreende-se que a motivação inicial nessas famílias desaparece, mostrando a incidência de um novo quadro social. Alguns informantes dos estudos de casos mencionam não pretenderem ir para o Brasil com os filhos, sem os companheiros, por conhecerem casos

simultâneos, uma vez que a solidão no Japão é vista como um grande problema para a manutenção da família que fica no Brasil.

4.6.2 Atividades transnacionais

Dentro do fenômeno da migração de “retorno” dos nipo-brasileiros para o Japão, constata-se também a influência que o país de origem continua tendo na vida cotidiana dos imigrantes. De acordo com a literatura abordada, denomina-se essas atividades como práticas transnacionais.

Na prática observa-se que as atividades transnacionais, apesar de constituírem uma parte da vida desses imigrantes, não são exercidas da mesma forma por homens e mulheres dentro da estrutura familiar, assim como são diferentes nas famílias dos estudos de casos. Nesse sentido, mesmo dentro de um grupo étnico irá se apresentar diferenças, seja em atitudes, ou em valores culturais (Eriksen, 1993: 143). Isso implica dizer que não se pode categorizar esse fluxo migratório como sendo um grupo homogêneo, no seu total.

Apesar das diferenças dos papéis dos gêneros, observa-se que uma atividade transnacional constatada em todas as famílias dos estudos de casos, são as remessas bancárias para o Brasil.

Além disso, nota-se que as contas de caderneta de poupança são num banco brasileiro, e não num banco japonês. Mesmo que não exista uma comunidade étnica nessa área, com escolas brasileiras e instituições brasileiras, constata-se, sem exceção que as famílias nipo-brasileiras mencionam ter uma conta bancária no Banco do Brasil situado em Tóquio. Apesar da existência de outros bancos brasileiros na área de Tóquio e redondezas, neste estudo esse foi o único banco citado pelos informantes.

A motivação por trás dessa escolha se reflete no fato de o Banco do Brasil ser o maior banco brasileiro, assim como o mais conhecido por esses imigrantes. Essa imagem propicia uma ideia de segurança de que o dinheiro se encontra num banco estável por ser uma instituição estatal do governo nacional brasileiro.

Uma outra prática especificada nas entrevistas, especialmente entre os imigrantes que planejam o regresso, é a compra de imóveis no Brasil. Uma das famílias do estudo de caso explica investir na compra de diferentes imóveis como fonte de renda para quando regressarem ao Brasil. Dessa forma, essa família passa a prolongar conscientemente a permanência no Japão por mais de quinze anos para que possam atingir esse objetivo. Esse caso, porém, é uma exceção ao se comparar com as atitudes com relação à compra de imóveis

dos outros imigrantes. Entende-se que outros imigrantes, que planejam o regresso, se limitam ao investimento imobiliário da própria casa ou apartamento no Brasil quando retornarem definitivamente.

Outro aspecto apontado é a preocupação com o futuro incerto, e a falta de renda ao se aposentarem. Imigrantes tentam se assegurar do futuro quando se aposentarem, mesmo que esses planos estejam bem distantes e, que o regresso ainda não tenha sido definido, através de uma quantia que eles separam do salário para juntar para a aposentadoria. Dessa forma nota-se o valor agregado as instituições nacionais, que operam de forma transnacional na vida dos imigrantes.

Constata-se assim, que embora haja diferenças nos objetivos, na quantidade e na frequência nas emissões de remessas de dinheiro para o Brasil, que essa é uma prática comum entre as famílias de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros.

Naturalmente, as práticas transnacionais refletem dentro do fenômeno migratório um contexto muito mais amplo e dinâmico no mundo atual. Como ilustra o informante no fragmento seguinte:

Sr. Betão:

Quando eu vim para cá nos anos 80...pela primeira vez fazer um estágio, não tinha todas essas regalias dos meios de comunicação, da comida, que tem hoje em dia...agora é diferente...houve uma mudança muito grande aqui no Japão.

Hoje em dia os brasileiros ficam aqui dez a quinze anos, enquanto antes eles ficavam dois a cinco anos. Isso que esse pessoal continua trabalhando pesado por todos esses anos. Eles trabalham de dez à doze horas por dia ... a vida passa e esse pessoal só junta ...pensando na volta e fica juntando e fazendo remessa para o Brasil ou coloca ... na poupança...a grande maioria nem fala a língua japonesa, mas assim como eles têm aqui também muito peruano, chinês e coreano fazendo esse tipo de trabalho pesado e por isso... o *dekasegi* aqui passa a procurar as lojas brasileiras...as lojas de produtos brasileiros aqui no Japão, elas vendem os produtos baratos, porque os brasileiros não querem gastar... Aqui é assim. ...Já tem aquele grupo que está sensibilizado e que começa a comprar imóveis, e que pensa em ficar, mas é um grupo pequeno, que consegue isso... O que levou às pessoas a mudarem foi também o contexto, já que o telefone ficou mais barato, tem a internet, todo santo brasileiro tem acesso, se quiser então, a vida ficou mais agradável aqui para eles, mesmo não falando o japonês.

Como se constata nessa entrevista a vida dos imigrantes passa a ser facilitada pela concentração de inúmeros empreendedores nipo-brasileiros e brasileiros, que exercem um papel transnacional no comércio de produtos brasileiros do Brasil para o Japão.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação nota-se que o contato social entre os familiares separados pela distância geográfica dos dois países foi facilitado pela internet. Os familiares mantêm mais facilmente contato com os outros que permanecem no Brasil, através

do *Skype* e do correio eletrônico, que passam a ser utilizados frequentemente por serem meios de comunicação mais baratos do que o telefone. Dessa forma, esses imigrantes passam a compartilhar as histórias da vida cotidiana com os familiares no Brasil, mesmo que morem no Japão, tornando a vida mais agradável e suportável.

Embora as práticas transnacionais no âmbito político sejam menos mencionadas, nota-se, principalmente entre os imigrantes que visam a permanência temporária no Japão, a preocupação em torno das eleições presidenciais de 2002 e 2006 no Brasil. Essa preocupação não é geral entre os imigrantes, sobretudo para os imigrantes que passam a construir o futuro no Japão.

Sr. Tetsuji:

No início a gente se preocupava em votar, mas com o tempo você deixa de seguir a política no Brasil, uhm..nem sabe mas quem é quem, com exceção do Lula né, que está ali oh..há um tempão,... mas os outros não dizem mais nada para gente que não vai para o Brasil mais, mas pra quem quer voltar é melhor estar em dia, porque se não a multa é de lascar!!...Outra coisa é que a gente tem que ir lá pra Tóquio ou pra Mitsukaido pra votar sabe, daí não dá nem vontade... de ter que ir...porque leva tempo nessa história, ...você tem que ir primeiro pra lá ...que já não é perto, daí fica naquela fila....e perde o dia quase nessa história, como se a gente tivesse muito tempo livre.

A preocupação e a prática de se estar em dia com as votações brasileiras não é geral entre os nipo-brasileiros e brasileiros. Nesse sentido, compreende-se que no âmbito político que essa atividade transnacional é mais restrita, apesar de ser compulsória para os cidadãos brasileiros, independentemente de se encontrarem no Brasil ou no exterior.

4.6.2.1 A mídia

Como meios de comunicação social no Japão citam-se as revistas, os jornais e as emissoras de televisão, assim como as informações digitais através de CDs, fitas de vídeos, e o considerável aumento do uso da internet.

O valor da televisão em torno desse grupo étnico se nota através do interesse pela transmissão de alguns programas da TV Globo, que são transmitidos pela *IPC TV* no Japão. Como programas populares entre os nipo-brasileiros e brasileiros, nota-se: o *Jornal Nacional*, o *Globo Repórter*, o *Fantástico*, programas culinários, assim como as três novelas da noite e uma novela da tarde, que é a repetição de uma novela antiga no “Vale a Pena Ver de Novo”. Os imigrantes que não possuem o canal da *IPC TV* também conseguem seguir esses programas, que são copiados em fitas de vídeo e alugados nos pontos comerciais das lojas

brasileiras. Mesmo numa cidade com uma concentração menor de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros do que as áreas abasileiradas, consegue-se acompanhar facilmente esses tipos programas. Os dois pontos comerciais, apesar de serem pequenos possuem esses tipos de fitas de vídeo para atender o público que não tem o canal da *IPC TV* em casa.

O valor da mídia como meio de comunicação transnacional dá-se também por operar especificamente como um meio de informação as necessidades desse grupo étnico no Japão. Um caso similar constata-se também na mídia étnica em Portugal, que é vista como um instrumento fundamental a fim de se amenizar as tensões, que os imigrantes enfrentam na sociedade receptora (Salim, 2008: 8).

No Japão, as notícias que os imigrantes nipo-brasileiros têm acesso são selecionadas das notícias japonesas, ou seja, não se faz a tradução direta em português de todas as notícias diárias, apenas dos acontecimentos considerados importantes para a comunidade brasileira no país.

Ademais, são transmitidos programas, que proporcionam informações variadas, por exemplo, informações sobre os direitos dos trabalhadores que são terceirizados através das empreiteiras, o ensino e atividades culturais ligadas ao Brasil, que ocorrem nas comunidades brasileiras no Japão. Tipos de notícias exclusivas são por exemplo, a ocorrência de terremoto. Esse tipo de notícia é repetida várias vezes, informando simultaneamente a área e a magnitude de acordo com a escala Richter. Desse modo, a mídia intercede entre os japoneses e a comunidade étnica brasileira no Japão, assim como entre, os próprios imigrantes, principalmente, quando proporciona um determinado senso de realidade de que estão em conexão com os acontecimentos, do que é notícia no Japão, e dentro da comunidade brasileira. Por se assim dizer, a mídia étnica atua em virtude dos imigrantes, para que não se encontrem numa situação de “total” alienação no Japão, sobretudo os imigrantes que não falam ou entendem o idioma japonês.

Ademais, compreende-se através dos resultados da pesquisa conduzida por Ishi (2002: 169-199) que a mídia étnica brasileira no Japão atua como uma “mídia transnacional” e entidade neutra entre a sociedade dominante e os imigrantes. Diante dessa perspectiva entende-se que o papel da mídia étnica tem um papel importante na integração da comunidade nipo-brasileira dentro da sociedade dominante.

Naturalmente, ao se tratar de mídia, de forma generalizada, entende-se que ela possui um valor importante nas horas de distração dos imigrantes, sobretudo com relação às novelas

brasileiras. Um aspecto importante, dado que ela influencia na atualização do idioma português, das novas expressões ou gírias, da moda, e das questões contemporâneas da sociedade brasileira, que são refletidas nos temas das novelas, principalmente das 20:00 horas. Em outros termos, a mídia étnica funciona como um meio de comunicação transnacional, informando e atualizando esses imigrantes no Japão.

Similar aos resultados da mídia nipo-brasileira no Japão constata-se também nos resultados das pesquisas sobre as melhores práticas em torno da mídia étnica, conduzida em países da União Europeia, Reino Unido e Austrália, em que o foco da mídia tem sido em virtude da “integração” dos imigrantes. Isto significa dizer que, a mídia étnica se limita ou não fornece determinadas informações aos imigrantes recém-chegados. Como são por exemplo, as informações de como se conseguir a cidadania, e a que instituições devam recorrer ou que passos devam tomar, caso queiram fixar residência permanente no país (DiversiPro Inc., 2007: 5-7).

Com relação à pesquisa, pode-se afirmar, sem dúvida, que a evolução em torno da mídia étnica é notável no decorrer dos anos. Assim, em 2003, quando esse trabalho iniciou, as notícias sobre o Brasil eram seguidas pelos imigrantes principalmente, através do canal da *TV IPC* a cabo, ou através das fitas de vídeo. Em 2005 e 2010, nota-se como a internet tornou-se cada vez mais acessível e barata para esses imigrantes. Assim, não é raro ouvir dos informantes dos estudos de caso, que eles passaram a seguir as notícias do Brasil, assim como as novelas através da internet. Da mesma forma, nota-se como as notícias sobre a comunidade nipo-brasileira no Japão, tornaram-se cada vez mais acessíveis para a pesquisadora através do desenvolvimento da tecnologia em torno dos meios de comunicação.

De acordo com os relatos dos informantes, a função do jornal *International Press* como mídia étnica continua tendo um papel importante, por ser um meio de se encontrar trabalhos e de se obter informações gerais sobre a comunidade nipo-brasileira no Japão. Para esses informantes, o jornal é um meio acessível de comunicação por ser escrito em português. Como se abordou nos quadros anteriores, sem o conhecimento do *jōyō kanji* (1,945 caracteres), os imigrantes *nisei* ou *sansei*, não conseguem ler os jornais japoneses. Esse fato também é constatado nas $N=140$ enquetes, e no quadro fixo dos participantes dos estudos de casos ($N=30$), quando apenas duas pessoas mencionam conseguir ler o jornal escrito em japonês. A escrita é para esses imigrantes, o maior obstáculo no Japão. Nesse sentido, o jornal *International Press* tem uma função importante dentro da comunidade nipo-brasileira, como

meio de comunicação dos acontecimentos no Japão. Uma vez que, independentemente do nível de formação educacional no Brasil e mesmo no Japão desses imigrantes, entende-se que o conhecimento que eles possuem é suficiente para ler o jornal escrito em português. Um quadro totalmente contrário do que é se poder ler um jornal escrito em japonês. Assim, o papel do jornal continua sendo importante na comunidade nipo-brasileira, especialmente, como se nota aqui, entre os imigrantes que não possuem o conhecimento suficiente no idioma japonês. Ademais, o papel do jornal é importante para os filhos dos imigrantes, que não conseguiram acompanhar o ensino japonês e que falam o idioma português, ou mesmo que estudam nas escolas brasileiras no Japão. Para essa geração a função do jornal é essencial, uma vez que esse grupo também não consegue ler as notícias em japonês. Dessa forma, a função do jornal em informar a comunidade étnica permanece, por atender as necessidades de informações que emergem dentro da comunidade étnica brasileira no Japão.

4.7 Reflexões finais

Através dos relatos, nota-se que a orientação de muitos pais descendentes de japoneses ou mesmo japoneses é voltada para o aspecto étnico desse grupo, mesmo quando viviam no Brasil. Étnico representa para eles, o fato de terem a mesma origem ancestral como um grupo, possuindo assim o senso de que possuem determinadas normas e valores em comum. Dentro do contexto da unidade das famílias, compreende-se que predomina o casamento endógamo entre os nipo-brasileiros, apesar de se observar que não são raros os casamentos de nipo-brasileiros com japoneses natos e a união exógama.

De acordo com a análise, a escolha do tipo de ensino que se deve proporcionar para os filhos foi um dos fatores que passou a influenciá-los a repensar e definir os objetivos no Japão. Através dos dados dos pais que participam na pesquisa aponta-se quatro cenários em torno da educação dos filhos: o ensino na escola privada brasileira, o ensino na escola pública japonesa, a deserção, e o ensino numa escola brasileira no Brasil, que é diferente das outras três opções que são no Japão.

No caso do ensino da escola brasileira, constata-se que o seu custo é considerado proporcionalmente alto, nem sempre de fácil acesso e com a qualidade muitas vezes duvidosa. Os pais que optam pelo ensino brasileiro no Japão são sobretudo, os que visam a migração temporária no país, embora se constate que eles permaneçam no Japão, de forma geral por mais tempo do que tenham planejado inicialmente. Já, a escola japonesa é uma opção por ser

pública, perto e acessível dentro dos parâmetros das famílias, entretanto o ensino é em japonês. Apesar de os pais falarem o idioma português, e idealizarem esse conhecimento como sendo algo extra e uma vantagem para os filhos, nota-se na prática que a maior parte da segunda geração nessas famílias domina apenas o idioma japonês. Observa-se nesta pesquisa, que são poucos os filhos no ensino japonês que estão realmente propensos a aprender falar o português em casa. As exceções são as famílias que vieram com as crianças que tiveram a base escolar no Brasil e os casos em que o cônjuge não fala e entende o idioma japonês.

A segunda geração de imigrantes que fala melhor o idioma português são os que se encontram geralmente numa situação desfavorável. Essa desvantagem também se reflete nos problemas de aprendizado e de identidade, particularmente se estão no ensino japonês. A deserção é uma das probabilidades nos resultados dessa segunda geração de imigrantes, refletindo a desvantagem no conhecimento da língua e da cultura japonesa desses jovens. No caso da deserção da escola brasileira tem-se como motivação a qualidade fraca do ensino, os altos custos, e o fato de a crise em 2008 ter atingido muitas famílias nipo-brasileiras, que tiveram que tirar os filhos da escola por não conseguirem mais pagar as mensalidades escolares.

No caso da deserção nas escolas japonesas, compreende-se que os filhos de imigrantes, que apresentam maiores problemas são as crianças nipo-brasileiras, que imigraram, após terem feito a base educacional no sistema brasileiro. Por um lado, as dificuldades desses adolescentes mostram uma base fraca na língua japonesa, principalmente na escrita e leitura de caracteres. Essa falta de base na língua e cultura tem como resultado a perda de motivação desses imigrantes, os levando a desertar o ensino japonês. Por outro lado, constata-se, um cenário mais amplo e complexo, onde as expectativas dos pais não são compatíveis com a realidade dos filhos, por exemplo, ao pressuporem que os filhos tenham um bom desenvolvimento escolar por terem aprendido a falar o idioma japonês, o que não implica dizer que eles dominem a escrita e a leitura dos caracteres. Outro ponto é a percepção dos pais que presumem que ir à escola significa aprender. De maneira oposta, os filhos explicam que ir à escola não indica que consigam acompanhar as aulas, e que se vão ou não à escola para eles não faz muita diferença. Através dos casos dos estudantes desertores compreende-se que os pais presumiam que os filhos estivessem indo à escola, só pelo fato deles vestirem a farda do colégio e partirem no horário de sempre de casa, e por último, constata-se também que os pais pressupõem que os filhos tenham condições de aprender mais facilmente por serem jovens,

acrescentando que deveriam conseguir isso, visto que não achem que os filhos tenham outras preocupações, a não ser com os estudos.

Simultaneamente, nota-se o dilema dos pais, que não conseguem dar orientação para os filhos, mesmo entre os que falem bem o idioma japonês, visto que os pais não dominam a escrita e a leitura dos caracteres japoneses. Além disso, não possuem experiência nesse sistema educacional, não conseguindo assim dar à assistência necessária aos filhos. Ou seja, não é apenas o trabalho intensivo e o cansaço que dificultam os pais de ensinar os filhos, mas o próprio fato de não saberem como explicar ou ensinar o que os filhos não compreendem.

Pode-se dizer que os filhos dos nipo-brasileiros nascidos no Japão, ou que imigraram pequenos com os seus pais, passaram a ter através do ensino japonês, um contato intensivo com a sociedade japonesa. Esse contato favorece, na maior parte desses casos, o domínio do idioma japonês, assim como o conhecimento cultural do Japão, os quais vão mais além do conhecimento do idioma português e da cultura brasileira. A opção do ensino japonês significa para essas famílias que, os filhos irão cada vez mais se integrar às normas do padrão do sistema japonês. Tendo como consequência que, a escolha do ensino japonês dificulta o regresso para o Brasil, levando algumas famílias a prolongar a permanência ou em optar por se enraizar definitivamente no Japão.

Constata-se também que na maioria das famílias o idioma falado em casa com os filhos é o idioma japonês. Apenas em três famílias constatou-se que os filhos falam tanto o idioma japonês quanto o português. Apesar de os pais concluírem que deveriam ter persistido no ensino do idioma português em casa, refletindo assim o impacto que essa consequência tem caso precisem ou almejem regressar para o Brasil.

A quarta opção constatada são os casos das famílias, que optam pela educação dos filhos no Brasil junto dos familiares. Essa possibilidade assegura a família da educação dos filhos no ensino brasileiro, fortificando assim o sonho do regresso e da estada temporária dos pais no Japão.

Com relação aos pais, pode-se afirmar que apesar do choque do encontro étnico inicial, que mais da metade das famílias mostram uma atitude positiva perante a vida no Japão. Ao contrário dos outros resultados abordados nas pesquisas anteriores (Linger, 2001, Roth, 2002, Tsuda, 2003c, 2009). Essas diferenças podem ser atribuídas a conscientização e adaptação de alguns costumes da sociedade dominante e pelo fato de terem se acostumado com a vida no Japão.

Na pesquisa observa-se uma correlação na atitude positiva perante ao Japão com a melhora no padrão de vida. Essa mudança é percebida ao conseguirem trabalhos melhores, apesar de continuarem, com algumas exceções, realizando trabalhos de mão de obra não qualificada, porém com contratos fixos. Esse aspecto é fundamental para os imigrantes interessados em permanecer no Japão para que possam financiar o sonho da casa própria no Japão. Para outros, o contrato fixo oferece a percepção de estabilidade, de terem-se tornado menos vulneráveis em comparação com o período que trabalhavam pelas empreiteiras.

Por um lado, nota-se na pesquisa que os imigrantes que passam a compreender melhor a cultura japonesa procuram evitar publicamente de mostrar os elementos associados à cultura brasileira, a fim de não serem estigmatizados como *gaikokujin* (estrangeiros). Por outro lado, observa-se o comportamento oposto, entre os imigrantes que se decepcionam com a experiência do “retorno”, e que passam a depreciar a identidade japonesa. O resultado nesses casos dá-se na adoção da visibilidade dos elementos que caracterizam a identidade brasileira no Japão, apesar de serem nessa pesquisa exceções. Esse tipo de comportamento reflete reações de marginalização e alienação, por não serem aceitos pela sociedade dominante por se comportarem e pensarem diferente. Observa-se muitas vezes que esses nipo-brasileiros não compreendem ou não sabem lidar com as diferenças culturais. De fato, a reação dos japoneses perante esses imigrantes consanguíneos é de distanciamento. Tal experiência reflete o fato também de os japoneses não compreenderem, assim como os nipo-brasileiros, as diferenças nas normas e valores consideradas evidentes para ambos os grupos. Esse é também o grupo de imigrantes, que mostram a maior probabilidade de regresso ao Brasil, apesar de prolongarem a duração dessa experiência migratória por vários anos. Esses são também os imigrantes que buscam na mídia transnacional, instrumentos fundamentais de informação, apoio para que não se encontrem numa situação de alienação total no Japão, sobretudo, quando não dominam o idioma japonês, tornando a vida mais agradável no Japão.

Conclusão

Pode-se dizer que nada parece mais antigo na história do ser humano do que o próprio fenômeno migratório. Todavia, apesar de se constatar inúmeros artigos e livros de estudiosos das mais diversas áreas sobre o dinamismo desse fenômeno da história do ser humano, nota-se que o interesse pelo que se caracteriza como migração de “retorno” ainda é muito recente e restrito nos debates públicos e acadêmicos. Partindo desse contexto, esse é exatamente o propósito e a contribuição que se propôs nesta pesquisa sobre esse tipo de migração através do caso dos nipo-brasileiros, que “retornam” para a terra dos seus antepassados. Assim, as análises e resultados abordados nos capítulos anteriores levam-nos às seguintes conclusões.

Em primeiro lugar deve ficar claro o que se pretende dizer ao se utilizar o termo “retorno”, dado que não se trata aqui dos emigrantes. Não, esse é o termo associado a uma ideologia e estratégia do governo japonês. Nesse sentido, o “retorno” é o termo utilizado para se interpretar o movimento inverso dos descendentes da diáspora japonesa no além-mar para atender as necessidades da economia japonesa e manter o mito da “homogeneidade” da raça japonesa. Se o termo for explicado claramente dessa maneira para descrever esse fenômeno migratório inverso dos descendentes de japoneses, não restam dúvidas sobre a interpretação da ideologia por trás do seu uso. Contudo, de acordo com os resultados das análises, esse conceito enfraquece no decorrer dos anos por não poder incluir o resultado adicional, ou seja, dos que regressam ao Brasil. Ao se adicionar os imigrantes que regressaram, ou os que planejam o regresso ao se aposentarem, e os da segunda geração que sonham em migrar do Japão para o Brasil, tem-se então que se levar em consideração a descrição de um outro fenômeno migratório. Nesse caso tem-se características de um movimento migratório circular entre esses dois países. Aliás, essa é uma descrição que na sua concepção melhor inclui o dinamismo migratório dos descendentes de japoneses, que fazem parte de um movimento pendular entre os dois países.

Com relação à motivação, pode-se afirmar nesta pesquisa que ela reflete uma conjunção de aspectos, que emergem principalmente em decorrência da crise brasileira nas décadas de 1980 e início de 1990. Uma crise que atingiu esses nipo-brasileiros, que faziam parte da classe média e média baixa no Brasil, causando a perda do padrão de vida e a falta de perspectivas de futuro, independentemente do nível de formação escolar que essas pessoas tinham. É exatamente o senso de falta de perspectiva de melhora no país que se reflete na própria situação individual de privação econômico-social, sobretudo de alienação, como

cidadãos que precisam sair do país a fim de terem melhores perspectivas de vida e futuro. Essa possibilidade de se conseguir um futuro melhor surge através do “retorno”, quando esses migrantes enfatizam estrategicamente os vínculos sanguíneos da identidade japonesa para irem preencher as vagas das ofertas de trabalho que não exigem uma mão de obra qualificada.

Ao contrário do que se dá a entender nos trabalhos de Linger (2001), Roth (2002) e Tsuda (2003c) afirmo que diferentes aspectos mostram que esses nipo-brasileiros partem conscientes dos tipos de trabalhos que iriam exercer no Japão como *dekasegi*. Tal constatação se reflete nos fatos, de os migrantes estarem a par da relação dos custos e dos benefícios das diferenças de salários no Japão, em comparação com o Brasil; terem acesso à coleta de histórias das experiências de outros migrantes que partiram antes e que mostram que a migração representa uma possibilidade de se conseguir regressar capitalizados para o Brasil e de terem assim melhores oportunidades de vida, caso se submetam a trabalhos de mão de obra não qualificada. Estavam a par do papel dos recrutadores no Brasil que facilitam o movimento, mesmo para os descendentes de japoneses e cônjuges brasileiros, sem o mínimo de conhecimento da língua e da cultura. Por último tinham acesso às redes de contato social no Japão, as quais facilitam e interagem na motivação dos novos migrantes. Portanto, esses nipo-brasileiros migram conscientes dos tipos de trabalho que iriam exercer.

Ademais, apesar da motivação por trás desse movimento migratório ser principalmente a econômico-financeira, observa-se diferenças nas motivações agregadas à permanência no Japão. Assim, nota-se que para a metade dos informantes entrevistados essa migração é uma forma de experiência transnacional temporária. De forma geral, esses são os casos das famílias de imigrantes que investem na educação brasileira dos filhos no Japão; e dos que mencionam pretender regressar para o Brasil, quando os filhos terminarem os estudos na escola japonesa e se tornarem maiores. Acrescenta-se também a esse quadro os imigrantes temporários, as famílias que enviaram os filhos para estudar no Brasil e viverem com os familiares. A outra metade dos informantes mostra claramente aspectos de enraizamento, através da fixação de residência permanente no Japão. Esses são os imigrantes que possuem uma determinada afinidade com a cultura japonesa, ou que conseguiram se adaptar à vida nesse país. De forma geral, são os que conseguiram obter o contrato fixo e mais estabilidade econômico-financeira, tendo assim uma percepção positiva da vida que eles têm no Japão, mesmo que a maior parte continue realizando trabalhos de mão de obra não qualificada. Além disso, essas são também as famílias que têm a expectativa de que a escolha pelo Japão

proporcionará melhores oportunidades de futuro para eles e para os filhos. Essa percepção otimista dos informantes mostra um resultado diferente do quadro obtido por Linger (2001) e Tsuda (2003c).

De qualquer forma, é importante mencionar que, apesar das diferenças no desenvolvimento dos quadros das famílias nos estudos de casos, compreende-se que de forma similar todos migraram para o Japão com o objetivo inicial de uma migração temporária e econômico-financeira. Isso implica dizer que para uma parte desses imigrantes, o objetivo que os levou a migrar não modificou, apenas o prazo da permanência no Japão se prolongou, sobretudo, quando se leva em consideração a estrutura familiar, e o fato de o trajeto para se conseguir realizar esses planos ser mais lento.

Pode-se dizer que as diferenças nas motivações de como as famílias de imigrantes se adaptam ou não à vida no Japão tornam-se claras através das escolhas feitas dentro da estrutura familiar no decorrer dos anos. Assim, de acordo com as análises, mesmo que tenham obtido o contrato fixo, acesso a bens de consumo, e um determinado sentimento de segurança pessoal, constata-se que apenas a metade das famílias investem na compra da casa ou no futuro no Japão. Enquanto a outra metade prefere optar pela compra de bens imobiliários no Brasil, e/ou pela poupança para um regresso, que foi somente posposto. As decisões em torno do regresso mostram os fortes elos imateriais transnacionais das famílias, que estão separadas em dois continentes, assim como a dificuldade em conseguir se adaptar ao Japão totalmente, levando-os a continuar sonhando com o regresso, mesmo que seja quando se aposentarem. Tais constatações mostram as características de uma experiência transnacional e temporária, que finaliza ou não com o regresso para o Brasil, ou que se repete por ser uma estratégia dentro de um fenômeno migratório circular de migrantes com identidades que não são compostas por uma origem étnica única.

Por último, compreende-se nas análises que a crise econômica mundial de 2008 atingiu principalmente os imigrantes *nikkei* terceirizados no Japão (Fackler, 2009; Masters, 2009). Dentro desse quadro torna-se evidente a falta de uma política governamental, que vise aos direitos dos trabalhadores terceirizados, legalmente diferenciados dos japoneses. Como reação constata-se nesse período o regresso inesperado de quase 100,000 migrantes nipo-brasileiros do Japão para o Brasil. Apesar da vulnerabilidade desses imigrantes no Japão ser notável e visível nas notícias internacionais e mesmo nos relatos dos informantes da pesquisa, constata-se que apenas uma minoria desses imigrantes regressa para o Brasil com assistência do pacote

de “auxílio” do governo japonês. Tal resultado mostra que a maior parte dos imigrantes partem para o Brasil com recursos financeiros próprios.

Com relação à construção e percepção da identidade na migração de “retorno” deve-se levar antes de mais nada em consideração as implicações das generalizações dos resultados, quando refletem apenas as áreas onde emergem os enclaves étnicos, conhecidas como *Little Brazil* no Japão. Nota-se, principalmente, que os imigrantes que sentem uma determinada afinidade com os elementos da identidade japonesa não procuram enfatizar em público os elementos culturais da identidade brasileira. Apesar de se tornar claro nas esferas das relações sociais entre os japoneses e imigrantes nipo-brasileiros que as diferenças nas identidades se manifestam através da cultura, pode-se dizer que a identidade desses nipo-brasileiros não é fixa e imutável, uma vez que as identidades desses imigrantes possuem afiliações distintas, sobretudo, por terem como origem um quadro histórico baseado em duas culturas diferentes. Nesse sentido, a identidade se revela como uma entidade continuamente em construção, dado que, em conexão com outros nipo-brasileiros, ou brasileiros sem ascendência, o discurso de como ela se constrói varia. Esse resultado põe às claras, que a identidade também atua como uma entidade estratégica (Lesser, 2007), como se observa no “retorno” mesmo entre os descendentes que não sentem afinidade com a identidade japonesa, mas que apesar disso utilizam os vínculos sanguíneos para poderem migrar legalmente para o Japão, onde permanecem por um determinado espaço de tempo. Quer dizer, que a identidade adotada nas diferentes situações reflete a preferência entre as alternativas, que correspondem aos elementos do quadro histórico e cultural do indivíduo em questão, mostrando que a identidade oscila por causa dessas afiliações dentro do contexto das relações sociais.

Ademais, também se constata diferenças notáveis de como os imigrantes constroem a identidade no Japão, mesmo que compartilhem no “retorno” a mesma origem. Ora, sem dúvida, mesmo dentro de um grupo étnico haverá diferenças, seja em atitudes, ou em valores culturais (Eriksen, 1993: 143), posto que cultura é apenas um elemento na composição da identidade individual, e não um uniforme que se compartilha por igual, apesar de terem costumes e normas em comum. Assim, chama-se a atenção para o fato de que qualquer construção identitária depende da interpretação individual, de como essa entidade olha e reage nas relações sociais ao contexto e à sociedade dominante. Dentro desses parâmetros, constata-se na pesquisa a configuração de dois cenários em torno da construção dos elementos culturais que compõem e constroem a identidade. De um lado, um grupo que sente uma

determinada afinidade com os elementos culturais da identidade japonesa, e que procura se adaptar ao contexto mostrando atitudes e esforços voltados à integração. Tal resultado mostra os esforços de uma proporção de nipo-brasileiros que evitam conscientemente salientar as diferenças culturais em público, a fim de não chamarem a atenção negativa e serem estigmatizados como *gaijin* (estrangeiros). Essa é uma estratégia consciente, e proposital, que os diferencia também de outros conterrâneos que enfatizam a identidade brasileira no Japão.

Dentre os japoneses entrevistados foi possível estabelecer que a percepção que eles possuem perante a identidade dos nipo-brasileiros mostra um resultado com dois indicadores. Por um lado tem-se evidências claras que uma porcentagem dos japoneses possui um determinado sentimento de afinidade com relação aos imigrantes nipo-brasileiros, sobretudo, por eles serem descendentes de japoneses. Por outro lado, tem-se também resultados que indicam que uma parte da sociedade japonesa não sente nenhuma ligação ou afinidade com esses imigrantes, apesar de serem consanguíneos. Um resultado similar também se constata entre alguns dos informantes nipo-brasileiros com relação aos japoneses, apesar de serem exceções nesta pesquisa.

Pode-se dizer no entanto que os resultados mostram um quadro mais diversificado e também positivo sobre as percepções dos imigrantes após terem migrado, independentemente de quererem ou não permanecer no Japão. Fica então claro que as generalizações acadêmicas não fazem sempre jus às condições específicas de vida dos migrantes por não abrangerem todas as facetas desse processo.

Ademais, a meta neste estudo não é dizer se esses imigrantes são japoneses ou brasileiros, posto que eles reagem de maneiras diferentes nas relações sociais. Antes de mais nada, deve-se compreender que a identidade é nesses casos uma entidade composta por elementos culturais diferentes, os quais não podem ser divididos em partes, por exemplo, 30% japoneses e 70% brasileiros. As contradições nas construções da identidade continuam dentro das esferas de intercâmbio, mesmo após o choque do encontro étnico. São exatamente essas contradições nas falas dos informantes que, de acordo com a pessoa com quem falam, mostram a construção da identidade dos nipo-brasileiros como sendo uma entidade ambivalente, mutável por ser composta no seu passado por elementos que refletem aspectos de origens diferentes, atuando assim como entidade dinâmica e estratégica.

Um outro foco nesta pesquisa é de como esse processo migratório afeta e interage na estrutura familiar e no futuro dessas duas gerações de imigrantes. Principalmente, quando os

pais se deparam com o dilema em torno da escolha do ensino que se deva proporcionar aos filhos, que nesta pesquisa são na sua maioria nascidos no Japão. Um dilema que leva famílias de imigrantes a procurarem novas opções de futuro para os filhos. Pais nipo-brasileiros optaram por enviar os filhos para o Brasil para serem educados pelos familiares fora do Japão (Van Rompay-Bartels, 2010: 607). Essas crianças se juntam aos membros da família no Brasil, onde podem estudar e crescer com a língua e a cultura brasileira. Para os pais essa opção fortifica o sonho do regresso e da estada temporária no Japão enquanto eles continuam trabalhando para atingir a quantia almejada, a fim de regressarem capitalizados ao Brasil. Dentro das opções no Japão, constata-se que apenas uma minoria das famílias desta pesquisa opta por uma escola brasileira localizada em outra cidade, uma vez que Kandatsu não tem esse tipo de escola. A maior parte das famílias prefere escolher o ensino das escolas públicas japonesas, localizadas perto de suas casas. Sem dúvida, essa é uma decisão que está relacionada por um lado à incerteza perante o futuro, de não se ter ideia se a família irá ou não ficar no Japão. Por outro lado, as motivações dessas famílias de imigrantes mostram que os motivos principais por terem optado pelo ensino público japonês foram as diferenças nos preços, na qualidade, assim como na distância das escolas brasileiras disponíveis.

No sistema educacional japonês, entretanto, a aquisição da proficiência do idioma japonês torna-se um desafio para essa segunda geração de imigrantes, sobretudo, para os filhos que não se inserem desde o início no ensino japonês, mostrando assim dificuldades provenientes da falta de base na língua e na cultura. Esses são os casos que sugerem a indicação de uma probabilidade maior de deserção entre esses jovens. Um quadro preocupante no trajeto da pesquisa é que essa questão não é tão simples. Se, por um lado os pais não conseguem dar o auxílio necessário aos filhos, por não terem o conhecimento e nem a experiência no ensino japonês para poder assisti-los, por outro lado, o problema é maior ainda, sobretudo, quando se constata, que os pais possuem expectativas que nem sempre são compatíveis com a realidade dos filhos. Partem da presunção de que os filhos conseguem ter um bom desenvolvimento escolar por serem jovens e por terem aprendido a falar japonês. Entretanto, aprender a falar o idioma japonês não significa também que tenham o mesmo desenvolvimento no aprendizado da escrita e leitura dos caracteres. Assim como ir à escola não significa literalmente que eles estejam aprendendo. Ainda mais, quando se pode dizer que os dados nas análises indicam que as escolas japonesas não estão preparadas para lidar de forma adequada com a inserção dos filhos de imigrantes nipo-brasileiros no ensino japonês,

principalmente, quando eles possuem a desvantagem de terem um conhecimento limitado no idioma japonês. Quando essa segunda geração se encontra nessa situação, torna-se visível a reação não só de alienação e marginalização desses jovens, como também da manifestação da identidade adversa à sociedade dominante e/ou a revolta contra os pais. É o caso de três jovens que desertaram o ensino japonês. Esse é um resultado que expõe também o contexto no qual se desenvolve uma parte da segunda geração de imigrantes, que provavelmente terá a tendência, caso permaneçam no Japão, de serem o novo fluxo de trabalhadores nas áreas, que não exigem a qualificação de mão de obra. Essa é uma parte da segunda geração de imigrantes, que não domina adequadamente o idioma japonês, nem o português. Apesar disso, as evidências mostram que, mesmo com uma base fraca na língua portuguesa, esses filhos de imigrantes estão aptos a ler nesse idioma. Assim como muitos imigrantes da primeira geração, esses são os filhos de imigrantes que utilizam a mídia transnacional no Japão para conseguir acompanhar os acontecimentos no país. Nesse sentido, o papel da mídia transnacional não se limita aos imigrantes da primeira geração, uma vez que ela alcança também os filhos que estudam nas escolas brasileiras, ou aqueles que possuem uma base nesse idioma. Essa é a segunda geração que busca informações no idioma português por não conseguirem ler japonês.

Observa-se na pesquisa diferentes resultados em torno da integração dos filhos de imigrantes no ensino. Torna-se óbvio que esse processo de integração é menos difícil para os filhos de imigrantes que não possuem conflitos em torno da identidade. Esses são os que possuem o fenótipo, o nome japonês, e que se tornaram nativos na língua japonesa. As atitudes dos filhos desses imigrantes mostram que a construção da identidade é voltada para a japonesa. Essa é a segunda geração de imigrantes, que na sua maioria se distancia conscientemente das diferenças culturais associadas à identidade brasileira.

Para os mestiços e filhos de imigrantes com nomes estrangeiros, isso não é uma opção. A conscientização de serem diferentes dos japoneses, ou seja, de serem estrangeiros, *gaijin*, predomina como reação. Esses mestiços apresentam dificuldades maiores de integração no ensino japonês. De acordo com os dados, a probabilidade dessa segunda geração de imigrantes ter conflitos em torno da identidade é maior, principalmente, por causa do fenótipo mestiço ou por terem determinadas diferenças culturais. Esses conflitos expõem um resultado de marginalização, alienação e mesmo de *ijime (bullying)*, ocorrências que levam essa segunda geração de imigrantes a idealizar o sonho de um futuro melhor, sobretudo, fora do

Japão. São essas reações que mostram que ainda não está claro como o futuro dessa segunda geração irá tomar forma.

Afinal, a pergunta é como a segunda geração de imigrantes, de forma geral, irá se desenvolver no ensino, posto que, independente do fenótipo e da cultura, se inserir e continuar no ensino japonês não é garantia de futuro e nem de aprendizado, uma vez que não existe o sistema de repetição no Japão até o final do ensino médio. O futuro dessa segunda geração depende dos resultados de como esses jovens irão desenvolver a habilidade no idioma falado, mas sobretudo escrito e lido. Somente assim essa segunda geração estará apta e adequadamente preparada para poder competir com os japoneses. Caso isso ocorra, poderá se afirmar que o fenômeno do “retorno” se consolidará para essa segunda geração. Apesar de se compreender que para as famílias que optaram pelo ensino dos filhos na escola privada brasileira ou pelo ensino no Brasil, essas escolhas mostram probabilidades e perspectivas de se tratar mais de um fenômeno de migração circular.

Para os imigrantes da primeira geração pode-se dizer que a obtenção do contrato fixo no decorrer dos anos proporcionou um senso de estabilidade econômico-financeira e de perspectiva de futuro no país, apesar de a metade desses imigrantes ainda continuar planejando o regresso para o Brasil. Nota-se que para a outra metade, o contrato fixo passou a simbolizar o sonho de se conseguir ter uma vida melhor no Japão. Esse resultado se constata de fato, quando os imigrantes decidem se fixar no Japão. É através dos contratos permanentes, que os imigrantes passam a ter a possibilidade de emprestar dinheiro do banco para financiar o sonho da casa própria. Com suas economias de anos de trabalho duro, essas famílias decidem sair de seus pequenos apartamentos alugados, para realizarem o sonho da casa própria, agora, nas áreas das redondezas de Kandatsu no Japão.

Um outro ponto que cabe ressaltar é o fato de a migração de “retorno” dos nipo-brasileiros para o Japão não ser uma migração homogênea. Ao contrário dos resultados mencionados na literatura, constata-se aqui que a maior parte dos imigrantes, independentemente de idealizarem ou não o regresso para o Brasil, menciona ter um sentimento positivo perante a experiência migratória, mesmo após o choque cultural. Constata-se também casos individuais de imigrantes com uma percepção negativa do país e da experiência migratória. De qualquer forma é importante compreender que esses resultados mostram que se deve debater também sobre a heterogeneidade dos imigrantes envolvidos no

processo migratório, mostrando resultados menos generalizados, a fim de poder “enxergar” as diversas motivações intrínsecas que fazem parte da vida desses imigrantes.

Além do mais, em qualquer investigação há limitações e implicações que devem ser levadas em consideração para futuras pesquisas. É também o caso deste trabalho, que foi desenvolvido, principalmente, com uma abordagem qualitativa e com o estudo de casos múltiplos. Essa perspectiva de investigação permite que se analise em detalhe e profundidade os indivíduos que fazem parte da migração do fenômeno do “retorno”. Resultados que propõem aspectos sobre a vida dos imigrantes da primeira e segunda geração a serem investigados em outros contextos e/ou com outros métodos. Assim, algumas limitações devem ser reconhecidas. Uma limitação que pode influenciar o resultado é o fato de a pesquisa ter sido conduzida numa área que não é caracterizada pela brasilidade no Japão. É interessante considerar a possibilidade de se realizar uma pesquisa semelhante numa outra área de imigrantes no Japão, dado que os resultados podem ser diferentes, ou não. Logo, generalizações exigem considerações dos acadêmicos, por causa da diversidade das características e motivações dos imigrantes envolvidos neste fenômeno, que não é homogêneo nem mesmo nas áreas de alta concentração. Acadêmicos devem levar em consideração um experimento semelhante para se ter uma melhor compreensão do fenômeno da migração de “retorno” e de como a identidade e o transnacionalismo se constroem entre os imigrantes.

Futuras pesquisas devem também explorar o desenvolvimento do quadro da segunda geração de imigrantes nipo-brasileiros no Japão, de como será o desenvolvimento da identidade e da integração dos mestiços e dos que possuem o fenótipo japonês, sobretudo, após encerrarem os estudos do ensino médio, a fim de se estabelecer os imigrantes da segunda geração que conseguirão se desenvolver, a fim de concorrerem academicamente e profissionalmente com os japoneses no Japão. Ora, a pergunta é se eles conseguirão, diferentemente dos pais, obter a mobilidade socioeconômica no país. Ou, ao contrário, se essa segunda geração se tornará o novo fluxo de trabalhadores, que assim como os pais exercem os trabalhos que não exigem a qualificação de mão de obra.

É interessante acompanhar o desenvolvimento das transformações na economia japonesa, que sob as mais diversas formas, está diante de um desafio, por ter no momento a maior população mundial acima dos sessenta e cinco anos de idade¹²⁴ (*Statistical Research and*

¹²⁴ <http://www.stat.go.jp/english/data/kokusei/pdf/20111026.pdf>

Training Institute).¹²⁵ Devido ao aumento rápido da população inativa no Japão, tem-se uma prognose sombria e ainda mais crítica para o futuro do país, no que diz respeito a manter a sua posição econômica como a terceira economia mundial. Dentro desse contexto, acadêmicos devem procurar analisar como a política japonesa em torno da imigração se desenvolverá nos próximos anos. Em particular, em torno dos *nikkei*, por serem um fluxo de trabalhadores jovens e consanguíneos, num país com um forte declínio da população ativa, que visa sobretudo à “homogeneidade” da raça japonesa. Assim, qual será o papel que os imigrantes da segunda geração irão exercer dentro da sociedade japonesa no decorrer do desenvolvimento da economia japonesa nos próximos anos? Dentro desse contexto é interessante investigar os tipos de medidas que serão adotadas pelas instituições não governamentais assim como pelo governo japonês para facilitar o desenvolvimento dessa segunda geração de imigrantes no país.

¹²⁵ Com autorização da fonte.

Bibliografia

- Adachi, Nobuko. 2001. "Japanese Brazilians: The Japanese Language communities in Brazil." In *Diaspora, Identity and Language Communities*, Studies in the Linguistic Sciences 31:1, spring, 161-178.
- Adachi, Nobuko. 2006. "Constructing Japanese Brazilian identity; from agrarian migrants to urban white-collar workers." In *Japanese Diasporas: unsung pasts, conflicting presents, and uncertain futures*, Adachi Nobuko, ed. London; New York: Routledge, xvii, (Routledge studies in Asia's transformations, 11), 102-120.
- Akashi, Junichi and Kobayashi, Masao. 2010. "Impacts of the global economic crisis on migrant works in Japan."
http://www.smc.org.ph/misa/uploads/country_reports/1285918119.pdf
- Aoki, Alessandro e de Lima, Maria das Graças. 2011. "Os Japoneses e a Teicultura no município de Registro: A paisagem como resultado de um processo migratório." Em *Geografia* (Londrina), Londrina, V. 20, n.º2, maio/ago., 129-150.
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/7827/10651>.
- Arango, Joaquin. 2000. "Explaining Migration: A critical View." In ISSJ. 165/2000. Oxford, MA: Published by Blackwell Publishers, 283-296.
- Baarda, Ben. 2010. *Research: This is it! Guide to quantitative and qualitative research*. Groningen: Noordhoff Uitgevers.
- Bacallao, M. and Smokowski, P. 2007. "The Costs of Getting Ahead: Mexican family System Changes after Immigration". In *Family Relations*, vol. 56, 52-66.
- Baubóck, Rainer e Faist Thomas. 2010. *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Baumann, Gerd. 1999. *The Multicultural Riddle: Rethinking National, Ethnic, and Religious Identities*. New York: Routledge.
- Bernard, H. Russell. 2002. *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches*. Third edition. Walnut Creek: Alta Mira Press.
- Blackstone, Samuel. 2012. "Anti-Immigrant Sentiment in Greece is Growing Steadily Worse." In *Business Insider*, September 1st, 2012. Acesso em 27 de outubro de 2012.

- Bourdieu, P. and Wacquant, L. 1992. *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Brettell, C. 2003. *Anthropology and Migration: Essays on Transnationalism, Ethnicity, and Identity*. Walnut Creek: Altamira Press.
- Brightwell, Graça. 2010. “Saboreando o Brasil em Londres: Comida, Imigração e Identidade.” *Travessia – Revista do Migrante*, nº 66 – Janeiro - Junho/2010.
- Burke, P. 2003. *Hibridismo Cultural* (Cultural Hybridity, Cultural Exchange, Cultural Translation: Reflections on History and Theory). São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Brubaker, Rogers. 1998. “Migrations of Ethnic Unmixing in the New Europe”. In *International Migration Review* 32 (4): 1047-1065.
- Canclini, N. García. 2003. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Capuano de Oliveira, A. 1999. “Repensando a Identidade Dentro da Emigração Dekassegui.” Em *Cenas do Brasil Migrante*, Rossana Rocha Reis e Teresa Sales, eds. São Paulo: Editorial Boitempo, 257-307.
- Cardoso, Ruth C. 1995. *Estrutura Familiar e Mobilidade Social. Estudos dos Japoneses no Estado de São Paulo*, São Paulo: Primus Comunicação.
- Cassarino, Jean-Pierre. 2004. “Theorising Return Migration: The Conceptual Approach to Return Migrants Revisited.” In *International Journal on Multicultural Societies* (IJMS). Vol. 6, No.2: 253-279.
- Castles, Stephen. 2004. “The factors that Make and Unmake Migration Policies.” In *International Migration Review*, 38 (3): 852-885.
- Castles, Stephen, and Miller, Mark J. 2009. *The Age of Migration: International Population movements in the Modern World*. Fourth Edition. New York: Guilford Press.
- Challen, Paul. 2010. *Migration in the 21st Century: How Will Globalization and Climate Change Affect Migration and Settlement?* New York: Crabtree Publishing Company.
- Chamberlain, Mary. 2007. *Narratives of Exile and Return*. New Brunswick: Transaction Publishers.
- Chambers, Iain. 1994. *Migrancy, Culture and Identity*. London: Routledge.

- Clifford, J. 1994. "Diasporas". In *Cultural Antropology*, 9(3): 302-338.
- Cohen, R. 1996. "Diasporas and the nation-state: From victims to challengers". In *International Affairs*, 72(3), 507-520.
- Conway, D. and J. Cohen. 1998. "Consequences of Migration and Remittances for Mexican Transnational Communities." *Economic Geography* 74(1): 26-44.
- Conway, Dennis e Potter, Robert B. 2009. *Return migration of the next Generations: 21st Century Transnational Mobility*. Aldershot and Burlington: Ashgate Publishing Company.
- Cook-Martín, D. e Viladrich, A. 2009. "Imagined Homecomings: The problem with Similarity among Ethnic Return Migrants in Spain". In *Diasporic Homecomings: Ethnic Return Migration in Comparative Perspective*, Takeyuki Tsuda, ed. Stanford: Stanford University Press, 133-158.
- Costa, Sérgio. 2008. "Imigração no Brasil e na Alemanha: contextos, conceitos, convergências". *Ciências Sociais Unisinos*, número maio-agosto, vol. 44, n. 002, 105-118.
- CRN Japan. 2009. Koseki - Introduction to the *Koseki* Family Registration System in Japanese Law. *CRN Japan*, June 25, 2009. Acesso em 7 de novembro de 2010.
- Czerwonka, Michal. 2012. "Immigration and Emigration". *New York Times*, novembro 2012. Acesso em 12 de novembro de 2012.
- De Prins B., Stols E. e Verberckmoes J. *et al.* 2001. *Brazil: Cultures and Economies of Four Continents*. Leuven: Acco.
- DiversiPro Inc. 2007. Research on Settlement Programming Through the Media Final Report. http://www.settlement.org/downloads/atwork/Research_on_Settlement_Programming_Through_the_Media.pdf.
- Douglas, M. and Glenda S. R. 2000. "Japan in a Global Age of Migration". In *Japan and Global Migration: Foreign Workers and the Advent of a Multicultural Society*, Mike Douglas and Glenda S. Roberts, eds. London: Routledge, 3-37.
- Dustmann, Christian and Weiss, Yoram. 2007. "Return Migration: Theory and Empirical Evidence from UK". In *British Journal of Industrial Relations*, 45:2, June 0007-1080, 236-256.

- Dos Santos, Mauro; Barbieri, Alisson F. De Carvalho, Jose A.M. e Machado Carla J. 2010. "Migração: Uma Revisão sobre Algumas das Principais Teorias." 18p. (Texto para Discussão; 398. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar.
- Eriksen, T. Hylland. 1993. *Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives*. London: Pluto Press.
- 1998. *Common Denominators: Ethnicity, Nation-Building and Compromise in Mauritius*. Oxford: Editorial Berg.
- Faist, Thomas. 2000. *The volume and dynamics of international migration and transnational Social Spaces*. Oxford: Clarendon Press.
- 2000a. "Transnationalization in international migration: implications for the study of citizenship and culture". In *Ethnic and Racial Studies*, 23(2), 189- 222.
- Faist, T, Gerdes J. and Rieple B. 2007. "Dual Citizenship as a Path-Dependent Process". In *Rethinking Migration: New Theoretical and Empirical Perspectives*, A. Portes and J. DeWind eds. New York: Berghahn Books.
- Faist, Thomas. 2010. "Diaspora and Transnationalism: What kind of dance partners?" In *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*, Rainer Bauböck and Thomas Faist, eds. Amsterdam: Amsterdam University Press, 9-34.
- Fackler, Martin. 2009. "In Japan, New Jobless May Lack Safety Net". *The New York Times*, February 7, 2009. Acesso em novembro de 2011.
- Foner, N. Rumbaut, R. G., Gold, S. 2003. *Immigration Research for a New Century: Multidisciplinary Perspectives*. New York: Russell Sage Foundation.
- Fukasawa, M. 2002. *Um Mundo Paralelo: A vida da comunidade brasileira de Oizumi, Japão*. São Paulo: Editora Topbooks.
- Garcia-Diaz, N. 2006. "Foreign workers in Japan: a look at Japanese cultural perspectives regarding Nikkeijin" [status of Brazilian Japanese immigrants residing and working in Japan], in: *Japan Studies Review* (Miami, FL) 10, 107-127.
- Geraldo, Endrica. 2009. "O combate contra os 'quistos étnicos': identidade, assimilação e política imigratória no estado Novo." Em *Revista de história*, vol. 15, 171-187.

- Ghorashi, Halleh. 2003. *Ways to Survive, Battles to Win: Iranian Women Exiles in the Netherlands and United States*. New York: Nova Science.
- Gillham, Bill. 2000. *Developing a Questionnaire*. London: Continuum.
- Glick Schiller, N., Basch, L, e Blanc-Szanton, C. 1992. "Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration". In *Annals of the New York Academy of Science*, 645, 1-24.
- Glick Schiller, Nina, Linda Basch, and Cristina Szanton Blanc. 1995. "From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration." *Antropological Quarterly*, vol.68. No.1 (Jan.): 48-63.
- Glick Schiller, Nina. 1997. "The situation of Transnational Studies." In *Identities* 4, 155-166.
- Glick Schiller, Nina. 1999. "Transmigrantes and Nation States; Something Old and Something New in the U.S Immigrant Experience." In *Handbook of International Migration: The American Experience*, Charles Hirschman, Philip Kasinitz, and Josh DeWind, eds. New York: Russel Sage, 94-119.
- Gmelch, George. 1980. "Return Migration." In *Annual Review of Anthropology*, Vol. 9, 135-159.
- Gmelch, George. 1992. *Double Passage: the lives of Caribbean Migrants Abroad and Back Home*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Guarnizo L. E., Portes, A.; Haller. W. 2003. "Determinants of Transnational Political Action among Contemporary Migrants". In *American Journal of Sociology*. vol. Vol. 108, No. 6(May 2003): 1211-1248.
- Guarnizo Luis E. 2003. "The economics of Transnational Living". In *International Migration Review*, vol. 37 (3), September, 666-699.
- Hall, Stuart. 1990. "Cultural Identity and Diaspora." In *Identity: Community, Culture, Difference*, Jonathan Rutherford ed. London: Lawrence and Wishart, 222-237.
- Hall, Stuart. 2009. *Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais*, Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Handa, Tomō. 1987. *O Imigrante Japonês: História da sua vida no Brasil*, São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

- Hashimoto, F. 1995. *Sol Nascente no Brasil: Cultura e Mentalidade*, Coleção Universidade Aberta. Vol. 08, São Paulo: HVF Arte & Cultura: CERED/UNIP.
- Hendry, J. 2003. *Understanding Japanese Society*. Third Edition. London: Routledge Curzon.
- Higuchi, N.; Tanno, K. 2003. “What’s driving Brazil-Japan migration? The making and remaking of the Brazilian niche in Japan.” In *International Journal of Japanese Sociology* (Tōkyō) no.12 (Nov): 33-47.
- Hirabayashi Lane R. Kikumura-Yano A. e Hirabayashi James A. 2002. “The Impact of Contemporary Globalization on Nikkei Identities.” In *A New World, New Lives: Globalization and People of Japanese Descent in the Americas and from Latin America in Japan*, Hirabayashi Lane R. Kikumura-Yano A. e Hirabayashi James, eds. Stanford: Stanford University Press, 19-27.
- Hirata Ferreira, R. 2001. “O papel do estado na migração internacional: o exemplo dos dekasseguis”, em *Scripta Nova: revista eletrônica de geografia y ciencias sociales*. Universidade de Barcelona [ISSN 1138-9788] n°94 (57), agosto,1-16.
- International Press. 2010. “Nova Lei de *haken* aguarda votação no Parlamento”. *IPC Digital* de 27 de maio de 2010. Acesso no dia 22 de setembro de 2010.
- Ishi, Angelo, 2002. “Esunikku media to sono yakuwari – zainichi Burajirujin muke Porutogarugo media no jirei kara” (a mídia étnica e o seu papel: o caso da mídia étnica em português para o brasileiros no Japão). In *Kokusai shakai*, Miyajima Takashi and Kanō Hiromasa eds. Vol. 2. Tōkyō: Tōkyō Daigaku Shuppankai, 169-199.
- 2003. “Searching for home, wealth, pride, and ‘class’: Japanese Brazilians in the ‘land of yen’.” In *Searching for home abroad: Japanese Brazilians and transnationalism*, Jeffrey Lesser, ed. Durham: Duke University Pres, 75-102.
- Ishikawa, Eunice. 2006. “Kazoku wa kodomo no kyōiku ni dō kakawaruka” (Como as famílias influenciam na educação dos filhos). In *Kosodate shitsuke* (Educação das Crianças), Hirota, T. ed. Tōkyō: Nihon Tosho Center, 290-303.
- 2007. “Shingaku wo hatashita nikkei burajirujin no wakamono no gakkō keiken” (Jovens nipo-brasileiros que entraram na ensino superior e as suas experiências nas escolas). In Takamichi Miyajima ed., *Gaikokujin jidō seito no shūgaku mondai to kazoku haikai to shūgaku shien nettowāku no kenkyū* (Pesquisa sobre o relacionamento entre as famílias estrangeiras e o problema da educação dos filhos no

- Japão e o apoio na rede social). Kagaku kenkyūhi. Tōkyō: Japanese Ministry of Education, Culture, Sport, Science and Technology, 75-87.
- . 2009. “The Return of Japanese-Brazilian Next Generations: Their Post-1980s Experiences in Japan.” In *Return Migration of The Next Generations: 21st Century Transnational Mobility*, Dennis Conway and Robert Potter, eds. Aldershot and Burlington: Ashgate Publishing.
- Jansen, Marius B. 2000. *The Making of Modern Japan*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Kajita, Takamichi. 1994. *Gaikokujin rōdōsha to Nihon* (O Japão e os trabalhadores estrangeiros). Tōkyō: NHK.
- Kashiwazaki, Chikako and Akaha Tsuneo. 2006. “Japanese immigration policy: Responding to conflicting pressures.” In *Migration Information Source*, November 2006. Acesso em 12 de outubro de 2007.
- Kawakami, I. 2001. *Ekkyō suru kazoku. Zainichi Betonamukei jūmin no seikatsu sakai*. (Famílias que atravessam as fronteiras. A vida dos residentes vietnamitas que vivem no Japão). Tōkyō: Akashi Shoten.
- King, John. 2004. *Modern Latin American Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kiyotani M. e Yamashiro J. et al. 1992. *Uma Epopeia Moderna: 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo: HUCITEC.
- Koga, Eunice I. 1995. “Kyojū no chokika to aidentiti no naiyō: Nikkei-Burajirujin no baai” (A Residência a Longo Prazo e o Conteúdo da Identidade: O Caso dos Nipo-brasileiros)’. In Takashi Miyajima, *Chiiki Shakai ni okeru Gaikokujin Rōdōsha* (O Problema do trabalhador estrangeiro nas sociedades locais: questões e realidades sobre a aceitação no Japão e em Países Europeus. Tōkyō: Ochanomizu U, 43-52.
- Koser, Khalid. 1997. “Social Networks and the Asylum Cycle: The Case of Iranians in The Netherlands.” In *International Migration Review*, 31(3): 591-611.
- Kreutz, Lúcio. 2000. “Escolas Comunitárias de Imigrantes no Brasil: Instâncias de Coordenação e Estruturas de Apoio”. Em *Revista Brasileira de Educação*, n. 15, Set./Dez, 159-176.
- Lacroix, T. 2009. “Transnationalism and development: The example of Moroccan Migrant networks”. In *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 35(10):1665-1678.

- LeCompte, Margaret; Schensul, Jean J. 2010. *Designing & Conducting Ethnographic Research: An Introduction*. AltaMira Press.
- Lee, Everett S. 1969. "A theory of migration." In *Migration*, J.A. Jackson, ed. Cambridge: Cambridge University Press, 282-297.
- Lee, Heleen. 2009. "The Ambivalence of Return: Second-Generation Tongan Returnees." In *Return Migration of The Next Generations: 21st Century Transnational Mobility*, Dennis Conway and Robert Potter, eds. Aldershot and Burlington: Ashgate Publishing.
- Lesser, Jeffrey. 1999. *Negotiating National Identity: Immigrants, Minorities, and the Struggle for Ethnicity in Brazil*, Durham: Duke University Press.
- 2000. "Negotiating National Identity: Middle Eastern and Asian Immigrants and the Struggle for Ethnicity in Brazil". In *The Center for Comparative Immigration Studies (CCIS)*, April, No 8, University of California - San Diego, 1-12.
- 2002. "In Search of the Hyphen: Nikkei and the Struggle over Brazilian National Identity". In *New Worlds, New Lives: Globalization and People of Japanese Descent in the Americas and from Latin America in Japan*, Lane L. Hirabayashi, Akemi Kikumura-Yaro e James A. Hirabayashi eds. Stanford: Stanford University Press, 37-58.
- 2003. "Japanese, Brazilians, Nikkei: A Short History of Identity Building and Homemaking." In *Searching for Home Abroad: Japanese-Brazilians and the Transnationalism*, Jeffrey Lesser, ed. Durham: Duke University Press, 5-19.
- 2007. *Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy 1960-1980*, Durham: Duke University Press.
- Levi-Strauss, Claude. 1966. *The Savage Mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- Levitt, Peggy. 2001. *The Transnational Villagers*. Berkeley: University of California Press.
- Ley, David and Kobayashi Audrey. 2005. "Back to Hong Kong: return Migration or transnational Sojourn?" In *Global Networks* 5, 2 (2005): 111-127.
- Lie, J. 2001. *Multiethnic Japan*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Linger, Daniel T. 2001. *No One Home: Brazilian Selves Remade in Japan*. Stanford: Stanford University Press.

- . 2003. “Do Japanese Brazilians Exist?” In *Searching for Home Abroad: Japanese-Brazilians and the Transnationalism*, Jeffrey Lesser, ed. Durham: Duke University Press, 201-214.
- . 2005. *Anthropology through a Double Lens: Public and Personal Worlds in Human Theory*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- MacCabe, K. Yi-Ying Lin, S. and Tanaka, H. 2009. “Pay to Go: Countries Offer Cash to Immigrants Willing to Pack their Bags.” *Migration Information Source*. Acesso em 29 de dezembro de 2010.
- Maclean, Verona. 2009. “Imigrantes recebem ajuda financeira para deixar o país”. *One World/ New York Times*, June 15, 2009. Acesso em 31 de janeiro de 2011.
- Maeda, Hitomi. 2007. *Japanese Brazilians in Japan: A Formula of assessing the Degree of Social Integration*. Ph.D. dissertation, VDM Verlag Dr. Müller.
- Maeyama, Takashi. 1979. “Ethnicity, Secret Societies, and Associations: The Japanese in Brazil”, in *Comparative Studies in Society and History*, 21:4, October, 589-610.
- . 1982. *Imin no Nihon Kaiki Undo* (O Movimento de Repatriação Japonês da Imigração). Tōkyō: NHK Books.
- . 1984. “*Burajiru Nikkeijin ni okeru esunishitei to aidenteitei: Ishikiteki seijiteki genjō to shite*” (a etnicidade e identidade de nipo-brasileiros no Brasil: Um fenômeno político-cognitivo). In *Minzokugaku kenkyū* (Pesquisa sobre Etnicidade) nº 48, 444-458.
- Månsson, Anna. 2002. *Becoming Muslim: Meanings of Conversion to Islam*. Dissertation in Anthropology, Lund University.
- Markowitz, Fran and Stefansson, Anders H. 2004. *Homecomings: Unsettling Paths of Return*. Lanham: Lexington Books.
- Marsella, J. Anthony and Ring, Erin. 2003. “Human Migration and Immigration: An Overview.” In *Migration: Immigration and Emigration in International Perspective*, Leonore L. Adler and Uwe P. Gielen, eds. Westport: Praeger Publishers, 3-22.

- Massey, D., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., Taylor, J. 1993. "Theories of International Migration: a Review and Appraisal", in *Population and Development Review*, vol. 19, n.3, (sep., 1993): 431-466.
- Massey, D., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., Taylor, J. 1998. *Worlds in motion: Understanding international migration at the end of the millennium*. Oxford: Oxford University Press.
- Massey, D., Alarcon, R., Durand, J., Gonzalez, H. 1987. "The Social Organization of Migration." In *Return to Aztlan: The Social Process of International Migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press, 139-171.
- Massey, D., S. 1990. "Social Structure, household strategies, and the cumulative causation of migration." In *Population Index* 56 (1): 3-26.
- Massey, D., Palloni A., Ceballos M., Espinosa K., e Spittel M. 2001. "Social Capital and International Migration: A test Using Information on Family Networks." In *The American Journal of Sociology*, Vol. 106, No. 5. (Mar., 2001): 1262-1298.
- Massey, D., Durand, J. and Malone, N. 2003. *Beyond Smoke and Mirrors: Mexican Immigration in an era of Economic Integration*. New York: Russell Sage Foundation.
- Massey, D., M. Fischer and C. Capoferro. 2006. "International Migration and Gender in Latin America: A Comparative Analysis." In *International Migration* 45(5): 63-91.
- Masters, Coco. 2009. "Japan to Immigrants: Thank You But You Can Go Home Now". *Time World*, April 20, 2009. Acesso outubro de 2012.
- Martin, Philip. 2009. "The Recession and Migration: Alternative Scenarios". Unpublished Paper. <http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs/wp13-martin-fr-page>.
- Merriam, Sharan B. 2002. *Qualitative Research in Practice: Examples for discussion and analysis*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Ministério da Educação do Brasil. 2007. CNE Conselho Nacional de Educação. <http://portal.mec.gov.br>.
- Ministério da Educação do Brasil. 2013. CNE Conselho Nacional de Educação, <http://portal.mec.gov.br> (Escolas Brasileiras em processo de homologação no Japão). <http://www.brasemb.or.jp/portugues/community/school.php>.

- Ministry of Justice. 2010. *Kokuseki betsu gaikokujin tōrokusyasu no suii*. 国籍（出身地）別外国人登録者数の推移 [Número de estrangeiros registrados em transição] acesso em 27 de outubro de 2010. <http://www.moj.go.jp/content/000049970.pdf>
- Ministry of Justice. 2011. *Kokuseki betsu gaikokujin tōrokusyasu no suii*. 国籍（出身地）別外国人登録者数の推移 [Número de estrangeiros registrados em transição] acesso em 19 de fevereiro de 2012. <http://www.moj.go.jp/content/000077401.pdf>.
- Ministry of Justice. 2012. *Kokuseki betsu gaikokujin tōrokusyasu no sui*. 国籍（出身地）別外国人登録者数の推移 [número de estrangeiros registrados no Japão]（平成23年末現在における外国人登録者数）acesso em 15 de novembro de 2012 <http://www.moj.go.jp/content/000098590.pdf>
- Monbushō Ijime Mondai Kenkyūkai. 1997. *Ijime mondai kara gakkō o kaeru: Ijime mondai shitsugiōtō*. (As mudanças nas escolas por causa do problema do *bullying*: o debate) Tōkyō: Daiichi Houki.
- Monbushō Shotō Chūtō Kyōikukyoku-chō. 1994. *Ijime no mondai ni tsuite tōmen kinkyū ni taiō subeki ten ni tsuite*. (Os pontos a serem tratados com urgência com relação à questão do *bullying*). Dezembro. Anexo II.
- Mori, Edson. 2002. “The Japanese-Brazilian *Dekasegi* Phenomenon: An Economic Perspective”. In *New Worlds, New Lives: Globalization and People of Japanese Descent in the Americas and from Latin America in Japan*, Lane L. Hirabayashi, Akemi Kikumura-Yaro e James A. Hirabayashi, eds. Stanford: Stanford University Press, 237-248.
- Mori, Koichi. 1992. “*Burajiru kara no Nikkeijin ‘Dekasegi’ no Suii*” (As mudanças nos *Dekasegi* Nipo-brasileiros do Brasil). *Ijyū kenkyū* (Pesquisa sobre migração) 29, 144-164.
- Morita, Yohji. 2002. “Violência na Escola: Uma abordagem japonesa”. Em Eric Debarbieux e Catherine Blaya (Orgs.) *Violência nas escolas e Políticas Públicas*. Brasília: Unesco, 93-136. http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/ue000092.pdf
- Murphy-Shigematsu, Stephen. 2000a. *The Voices of Amerasians: Ethnicity, Identity, and Empowerment in Interracial Japanese Americans*. Dissertation in Education. Harvard University.

- . 2000b. “Identities of Multiethnic People in Japan”. In *Japan and Global Migration: Foreign Workers and the Advent of a Multicultural Society*, Mike Douglas and Glenda S. Roberts, eds. London: Routledge, 196-216.
- Naito, Takashi e Giele, Uwe. 2005. “Bullying and Ijime in Japanese Schools”. In *Violence in Schools*, Naito and Gielen, eds. New York: Springer, 169-190.
- Ninomiya, Masato. 2002. “The *Dekasegi* Phenomenon and the Education of Japanese Brazilian Children in Japanese Schools”. In *New Worlds, New Lives: Globalization and People of Japanese Descent in the Americas and from Latin America in Japan*, Lane L. Hirabayashi, Akemi Kikumura-Yaro e James A. Hirabayashi, eds. Stanford: Stanford University Press, 249-260.
- Nogueira, Arlinda Rocha. 1973. *A Imigração Japonesa para a Lavoura Cafeeira Paulista 1908-1922*. São Paulo: Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros - USP.
- . 2000. “Japanese Immigration in Brazil”, *Diogenes*, No.191, Vol. 48/3, ICPHS, 45-55.
- Nojima, Toshihiko. 1989. “*Susumetai nikkeijin no tokubetsu ukeire*” (a proposta da admissão especial de nipo-brasileiros). In *Gekkan jiyu minsu*, nov., 92-99.
- Ōkōchi, Kazuo. 1952. *Reimeiki no Nihon Rōdō Undō* (O movimento da mão de obra no Japão e a sua origem), Tōkyō: Iwanamo Shoten.
- Oliven, Ruben George. 1992. *A Parte e o Todo: A diversidade Cultural no Brasil – Nação*. Petrópolis: editora Vozes.
- Oliveira, Adriana Capuano. 1998. “Japanese in Brazil or Brazilian in Japan? The Identity Issue Inside of a Migratory Context”. Paper presented at the Conference Cultural Encounters Between Latin America and The Pacific Rim. March 6-7. University of California.
- Olwig, Karen F. and Hastrup, Kirsten. 1997. *Siting Culture: The Shifting Anthropological Object*. London: Routledge.
- Patarra, Neide L. 2006. “Migrações Internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais”, em *Estudos Avançados*, 20(57): 7-24.
- Peixoto, João. 2004. “As teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas” edited *Socius Working Papers*, Universidade Técnica de Lisboa, Nº 11/2004, 1-36.

- Portes, Alejandro and Rumbaut, R. G. 2001. *Legacies: The story of Immigrant Second Generation*. Berkeley, CA: University of California Press e Russell Sage Foundation.
- Portes, Alejandro and Rumbaut, R. G. 2006. *Immigrant America: a Portrait*. Third Edition Berkeley, CA: University of California Press.
- Portes, Alejandro and De Wind, Josh. 2008. *Rethinking Migration: New Theoretical and Empirical Perspectives*. New York: Center for Migration Studies of New York.
- Poutignat, Philippe, and Jocelyne Streiff-Fenart. 1998. *Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Portes, Alejandro. 2001. "The Debates and Significance of Immigrant Transnationalism", in *Global Networks*, 1(3): 181-193.
- Radtke, Kurt W. 2010. "Nationalism in the Age of Globalisation: The case of East Asia". In *State, Society and International Relations in Asia: Reality and Challenges*, M. Parvizi Amineh, ed. Amsterdam: Amsterdam University Press, 51-73.
- Ravenstein, Ernest G. 1885. "The Laws of Migration", *Journal of the Royal Statistical Society*, Vol. 48, Part II, 167-227.
- 1889. "The Laws of Migration", *Journal of the Royal Statistical Society*, Vol. 52, Part II, 241-301.
- Reichl, Christopher A. 1995. "Stages in the Historical Process of Ethnicity: The Japanese in Brazil, 1908-1988." *Ethno history* 42:1, 31-62.
- Rivera-Salgado, Gaspar. 2000. "Transnational Political Strategies: The Case of Mexican Indigenous Migrants". In *Immigration Research for a New Century: Multidisciplinary Perspectives*, Nancy Foner; Rubén G. Rumbaut; Steven J. Gold, eds. New York: Russell Sage Foundation, 134-156.
- Roth, Joshua Hotaka. 1999. *Defining Communities: The Nation, the Firm, the Neighborhood, and Japanese- Brazilians Migrants in Japan*. Ph.D. dissertation, Cornell University.
- 2002. *Brokered Homeland: Japanese Brazilian Migrants in Japan*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- 2003. "Responsibility and the limits of identification: fieldwork among Japanese and Japanese Brazilian workers in Japan". In *Doing fieldwork in Japan* Bestor,

- Theodore C.; Steinhoff, Patricia G.; Bestor, Vitoria Lyon, eds. Honolulu: University of Hawaii Press, 335-351.
- Rosoli, Gianfausto. 2002. “A experiência da emigração italiana no Rio grande do Sul na literatura italiana.” *Métis: história & cultura*, jan./jun. 1(1): 95-133.
- Saito, Hiroshi. 1976. “Burajiru ni okeru nihonjin no dōka ni tsuite” (A assimilação dos japoneses na sociedade brasileira). *Ijū Kenkyū [Estudos Migratórios]* n. 12, 15-20.
- Saito, Hiroshi e Maeyama, Takashi. 1973. *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil*, São Paulo: Vozes.
- Saito, Hiroshi. 1961. *O Japonês no Brasil: Estudo de Mobilidade e Fixação*. São Paulo: Editora Sociologia e Política.
- Saito, Júlia Kubo. 1986. “Auto Estima e Auto-Conceito entre os Jovens Descendentes de Japoneses”. Em Massao Ohno, ed., *O Nikkei e Sua Americanidade*. São Paulo: COPANI, 241-255.
- Saito, Toshiaki. 1986. “Brasileiros e Japoneses, Confronto de Identidade”. Em Massao Ohno, ed., *O Nikkei e Sua Americanidade*. São Paulo: COPANI, 199-224.
- Sakurai, Célia. 2004. “De los primeros imigrantes a los dekasegui.” Em: *Cuando Oriente llevo a America: Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos*. Washington, D.C.:Publicado por el Banco Interamericano de Desarrollo, vii, 346p.,135-160.
- Sam, David L. and Berry, John W. 2006. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sasaki, Elisa Massae. 1999a. “Estrangeiros residentes no Japão: dados do Ministério da Justiça do Japão (1994-1997).” Em: *II Encontro Nacional de Migração*, ABEP/GT Migração, Ouro-Preto-MG.
- 1999b. “Movimento Dekassegui: A Experiência Migratória e Identitária dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Japão”. Em *Cenas do Brasil Migrante* Rossana Rocha Reis e Teresa Sales, eds. São Paulo, Brasil: Boitempo Editorial, 243-274.
- 2002. “Dekasseguis: Japanese – Brazilian immigrants in Japan and the question of identity.” In *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies* (Lisboa, Portugal) 4, (Jun): 111-141.

- Sato, G. 2001. *Kokusai rikai kyōiku: Tabunka kyōsei shakai no gakkō zukuri*. (A compreensão da educação internacional: Formação de escolas numa sociedade multicultural). Tōkyō: Akashi Shoten.
- Sayad, Abdelmalek. 1998. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Schreuder Peters, R.P.I.J. 2002. *Methoden & Techniek van Onderzoek: Principes en Praktijk*. Tweede druk. Schoonhoven: Academic Service.
- Sekiguchi, Tomoko. 2003. *Zainichi Nikkei Burajirujin no Kodomotachi: ibunkakan ni sodatsu kodomo no aidentiti keisei* (Os filhos dos residentes nipo-brasileiros: a construção da identidade das crianças que crescem em uma cultura diferente) Tōkyō: Akashi Shoten.
- Sellek, Yoko. 2001. *Migrant labour in Japan*. London: Palgrave.
- Sen, Amartya. 2007. *Identity & Violence: The Illusion of Destiny*. London: Penguin Books.
- Sevänen, Erkki. 2004. "Introduction: From Modernity and Postmodernity to globalization." In *Cultural Identity in Transition: Contemporary Conditions, practices politics of a global Phenomenon*, Jari Kupiainen, Erkki Servänen and John A. Stotesbury, eds. New Delhi: Atlantic Publishers and Distributors, 1-30.
- Seyferth, Giralda. "A Assimilação dos Imigrantes como Questão Nacional." Em *Mana* (online), vol., n.1, 95-131.
- 2000. "A Identidade dos Imigrantes e o *Melting Pot* Nacional." Em *Horizonte Antropológico*, Vol. 6, no.14, Porto Alegre, Nov. 143-176.
- 2004. "A Ideia de Cultura Teuto-brasileira: Literatura, Identidade e Significados da Etnicidade". Em *Horizontes Antropológicos*, jul./dez., ano 10, n. 22, 149-197.
- Silverman, D. 1995. *Interpreting Qualitative Data: methods for analysing talk text and interaction*. London: Sage.
- Shindo, Tsuguo. 1999. *Brasil e Japão: 100 anos de Tratado de Amizade*. Editora eletrônica Joji Hiraki.
- Shimahara, N.K.1992. Overview of Japanese Education: Policy, Structure, and Current Issues. In Michigan Papers in Japanese Studies, *Japanese Educational Productivity*,

- L. Robert and H.J. Walberg, eds. Vol. 22, Ann Harbor: The University of Michigan, 7-34.
- Shimizu, Kōkichi e Shimizu, Mutsumi. 2001. *Nyūkama to kyōiku: Gakkō bunka to esunishiti no kattō o megutte*. (Os novos imigrantes e a educação: o conflito entre a etnia e a cultura escolar). Tōkyō: Akashi Shoten.
- Shimizu Kōkichi, 2002, “Gakkō sekai no tabunkaka – Nihon no gakkō wa dō kawaru ka” (O multiculturalismo das escolas japonesas – Como as escolas japonesas vão se modificar? In *Kokusai shakai*, vol. 2, *Henyo suru nihon shakai to bunka*, Miyajima Takashi and Kanō Hiromasa, eds. Tōkyō Daigaku Shuppankai.
- Shimizu, Mutsumi. 2006. *Nyūkama no kodomotachi: Gakkō to kazoku no hazama no nichijyō sekai* (Os filhos dos novos imigrantes: o vácuo entre o mundo cotidiano da escola e da família) Tōkyō: Keisō Shobō.
- Sjaastad, Larry.A. 1962. “The Costs and Returns of Human Migration” in *The Journal of Political Economy*, Vol. 70, Nº 5, Part 2 (supplement),80-93.
- Sloot, 2012. “Griekse knokploegen hebben vrij spel”. *Nederlands Dagblad*, augustus 2012. Acesso em 27 de outubro de 2012.
- Skidmore, Thomas E. 2010. *Brazil Five Centuries of Change*. Oxford University Press, Second Edition.
- Smith, Robert C. 2000. “How durable and new is transnational life? Historical retrieval through local comparison” in *Diaspora*, vol. 9, no 2, 203-234.
- Smith, Robert C. 2006. *Mexican New York: Transnational Lives of New Immigrants*. Berkeley: University of California Press.
- Song, Changzoo. 2009. “Brothers only in Name”. In *Diasporic Homecomings: Ethnic Return Migration in Comparative Perspective*, Takeyuki Tsuda, ed. Stanford: Stanford University Press, 281-304.
- Saliman, Isabella C. 2008. *Os Meios de Comunicação Étnicos em Portugal: Dinâmica Organizacional dos Media das Comunidades de Imigrantes*. Artipol.
- Stark, Oded and Bloom, D. Edward. 1985. “The new Economics of Labor Migration”, in *The American Economic Review*, 75(2): 173-178.

- Stark, Oded and Taylor, J. Edward. 1989. "Relative Deprivation and International Migration", in *Demography*, 26(1): 1-14.
- Stark, Oded. 1991. *The migration of Labor*. Oxford: Basil Blackwell.
- Stenfansson, Anders H. 2004. "Homencomings to the Future: From Diasporic Mythographies to Social Projects of Return." In *Homecomings: Unsettling Paths of Return*, Fran Markowitz and Anders Stenfansson, eds. Lanham, MD: Lexington books, 2-20.
- Suarez-Orozco C. and Suarez-Orozco, M. 2002. *Children of Immigration: The Developing Child*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Sussman, Nan M. 2011, *Return Migration and Identity: a Global Phenomenon, a Hong Kong Case*. Hong Kong: Hong kong University Press.
- Suzuki, Teiiti. 1969. *The Japanese immigrant in Brazil, - Narrative part I*, Tōkyō: University of Tōkyō Press.
- Suzuki, Teiiti. 1964. *Burajiru no Nihon Imin*, Tōkyō: Tōkyō Press.
- Swanborn, Peter G. 1994. *Methoden van Sociaal-wetenschappelijk Onderzoek*. Zesde druk. Amsterdam: Boom.
- 2008. *Case-study's: Wat, wanneer en hoe?* Vierde druk. Amsterdam: Boom.
- Tabuchi, Hiroko. (2009). "Japan Pays Foreign Workers to Go Home" *The New York Times*, april 23, 2009. Acesso em 31 de janeiro de 2011.
- Tajiri T. e Yamashiro J. *et al.*, 1992. *Uma Epopeia Moderna: 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo: HUCITEC.
- Takenaka, Ayumi. 2003. "Transnational community and its ethnic consequences: The return Migration and the transformation of ethnicity of Japanese-Peruvians. In *Immigration Research for a New Century: Multidisciplinary Perspectives*, Foner, Rumbaut and Gold eds. New York: Russell Sage, 442-458.
- 2009. "Ethnic Hierarchy and Its Impact on Ethnic Identities: A comparative analysis of Peruvian and Brazilian Return Migrants in Japan". In *Diasporic Homecomings: Ethnic Return Migration in Comparative Perspective*, Takeyuki Tsuda ed. Stanford: Stanford University Press, 260-280.

- Tanno, Kiyoto. 2001. “Kōyō Kōzō no hendō to gaikokujin Rōdōsha” (mudanças na estrutura de empregabilidade e trabalhadores estrangeiros). In *Kokusaika to Aidentiti* (Internacionalização e identidade), Takamichi Kajita ed. Kyōtō Minerva Shobō, 225-258.
- . 2010. “The economic crisis and foreign workers in Japan: Why does Japan Treat Migrants workers as second class citizens?” In *Japan Labor Review*. Vol. 7, Nº 3, 111-128.
- The Japan Times. “Brazilian Schools losing students”. *The Japan Times*. December, 2, 2008. Acesso 5 de fevereiro de 2010.
- The Japan Times. 2009. “Axed Brazilians, Peruvians to be paid to leave Japan”. *The Japan Times*, February, 2, 2009. Acesso em 11 de outubro de 2012.
- Thomas-Hope, E. 1992. *Explanation in Caribbean Migration: Perception and Image: Jamaica, Barbados and St. Vincent*. Basingstoke: Macmillan Caribbean.
- Tigner, James L. 1981. “Japanese Immigration into Latin America: a Survey.” In *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, 23:4, November, 457-482.
- Todaro, M. P. 1969. “A model of labor Migration and Urban Unemployment in Less Developed countries.” *The American Economic Review* 59(1): 138-148.
- . 1976. *Internal Migration in Developing Countries*. Geneva: International Labor Office.
- Torresan, Angela. 2012. “A middle Class Besieged: Brazilians’ Motives to Migrate”. In *Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*. University of Manchester, Vol. 17, Nº 1, 110-130.
- Tsuda, A. 2005. “Multilingual and Multicultural aspects of Japanese society today: with a special on the Brazilian nikkei of eastern Hiroshima”. In *Why Japan matters*, Kess, Joseph F., Lansdowne, Helen, eds., vi, Vittoria, B.C., Victoria: Centre for Asia-Pacific Initiatives, University of Victoria, 495-504.
- Tsuda, Takeyuki (Gaku). 1999. “The motivation to Migrate: The Ethnic and Sociocultural Constitution of the Japanese-Brazilian Return-Migration System”, in *Economic Development and Cultural Change*, University of Chicago.

- 2000. “The Benefits of Being Minority: The Ethnic Status of the Japanese-Brazilians in Brazil” working paper n°21, CCIS (The Center for Comparative Immigration studies), University of California-San Diego, May, 1-21.
- 2001. “When Identities Become Modern: Japanese emigration to Brazil and the global contextualization of identity”, in *Ethnic and Racial Studies*, Vol 24, No 3 may, 412-432.
- 2003a. “Homeland-less Abroad: Transnational Liminality, Social Alienation, and Personal Malaise”. In *Searching for Home Abroad: Japanese-Brazilians and the Transnationalism*, Jeffrey Lesser, ed. Durham: Duke University Press. 121-161.
- 2003b. “Domesticating the Immigrant Other: Japanese Media Images of Nikkeijin Return Migrants”, in *Ethnology* (Pittsburgh, PA) 42, no.4 (fall), 289-305.
- 2003c. *Strangers In The Ethnic Homeland*, New York, Columbia University Press.
- 2009a. *Diasporic Homecomings: Ethnic Return Migration in Comparative Perspective*, Stanford, Stanford University.
- 2009b. “Japanese-Brazilian ethnic return migration and the making of Japan’s newest immigrant minority.” In *Japan’s Minorities: the illusion of homogeneity*, Michael Weiner, ed. Second edition. Sheffield Centre for Japanese Studies/ Routledge series, 206-227.
- Tsuneyoshi, Ryōko. 2001. *The Japanese Model of Schooling: Comparisons with the United States*. New York: Routledge.
- 2010. “The ‘New’ Foreigners and the Social Reconstruction of Difference: The Cultural Diversification of Japanese Education.” In *Minorities and Education in Multicultural Japan: An Interactive Perspective*, R. Tsuneyoshi, K. Okano, e S. Boocock, eds. New York: Routledge, 149-172.
- 2011a. “The ‘Internationalization’ of Japanese Education and the Newcomers: Uncovering the Paradoxes.” In *Reimagining Japanese Education: Borders, Transfers, Circulations, and the Comparative*, D. B. Willis, e J. Rappleye, eds. Oxford: Symposium Books, 107-126.
- 2011b. “Three Frameworks on Multicultural Japan: Towards a More Inclusive Understanding.” In *journals.sfu.ca Multicultural Education Review*, vol. 3, n°2, 125-156.

- Van Rompay-Bartels. 2010. "Aspectos de uma Migração em Transição: Os dilemas, conflitos e as Conquistas de Nipo-Brasileiros que optaram em viver no Japão". Em *Anais: Estudos Japoneses: Crises, Desafios, Novos Paradigmas* (Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil). Brasília: Universidade de Brasília, 605-612.
- Verkuyten, M. 1992. *Zelfbeleving van jeugdige allochtonen; een socio-psychologische benadering*. Amsterdam: Sweets & Zeitlinger.
- Vermeulen, J. 2001. *De naam van de school; worstelen met identiteiten op een christelijke hoge school*. Baarn: Ten Have.
- Vogt, Olgário P., et al. 2009. "Capital Social e Instituições Comunitárias no sul do Brasil". Em *Instituições Comunitárias: Instituições Públicas não Estatais*, Agnes, C., Mello, J. De Carvalho, U., eds. Santa Cruz do Sul, EDUNISC.
- Von Koppenfels, Amanda K. 2009. "From Germans to Migrants: Aussiedler Migration to Germany." Em *Diasporic Homecomings: Ethnic Return Migration in Comparative Perspective*, Takeyuki Tsuda, ed. Stanford: Stanford University.
- Walker, Robert. 2010. *Pushes & Pulls? Why do people migrate?* Crabtree Publishing Company.
- Weiner, Michael. "'Self' and 'other' in imperial Japan". In *Japan's Minorities: the illusion of homogeneity*, Michael Weiner, ed. Second edition. Sheffield Centre for Japanese Studies/ Routledge series, 1-20.
- Weller, Susan C. and Romney Kimball A. 1988. *Systematic Data Collection: Qualitative Research Methods*. Vol. 10. Newbury Park: Sage Publications.
- Wiarda, Howard and Kline, Harvey. 2000. *Latin American Politics and Development*. Boulder: Westview Press.
- Wray, Harry and Conroy, Hilary. 1983. *Japan Examined*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- Yamanaka, Keiko. 2000. "'I Will Go Home, but When?' Labor Migration and circular Diaspora Formation by Japanese Brazilians in Japan." In *Japan and Global Migration: Foreign Workers and the Advent of a Multicultural Society*, Mike Douglas and Glenda S. Roberts, eds. London: Routledge, 123-152.
- . 2006. "Immigrant incorporation and women's community activities in Japan: local NGOs and public education for immigrant children." In *Local citizenship in recent*

- countries of immigration: Japan comparative perspective*, Takeyuki Tsuda, ed., Lanham, MD.; Boulder: Rowman & Littlefield, 97-119.
- Yamashiro José R. 1996. *Trajatória de Duas Vida : Uma história de imigração e integração*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/ Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.
- Yamashita, Karen Tei. 2001. *Circle K Cycles*. Minneapolis: Coffee House Press.
- Yin, Robert K. 2012. *Applications of Case Study Research*. Third edition. California: Sage Publications.
- . 2009. *Case Study Research: Design and Methods*. Fourth edition. California: Sage Publications.
- Yoo, David K. 2000. *Growing up Nisei: race, generation, and culture among Japanese Americans of California, 1924-49*. Urbana: University of Illinois Press.
- Yoshioka, Reimei. 1995. *Por que migramos do e para o Japão*. São Paulo: Editor Massao Ohno.
- Zhao, Yaohui. 2002. "Causes and Consequences of Return Migration: Recent Evidence from China". In *Journal of Comparative Economics*, nº 30, 376-394.
- Zolberg, A. 1999. "Matters of State: Theorizing Immigration Policy". In *handbook of International Migration: The American Experience*, C. Hirschman, P. Kasinitz, and J. DeWind, eds. New York: Russell Sage Foundation, 71-93.

Anexos

Anexo 1: Glossário Japonês – Português

Transcrições das citações e da enquete da pesquisa dos informantes japoneses.

A

Anmari ou amari あんまり ou あまり muito, demasiado

B

Burajirujin ブラジル人 brasileiro

C

Chōsa 調査 pesquisa

Chūgakkō 中学校 os três primeiros anos do ensino médio (ginásial)

Chūgokujin 中国人 chinês

D

Dekasegi 出稼ぎ ir trabalhar temporariamente noutro país; ou região.

Dōgi 同義 ser sinônimo

Doryokuka 努力家 trabalhador

E

F

G

Gaikokujin tōroku 外国人登録証明書 registro de estrangeiro
shōmeisho

Gaikokujin tōroku 外国人登録記載事項 comprovante de registro de
kisai jikō shōmeisho 証明書 estrangeiro

Ganbaru 頑張る perseverar; aguentar; esforçar-se

Gomen nasai 御免なさい ou ごめ
んなさい desculpa

H

Hakushi / Hakase	博士	doutorado (Ph.D.)
Hakushi ronbun	博士論文	dissertação de doutorado
Hanko	判子	carimbo com o nome da pessoa
Hitsuyō	必要	a necessidade
I		
Inkan tōroku	印鑑登録	registro e comprovante de carimbo
Inshō	印象	a impressão, a sensação
J		
Jitai	自体	a coisa em si, o próprio
Jitsuin	実印	carimbo registrado na prefeitura
Jinshuteki henken	人種的偏見	preconceito étnico
Jōhō	情報	informação, notícia
Jūji suru	従事する	trabalhar (dedicar-se)
K		
Kanjiru	感じる	sentir
Kankokujin	韓国人	coreano
Kataru	語る	dizer; falar; contar; querer dizer
Kissui	生粋	puro
Kōhai	後輩	os mais novos, os que entraram depois na empresa, ou escola.
Kokorogamae	心構え	a atitude de espírito, a preparação, o estar mentalizado para aceitar a responsabilidade
Kōkō	高校	ensino médio
Koseki tōhon	戸籍謄本	registro civil da família
Kuraberu	比べる	comparar
Kuru	来る	vir (verbo)
L		
M		

Majime ningen	真面目人間	um ser sério, honesto
Matsuri	祭り	festival; festejo
N		
Nihonjin	日本人	japonês
Nikkeijin	日系人	a descendência ou origem japonesa
Ninchido	認知度	reconhecimento
Nikkei burajirujin	日系ブラジル人	nipo-brasileiro
Ningen kankei	人間関係	relações humanas
Ninshiki	認識	conhecimento, cognição, percepção
O		
Ochitsuki nai hito	落ち着きない人	uma pessoa que não é calma, intranquila
Omiai no kekkon	お見合いの結婚	casamento com auxílio de terceiros
P		
Paato	パート	trabalho de meio período
Q		
R		
Rinjin	隣人	vizinho
Rōdō	労働	trabalho
S		
Seikatsu	生活	vida
Senpai	先輩	o antecessor, o mais antigo, o superior
Setten	接点	contato com
Shindō Renmei	臣道連盟	liga do caminho dos súditos.
Shinseki	親戚	parentes, relativos
Shiriai	知り合い	conhecido
Shitashimi	親しみ	afinidade, familiaridade
Shokuba	職場	local; posto de trabalho; o emprego
Shōgakkō	小学校	o ensino primário (preparatório); a

		escola primária (no Japão dura 6 anos)
Shūkan	習慣	o costume; o hábito
Sonzai	存在	a existência; o ser
Sōzō suru	想像する	imaginar, supor
Sumimasen	すみません	desculpe; com licença
Sumu	住む	morar; habitar; residir
T		
Tantōsha	担当者	o encarregado, responsável por uma seção
To omou	と思う	achar que; pensar que
U		
W		
W		
Z		
Zangyō	残業	hora extra

Anexo 2: Enquete para os japoneses

私は、オランダのライデン大学のイングリット・バルテルスと申します。この質問書は、博士課程の一部です。この調査の目的は、日本社会の日系ブラジル人のアイデンティティの問題です。

あなたのご意見をきかせてくださいませんか。この調査情報は、私の博士論文のみのためです。

1. 女性 男性
2. 職業:
3. 最終学歴:
4. 出身地:

5. 日系ブラジル人をご存知ですか？
 はい いいえ

6. 日系ブラジル人の国籍についてどう思いますか？
 日本人 ブラジル人 両方

7. 日系ブラジル人はきちんと働きますか？
 はい いいえ 分かりません

8. 日系ブラジル人と結婚する可能性が想像されますか？
 はい いいえ

9. 日系ブラジル人に対して最初に感じる事は何ですか？
 努力家
 落ち着きのない人
 真面目人間
 外人

10. 日系ブラジル人に対して人種的偏見をもっていますか？

はい いいえ

11. 人種的偏見をもつ人を誰かご存知ですか？

親戚 隣人 同僚 友達 その他の人

12. 年齢：.....

13. コメントをお願いします。

.....

私の研究にご協力いただきまして、誠に有難うございます

7. Os nipo-brasileiros trabalham direito?
 sim não eu não sei
8. Nikkei burajirujin to kekkon suru kanōsei ga sōzō saremasu ka?
 hai iie
8. Suponha que houvesse a possibilidade, casaria-se com um nipo-brasileiro (a)?
 sim não
9. Nikkei burajirujin ni taishite, saisho ni kanjiru koto wa nan desu ka?
 doryokuka
 ochitsuki no nai hito
 majime ningen
 gaijin
9. Sobre os nipo-brasileiros, qual é o primeira impressão que tem ao pensar sobre os mesmos?
 trabalhador
 uma pessoa que não é calma ou tranquila
 um ser sério; honesto
 estrangeiro
10. Nikkei burajirujin ni taishite jinshuteki henken wo motte imasu ka?
 hai iie
10. Você tem preconceito étnico contra os nipo-brasileiros?
 sim não
11. Jinshuteki henken wo motsu hito wo dare ka gozonji desu ka?
 shinseki rinjin dōryō tomodachi sono hoka no hito
11. Você conhece alguém que tenha preconceito étnico contra os nipo-brasileiros?
 família/parentes vizinhos colegas do trabalho amigos outros
12. Nenrei
12. Idade
13. komento wo onegai itashimasu
13. Comentário por favor.
- Watashi no kenkyū ni gokyōryoku itadakimashite, makoto ni arigatō gozaimasu.
 Meus sinceros agradecimentos pela participação de V.Sa. na minha pesquisa.

Anexo 3: Enquete para os nipo-brasileiros

Esta enquete faz parte de uma pesquisa sobre nipo-brasileiros que vivem no Japão. Ela será utilizada **exclusivamente** para a tese de doutorado que estou desenvolvendo na Universidade de Leiden na Holanda. Suas respostas às perguntas desta enquete serão tratadas com **confidências e sua identidade não será revelada.**

1. Sexo: Feminino () Masculino ()

2. Onde você nasceu?.....

3. Onde você mora no Japão?(província, cidade).....

4. Quantos anos você mora no Japão?.....

5. Que tipo de trabalho você faz agora no Japão?.....

6. Qual era o seu trabalho no Brasil?.....

7. Qual foi o seu nível de educação no Brasil?.....

8. Geração japonesa

issei (japonês)() nissei (segunda geração)() sansei (terceira)() yonsei (quarta)()

9. Os seus pais são:

ambos japoneses () mãe japonesa e pai brasileiro() pai japonês e mãe brasileira()
ambos descendentes de japoneses() descendente de japonês e o outro é brasileiro() outra
possibilidade

10. Que língua você aprendeu primeiro?

japonês() português () as duas línguas ao mesmo tempo()

11. Se você é casado(a), ou tem companheiro(a) onde você se casou ou se uniu? Caso a resposta seja negativa, prossiga a partir da pergunta número 13.

no Brasil() no Japão() não sou casado(a)()

12. O seu marido/esposa ou companheiro/companheira é:

brasileiro (sem ascendência japonesa)() nipo-brasileiro() japonês ()

outra alternativa()

13. Se você tem filhos, qual é a língua em que você se comunica com eles?

português () japonês() os dois() eu não tenho filhos ()

14. Os seus filhos estão em uma escola /creche?

brasileira() japonesa ()

15. Numere de acordo com a importância. Ex.: (1) o mais importante, (2) importante, (3) menos importante. O que você acha mais importante no cônjuge ou no companheiro? (mesmo que você não tenha um(a) namorado(a), o que é que você acha importante num parceiro(a).

() amor/companheirismo

() fidelidade

() um homem que trabalha e trás dinheiro para casa/mulher que cuida dos filhos e da casa.

16. Se você fizer uma festa em casa para japoneses qual é a comida que você serve?

comida brasileira () comida japonesa() ambas()

17. Em uma festa para dekasegi você serve?

comida brasileira() comida japonesa() ambas()

18. Você prefere cozinhar no dia a dia a comida?

brasileira () japonesa() ambas()

19. Em que roupa você se sente melhor na hora de lazer?

brasileira() japonesa() ambas ()

20. Em que estilo de roupa você se sente melhor quando você trabalha?

na brasileira () na japonesa() uniforme()

21. Durante a copa do mundo para que seleção você torce no Japão?

para a seleção brasileira () para a seleção japonesa() ambas() nenhuma()

22. Durante a copa do mundo para que seleção você torce no Brasil?

para a seleção brasileira () para a seleção japonesa () ambas() nenhuma()

23. Você gosta de assistir beisebol?

() Sim () Não

24. Que tipo de música você prefere escutar?

brasileira () japonesa() ambas () nenhuma ()

25. Que canais de televisão você prefere assistir?

brasileiro IPC() japonês () ambos()

26. A família é para você:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

27. O jornal IPC/ TUDO BEM escrito em português é:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

28. Os jornais japoneses são:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

29. O noticiário sobre o Japão é:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

30. O noticiário do jornal nacional sobre o Brasil é:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

31. Ter amigos japoneses é:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

32. Ter amigos brasileiros é:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

33. Amizade é para você:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

34. Ir para o Karaoke é:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

35. A religião é para você:

muito importante() importante() pouco importante() desimportante() não sei()

36. Numere as instituições abaixo de 1 a 4 de acordo com a sua importância:

Por exemplo:

(1) a mais importante

(2) muito importante

(3) importante

(4) menos importante

() família

() honra

() amizade

() trabalho

37. Qual é a sua idade?

.....

38. Você poderia deixar o seu e-mail, caso seja preciso esclarecer alguma pergunta deste questionário?

.....

Se você tiver algum comentário:

.....

..

.....

..

.....

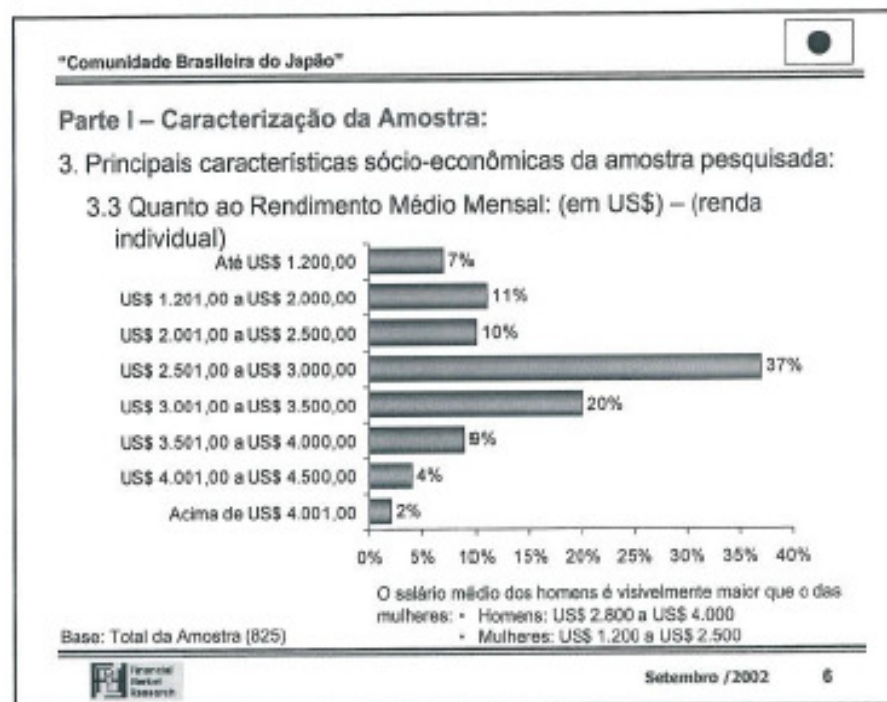
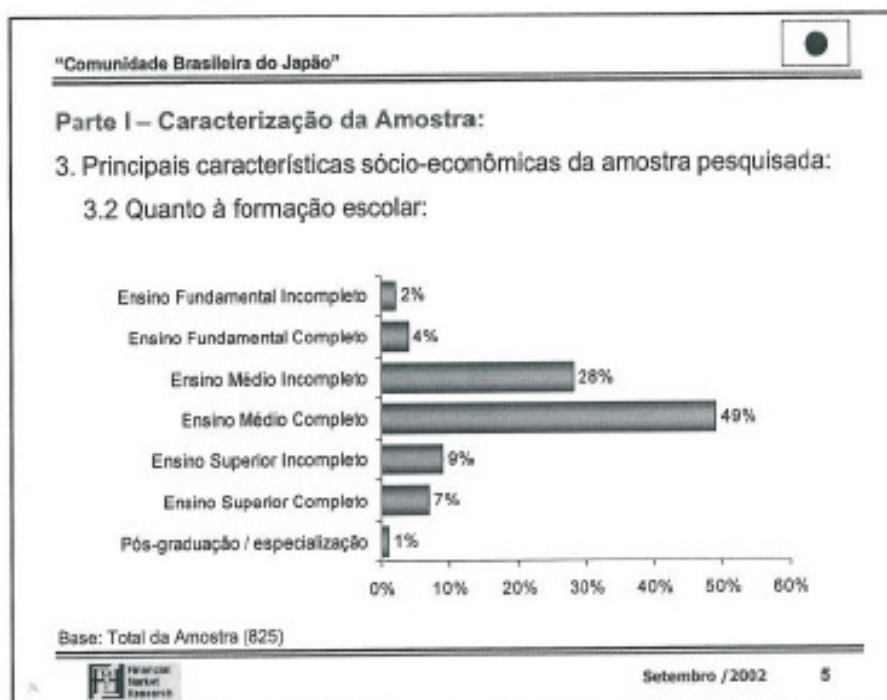
..

.....

.

Muito obrigada!

Anexo 4: Amostra da enquete do Banco do Brasil com relação à formação dos imigrantes nipo-brasileiros e quanto ao rendimento médio mensal



Samenvatting

Dit proefschrift beschrijft en analyseert de constructie van de identiteit en het transnationalisme van Japans-Braziliaanse migranten die terugkeren naar het land van hun voorouders, een fenomeen dat bekend staat als "terugkeer" migratie. Dit concept van "terugkeer", dat de dichotomie van emigratie en immigratie in vraag stelt, staat centraal in deze studie. Dit fenomeen wordt in deze dissertatie onderzocht aan de hand van de casus van de nakomelingen van de Japanse diaspora, die zijn geboren in Brazilië en die vanaf het einde van de jaren 1980 "terugkeren" naar het land van hun etnische oorsprong, waar zij in vele gevallen niet eerder voet aan de grond hebben gezet. Binnen dit fenomeen worden de concepten van identiteit en transnationalisme uitgelicht en geanalyseerd.

In dit kader wordt het concept van identiteit nader ter discussie gesteld, voornamelijk omdat het gaat over generaties van nakomelingen van migranten die deel uitmaakten van een diaspora in het verleden, en die zelfs na meerdere generaties worden gekenmerkt door het behoud van elementen in hun identiteit die betrekking hebben op dit erfgoed. Juist deze elementen weerspiegelen het feit dat hun identiteit niet opgebouwd is vanuit een eenzijdige historische en culturele context, maar uit elementen van zowel de Japanse als de Braziliaanse cultuur. De bestaande academische bijdragen wijzen echter, ironisch genoeg, uit dat wanneer Japanse Brazilianen terugkeren naar Japan hoofdzakelijk de elementen van de Braziliaanse cultuur versterkt worden, ondanks hun Japanse achtergrond. Volgens deze studies hebben de culturele verschillen die verband houden met de Braziliaanse cultuur van de Japanse Brazilianen geleid tot sociale uitsluiting en etnische marginalisering van deze migranten in Japan. In reactie hierop zijn de Japanse Brazilianen hun Braziliaanse identiteit gaan benadrukken. Als het resultaat van die studies bevestigd zou worden en gegeneraliseerd mag worden, zou dit dus impliceren dat de Braziliaanse cultuur de identiteit van deze migranten bepaalt en als een soort uniform werkt voor deze etnische groep. Ironisch, of niet, dit resultaat is vooral aanwezig in onderzoeken over de Japans-Braziliaanse migranten uitgevoerd in Japan. Hierbij dient ook rekening te worden gehouden met het feit dat die studies zich hebben gericht op gebieden in Japan die gekenmerkt worden door een sterke aanwezigheid van de Braziliaanse cultuur als gevolg van een hoge concentratie van Japanse Brazilianen. Dit zijn gebieden waar migranten gemakkelijk hun transnationale culturele gewoontes kunnen behouden die verband houden met de Braziliaanse identiteit. Vanuit dit perspectief wordt dan ook onderzoek gedaan naar het tweede centrale concept, namelijk transnationalisme.

Het begrijpen van deze concepten is één van de uitdagingen van dit onderzoek. Onderzocht wordt of de aannames en generalisaties over Japans-Braziliaanse migranten ook van toepassing zijn in de praktijk buiten de kernen met een hoge concentratie van Japanse Brazilianen. Ondanks de uitgebreide literatuur op dit gebied is er een lacune met betrekking tot onderzoek naar de Japanse Brazilianen buiten deze gebieden. Dit is tegelijkertijd het startpunt binnen het debat van deze dissertatie.

Een ander belangrijk aspect in de academische studies over deze migratie is de stelling dat de Japanse Brazilianen na hun “terugkeer” naar Japan een positieve perceptie hebben ontwikkeld van Brazilië en van de Braziliaanse identiteit en een negatieve perceptie van Japan en van de Japanse identiteit, in tegenstelling tot wanneer zij in Brazilië waren. Deze stelling is gerelateerd aan het feit dat de verwachtingen van de “terugkeer” migranten niet overeenkomen met hun ervaringen in Japan. Er wordt verondersteld dat de migranten zich niet bewust waren van het soort werk en leven dat zij in Japan zouden krijgen. Deze stelling maakt deel uit van de vragen behandeld in dit onderzoek. Een ander punt dat aandacht krijgt in het academische debat houdt verband met de verschillen in de resultaten van Takeyuki Tsuda en Hitomi Maeda met betrekking tot het opleidingsniveau, de verandering van status van de Japanse Brazilianen die migreren en de positieve of negatieve perceptie die zij hebben van Japan. Deze resultaten leiden tot de vraag in deze dissertatie naar de diversiteit van de migranten en van hun motivaties die de Japanse Braziliaanse families die “terugkeren” karakteriseren en beïnvloeden.

Tenslotte beschrijft en documenteert dit proefschrift de ervaringen van de tweede generatie migranten. Deze ervaringen houden vooral verband met de keuzes van onderwijs. Dit is een ingewikkeld scenario omdat hierin ook de motivaties en veronderstellingen van de eerste generatie migranten met betrekking tot de toekomst van hun nakomelingen een rol spelen, binnen een context van opties die zich in deze vorm van “terugkeer” migratie niet beperken tot een eenzijdige etnische en culturele basis. Recente academische studies op dit gebied laten zien dat er nog steeds onvoldoende inzicht is in de motivaties, ervaringen en obstakels van de tweede generatie migranten, zowel binnen als buiten de familiale context. Voor dit doel zijn in deze studie de stemmen van twee generaties van migranten opgenomen, om te illustreren en te analyseren hoe ze met elkaar verbonden zijn, en hoe beide generaties omgaan met deze alledaagse vraagstukken binnen de familiale structuur. Inzicht in de motivaties en in de intrinsieke en extrinsieke aspecten van de “terugkeer” wordt verkregen

door de verhalen van de gezinnen, die duidelijk maken hoe zij zich in cultureel opzicht ontwikkelen en hoe zij leven in Japan op zoek naar de droom van een beter leven.

Voor het veldonderzoek is als methode voor een etnografisch onderzoek gekozen, om in detail de cultuur van een bepaalde sociale groep of etnische minderheid te bestuderen en te analyseren binnen het geografische gebied waar deze groep zich bevindt. Om deze reden is gekozen voor een meervoudige *case study*. Hierdoor wordt subjectieve informatie verkregen die duidelijk maakt hoe en waarom bepaalde keuzes worden gemaakt in het dagelijkse leven van informanten, welke gebruiken, waarden en attitudes deze groep hanteert als reflex van haar cultuur en hoe deze groep haar werkelijkheid interpreteert. De keuze van meerdere casussen is gericht op de validiteit van dit soort onderzoek, aangezien een *case study* een typisch voorbeeld is van kwalitatief en etnografisch onderzoek. Het onderzoek in dit proefschrift beschrijft aspecten van het leven van de migranten families over een periode van zeven jaar (2003-2010).

Binnen deze aanpak beschrijft en analyseert dit proefschrift de verschillende culturele en historische elementen die invloed hebben op de constructie van de identiteit en op het transnationalisme van de "terugkeer" migranten, en die bovenal recht doen aan het leven van de eerste en tweede generatie die niet wonen in een gebied met een hoge concentratie van Japanse Brazilianen. De focus van dit onderzoek is derhalve op de kritische evaluatie van de theorieën van "terugkeer", identiteit, en transnationalisme aan de hand van de empirische werkelijkheid waarin de migranten gezinnen leven. Op grond hiervan is dit proefschrift als volgt gestructureerd.

In hoofdstuk 1 wordt het theoretisch kader in kaart gebracht, in de eerste plaats door middel van het academisch debat over het begrip "terugkeer" migratie. Om dit fenomeen te begrijpen zijn ook de beweegredenen van de migranten geanalyseerd, in het bijzonder van degenen die nooit eerder voet aan de grond hebben gezet van het land waarheen zij "terugkeren". In die zin is de "terugkeer" de centrale as van waaruit onderzocht wordt hoe de concepten van transnationalisme en identiteit gestalte krijgen binnen deze migratie. Dit kader wordt behandeld aan de hand van Westerse en Japanse wetenschappelijke literatuur. Tenslotte wordt de academische interpretatie geanalyseerd die de begrippen "identiteit" en "culturele identiteit" als twee verschillende concepten definieert. Van deze tweedeling wordt in dit proefschrift afstand genomen, aangezien het standpunt wordt ingenomen dat identiteit wordt

geconstrueerd binnen de context van sociale interactie, door middel van het ontvouwen van socio-culturele verschillen.

Hoofdstuk 2 geeft een historisch overzicht van de verschillende fases van de Japanse migratie naar Brazilië en van het proces van integratie en assimilatie in de loop van de twintigste eeuw. Deze historische fases worden gemarkeerd door de veranderingen in het overheidsbeleid van deze twee landen en de respons hierop. Binnen deze heterogene scenario's, gekenmerkt door transities en transformaties, wordt onderzocht hoe de Japanse migranten en hun nakomelingen een plek hebben proberen te vinden in de Braziliaanse samenleving. Op deze manier wordt gezocht naar de contexten die van invloed zijn geweest op de constructie van de identiteit van de nakomelingen van Japanse migranten in Brazilië. Deze analyse is essentieel in deze studie omdat ondanks het feit dat de Japanse nakomelingen zich hebben geassimileerd aan de Braziliaanse cultuur en zijn geïntegreerd in Brazilië, zij zich toch blijven associëren en verbinden met de Japanse identiteit. Het zijn deze banden met de identiteit van de generaties vóór hen die de basis leggen voor het fenomeen van "terugkeer" migratie. Binnen dit kader wordt de totstandkoming van de paradox van deze migratie geanalyseerd. De resultaten van dit hoofdstuk geven de contouren weer van dit politieke, economische en sociaal-culturele proces dat van invloed is op de constructie van de identiteit van de Japanse Brazilianen in Brazilië en Japan.

In hoofdstuk 3 wordt aan de hand van de analyse van de verhalen van de eerste generatie van migranten, die zijn verkregen door het veldonderzoek, inzichtelijk wie de migranten zijn en wat hun beweegredenen zijn voor de "terugkeer". Voor dit onderzoek zijn onderwerpen gekozen die de etnische ontmoeting en het dagelijkse leven van de migrantengezinnen illustreren, vooral situaties die de paradox van de identiteit, de rol van de ondersteunende structuren van arbeidsbemiddelaars en de ervaringen van de migranten op het werk zichtbaar maken. De interpretatie van de Japanse Brazilianen staat vaak in contrast met de meningen van de Japanners. Tenslotte wordt de invloed van de wereldwijde economische crisis, die begon in 2008, op deze migratie geïllustreerd aan de hand van de maatregelen die genomen zijn door de Japanse regering, het nieuws in de kranten en de verhalen van de migranten. Dit scenario toont de kwetsbaarheid van deze groep, waarvan het aantal begon af te nemen en sindsdien verder is blijven dalen.

Hoofdstuk 4 is gewijd aan de familieomstandigheden in de "terugkeer" migratie en is gebaseerd op de analyse van de verhalen van de eerste en tweede generatie migranten. Voor

dit doel zijn de scenario's geanalyseerd en vergeleken die deel uitmaken van het dagelijkse leven van de individuele families van de case studies. Op grond hiervan worden onderwerpen behandeld als de keuze van de partner, de opvoeding thuis, het onderwijs voor de kinderen, en de effecten hiervan. Vanuit het perspectief van de etnische en culturele diversiteit zijn ook de verschillende resultaten met betrekking tot de integratie van de kinderen in het onderwijs en de constructie van hun identiteit geanalyseerd en beschreven. Deze analyses zijn aangevuld met informatie over de percepties van Japanners met betrekking tot de families van de Japans-Braziliaanse migranten. Tenslotte worden de activiteiten zichtbaar gemaakt die het transnationalisme gestalte geven en wordt beschreven hoe dit verschijnsel zich openbaart in deze families.

De hoofdstukken 3 en 4 brengen het belang in kaart dat deze migrantenfamilies toeschrijven aan het leven dat ze hebben als “terugkeer” migranten in Japan. Daarnaast geven deze hoofdstukken weer hoe de constructie van identiteit en het transnationalisme tot stand komen aan de hand van keuzes die de ouders maken. Deze beslissingen zijn bepalend voor het herdefiniëren van de familieplannen, het verlengen van het tijdelijk verblijf, of zelfs permanente vestiging van de gezinnen in Japan. Samenvattend is het door deze verschillende thema's dat de factoren worden onderzocht die ertoe hebben geleid dat bepaalde migranten hun verblijf hebben verlengd of teruggekeerd zijn naar Brazilië, terwijl anderen besloten hebben om zich voor goed in Japan te vestigen.

Het resultaat van dit onderzoek wijst tenslotte uit dat de term “terugkeer” niet geschikt is om de dynamiek van de migratie van Japanse Brazilianen naar Japan te beschrijven. Uit de analyses blijkt dat het concept van “terugkeer” verzwakt in de loop van de jaren en dat het geen ruimte laat voor het aanvullende resultaat van de bijkomende beweging van hen die terugkeren naar Brazilië of die van plan zijn terug te keren na hun pensionering, en van de tweede generatie die droomt om naar Brazilië of elders te migreren. In dit geval is er sprake van kenmerken van een circulaire migratie tussen de twee landen. Het gaat hier dus om een beschrijving die in haar concept recht doet aan de dynamiek van hen die deel uitmaken van een pendelbeweging tussen Brazilië en Japan.

Het onderzoek wijst uit dat de Japans-Braziliaanse migranten gemotiveerd zijn door een combinatie van factoren die voornamelijk verband houden met de economische crisis in Brazilië in de jaren 1980 en begin 1990. Deze crisis heeft de Japanse Brazilianen geraakt die deel uitmaakten van de middenklasse en lagere middenklasse in Brazilië en heeft geleid tot

een achteruitgang van de levensstandaard en tot een gebrek aan toekomstperspectief, ongeacht het niveau van het onderwijs dat deze mensen hadden. Het is precies dit gevoel van gebrek aan betere vooruitzichten in Brazilië dat zich weerspiegelt in de individuele situatie van sociale en economische ontbering, en bovenal van vervreemding, van burgers die de noodzaak voelden om het land te verlaten op zoek naar betere kansen voor de toekomst. Deze observatie is noodzakelijk om te begrijpen wie de migranten zijn die deel uitmaken van deze migratie. Zij helpt ook om de stelling te weerleggen van een aantal geleerden die dit verschijnsel migratie uitsluitend analyseren en beschrijven vanuit de economische en financiële motivatie. Tegelijkertijd tonen de bevindingen in hoofdstuk 3 aan, in tegenstelling tot het standpunt van andere wetenschappers, dat deze migranten zich bij hun vertrek bewust waren van de arbeids- en levensomstandigheden die zij als *dekasegi* (tijdelijke arbeiders) in Japan konden verwachten.

In tegenstelling tot de aanname, die men vaak vindt in recente literatuur, dat de Japans-Braziliaanse migranten een negatieve perceptie hebben van Japan en van de Japanse identiteit, blijkt uit de hoofdstukken 3 en 4 dat dit resultaat niet eenduidig is. Belangrijk is dat de Japans-Braziliaanse migratie naar Japan geen homogene beweging is. Anders dan men vaak leest, blijkt uit dit onderzoek dat de meeste migranten, ongeacht of ze de terugkeer naar Brazilië idealiseren, aangeven een positief gevoel te hebben over de ervaringen van de migratie, zelfs na de cultuurschok.

Desondanks zijn er ook gevallen van migranten die een negatieve perceptie hebben van het land en van de migratie. Hoe dan ook is het belangrijk om te begrijpen dat deze resultaten laten zien dat men rekening moet houden met het feit dat de migranten een heterogene groep vormen en dat deze heterogeniteit mede de verschillende intrinsieke motivaties en facetten bepaalt die deel uitmaken van het leven van deze groep. De bevindingen in dit onderzoek tonen aan dat de migratie voor vele Japanse Brazilianen een tijdelijke transnationale ervaring is. In het algemeen gaat het hier om de migrantenfamilies die investeren in het Braziliaanse onderwijs van hun kinderen in Japan, de families die aangeven terug te willen keren naar Brazilië wanneer hun kinderen de Japanse school afronden en meerderjarig zijn, en de families die hun kinderen naar Brazilië sturen om te studeren en te leven met familie aldaar. Voor een groot deel van deze migranten is de doelstelling van een tijdelijke migratie niet veranderd, alleen de periode van verblijf in Japan is verlengd, vooral vanwege de familiestructuur en omdat het meer tijd vraagt dan gedacht om hun plannen te verwezenlijken.

Een andere groep van migranten toont duidelijke tekenen van een meer langdurige vestiging, onder meer door het kopen van een eigen huis in Japan. Dit zijn migranten die een zekere affiniteit hebben met de Japanse cultuur of die erin zijn geslaagd zich aan te passen aan het leven in dit land. In het algemeen zijn dit degenen met een positieve perceptie van het leven dat ze hebben in Japan, hoewel toch de meesten van hen laaggekwalificeerde banen blijven houden. Dit zijn ook de gezinnen die de verwachting hebben dat Japan een beter toekomstperspectief biedt voor hen en voor hun kinderen.

Met betrekking tot de identiteit tonen hoofdstukken 3 en 4 aan dat de migranten na hun “terugkeer” naar Japan hun identiteit blijven negotiëren in de relationele context. Het zijn precies de tegenstrijdigheden in de verklaringen van de informanten die, afhankelijk van de persoon met wie ze spreken, laten zien dat de identiteit van de Japanse Brazilianen ambivalent is, die veranderlijk is en gevormd is in het verleden uit elementen van verschillende oorsprong en die derhalve fungeert als een dynamische en strategische entiteit. Dat wil zeggen dat de identiteit die wordt aangenomen in verschillende situaties de voorkeur weerspiegelt tussen alternatieven, die overeenkomen met elementen van de historische en culturele context van de persoon in kwestie. Hieruit blijkt dat de identiteit fluctueert als gevolg van deze verbindingen binnen de context van sociale relaties.

Een ander resultaat van dit onderzoek is dat bewezen wordt dat de verschillen in culturele bagage in hoge mate bepalend zijn voor de integratie van de tweede generatie van Japans-Braziliaanse migranten in het Japanse onderwijs. Het blijkt dat dit proces van integratie minder moeilijk is voor de kinderen van migranten die geen conflicten rondom hun identiteit hebben. Het gaat hier om de kinderen die een Japans uiterlijk en een Japanse naam hebben en die de Japanse taal als moedertaal verwerven. De wijze waarop deze kinderen zich gedragen laat zien dat de constructie van hun identiteit gericht is op de Japanse maatschappij. Deze groep migranten wil grotendeels doelbewust de culturele verschillen die geassocieerd worden met de Braziliaanse identiteit achter zich laten. Voor de kinderen van wie één van de ouders niet van Japanse afkomst is en voor de kinderen met buitenlandse namen is dit geen optie. Zij hebben het overheersende gevoel dat zij verschillend zijn van Japanners en dat zij *gaijin* (buitenlanders) zijn. Deze kinderen van wie één van de ouders niet van Japanse afkomst is hebben grotere moeilijkheden bij hun integratie in het Japanse onderwijs. Uit dit onderzoek blijkt dat de kans dat deze tweede generatie migranten conflicten rond de eigen identiteit ontwikkelt groter is, vooral vanwege het feit dat hun uiterlijk anders is dan dat van de

Japanners of vanwege bepaalde culturele verschillen. Het is daarom nog onduidelijk hoe de toekomst van deze tweede generatie vorm zal krijgen in Japan. Ongeacht het uiterlijk en de cultuur, is het volgen van Japans onderwijs geen garantie voor een geslaagde toekomst of voor een succesvol leerproces, aangezien “blijven zitten” niet bestaat in Japan tot aan de middelbare school. De toekomst van deze tweede generatie is afhankelijk van het niveau dat zij bereiken in de beheersing van de gesproken taal en meer nog van hun schrijf- en leesvaardigheid. Alleen dan zal deze tweede generatie in staat zijn en voldoende voorbereid om te concurreren met hun Japanse leeftijdgenoten.

Summary

This dissertation studies the identity construction and the transnational practices of Japanese-Brazilian migrants returning to the land of their ancestors, a phenomenon that is known as “return” migration. This concept of “return” is at the centre of the discussion in this dissertation as it challenges the dichotomy between emigration and immigration. Return migration is studied in this dissertation based on the case of the descendants of the Japanese diaspora who were born in Brazil and who, since the late 1980s, started “returning” to the land of their ethnic origin, with which most of them had had no previous contact. Within the description and analysis of this phenomenon the focus is on the concepts of identity and transnationalism.

In this study, the concept of identity is explored primarily on the grounds that we are dealing with generations of descendants of former migrants who belonged to a diaspora that was established in the past. Even after several generations these descendants’ identity still is characterised by the preservation of elements that relate to their original heritage. These very elements reflect the fact that their identity was not shaped by a uniform historical and cultural context, but rather consists of elements of both Japanese and Brazilian culture. Ironically, existing scholarly research has pointed out that when Japanese Brazilians return to Japan elements of Brazilian culture take prominence in spite of their Japanese background. According to such research, the cultural differences related to the Brazilian culture of Japanese Brazilians have led to social exclusion and to ethnic marginalisation of these migrants in Japan, who in response emphasise their Brazilian identity even more. If this analysis is correct and may be generalised, this means that it is the Brazilian culture that determines these migrants’ identity and uniformly marks this ethnic group. Ironically or not, these results are predominant in research projects on Japanese-Brazilian migrants carried out in Japan. It also may not be without significance that scholarly projects have focused on geographical areas in Japan that are characterised by a strong presence of Brazilian culture due to a high concentration of Japanese Brazilians. In such areas it is easier for migrants to preserve their transnational cultural habits that are related to their Brazilian identity. This perspective also affects research dealing with the concept of transnationalism.

Accurate understanding of these concepts is one of the main challenges of this dissertation. It is examined whether the assumptions and generalisations concerning Japanese-Brazilian migrants also apply outside the areas with a high concentration of Japanese

Brazilians. In spite of the existence of an extensive body of literature on this topic, there is a lacuna when it comes to research on Japanese Brazilians outside these areas. This is the starting point of the discussion in the dissertation.

Another important aspect in the existing scholarly discussions of this migration is the claim that Japanese Brazilians after their “return” to Japan develop a positive perception of Brazil and the Brazilian identity along with a rather negative one of Japan and the Japanese identity. This is in contrast to the perceptions they had during their life in Brazil. This claim is related to the fact that the actual experiences of these “return” migrants in Japan do not match their expectations. It is assumed that the migrants were not aware of the type of work and life that would await them in Japan. This claim is examined in the dissertation.

Another question that has received attention in the academic debate has to do with the different results obtained by two scholars, Takeyuki Tsuda and Hitomi Maeda, with regard to the level of education of the Japanese Brazilians, the change of status of those who migrate, and their positive or negative perceptions of Japan. The results of these scholars’ research contribute to an important question posed in this dissertation concerning the diversity of the migrants and of the motivations that determine and affect the experiences of the Brazilian families returning to Japan.

Finally, this dissertation describes and documents the experiences of the second generation migrants. These experiences are in an important way related to the choices of education. The overall picture is complicated by the fact that the motivations and assumptions of the first generation of migrants concerning the future of their children – within a context of options that in this type of “return” migration are not limited to simple ethnic and cultural considerations – will also play a role. Recent scholarly research has pointed out that we still do not have sufficient insight into the motivations and experiences of second generation migrants and into the challenges that they encounter, both within and outside the family context. In the present research, therefore, the voices are included of two generations of migrants, in order to illustrate and to explain how they are interrelated and how each of the generations deals with everyday problems within the family structure. Insight into these motivations and the intrinsic and extrinsic aspects of the “return” emerges from the stories of families on how they develop culturally and how they live in Japan in search of the dream of a better life.

In the fieldwork the ethnographic method has been chosen. This made possible to study in great detail the culture of a specific group or an ethnic minority, and to analyse how it develops in the geographical area in which it lives. For this reason it has been decided to undertake multiple case studies. The individual pieces of information made possible to clarify how and why certain choices are made in the daily life of the informants. It also made possible to understand habits, values, and attitudes that reflect cultural aspects as well as the ways in which this group of informants interpret their own condition. The choice of multiple cases strengthened the validity of this type of research, since a case study is a typical example of qualitative and ethnographical research. The research underlying this dissertation describes aspects of the life of these migrants over a period of seven years (2003-2010).

Within this approach the present dissertation describes and analyses the various cultural and historical elements that contribute to the identity construction and the transnationalism of the “return” migrants. The dissertation aims to do justice to the lives of the first and second generation of migrants who do not live in areas with a high concentration of Japanese Brazilians. The focus of this research, therefore, is on the critical evaluation of the theories of “return”, identity, and transnationalism, empirically based on the real life conditions of these migrant families. This dissertation accordingly consists of the following chapters.

Chapter 1 lays out the theoretical framework, in the first place by presenting the scholarly debate on the content of the concept of “return” migration. In order to understand this phenomenon, the motivations of the migrants have also been taken into account, in particular of those who never before had set foot on the land to which they “return”. The concept of “return”, therefore, is the central axis which forms the basis for the study and understanding, within this scholarly debate, of how the concepts of transnationalism and identity are being shaped in this migration. Both Western and Japanese academic literature is included in presenting this debate. An analysis then follows of the scholarly approach that defines the concepts of “identity” and “cultural identity” as two distinct concepts. This bifurcation is not followed in the theoretical framework of this dissertation, since the viewpoint is adopted that identity is being constructed within the context of social interaction by means of developing socio-cultural differences.

Chapter 2 provides a historical overview of the different stages of the Japanese migration to Brazil as well as of the process of integration and assimilation throughout the twentieth century. These historical stages are marked and characterised by the impact of, and responses

to, government policies in the two countries. Within very different settings, marked by transition and transformation, the research focuses on how Japanese migrants and their descendants tried to find their place in the Brazilian society. It is asked what the contexts and situations are that contributed to the construction of the identity of the descendants of the Japanese migrants in Brazil. This analysis is crucial in this study, because in spite of the Japanese descendants' assimilation to Brazilian culture and their integration in Brazil, they nevertheless remained attached to a Japanese identity. It is this attachment to the identity of the previous generations that constitutes the foundation for the concept of "return" migration. Within this framework attention is paid to the paradox that emerges from this migration. The results of this chapter provide an outline of the political, economic, and socio-cultural process that helped shape the construction of the identity of Japanese Brazilians in Brazil as well as in Japan.

Based on the analysis of the reports of first-generation migrants, obtained through the fieldwork, chapter 3 clarifies who the migrants are and what motivates their "return". For this research topics have been selected that belong to the sphere of ethnic encounter and the daily life of the migrant families, in particular situations that illuminate the paradox of identity, the role of support structures, and the migrants' experiences in work situations, where differences with the Japanese often manifest themselves. Finally, the impact on these migrants of the worldwide economic crisis, which began in 2008, is documented by highlighting the measures taken by the Japanese government as well as by using reports in newspapers as well as stories told by migrants. This situation shows the vulnerability of this group of migrants, whose numbers started to decline and have continued to decline ever since.

Chapter 4 focuses on the family situation within the "return" migration, based on an analysis of the stories of both first- and second-generation migrants. For this purpose situations have been analysed and compared that belong to the daily life of the individual families of the case studies. Topics include the partner choice, raising the children at home, education, and the effects of these decisions and practices. Through the prism of ethnic and cultural diversity, the various results are being described and analysed with regard to the children's integration in the school system and the construction of their identity. These analyses are complemented with information showing how the families of Japanese-Brazilian migrants are being perceived by the Japanese population. Finally, a number of activities are

singled out that are pertinent to the concept of transnationalism and show how transnationalism manifests itself in these families.

The chapters 3 and 4 reveal the significance that the migrant families themselves attach to their life as “return” migrants in Japan. In addition, these chapters explain how the construction of identity and transnationalism is taking shape based on choices made by parents. These decisions in turn have an impact on whether or not family plans will be revisited and redefined, their temporary stay will be extended, or permanent residence in Japan will be sought. Analysing these processes of pondering and decision making helps to understand why some migrants prolonged their stay and others returned to Brazil, while still others decided to settle permanently in Japan.

This study also argues that the term “return” is inadequate to describe the migration of Japanese Brazilians to Japan. As the analyses indicate, the concept of “return” loses content in the course of the years and does not leave room for the additional movement of those returning to Brazil or planning to return after their retirement, or of the second generation dreaming to migrate to Brazil or elsewhere. In these cases one is dealing with the characteristic features of a circular migration between the two countries. This dissertation, therefore, aims to do justice to the dynamics of the back-and-forth movement between Brazil and Japan.

This study also indicates that the Japanese-Brazilian migrants to Japan were motivated by a combination of factors most of which are related to the economic crisis in Brazil in the 1980s and the early 1990s. This crisis affected the Japanese Brazilians who belonged to the Brazilian middle class and lower middle class, whose standard of life decreased and whose expectations for the future vanished, regardless of their level of education. It is precisely the awareness of a lack of better prospects in Brazil that is reflected in the individual circumstances of social and economic deprivation as well as estrangement, of citizens who felt compelled to leave the country in order to find better opportunities in the future. This observation is crucial if one wants to understand who are the migrants involved in this migration. It also helps to disprove the claim of a number of scholars who analyse and describe this migration solely on economic and financial grounds. At the same time the findings of chapter 3 demonstrate – in contrast to the claim made by other scholars – that the migrants, when they embarked for Japan were well aware of the work and life situation that they were going to encounter as *dekasegi* (temporary workers).

Rather than assuming that the migrants' experiences in Japan were negative and that they had a negative perception of Japan, chapters 3 and 4 show that no uniform conclusion can be drawn. It has become obvious that the Japanese-Brazilian migration to Japan is far from a homogeneous movement. In contrast to what is widely assumed in existing literature, the present research makes clear that most migrants, regardless of whether they are idealising their possible future return to Brazil, indicate that they have a positive feeling about their migration experience, even after the culture shock that they underwent.

This is not to say that there are no migrants who do have a negative perception of the country and the migration. It is important, however, to understand that the research bears out that the Japanese-Brazilian migrants constitute a heterogeneous group and that this heterogeneity affects the diverse intrinsic motivations and the many different facets that characterise the life of this group. These findings show that for many Japanese Brazilians migration is a temporary transnational experience. This is particularly true for those migrant families who invest in Brazilian education for their children in Japan, families who indicate their intention to return to Brazil after their children graduate from Japanese school and reach adulthood, or families who send their children to Brazil for education and to live with family there. For many of these migrants the initial goal of their temporary migration has not changed, only the period of their stay has been extended, mainly due to their family context and to the fact that they needed more time to realise their plans than they had anticipated. Another equally significant part of the informants show clear signs of a more permanent relocation in Japan, such as the purchase of their own house. These are the migrants who develop a certain degree of affinity with Japanese culture or who have been successful in adjusting to life in this country. They are the ones who have a positive perception of their life in Japan, even though most of them have remained in low-skilled jobs. They also have the expectation that Japan will offer better opportunities in the future for themselves and for their children.

With regard to the question of identity, the analyses of chapters 3 and 4 show that the migrants after "returning" to Japan continue to negotiate their identity in a relational context. The contradictions in the informants' statements – depending on the person to whom they speak – show the Japanese-Brazilian identity as ambivalent, composed as it is of elements that reflect aspects of different origin in the past and functioning, therefore, as a dynamic and strategic entity. This means that the identity which is adopted in a specific situation reflects

the preferred option among alternatives that correlate with elements of the historical and cultural context of the person in question. Identity, therefore, fluctuates as a result of the various connections that are made within the context of social relations.

This study also shows that the differences in cultural baggage have a significant impact on the integration of the second generation Japanese-Brazilian migrants into the Japanese school system. It is obvious that the process of integration is less difficult for migrant children who do not have conflicts concerning their identity. These are the children who have a Japanese appearance and a Japanese name and who master the Japanese language as their mother tongue. The way these migrant children act indicates that the focus of their identity construction is on the Japanese society. Most of these second-generation migrants deliberately transcend the cultural differences that are associated with Brazilian culture. Children of families with only one parent of Japanese descent and children with foreign names do not have this option. In response, they will develop a strong awareness that they are different from the Japanese and are *gaijin* (foreigners). These children experience serious difficulties in their attempt to integrate into the Japanese school system. The evidence provided by this study indicates that these children are more likely to develop conflicts around their identity, mainly because of their appearance as well as cultural differences. It still is unclear, therefore, how the future of this group of second-generation migrants will shape itself in Japan. Regardless of their outward appearance and culture, attending a Japanese school does not guarantee future success or an effective learning process, since retaking a class after failure is not an option in Japan until middle school. The future of these second-generation children will depend on how they develop their spoken language skills and, even more so, on their ability in writing and reading. Only when they fully master the language will this second generation be able and sufficiently equipped to compete with their Japanese peers.

Curriculum Vitae

Ingrid Monique Maria Van Rompay-Bartels was born in Belém-Pará, Brazil on 20 March 1972. She obtained a Doctorandus degree on Japanese Language and Culture in 2002 at Leiden University. In the period 2001-2014 she was a lecturer and coordinator of LAS (Latin American Studies) in the Department of International Business and Languages at Inholland University of Applied Sciences, formerly Ichthus University of Applied Sciences in Rotterdam. For her research she received two grants, one in 2005 from the Dutch Organization for Scientific Research NWO to carry out her field research in Japan and in 2011 from the Leiden University Fund / Van Walsem for the participation in the Ahila Conference.